



TRATADO DE MEDICINA VETERINÁRIA SISTÊMICA

Volume I

CARLA ABREU SOARES & COLABORADORES



MEDICINA VETERINÁRIA
SISTÊMICA




UNICEUB
Centro Universitário de Brasília

**TRATADO DE
MEDICINA
VETERINÁRIA
SISTÊMICA**

Volume I

CARLA ABREU SOARES & COLABORADORES

TRATADO DE MEDICINA VETERINÁRIA SISTÊMICA

Volume I



MEDICINA VETERINÁRIA
SISTÊMICA



UNICEUB
Centro Universitário de Brasília

Copyright © 2020
by Carla Abreu Soares

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte desta publicação pode ser reproduzida, armazenada ou transmitida, total ou parcialmente, por quaisquer métodos ou processos, sem a autorização do detentor do copyright.

1ª edição 2020
ISBN 978-65-87823-09-6

EDIÇÃO:

CENTRO UNIVERSITÁRIO DE BRASÍLIA - UNICEUB
SEPN 707/709 Campus do CEUB
Tel. (61) 3966-1335 / 3966-1336

PROJETO GRÁFICO E DIAGRAMAÇÃO

Luciano Carneiro Holanda

Customize Editorial

DADOS INTERNACIONAIS DE CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO (CIP)

Soares, Carla Abreu.

Tratado de Medicina Veterinária Sistêmica / Carla Abreu Soares – Brasília
: UniCEUB, 2020.

358 p. ; 23 cm

ISBN 978-65-87823-09-6

1. I. Centro Universitário de Brasília. II. Título.

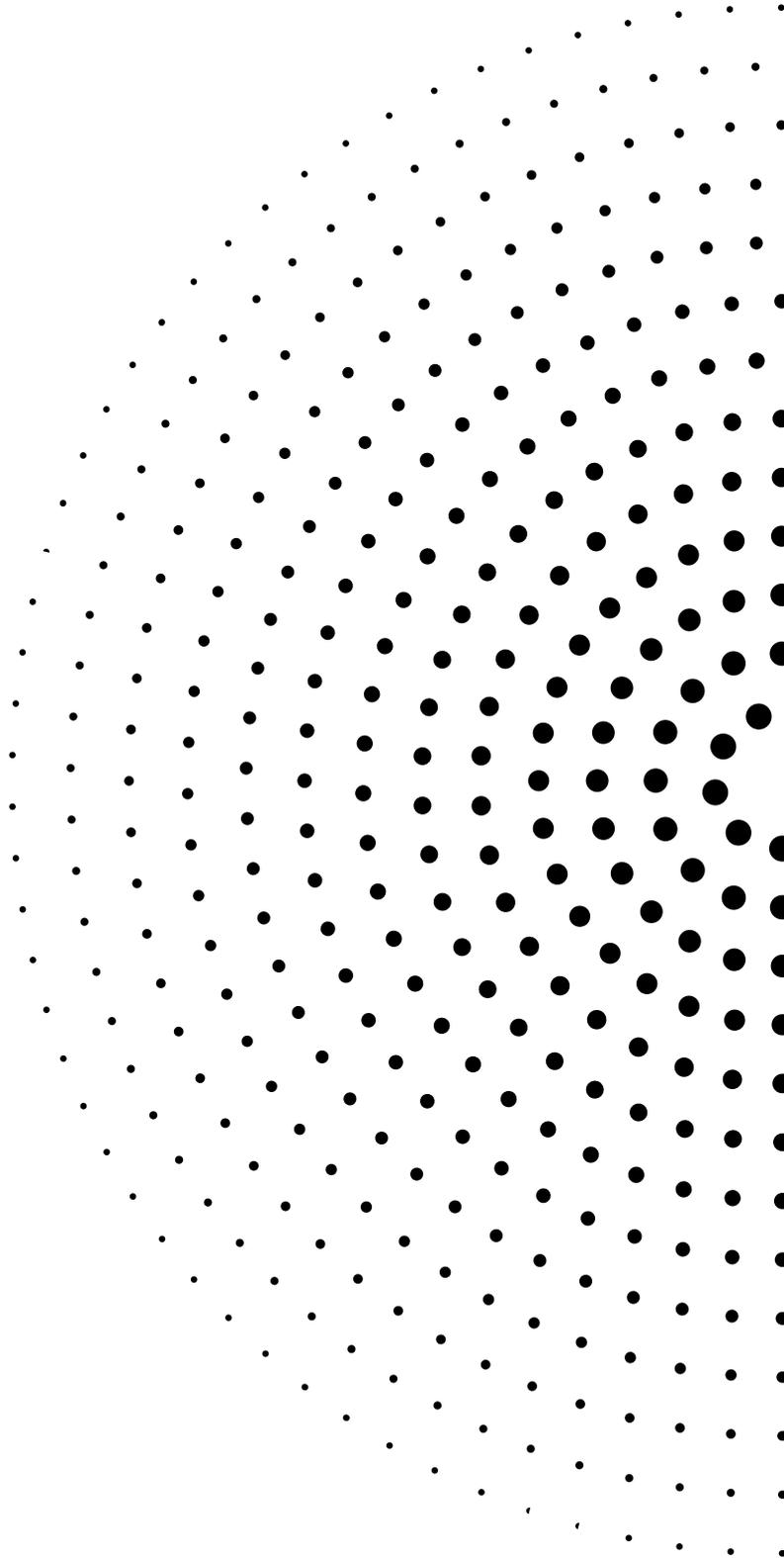
CDU 615.89

Sumário

O inegável... O imponderável... O fenomenológico.....	19
Uma carta a todos os alunos do Programa	21
Preâmbulo.....	25
Sobre as histórias de nossas vidas	33
Capítulo 1 – Bases introdutórias e filosóficas da Visão Sistêmica.....	41
Capítulo 2 – A diferença pedagógica da Visão Sistêmica e das Constelações Familiares	51
Capítulo 3 – Visão Sistêmica como base para o desenvolvimento animal-humano e não-humano na Medicina Veterinária	55
Capítulo 4 – Princípios, Fundamentos e Posturas da Medicina Veterinária Sistêmica	63
Capítulo 5 – Bases emocionais e os estudos de Eric Berne	71
Capítulo 6 – Terminologias e conceitos sistêmicos básicos	83
Capítulo 7 – Visão Holística, Integrativa e Sistêmica	103
Capítulo 8 – Bert Hellinger: A Visão Hellingeriana aplicada à Medicina Veterinária	107

Capítulo 9 – O psicodrama de Jacob Levy Moreno: Um caminho para a expressividade da alma do médico veterinário.....	115
Capítulo 10 – A hipnose de Milton Eriksson como modelo terapêutico complementar para as Práticas Sistêmicas de Rapport, e, acesso à mente inconsciente na Medicina Veterinária Sistêmica....	119
Capítulo 11 – Edmund Gustav Albrecht Husserl e Maurice Merleau-Ponty: A ciência fenomenológica e a importância da percepção na medicina veterinária sistêmica.	123
Capítulo 12 – Biodiversidade e o conceito de Bioindicadores: As bases da ecologia aplicadas à Medicina Veterinária Sistêmica.....	127
Capítulo 13 – A teoria geral dos sistemas: uma base para a Visão Sistêmica.....	139
Capítulo 14 – Memórias Transgeracionais e seus impactos no sistema veterinário.....	143
Capítulo 15 – Compreendendo o <i>Mindset</i> sugerido por Carol Dweck. A importância de seus estudos na formação do Médico Veterinário Sistêmico	149
Capítulo 16 – Preparando-se para ser um Médico Veterinário Sistêmico: Conhecendo-te a ti mesmo.....	153
Capítulo 17 – As Constelações Sistêmicas Veterinárias e os movimentos de alma	159
Capítulo 18 – Qual a postura do médico veterinário sistêmico? Silenciar, observar, suportar, facilitar	167
Capítulo 19 – Propedêutica Sistêmica na clínica e nas empresas	173
Capítulo 20 – Atendimentos sistêmicos veterinários individuais e em grupos.....	177
Capítulo 21 – Breve abordagem sobre a Visão Sistêmica como instrumento de pacificação na medicina veterinária	181

Capítulo 22 – Os estudos dos neurônios espelhos como base para o entendimento dos vínculos entre tutores e seus tutelados	187
Capítulo 23 – Os animais podem desenvolver a “Síndrome do Amor Negativo”?	191
Capítulo 24 – A postura de saber ajudar como adulto e o arquétipo infantil do herói.....	197
Capítulo 25 – Eutanásia sob a luz da Visão Sistêmica	207
Capítulo 26 – Ortotanásia. Um novo olhar na Medicina Veterinária do terceiro milênio	217
Cases dos alunos do Programa de Formação em Medicina Veterinária Sistêmica no Brasil e no Exterior - Turma I – 2019/2020	219
Colaboração de Médicos Veterinários do Brasil.....	311
Posfácio	355



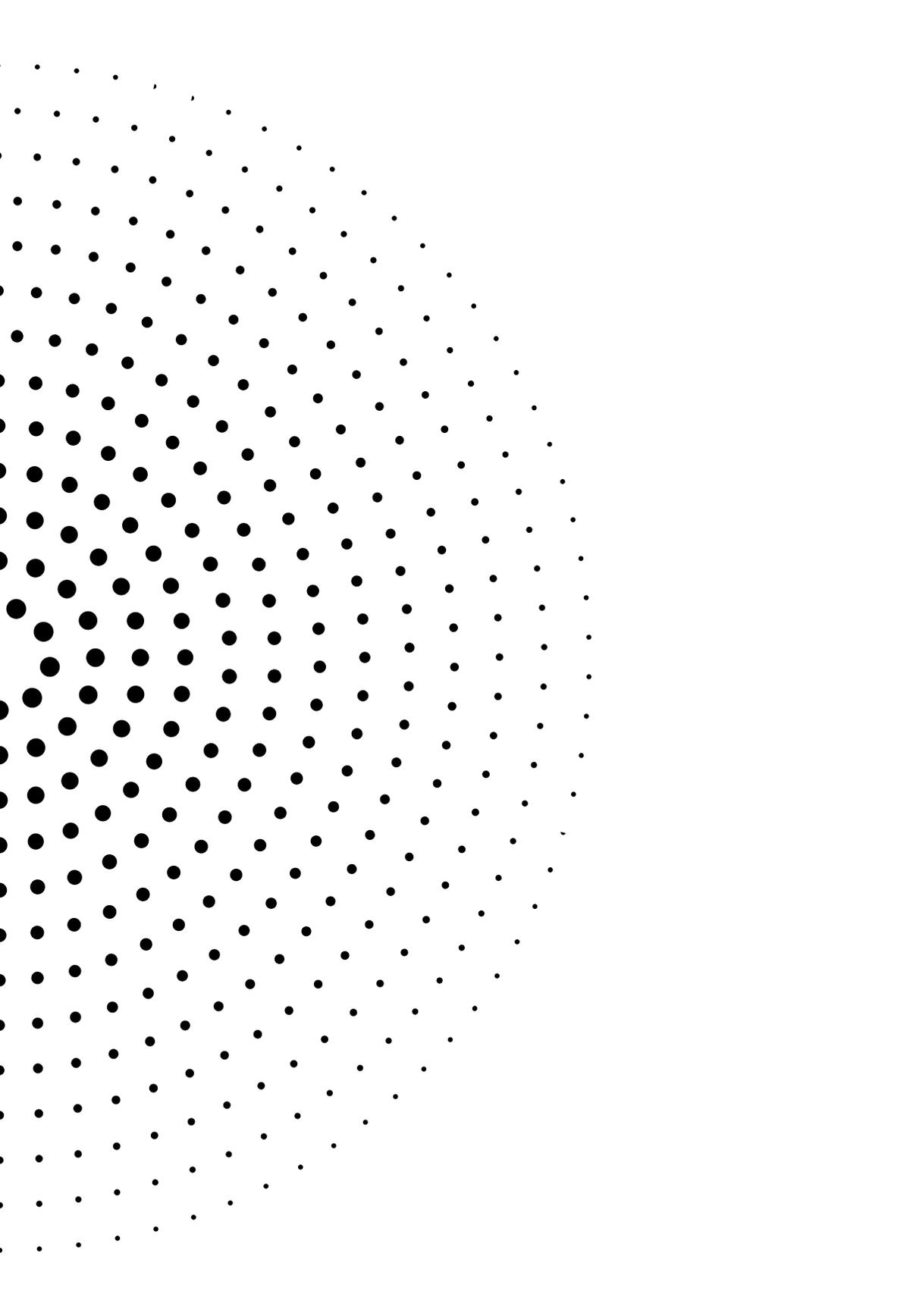
“Olhe até que você consiga ver...”

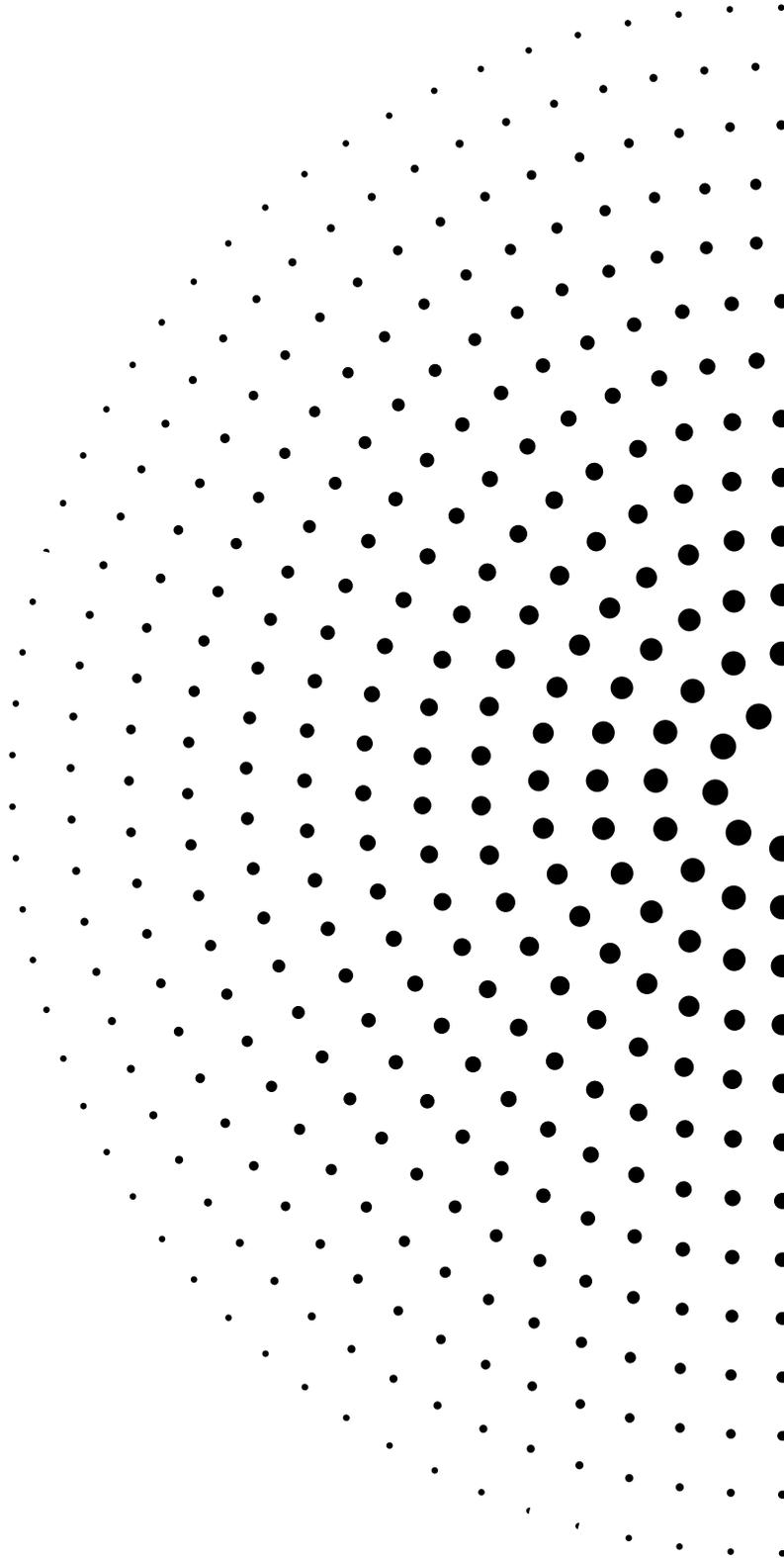
Bert Hellinger

Esta obra, faz parte da decodificação da **Visão Sistêmica** aplicada à **Medicina Veterinária**. E, surgiu, como uma base para a formação dos profissionais do Terceiro Milênio, que poderão agregar em seus estudos, um *modo operandis* e uma área do conhecimento profunda e linda.

A Visão Sistêmica, mais do que uma terapia ou uma filosofia, ou mesmo, uma Ciência Fenomenológica, é sim, um Caminho (O Tao) de transformação pessoal a ser percorrido.

Carla Soares | Co-Founder





ALUNOS DA TURMA I 2019/2020 SÃO PAULO

Ana Carolina Silva Teixeira | Ana Lú Maurício | Ana Paula Moller Policeno Antonio | Betina Carla Cruz | Camila Silva Cury | Carolina Luiza Macedo | Cristiane Barbosa Silva | Eleonora de Almeida Bernardes | Fabiana Nunes Zambrini | Fernanda Roberta Scholtz | Frederico Fondello Torres | Gabriela Castilho Mourão | Isabela Hadler Coudry | Isis de Oliveira Silva | Janaina Kudlawiec Chulik | Joanita Graziella Vecchia | Joene Nogueira Stecca | Julia Franco Ferreira | Kelly da Rosa Baptista | Laura Belluzzo | Laura Miranda de Almeida Prado | Letícia Domingues Mendes | Liz Perera Rodio | Luciana Andréia Araujo | Marcele Blauth de Oliveira | Márcia de Cássia de Paula Almeida | Núbia Travagin | Paula Patrícia Oliveira de Carvalho Kusznir | Priscila Bonás Gonçalves | Vânia Fernandes Beati Fraulo | Varuna Aparecida Piazza

*Dedico este livro, aos laços
invisíveis que ligam as pessoas
pela alma...*

"A verdade de outra pessoa,
não está no que ela te revela,
Mas, naquilo que ela não revela-te.

Portanto, se quiseres compreendê-la,
Não escute o que ela diz,
Mas, antes, o que ela não diz.

Assim é o Amor, que só conhece sua própria grandeza
na hora da despedida.

O amor não vai prendê-lo, e, tampouco, nossas urgências
vão impedi-lo.

O amor não tem posse e nem se torna posse.
Pois, o amor em si mesmo, é suficiente".

Khalil Gibran

Esta obra, reverencia todos os Consteladores Veterinários conhecidos e desconhecidos, que antecederam ao Programa de Formação em Medicina Veterinária Sistêmica no Brasil e no Exterior.

E, agradece de modo especial e profundo, a Instituição UniCEUB que tutela todas as minhas obras, e ao Prof. Dr. Carlos Alberto da Cruz Junior, Coordenador do Curso de Medicina Veterinária do UniCEUB.

Nesta obra, deixo registrado o meu amor e respeito por minha amiga e colega nesta jornada, Professora Fernanda Pereira, que, ao meu lado, suportou todos os dias de desafios... seu carinho, amor e respeito, foram, fundamentais, minha querida amiga. Você é um presente em minha vida.

À Pétuli Consentini, Leandro Arruda, Sílvia Calian, Larissa Rios, Maria Raquel Pereira Moura, por serem grandes colaboradores da formação dos Médicos Veterinários Sistêmicos do Brasil.

As minhas irmãs de alma, Isabela Hadler e Camila Cury, por chorarem e sonharem junto...

Eu honro vocês...

Sobre
O INEGÁVEL...
O IMPONDERÁVEL...
O FENOMENOLÓGICO

Por Leonardo Pires Ferreira

“O amor existe e isto é inegável; o homem está longe de compreender o amor, e isto também é inegável.

Assim, as idéias expressas nesta conclusão não passarão de apenas mais uma sondagem na busca de compreender este fenômeno, ou melhor, na busca de como viver cada vez mais intensamente esse fenômeno.

O amor atua intensamente na vida do homem, e atua intensamente no correr do mundo e do universo; ele é responsável por tudo o que ocorre, é a força germinadora, é a energia que a tudo move. todo e qualquer acontecimento, por maior ou menor que seja, está banhado de amor, pois ele faz parte de um ciclo muito maior do que possamos imaginar.

Esta energia a que chamamos de amor sempre existiu, talvez, até ela existisse antes do início do universo; talvez tenha sido ela a força que lapidou o universo em que vivemos. Esta força tem um grande propósito, ainda oculto ao homem e aos seres que se intrigam com este fenômeno, mas por hora esse propósito pode ser chamado de evolução.

O modo como essa força a que chamamos amor atua é simples: de certa forma, ela existe e permeia o universo e atua a cada segundo em prol

da evolução de todos os seres e de todas as coisas; conseqüentemente, os conceitos humanos que atribuímos a acontecimentos, como bom e ruim por exemplo, ou milagre e tragédia, tornar-se-ão, não mais do que manifestações da nossa incompreensão sobre o amor.

Pois se ele está por trás de tudo que ocorre em prol da evolução, não existe bom ou ruim, ou qualquer outro dos conceitos que estabelecemos, porque tudo que ocorre, ocorre para trazer a evolução para quem participou da ocorrência. Então, um assassinato, por exemplo, deixa de ser algo trágico e tudo que denominamos como ruim ou bom passa a ser mais um acontecimento guiado por essa força em prol de impulsionar-nos para algo a mais.

Entretanto, é impossível que o ser humano não reaja aos acontecimentos, e que não lhes atribua conceitos, pois essa reação é completamente humana e não está errada; isto porque não existe certo ou errado, tudo simplesmente é, e o ser humano só está dentro de uma pequena parte deste grande ciclo que abrange tudo. E nesta pequena parte, é assim que as coisas devem ocorrer.

Querer compreender o amor é semelhante a querer dimensionar seu próprio tamanho ao tamanho do universo. Enquanto se compara o próprio tamanho com planetas do sistema solar, pode ainda ser fácil de dimensionar, porém quando se descobre que estamos numa galáxia e que existem infinitas outras, e que estas galáxias estão num grupo de galáxias e que existem milhões de outros, e que estes grupos estão em um grupo de grupos de galáxias e ainda existem milhões de outros grupos de aglomerados de grupos de galáxias, isso se torna algo sem possíveis dimensões para o ser humano.

O mesmo ocorre com o amor; quanto mais se descobre sobre ele, mais se descobre que ele, na verdade, não tem dimensões, que é muito maior e está acima de qualquer das verdades e certezas que vivem no ser humano.

Nós humanos somos muito pequenos e fazemos parte de algo muito grande; talvez tenha havido, e ainda há, um motivo para, mesmo depois de milhares de anos, o amor não ter sido compreendido pela humanidade. E, ao meu ver, este motivo é claro. O amor não foi compreendido e não será compreendido nos próximos milhares ou talvez milhões de anos, pois ainda não cabe ao homem compreendê-lo; ao contrário, cabe ao homem antes aprender a vivê-lo na incerteza e na dúvida, que a tanto tempo perturbam o coração humano e na verdade são o caminho para abri-lo para algo muito maior, algo que hoje chamamos amor.

Uma
CARTA A TODOS OS ALUNOS
DO PROGRAMA

“Você é o sonho dos seus ancestrais”.

Bert Hellinger

Sejam profundamente bem-vindos ao Programa de Formação em Medicina Veterinária Sistêmica no Brasil e no Exterior e as linhas não dogmáticas do Tratado de Medicina Veterinária Sistêmica!

É uma honra, recebermos cada um de vocês nessa jornada de autoconhecimento e de desbravamento das histórias de vida e ancestrais, que com suas particularidades, representam a história, das mais diversas regiões do Brasil. Essa obra e os nossos estudos, representam a construção de um novo caminho que torne a nossa Medicina Veterinária, algo mais leve, mais conectado, mais humanitário, e, sem dúvidas, mais sistêmica.

A metodologia e filosofia do Programa de Formação em Medicina Veterinária Sistêmica e o Tratado, foram construídos a partir da abordagem de diversos cientistas e pesquisadores em Visão Sistêmica, mas, também, da vivência e entrega profunda as minhas dores e visão de vida. O Programa e esse livro representam algo único, desafiador e transformador para a vida interior e profissional dos Médicos Veterinários, com único

intuito de trazer entendimento, brandura, pacificação e conexão com o amor sem as ilusões criadas por nós.

O Programa não tem o objetivo de formar **apenas** Consteladores Veterinários, mas sim, e, também, formar profissionais que consigam estender seus conhecimentos à Visão Sistêmica, à Filosofia Aplicada de diversos cientistas, passando pela Física Quântica, pelo autoconhecimento, e, pela mais alta capacidade de autocompreensão das dinâmicas de amadurecimento da consciência, com fortes bases para o autocuidado e autoresponsabilidade com a **própria vida**, e, como, consequência, com a do próximo.

Desta forma, essa obra é um pouco sobre a abordagem do Pensamento Sistêmico Complexo aplicado na vida real dos estudantes e médicos veterinários, reunindo diversas linhas de pensamentos, diversas ciências, diversas abordagens e diversos saberes, para que, ao final, algo **novο** pudesse emergir no interior do coração de cada um de nós.

Ao transcorrer nossa jornada, vocês poderão vivenciar diversas formas de abordagem da visão sistêmica, tendo como cerne, os preceitos do desenvolvimento de virtudes e bases humanas muito fortes trazidas pela sabedoria oriental (Confucionismo, Taoísmo e os conhecimentos de Mikau Usui através do Reiki).

O conteúdo desta obra faz parte da construção de uma identidade para a Medicina Veterinária Sistêmica no Brasil, na qual, vem sendo, timidamente estruturada e organizada em conceitos, definições, vivências e experiências. Atualmente, acreditamos que existam mais de 300 médicos veterinários formados em Constelações Familiares no Brasil. Ao honrar os que iniciaram de forma tímida antes de nós, decidimos escrever esta obra junto ao desenvolvimento e formação dos alunos contemporâneos da Primeira Turma do Brasil exclusivamente voltada para os Médicos Veterinários, que reuniu 33 alunos de diversas partes do País. Algo sem dúvidas inédito.

O Programa e esta obra se desenvolvem em assuntos teóricos e vivenciados, permitindo que todos pudessem interiorizar os movimentos de alma que acontecem nos campos quânticos das constelações, da energia Reiki aplicada ao autocuidado, da cura quântica dos florais sobre nossas emoções, e da sensibilidade de nos comunicarmos com outras espécies através das consciências, trazendo para a nossa mente racional, a capacidade

perceptiva de compreender as informações psíquicas e espaciais, aumentando ainda mais, nossa sensibilidade e o nosso reconhecimento às informações subjetivas.

Assim, e, com todo amor que transborde de nossos corações, deixamos para o planeta e para as futuras gerações, o carinho, a maturidade e a plena sabedoria de nossos papéis nesta nova jornada.

NÓS VEMOS VOCÊS.

NÓS HONRAMOS VOCÊS.

NÓS VALORIZAMOS VOCÊS!!!!

Com profundo sentimento de pacificação

Carla Soares
Co-Founder do Programa de Medicina Veterinária
Sistêmica no Brasil e no Exterior.

PREÂMBULO

O Caminho do Amor

“A Medicina Veterinária Sistêmica, é, acima de tudo, uma busca pela reconciliação com o amor, quando percebeu-se a desordem e o desrespeito das relações humanas.

Reflexo esse, de diversas exclusões, incluindo, os personagens humanos que compõem o sistema veterinário. A Visão Sistêmica surge também como uma compensação a nossa desconexão com a espécie humana e com a projeção sobre os animais.

É, também, um estudo fenomenológico das percepções, da história de nossas famílias e da integração definitiva de nossa mente inconsciente, perceptiva e intuitiva, como a parte que faltava de nosso Ser MAIS Completo”.

Carla Soares

A Visão Sistêmica e as Constelações Familiares, coluna vertebral do Programa de Formação e desta obra, começaram a dar seus primeiros passos num nível quântico atemporal que vinham sendo construídos desde a minha formação em Medicina Veterinária e em Biologia, como perspectivas de uma busca por processos de construção de um propósito de

alma muito profundos, que unem conhecimento e força de alma, e também, muito estudo e pesquisas da grade TEIA que é a vida.

Não consigo definir um ponto de mutação exato de tecido de espaço-tempo que define o início de tudo isso, mas, consigo perceber que foi um caminho...

Percebo também, que, durante toda a minha vida profissional, a visão sistêmica já se mostrava de forma tímida, orgânica, natural e promissora dentro de mim, sobretudo, através dos meus estudos *in situ* na Biologia, Ecologia e Comportamento Animal. Morei na Mata Atlântica e na Floresta Amazônica por quase 15 anos estudando, pesquisando e trabalhando nas fronteiras e em diversos países. Essa caminhada me deu a perspectiva da “TEIA” no qual estamos ligados.

As vezes de forma organizada, às vezes, emaranhados à ela.

Seguindo e confiando na liberdade dos meus passos e pensamentos, observei a complexidade relacional entre pessoas humanas e não-humanas, a natureza e a diversas culturas, entendendo ainda que de forma insípida, que todas as bases sistêmicas (sejam elas dos Reinos Vegetal, Mineral e Animal), estão pautadas em conexões de diferentes níveis e sob a regência de Leis Naturais muito fortes, que independem muitas vezes de nossa consciência e vontade.

O todo sempre faz mais sentido e tem mais força, do que suas partes dissociadas ou excluídas.

Buscando compreender o que cada pensador sistêmico e o que cada teoria tem a trazer, me deparei com Leis muito fortes, uma delas, e, talvez, a base primordial de toda Visão Sistêmica, esteja pautada na ***Teoria Geral dos Sistemas*** que abordaremos mais adiante.

Outras Leis muito fortes, igualmente podem ser aqui destacadas, como: Lei da Dinâmica, Lei da Gravidade, Lei da Inércia, Lei da Força (movimento), Lei da Ação e Reação. Essas Leis newtonianas, são os clássicos, aos quais todos nós estamos sujeitos, querendo ou não.

Existem outras Leis que também influenciam diretamente nossas vidas, já propiciando algumas sensações emocionais e corporais, como os efeitos cronobiológicos e da ação dos *Zeitgeber* (um profundo sincronizador/marcador do tempo em nossas vidas biológicas), e as Leis da Física Quântica, que já começam a ser aceitas complementando toda a

cosmovisão, como a *Lei da Atração*, *Lei da Dupla Fenda*, *Lei de Plank*, e, a belíssima explicação sobre o Colapso da Função de Onda e do Princípio da Não-Localidade.

O meio ambiente também possui suas leis e dinâmicas próprias, que por vezes, influenciam a nós enquanto espécie animal e, enquanto, comunidade e sistema. Atualmente, biólogos se empenham na explicação de diversas ordenações populacionais e da vida no planeta, como a *Lei de Ginzburg*, *Lei Maltuziana*, *Lei de Allee*, *Lei de Vershulst*, *Lei de Lotka-Volterra*, *Lei de Fenchel* e tantas outras.

Ademais, Leis mais contemporâneas observadas pelo alemão Bert Hellinger, igualmente, foram sendo estudadas de forma epistemológica, e que estão pautadas na observância da repetição de fenômenos que se aplicam com regularidade dentro dos sistemas familiares. De forma particular, esses direcionamentos, aqui chamados de Leis Sistêmicas do Amor e da Ajuda, são aplicadas a cada sistema, aos membros de uma ou mais espécies, ou, a um sistema familiar multiespécie, objeto primordial de nossos estudos.

Muitas destas Leis serão abordadas de forma detalhada nesta obra, para que os Médicos Veterinários Sistêmicos consigam compreender como funciona a Visão Sistêmica enquanto abordagem terapêutica, evolutiva, transgeracional e multidimensional, e, como os profissionais podem aplicar esses conhecimentos em suas rotinas clínicas, familiares, relacionais e empresariais.

A Medicina Veterinária do Terceiro Milênio caminha lentamente para uma visão conectada, pacificada e humanitária. Portanto, pautada no autoconhecimento, na família, nas relações interpessoais, no desenvolvimento humano, trazendo uma nova visão ética e consciencial para nós e para os animais não-humanos.

“Quanto mais os cientistas e especialidades descobrem o desejo de suas buscas, mais descobrem que precisam olhar para que o desprezam”.

Todas as áreas e especialidades da Medicina Veterinária podem adotar a Visão Sistêmica, porque, como ela está pautada em Leis naturais, orgânicas e profundamente relacionadas aos aspectos da vida cotidiana, elas são passíveis de aplicações em nossas relações familiares, sociais e empresariais. É importante, estudo continuado e formação em boas escolas.

E, mais do que isso, esses conhecimentos devem ser aplicados de forma coerente em nossa postura diante da vida.

Adotar a Visão Sistêmica, é adotar algo complementar a Visão Cartesiana, reta, estreita e, por vezes, desconectada. Quando a Medicina Veterinária propõe como um caminho, a Saúde Única (*One Health*), a Visão Sistêmica passa a ser um dos instrumentos de atividade para a observação destas conexões entre seres humanos, animais, meio ambiente, família, profissionais, num nível muito profundo.

Adotar a Visão Sistêmica, é, perceber a complexidade da vida e dos sistemas que se completam, adotando uma postura de entrega, sem expectativas, sem controles ilusórios, e, sem tentar encaixar as coisas, situações, pessoas e tratamentos. Não há modelos preconcebidos dentro da Visão Sistêmica, porque, a vida tem uma força absoluta, perante, nós, que somos relativos.

*“Quando optamos em prevalecer com nossas opiniões,
abrimos mão de ver a verdade”.*

Carla Soares

Sob a perspectivas laborais, podemos ser clínicos sistêmicos, fisioterapeutas sistêmicos, acupunturistas sistêmicos, cirurgiões sistêmicos, nutrólogos sistêmicos, terapeutas sistêmicos, médicos veterinários empresários sistêmicos, ou, simplesmente, sermos médicos veterinários unicamente sistêmicos sem qualquer outra especialidade.

O todo, sempre estará prioritária, e, hierarquicamente, acima de todas as partes fragmentadas e dissociadas, porque o universo (o todo) é composto de partes conectadas. Honra-se, então, o **todo**, para depois honrarmos as suas partes separadas e idealizadas.

*“Quando as informações estão no inconsciente dói
sem sabermos aonde (não-local). Quando tomamos
consciência, e, não fazemos nada, temos perturbação.*

*Quando tomamos consciência e nos tornamos
verdadeiros protagonistas da nossa
história, transcendemos”.*

Carla Soares

Visão Sistêmica e Constelações Familiares coexistem, mas, adotar Visão Sistêmica, não, necessariamente, nos tornam um “constelador”. Mas, todo o conhecimento das Constelações Familiares, precisam estar pautadas na Visão Sistêmica, ainda que ela seja abordada a partir do contemporâneo Bert Hellinger.

O Programa e o Tratado decidiram pelo Pensamento Sistêmico Complexo.

Acreditamos, ainda, que, pode-se ter um *mindset* progressivo, positivo e analítico completamente conectado com nossa mente inconsciente, permitindo que, acima de tudo, possamos traçar, identificar, ressignificar as nossas memórias e histórias, pautadas em questionamentos profundos de nossa existência, e/ou através de nossos propósitos de alma que nos impelem à ações amplamente satisfatórias, positivas e felizes. Estar em nosso lugar, nos tornam seres mais plenos.

Mais ainda, podemos ter tomadas de consciências que alterem o momento presente e nos coloque numa perspectiva de consciência num tempo futuro (colapso da função de onda).

Por isso, mergulharemos nas bases epistemológicas, fenomenológicas, científicas e filosóficas da ciência sistêmica, para que um novo olhar e perspectiva possam ser despertados na **Medicina Veterinária do Brasil**, possibilitando, um novo horizonte de significados, novas missões, e, uma ampla capacidade dos seres humanos se desenvolverem através da realização pessoal e profissional.

Assim, trazemos a perspectiva de abordar a Visão Sistêmica, para que o Ser Humano que se desenvolve por detrás da Medicina Veterinária, possa encontrar um novo posicionamento geográfico-espacial-perceptivo-psicológico, aonde ele, se sinta pertencido e honrado de fato ao Sistema Médico Veterinário. E, mais ainda, se sinta integrado as suas percepções de vida, de ética e de amor.

Se, imaginarmos que sob o ponto de vista sistêmico, todas essas Leis devem ser pelo menos consideradas, podemos dizer que a Visão Sistêmica, amplia muito, nossa perspectiva, sem nos tirar o **foco**, porque uma questão/tema trazido pela família do tutelado é abordado sem que percamos a conexão com o todo.

Portanto, adotar a Visão Sistêmica, não é ser um generalista dissociado. É aprender a fortalecer nosso desenvolvimento emocional e inconsciente de forma associada e conectada à mente cognitiva e racional. É conseguir se desenvolver, a ponto de não tornar a espécie humana, algo que nos atinja como uma doença autoimune.

Ser um Médico Veterinário Sistêmico, é, perceber que, dentro de algo imenso e conectado como uma história de vida de um tutor/animal, existem pontos ocultos (inconscientes) em questão, que precisam ser trabalhados e vistos entre as pessoas e os animais.

Reconduzir o olhar à uma perspectiva profunda e conectada de nós próprios e das famílias que atendemos, buscando, as causas ocultas e primárias, só é possível, através do rastreamento e identificação através de uma percepção sistêmica e vivenciada pelos membros de uma família, empresa, comunidade e sociedade.

Sem percepção sistêmica, não conseguimos atuar na busca de soluções de adoecimentos e disfuncionalidades comportamentais, emocionais, sintomatológicas e físicas dos animais, que, são repetidas de forma dolorosa e inconsciente por eles, sendo em diversas situações, ressonâncias sistêmicas de exclusões e dores de seus tutores, de seus ancestrais animais e de suas famílias não originais.

O Médico Veterinário Sistêmico, passa então, a ser um radar e um rastreador terapêutico atemporal de pontos nevrálgicos que reverberam na vida dos seres vivos, facilitando o entendimento de algo, que precisa ser visto, acolhido e ressignificado, ainda que, muitas vezes, esse olhar à estas “verdades” sejam deveras dolorosos.

Quando não temos uma formação sistêmica, podemos até detectar algo de forma interligando tutor/tutelado ou em nossas relações interpessoais, mas não teremos **ferramentas terapêuticas** e **recursos internos** para ajudar na solução parcial e/ou completa de uma questão trazida pelo animal através de sua família humana ao qual o paciente esta inserido, ou em nossas relações com colegas, professores e alunos. Devemos ainda, dizer que, tudo isso se aplica com igual teor as instituições de ensino e as empresas veterinárias.

Assim, deixamos para o nosso sistema veterinário, as páginas da obra ***TRATADO DE MEDICINA VETERINÁRIA SISTÊMICA: Uma***

abordagem para o desenvolvimento humano e não-humano, que foi escrito num movimento que antecede o Terceiro Milênio.

Conseguimos compreender que, podemos ser facilitadores e dinamizadores do potencial animal-humano e Animal não-humano em **prol de um Sistema**, que, por retroalimentação natural, nos trará plenitude, desenvolvimento e conexão.

“O médico veterinário sistêmico é um facilitador e um dinamizador do fluxo do amor”.

Carla Soares

Esta obra e o programa juntos, representam um pouco do que nós desejamos para a Medicina Veterinária do Brasil, soerguendo-nos em pilares de mais humanidade, consciência, amor e respeito verdadeiros pela vida. Unir a visão cartesiana com a visão sistêmica, é, sem dúvidas, de grande valia para que possamos alcançar um entendimento, ainda mais profundo para nossa atuação dentro da Saúde Única (*One Health*).

Ademais, a aplicação sistêmica nos permite a oportunidade de desenvolvermo-nos em profunda evolução no planeta.

A construção do Programa de Medicina Veterinária Sistêmica no Brasil e no Exterior e do Tratado, não envolve somente conteúdos teóricos, filosóficos, científicos e médico-terapêuticos, mas, também, representam juntos, o envolvimento direto dos alunos do curso de formação em medicina veterinária sistêmica, na construção de algo novo e não-pronto.

Essa egregóra, deseja que este material possa ajudar a compreender a conexão de tudo que possa ser alcançado pelo nosso olhar clínico, médico, terapêutico, humano e sistêmico.

E, que, acima de tudo, possamos alcançar qualquer paz, entendimento e harmonia possível, através, da reconciliação de nossas próprias histórias, e, principalmente, através do nosso amor sem ilusões à Medicina Veterinária e à Vida!

Com amor e a força ancestral dos meus pais,

Carla Soares

*Co-Founder do Programa de Formação em
Medicina Veterinária Sistêmica no Brasil e no Exterior*

SOBRE AS HISTÓRIAS DE NOSSAS VIDAS

*Por Paula Patrícia Oliveira de
Carvalho Kuszniir.*

“Tudo está a serviço do equilíbrio do todo”

Bert Hellinger

Assim, eu, Paula, a única não profissional da área de Medicina Veterinária Sistêmica no Brasil e Exterior, atendendo ao chamado da minha alma, ingressei na 1º. Turma de alunos do programa.

Muitos diriam: “*basta fazer um curso de assistente na área e estará apta*”. Ouvi isso, e, com propriedade, pude replicar: **Não carece. Já estou no meu lugar.**

Com os ensinamentos atuais, na década de 90, já me via cursando para Bacharel em Direito. Penso, que concluiria os créditos, afim de trabalhar com Direito Sistêmico. Logo, volto ao mantra: “***Está tudo certo.***”

Lugar este, que vem se desenhando desde 20 de Novembro de 2018, na tarde de autógrafos da obra “TAO TE CHING APLICADO À MEDICINA” de nossa mentora Carla Soares. Nesta ocasião da apresentação do livro, ouvi dela um ensinamento que passou a fazer parte de mim:

“Está tudo certo. Tudo o que acontece, é para a gente chegar aonde a gente está agora.”

Carla Soares

Assim, aqui estou!

A você, que está lendo esta história, quero que olhe para as dores que trouxe comigo, como parte do processo de cura e aprendizado. Mas não se apegue. Porque a ideia, é me conectar pela força que reconheci, em mim (e em cada um dos demais alunos), a medida em que avançamos Módulo a Módulo.

“Na maioria das vezes, você não precisa de um novo caminho, mas, de uma nova forma de caminhar”.

Bert Hellinger

Convidada a ser o ANJO no 1º Workshop de Constelação Sistêmica Veterinária, pude vislumbrar a dimensão do que viria a ser o PROGRAMA.

Uma pergunta ecoava, na voz de Carla Soares.

“Qual o papel de um animal não-humano (pessoa não-humana) nesse novo sistema familiar onde nós pessoas humanas (animais humanos) fazemos parte?”

Que esta pergunta se faça convite, a cada um, de modo a quebrar paradigmas nas próximas turmas do Programa.

Não é exagero dizer que, apenas presenciando, para sentir esta troca em sua plenitude. E (...) encontrar respostas aos questionamentos.

*‘Sem começo nem fim. Além do nascer e do morrer.
Eterno transformar. Podemos nós, pequenos seres humanos, direcionar a transformação’.*

Monja Coen

Pequeno Ser Humano, sou prova desta transformação. Mas, também sou prova de que, não basta querer. A construção do amor próprio e da blindagem dele, se dá dia a dia, em luz e sombra, por meio do

autoconhecimento. Leva tempo, e, o trabalho é árduo. Requer lidar de frente e sem poesias com nossos arquétipos e questões (não estou sendo modesta). Somos pequenos. Aprenderão, como aprendi. Reverenciando os que chegaram antes, dando um bom lugar aos excluídos, e, sentindo tudo fazer sentido, na alma!

Na transição da infância para a adolescência (com o corpo em constante transformação e me sentindo “desprotegida” pela tutela daqueles que me trouxeram ao mundo), em um ato de puro desespero, projetei meu corpo na varanda do 7º. andar, certa de que aquela “coragem” momentânea, seria suficiente para extirpar todo o sofrimento que meus poucos anos de vivência, nesta vida/neste plano, já haviam experimentado.

Não vou, aqui, esmiuçar aquele dia que me acompanha em constante processo de cura. Basta que saibam: meu “perfil suicida”, encontra ressonância nos tantos outros casos em que não sustentamos olhar para a dor, com olhos de ver (Síndrome de *Burnout*, depressão, raiva, desamparo, dentre outros aspectos que contornam nossas vidas...).

Viver, para quem já quis prescindir da vida, é, como não tomar o próximo gole... em um eterno... só por hoje.

Dizem que o tempo cura tudo. Acredito!

Com o conhecimento adquirido, eu que alardeava um sonoro ‘não pedi para nascer...’, hoje, consigo agradecer a minha mãe/genitora o fato de não apenas ter me gerado (tenho “pais” adotivos, também) mas... naquele dia, servir de instrumento para que eu não morresse. Entretanto, Nick, meu guardião companheiro felino, como fiel ‘bioindicador’, foi em meu lugar.

Naquela ocasião, não tinha qualquer compreensão dos movimentos que realizava, por honra a um excluído no meu Sistema familiar. Eu concordo com o raciocínio, de que **o suicida não quer matar a vida, mas a dor na alma.**

Buscar meu guardião, naquele dia, caído, sem vida, no porão, é uma memória recorrente do meu “Eu” projetado nele. Dos aprendizados que desenvolvi para me manter na força da vida, está o tempo de todas as coisas.

“O trem que chega é o mesmo trem da partida”

Apesar, do tempo de cada um, não se demore a VER, HONRAR e VALORIZAR o caminho que te trouxe a este mundo. Dos emaranhamentos, o maior deles reside na família. Tomei ciência disso, nos módulos do curso, e não tive como discordar (meu corpo falava o que minhas palavras negavam).

Muitas vezes, não paramos para pensar nas reais razões para estarmos passando por este ou aquele dissabor. Vamos ‘tocando a vida’ com apego ao que já passou e ansiedade em relação ao que poder vir a ser. Quando na realidade, só temos o agora.

Não pensem que escrevo estas linhas com a vida já resolvida. Longe disso! Estou lidando com as minhas dores, uma a uma, e, resignificando-as dentro da minha capacidade de entender e olhar para os emaranhamentos com olhos de ver.

Aqui, agradeço imensamente, aos meus mentores e amigos do Programa de Medicina Veterinária Sistêmica, que compartilham o caminho que já percorreram e os aprendizados contidos na caminhada de cada um. Além destas linhas, tenho compartilhado com meus contatos, muitos dos exercícios sistêmicos que tenho aprendido/aplicado com nossos mestres do nível Básico: Ricardo Garé, Carla Soares e Fernanda Pereira.

Mexer com estas vivências, me colocou em contato com um histórico de itens arquivados que não esperava (re)acessar. Mas (...) que bom que os retomei.

Você já se perguntou, quanto das crenças limitantes que possuí, são percepções suas, e, quantas você adquiriu de paradigmas dos outros? Nem carece, responder. Eu mesma, não consigo mensurar.

Sem desprezitar, o tempo de cada um olhar para dentro de si, e, trabalhar, com afincos suas dores... gostaria de propor que passassem a se olhar mais no espelho - com olhos de ver - com amor e gentileza. E (...) estender este olhar para tudo ao redor, diminuindo seus prejulgamentos um a um (na medida de suas possibilidades).

E assim, se permitindo, diante do que não foi julgado, criar suas próprias percepções de você e do mundo.

Abaixo, um texto meu, para que cada um se observe.

“O FIO DA MEADA”

E, se, a representação da vida de cada um se desse por uma MEADA de lá, linha, barbante... corda... como seria trabalhado o fio da sua VIDA?

São tantos os caminhos a percorrer, desde o tipo de material, ferramentas e tipos de pontos, passando pelas paletas de cores... que fica impossível não traçar um paralelo com o livre arbítrio.

Como você olharia para a MEADA do outro? Admiração, estranhamento, cuidado para não emaranhar com os pontos que está construindo. Como seria?

Pediria “perdão” ao pisar na MEADA do outro, e, desfazeria parte dos pontos? Ou, ofereceria parte da sua MEADA?

No novelo que descrevo, sou eu, agora! Minha MEADA! Em cores que remetem compaixão para comigo e para com o outro. Em pontos delicados, porém, resistentes. Em crochê tunisiano, cuja agulha tem o formato da agulha de crochê, com extensão das agulhas de tricô. Contém falhas em alguns pontos. Numa passadela d’olhos seriam imperceptíveis ao leigo, mas que poderia chocar, de longe, o artesão. Uma MEADA em construção.

Ab... o livre arbítrio!

Que cada um cuide da sua MEADA, e, a emende com a que se afinar, que a reparta com outros, quando sentir que não fará falta alguma, e, que (se possível), não a solicite de volta. Porque a MEADA que se foi, jamais voltaria igual àquela.

Aqui, me permito rememorar os tempos de artesã de minha mãe (genitora), que tricotava os agasalhos dos filhos, nos primeiros anos de vida, nas imediações do nosso Jardim de infância, na Praça da República (local em que ela exibia o trabalho, que também contava com a nossa mão de obra). Aprendemos muito com o período em que ela trabalhou o fio da meada de cada filho.

Aprendemos, principalmente, que não nascemos donos da nossa própria MEADA, e, que, até ter condição de decidir por ela, precisaremos honrar as decisões daqueles que a estruturaram.

Hoje, agradeço os pontos de tricô que aprendi com ela e os pontos de crochê que aprendi com a minha avó materna. Também agradeço as tantas vezes em que, dado pouquíssimo recurso, ao avistar os filhos espiando diante dos seus olhos, não titubeou em desmanchar nossos agasalhos e refazer, um a um, acrescentando um novelo de lã, e tricotando-os em novos/diferentes pontos.

Ab... o livre arbítrio...

O resultado de nossas escolhas nunca é/ou será, como imaginamos. Ao aprendermos a confiar no campo mórfico, entenderemos que, por mais processos de dor que tenhamos contato, o sofrimento será com um crescimento doloroso e maduro, sempre opcional.

Eu não tinha ideia do caminho a ser percorrido. Apenas confiei no processo. Mas não começou assim. Por respeito à professora Carla, logo que começamos a prosear, poupei-a da ladainha e *mimimi* que povoavam minha mente com: “*você não conhece a minha história*”.

E(...) ainda bem!!! Porque eu mal sabia que ela já havia tido contato com tantas dores e processos de cura, que sabia/sentia, exatamente o que estava por vir. No tempo de todas as coisas (escrevo estas linhas em tempos de Pandemia), voltei a lembrar que só temos o agora.

Assim, almejo que cada vivência encontre aqueles que precisam fazer o caminho de volta, afim de, **honrar o canal denominado pai e mãe**, sem o qual, você que está lendo, não estaria nesta vida, neste plano, tal como é!

Estamos avançando para a conclusão deste curso, no nível básico, seguindo para a VIDA diferente da forma que iniciamos esta jornada. Não encontraria palavras suficientes para expressar minha gratidão, que será sempre maior do que minha escrita.

Entenderam o que é ser ANJO (monitor, bolsista, bedel...) no Programa de Medicina Veterinária Sistêmica, no Brasil e no Exterior?

É, alguém que consegue equilibrar o que lhe é oferecido em estudos/aprendizado, com o trabalho. Mas, mais que isso. É alguém que, equilibra o que recebe se colocando à serviço, de modo a vivenciar os processos na alma.

Acredite. Ser ANJO e poder compartilhar o caminho, é uma honra!

A ALMA é lenta! Aprendemos a deixar fluir, a respeitar e validar o que sentimos, de acordo com a nossa capacidade e coerência cardíaca. Tão bom, viver para escrever estas linhas... que me vejo almejar o curso, tal nos é apresentado, ministrado desde a educação básica.

Rememoro:

“Está tudo certo. Tudo o que acontece, é, para, a gente chegar aonde a gente está agora.”

Carla Soares

Fico com isso!

*Fiquem, também... com tudo aquilo que é!
Eu vejo/honro/valorizo vocês, um a um e o todo.*

Paula Patrícia Oliveira de Carvalho Kuszniir,

Anjo do Nível Básico e Nível Avançado do Programa de Formação em Medicina Veterinária Sistemica no Brasil e no Exterior – Turma I/2019.

Mestre em Reiki - Sistema Tradicional Usui-tibetano (Reiki Veterinario-2018/2020)

Consteladora Familiar e Comunicadora Animal (Programa de Medicina Veterinária Sistemica - Turma I - 2019/2020)

Coordenadora de Produção Editorial aposentada, após 30 anos de contribuição no mesmo grupo empresarial (1988-2018)

Natural de São Paulo-SP (residente/domiciliada)

E-mail: kuszniir.paula@gmail.com



Capítulo 1

BASES INTRODUTÓRIAS E FILOSÓFICAS DA VISÃO SISTÊMICA

Carla Soares

Para compreendermos a Visão Sistêmica em diversas partes do planeta, podemos começar dos conhecimentos Astecas no Século VII no México. Nesta época, o povo de Nahuatl profetizou uma Benção, conhecida como Benção de Nahuatl.

Essa benção, é uma forma de aplicarmos a má consciência trazida pelo visionário Bert Hellinger com mais solitude, conexão, honra e amor. Sem internalizarmos e compreendermos o poema abaixo, todo o resto da obra se perde, pois, para transcendermos o Sistema Médico Veterinário, e, nossas dores, precisaremos dar um bom lugar em nossos corações a tudo que não saiu como sonhávamos, mas que, está em perfeita existência e realidade. Tudo o que passou e que existe está perfeito.

Para que o *flow* do amor siga seu curso, precisamos renunciar às nossas raivas e as desonras que tivemos, e/ou temos, aos nossos ancestrais. Precisamos sentir a nossa responsabilidade, precisamos sentir carinho pelos nossos antepassados, precisamos renunciar, como adultos, a tudo que gostaríamos de reivindicar e exigir dos que vieram antes de nós.

Esse caminho proposto, traz brandura, e, alguma paz, autonomia e liberdade possível...

“Eu liberto meus pais do sentimento de que já falharam comigo. Eu liberto meus filhos da necessidade de trazerem orgulho para mim. Que possam escrever seus próprios caminhos de acordo com seus corações, que sussurram o tempo todo em seus ouvidos.

Eu liberto o meu parceiro(a) da obrigação de me completar. Não me falta nada, aprendo com todos os seres o tempo.

Agradeço aos meus avós e antepassados que se reuniram para que hoje eu respire a vida. Libero-os das falhas do passado e dos desejos que não cumpriram, consciente de que fizeram o melhor que puderam para resolver suas situações dentro da consciência que tinham naquele momento.

Eu os honro, os amo, e, os reconheço inocentes.

Eu me desnudo diante de seus olhos, por isso eles sabem que eu não escondo e nem devo nada além de ser fiel a mim mesmo e à minha própria existência, que caminhando com a sabedoria do coração, estou ciente de que cumpro o meu projeto de vida, livre de lealdades familiares invisíveis e visíveis que possam perturbar a minha paz e a felicidade, que são minhas únicas responsabilidades.

Eu renuncio o papel de salvador, de ser àquele que une ou cumpre as expectativas dos outros. Aprendendo através, e somente através do AMOR, eu abençoo minha essência, minha maneira de expressar, mesmo que alguém possa não me entender.

Eu entendo a mim mesmo, porque só eu vivi e experimentei a minha história; porque me conheço, sei quem eu sou, o que sinto, o que eu faço e porque faço. Me respeito e me aprovo.

Eu honro a divindade em mim e em você. Somos livres”.

Da América Central, e, voltando ainda mais na linha de tempo, vamos para o Oriente, aonde, a Visão Sistêmica Ancestral se faz presente desde 530 a.C. Os fortes e profundos pensamentos Confucionistas e de Lao Tse à 530 a.C - 350 a.C na Índia, Velha China e Japão, são os primeiros indícios dos quais temos notícias sobre a Visão Sistêmica.

Confúcio foi considerado o “Pai da Educação” na China, e, nos trouxe um vasto conhecimento sobre Visão Sistêmica, quando já demonstrava para os impérios da época, a necessidade de se estabelecer uma ordem e uma hierarquia dentro dos condados. Confúcio era imperioso em nos trazer conhecimentos sobre nossas virtudes e o desenvolvimento de um caráter ético e benevolente, reforçando a necessidade de sermos primariamente assim conosco, depois com nossa família, e para então, agirmos igualmente nas sociedades.

Confúcio em sua ampla sabedoria, foi um grande educador para a China, dizendo que os malfeitos na sociedade, eram apenas reflexos do nosso autoabandono, e, da forma descortês com que as pessoas tratavam seus pais, seus ancestrais e sua família.

“O sábio é cortez e benevolente. Ele primeiro é cavalheiro e bom consigo e com sua família, estendendo assim, seus atos aos filhos de uma nação. O que fazemos conosco é o que fazemos ao próximo.

Não faça ao outro o que não deseja para si”.

Confúcio.

Esse conteúdo ancestral pode ser estudado com profundidade e de forma decodificada para a Medicina Veterinária nos livros **O Tao Te Ching Aplicado à Medicina** publicado em 2018, e **O Samurai e o Médico Veterinário: sincretismos e similitudes** publicado em 2019.

Nestas duas obras, percorremos por caminhos profundos das questões sociais e hierárquicas que Confúcio já expunha de forma brilhante para a época.

Mais adiante, o Taoísmo Clássico Chinês, de Lao Tse, se mistura à filosofia Confucionista trazendo conceitos muito profundos sobre o **wu-wei** (agir pelo não-agir), sobre manter o fluxo e o curso natural da vida, sobre a importância de fazer **pertencer** os “dez mil seres” entre o céu e a terra (uma das leis mais poderosas da Visão Sistêmica), ou, mais ainda, sobre como percorrer o próprio Tao - caminho/destino.

Como educador e mestre, Confúcio dizia que seu papel era apenas mostrar um canto de um quadrado, e, a inteligência do outro traria a percepção para ver o quadrado inteiro. Confúcio era primariamente adverso à dogmas e a ciência engessada que já existia na época. Ele dizia, que, qualquer forma de dogma, era minimamente um fanatismo e uma exclusão às dinâmicas de perceber todos os cantos, sombras e facetas de um quadrado.

Esse pensamento Confucionista é profundamente sistêmico.

Todas essas nuances são as bases filosóficas da Visão Sistêmica, e, em muito nos felicita saber que o lendário Alemão Bert Hellinger já fazia conexão com esses pensadores.

O arquétipo do Guerreiro Pacificado e dos Samurai na Obra O Samurai e o Médico Veterinário, nos trás belíssimas explicações de Confúcio sobre a visão sistêmica. Confúcio tinha um profundo olhar social, e trazia conceitos importantes para as relações humanas, quando observou que o homem sentia paz de espírito quando tinha uma relação de **pertencimento e hierarquia** em suas bases relacionais.

Confúcio estabeleceu 5 formas de se relacionar que traziam um fluxo de harmonia, amor e paz.

Lao Tse, em sua sabedoria e simplicidade, traz os conceitos de fluidez e do agir sem forçar (o *flow* do contemporâneo de Mihaly Csikszentmihalyi). De forma simbólica, ele traz os primeiros conceitos do imponderável e da nossa relatividade frente ao absoluto. Ele nos coloca num patamar, e, numa perspectiva de humanidade verdadeira quando nos mostra que apenas somos seres humanos, e não, heróis e deuses.

*“Quem, ainda força o caminho e invoca o universo,
ainda, não compreendeu o que é caminhar
junto ao caminho...”*

Carla Soares

Essa postura deve estar intrinsecamente misturada à essência do Médico Veterinário Sistêmico. Lao Tse trás ainda um conceito muito forte sobre nossa dualidade, e, sobre o equilíbrio entre forças opostas. A própria simbologia do Yin e do Yang do Taoísmo Clássico Chinês, mostra claramente essa dualidade complementar e necessária.

Lao Tse, em sua ampla sabedoria da dualidade, nos mostra o quão é importante escolhermos, quando possível, o Caminho do Meio. Lembrando que sem caos não há equilíbrio, portanto, em tudo devemos nos preparar para ter resiliência para fluir de acordo com os invariáveis momentos. A vida não é perfeitamente estável, nem perfeitamente harmônica, ela oscila e todas coisas tem seus lados e facetas. O caminho do meio não é estático. Ele tem de tudo um pouco, mas não é polarizado.

Lao Tse, reforça, ainda que, de forma simbólica, que todo sistema busca um equilíbrio através do caos e de nossas forças extremas (polaridade).

Essa parte é a mais difícil de ser incorporada ao coração do promissor Médico Veterinário Sistêmico, porque somos treinados para ter controle e ação sobre sinais, sintomas, drogas, doses, aparelhos e pior, controle das nossas emoções mais profundas e desprezo quase que aniquilador de nossa mente inconsciente que representa, nada mais nada menos, 90% do nosso funcionamento existencial.

Agravando, ainda mais tal controle e racionalidade, achamos que temos controle sobre as perdas de vidas e sobre a morte dos nossos pacientes, quando decidimos pela eutanásia de forma deliberada, sem ao menos, questionarmos o que é nascimento, vida, sofrimento e morte.

As bases da Visão Sistêmica, devem ser completamente integradas à postura verdadeira e comprometida do Médico Veterinário Sistêmico, que precisará, realizar uma reestruturação e ressignificação interna e externa de tudo que conheceu e praticou ao longo de sua formação e como Ser Humano.

Por esse motivo, a Visão Sistêmica, é também considerada um Caminho (Tao), uma filosofia viva, dinâmica e aplicada, porque passamos a estar de forma sistêmica e ver o mundo sistemicamente.

Passamos a ter um olhar conectado, passamos a sentir tão quanto pensar, e, passamos a nos entregar a vida porque quando trabalhamos com fenômenos, não temos controle, e, assim, é a vida. Podemos realizar projetos e construir a realidade externa com nossa cognição e inteligência mental, mas a sombra do imponderável, do oculto, da mente inconsciente, sempre estarão presentes nas relações humanas e não-humanas. Visão Sistêmica, é, portanto, um conhecimento aplicado ao desenvolvimento humano e não-humano.

A tomada de consciência que acontece a cada passo e vivência sistêmica, permite que promovamos ações, emoções e pensamentos de forma mais adulta e conectada, sabendo que tudo que partir de mim, afetará tudo e a todos ao meu redor. Ter visão sistêmica é ter a percepção dos próprios atos (força interna) dentro de um contexto, aumentando exponencialmente nossa responsabilidade perante a vida.

A Medicina Veterinária Sistêmica, quando incorporada de fato ao corpo, mente e alma do Médico Veterinário, passa tornar o profissional e o Ser Humano, sensíveis aos efeitos de seus próprios atos, e, verdadeiramente consciente das consequências de suas decisões, pensamentos, emoções, ações e feitos. A Visão Sistêmica, é um caminho para nos tornarmos adultos, e, darmos as mãos as nossas “crianças feridas, expectantes e reivindicantes”.

*“Agora seguro nas mãos da minha criança interna,
e, dou-lhes amor, atenção, entendimento.
Agora, nós juntas(os), damos conta...”*

Passamos, então, a nos tornar autoresponsáveis, nos impulsionando naturalmente a sairmos do tão enraizado papel de vítima. Passamos a ter consciência que os nossos feitos, pensamentos, emoções e ações afetam o sistema. Passamos a desenvolver uma responsabilidade emocional conosco e com os demais seres.

Muitos conceitos e estudos psicanalíticos da mente inconsciente são profundamente remotos e ancestrais, e, felizmente, de forma menos simbólica e mais técnica e científica nos chega através de médicos e terapeutas como Sigmund Freud, Carl Jung, Carl Rogers, Jacob Levy Moreno, Milton Eriksson, Virginia Satir, Maurice Ponty, Stephan Hausner, José Roberto Marques, Bert Hellinger e outros pesquisadores e livre-pensadores sistêmicos.

Nossa mente inconsciente e nosso cérebro que indistingue realidade da imaginação, precisa de estímulos filosóficos, metafóricos, lúdicos e simbólicos para trazer à tona nossa consciência perceptiva e existencial (da alma). Por isso, não poderemos progredir sem compreender essas bases ancestrais e filosóficas da Visão Sistemática, através de Confúcio e Lao Tse.

A Filosofia Sistemática Aplicada, nos convida a olhar para além da fronteira da ciência cartesiana, incluindo, ainda, mais conhecimento, e, não excluindo ou segregando. A Visão Sistemática, como base natural da existência planetária, só vem contribuir e agregar, nos convidando a mergulhar profundamente em questionamentos existenciais como:

Quem eu sou?

O que vim fazer aqui?

De onde eu vim?

Pra onde eu vou?

O que é vida?

O que buscamos como Médicos Veterinários?

O que é o sofrimento?

O que é morte?

Porque sinto esse vazio existencial?

Vida e trabalho são setores dissociados?

Qual o meu lugar no mundo, e, nos diferentes sistemas?

Essas perguntas profundas, possuem respostas minimamente sistêmicas e complexas, contudo, devemos nos desenvolver como seres, sendo capazes de nos autoperceber através de posicionamentos no tecido de espaço-tempo em relação a nós próprios e a “alguém-algo”.

Portanto, adotar a Visão Sistemática para sua vida, é observar as relações. Tudo busca um referencial, uma conexão, um ponto de ligação, que aqui é intermediado, pelo que chamamos de “*blind spot*” ou ponto cego do espelho.

Essa percepção espacial-sensorial, nos faz sentir pertencidos ou excluídos. Faz-nos sentir vivos ou mortos, faz nos parar ou prosseguir. Faz a vida acontecer ou paralisarmos diante de nossa realidade.

Uma simples mudança espacial-psíquica, geram novos sentimentos, emoções percepções e sensações. Geram novos sentidos e formas de existir. A Visão Sistêmica e as Constelações Familiares, facilitam o acesso à nossa força interna, porque, de certa maneira, elas nos religam as nossas bases ancestrais.

Uma única postura de nossa parte, gera paz ou conflitos a um sistema. Basta um único passo consciente ou inconsciente no espaço, para que possamos perceber sutis sensações, transformações e informações.

A cultura ancestral da Visão Sistêmica, apresentada no livro O Samurai e o Médico Veterinário (2019), evidenciam o quão importante é, o estudo e o treinamento interior. Confúcio já apresentava esse balizamento, e que foi profundamente adotado pelos guerreiros pacificados do antigo Japão, aonde se cultivava uma ordem de amor e de relação interpessoal.

Esses conceitos são importantes de serem assimilados para que entendamos, porque chegamos no ponto sintomatológicos que chegamos. É diagnóstico sistêmico que a Medicina Veterinária, é de forma inconsciente, uma estimuladora da perniciosa tríade vítima, salvador, algoz. E, infelizmente, são nestes lugares que temos transitado.

Por que o sistema veterinário está doente?

*E, mais, por que os Médicos Veterinários
tiram suas próprias vidas?*

*Ou porque, nós, temos relações disfuncionais de
agressividade e competitividade dentro de
nossa espera laboral?*

*Ou mais ainda, porque conseguimos perceber nossa
própria espécie como ameaça de extermínio a
nossa própria existência?*

“Toda vítima, esconde um agressor passivo”

Décio Oliveira

Confúcio já mostrava a importância de se cultivar o pertencimento e a hierarquia (ordem), aonde o Mestre é maior que seu discípulo; essa

ordem de relação, não excluía, as trocas, o respeito e os aprendizados entre as partes. Mas, havia respeito e honra entre mestre-discípulo.

Outra relação sistêmica abordada por Confúcio, era a relação marido e esposa. Eles respeitavam e honravam suas esposas, que, para a época, poderiam até serem consideradas “menores”, mas eram fortes o suficiente para colherem, trabalharem e sustentarem seus filhos. Eram consideradas fortes pelos seus maridos, que as honravam com amor e dedicação.

Confúcio, trouxe muitas abordagens sociais e relacionais, e, uma delas, base de todas as outras, é a relação entre pais e filhos. Pais eram maiores e filhos eram menores e disciplinados. Imaginarmos que desde a.C essa estruturação de ordem e hierarquia já eram elencadas, nos permite sentir o quão é importante até os dias atuais.

Sistemicamente, havia uma outra relação de amor (baseada no Confucionismo), que serviu de base ao Bushidô (código de ética do guerreiro), foi a relação entre irmãos maiores e irmão menores. Essa hierarquia entre irmãos era respeitada e evitava os conflitos dentro da família, o que era importante para pais guerreiros que já viviam em guerras e lutas.

Sabidamente, os Samurai seguiam essa ordem de relação interpessoal, e os conflitos familiares eram atenuados e o conforto familiar encontrado. A questão primordial e deletéria dos Samurai, foi a lealdade e amor cego aos Imperadores. Mas, ainda assim, eles foram íntegros, em sua existência.

Uma das relações mais importantes, sob o ponto de vista sistêmico com base na Visão Sistêmica ancestral, era a relação entre pares, ou seja, entre amigos e iguais. Esta, sim, era uma relação que sobrepujava qualquer contrato e papel.

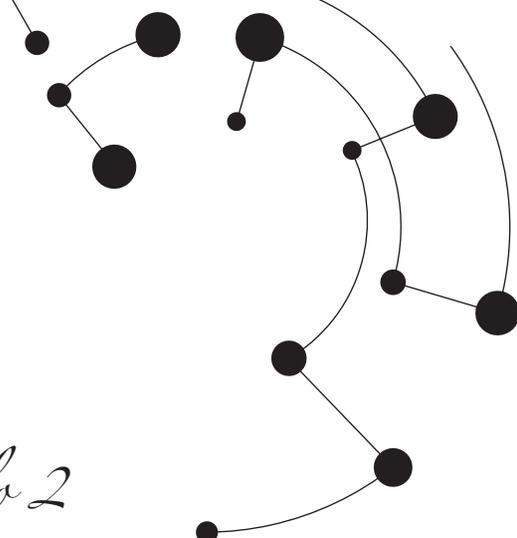
Para os Guerreiros pacificados que adotavam a Visão Sistêmica de Confúcio, não era necessário escrever o que prometiam em palavras, porque eles honravam com sangue suas promessas e eram leais consigo próprio, portanto, com o outro.

Esse olhar de ordem sistêmico para com as relações humanas dos guerreiros pacificados, atenuavam os desgastes físicos das guerras, combates e perdas humanas que sequelavam a vida do Japão feudal e imperial. E, assim, era possível alguma sensação de apaziguamento capaz de minimizar dores e sofrimentos advindos de relações interpessoais.

Por esta razão, não prossigam, sem compreender e integrar essa filosofia ancestral sistêmica de Confúcio e de Lao Tse, pois, ambos, protagonizaram uma realidade de futuro que pôde atravessar o tempo de 500 a.C para muito além dos 3.000 mil anos d.C. A estes pensadores sistêmicos, devemos honrar, reconhecer e estudar com profundidade, para que assim, possamos vestir a Visão Sistêmica moderna e contemporânea.

Na América do Norte, os índios já possuíam um código de ética com bases em Visão Sistêmica, e, um dos ensinamentos mais profundos dos Ameríndios, foi:

*“A Natureza não é para nós, ela é parte de nós”.
Ou seja, o que excluimos, julgamos e desrespeitamos,
é o que fazemos a nós mesmos...uma parte de nós”.*



Capítulo 2

A DIFERENÇA PEDAGÓGICA DA VISÃO SISTÊMICA E DAS CONSTELAÇÕES FAMILIARES

Carla Soares

O Programa de Formação em Medicina Veterinária Sistêmica adotou o nome “sistêmica”, ao invés de Constelações, devido, a um profundo entendimento pedagógico que deve ser aqui esclarecido.

Um profissional quando adota a “Visão Sistêmica”, não se torna, necessariamente, um constelador. Mas, um bom constelador, formado por uma escola de referência, tem a obrigação de compreender as bases fenomenológicas, sistêmicas e filosóficas ancestrais e contemporâneas da Visão Sistêmica, além, é claro, de compreender os preceitos de Bert Hellinger.

A Visão Sistêmica como já apresentado, tem, **precedência**, às Constelações Familiares Hellingerianas.

A ancestralidade sistêmica, de Confúcio e Lao Tse, seguiu-se de áreas de conhecimento como: a matemática, a economia, psicologia e a ecologia que adotaram a Visão Sistêmica como coluna vertebral do pensamento fenomenológico.

A Visão Sistêmica promove uma visibilidade de conexão entre todas as partes de um sistema, que, de certa maneira, está baseado no que o

Médico Oncologista e Cirurgião, Dr. Paulo Cesar Frutuoso, explana em suas aulas, que é observância da **Complexidade Irredutível**. Ou seja, uma simples alteração de uma das peças de uma engrenagem, em um contexto ou sistema, altera toda uma realidade/funcionamento.

O Programa de Formação em Medicina Veterinária Sistêmica, como escola de base para a formação em Visão Sistêmica e Constelações, tem obrigação, de apresentar essas diferenças e a profundidade do estudo.

No século XX, surge o pensamento fenomenológico através de Edmund Husserl, que trás um campo aonde observa-se a suspensão de um juízo, em relação à tudo que se mostra e se evidencia. Ou seja, o que surge, é o que é, através de uma experiência profundamente individual, vivencial e perceptiva. Esses estudos sobre a percepção, foram posteriormente ainda mais compreendidas pelo cientista francês, Maurice Merleau-Ponty.

As bases da vivência fenomenológica, pautam-se no uso da mente intuitiva e da percepção corporal, em detrimento ao não uso da mente racional-cognitiva. Assim, podemos dizer que a Visão Sistêmica é conhecimento obrigatório, pois o nosso corpo e as nossas percepções, são inerentes a nossa existência.

Com conhecimentos mais profundos da Visão Sistêmica, as dinâmicas das constelações familiares, passam ser melhor compreendidas, pois elas são experiências sensoriais e da mente inconsciente. Nem todo constelador, tem uma formação complexa e profunda da Visão Sistêmica.

Muitos consteladores familiares, são formados com o conhecimento a partir da terapia familiar Helligeriana para os dias atuais, ainda, que, Bert Hellinger fosse um profundo estudioso da filosofia sistêmica ancestral, que dá sustentação pela precedência às constelações.

Seguindo ainda sobre a Ciência Fenomenológica, Edmund Husserl trás uma abordagem mais complexa, porém, essencial, que é pautada numa ordem, onde a percepção precede o entendimento de falarmos e pensarmos, retendo o essencial e a experiência da alma.

Na década de 50, Maurice Merleau-Ponty, trás novos caminhos sobre a fenomenologia, através de dois momentos bifásicos de **intuição-indução**. A primeira acontece num espaço de realidade e imaginação, e a segunda, segue-se da experiência e acoplamento do essencial na alma humana.

A Ciência Fenomenológica, é filosófica e compreende, e, inclui, as experiências que emergem à consciência, sem qualquer intervenção racional e técnica, ficando, o fenômeno velado e oculto, ao que se mostra. Para Husserl, o que se mostra através de um fenômeno é a realidade tal como é, sem as interferências de crenças, idealizações, cultura e pensamentos adotados. O que se mostra é o essencial e o real.

Edmund Husserl e Merleau-Ponty trazem ainda que a percepção fenomenológica apesar de ser vivenciada no campo das emoções e nas sensações corporais, ela não é algo material e reproduzível, ainda que possa ser transportada, pela essência e fluxo de novas experiências e vivências.

Dentro da Visão Sistêmica, cientistas de outras áreas, compreenderam a conexão de elementos que compõe um determinado sistema, e que este para funcionar e se manter organizado para estar a serviço, necessita da integração e relação entre as partes que formam o todo.

A este estudo, dar-se-á o nome, TEORIA GERAL DOS SISTEMAS. Dentro desta ciência matemática e biológica, considera-se a relação de cada elemento com os próximos, compreendendo as relações entre os elementos que formam o todo. A Teoria Geral dos Sistemas, busca compreender as interações, e, ela se aplica a diversas áreas do conhecimento, incluindo, as Constelações Sistêmicas Familiares.

Na Teoria Geral dos Sistemas, entende-se que cada sistema tem um *modo operandis* próprio e particular, e que, mesmo substituindo determinados elementos, o funcionamento primordial do sistema pode ser mantido. Ademais, numa abordagem sistêmica, é entendido e aceito, que além das relações que se formam entre os elementos de um determinado sistema, esse sistema, também se relaciona com outros sistemas. A estas relações extra-sistêmicas, dar-se o nome de expansionismo. A maioria dos sistemas, são abertos, e por essa condição, são capazes de efetuarem trocas com outros sistemas, e, incluírem novas informações no campo mórfico e morfogênético original.

O pensamento amplificado dos estudos sistêmicos, é complexo, pois entende-se que, além das relações inter e intra elementos de um determinado sistema, existe algo ainda, que se chama **dinâmica**. Ou seja, não há relações determinantes, analíticas, mecanicistas, e sim, abertas (teleologia) e mutáveis.

O biólogo alemão Ludwig von Bertalanffy em 1950, desenvolveu suas bases de estudos na busca pelo entendimento intra e inter relacional das partes e elementos de um sistema funcional e vivo. A Teoria Geral dos Sistemas, por sua interdisciplinaridade, ganhou vulto em diversas áreas do conhecimento, incluindo, sua aplicabilidade nas relações humanas e familiares, entendendo que Bert Hellinger, compreendia que o “Eu” e a “Estruturação Relacional Familiar de Origem” são nossos sistemas de base, ainda que estes, possuíssem interface ou sobreposição com outros sistemas.

Bert Hellinger, chama de subsistema o conhecimento das diversas partes que formam o “Eu”, e, de Sistema, os diversos indivíduos e eneagramas emocionais transgeracionais que compõe um sistema familiar.

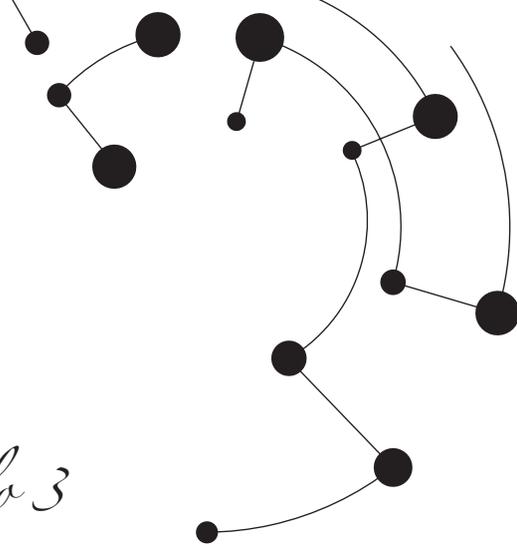
Assim, essas informações supracitadas, justificam a importância dos estudos que precedem as Constelações Familiares que Bert Hellinger decodificou com bases sistêmicas e fenomenológicas, mas, com conhecimentos profundamente humanos de ordens e leis que de sobremaneira, ordenam o amor.

A Filosofia Aplicada Hellingeriana, emerge em conhecimentos das relações entre os seres vivos e o meio ambiente, através de uma estruturação conhecida como Ordens do Amor e da Ajuda. Bert Hellinger trás uma abordagem amplificada das relações humanas de base e de origem, mostrando que nossa força para a vida, parte de um ponto inicial, que é nossa familiar de origem a partir do EU, e, que, as relações ocultas e inconscientes pautadas num amor-cego, determinam o “destino” de um sistema.

As constelações revolvem esse solo parado nas profundezas, trazendo através das percepções e das vivências fenomenológicas, a consciência dessas relações, nos proporcionando a chance de remodelar e ressignificar nossa história de vida e de nossos sistemas.

A partir deste olhar intrasistêmico de Bert Hellinger, o expansionismo ganha propulsão, em nos colocar, em uma outra postura, e, em um outro olhar aos demais sistemas não familiares dos quais fazemos parte.

Por essa razão, os alunos do Programa, saem com uma formação complexa, porém, profunda no que se refere a Visão Sistêmica como um ponto, e as Constelações Familiares segundo Bert Hellinger, como um outro ponto, que se unem e se fundem em algo extraordinário, que transforma, se complementa e se expande, sem que possamos alcançar ou dimensionar o futuro do presente.



Capítulo 3

VISÃO SISTÊMICA COMO BASE PARA O DESENVOLVIMENTO ANIMAL-HUMANO E NÃO-HUMANO NA MEDICINA VETERINÁRIA

Carla Soares

A Medicina Veterinária do Terceiro Milênio, é uma mescla de conhecimentos culturais, tradicionais, quânticos, sistêmicos e ancestrais que estão submergindo com uma força impressionante através da Ciência Fenomenológica de Edmund Husserl, através da Teoria Geral dos Sistemas de Ludwig von Bertalanffy e através das Constelações Sistêmicas Familiares de Bert Hellinger.

Nossa medicina, tão carente de relações humanas, evolui na importante área das ciências e da tecnologia, excluindo os sofrimentos humanos e dos animais, que ficam soterrados em uma caixa de pandora, que pede compensação ao custo de perdas de vidas humanas/animais, e, de relações interpessoais precárias que nos submetem a um sistema frio, desumanizado, ilusório e vitimizado.

Assim, como uma grande onda, a Visão Sistêmica, e, o uso das Constelações Familiares, já aceita e reconhecida pela Política Nacional de Práticas Integrativas e Complementares (2006) e pelo Conselho Nacional

de Saúde, e, também, como instrumento de pacificação e mediação no Judiciário (reconhecido pelas OAB e Conselho Nacional de Justiça), começa a ser empregada e aplicada à Medicina Veterinária como área de entendimento, conhecimento e estudos, desde a formação dos acadêmicos até as grandes empresas.

Uma das principais características da Medicina Veterinária Sistêmica, são, as fortes bases, suplantadas no desenvolvimento animal-humano e não-humano através das relações.

Este caminho, podemos alcançar, minimamente, nossas verdades internas/existenciais, buscando uma reconciliação com nossa própria história de vida, com nosso posicionamento no mundo, com nossa postura, com nossas competências de compreender a vida de forma mais humanizada, trazendo-nos, para uma perspectiva de autoresponsabilidade de nossas ações.

A Visão Sistêmica, certamente, nos tira de um tempo de obscuridade e escassez, no que tange à tomada de consciência e a forma de encararmos nossos desafios.

Adotar a visão sistêmica, é ter esta responsabilidade consciencial, de que, qualquer ato, pensamento, emoção e sentimento, atingem e afetam indubitavelmente todo o sistema ao qual me relaciono, interferindo em outros sistemas que a este estão conectados e interfaceados. O conceito da “grande teia”, de Fridjof Capra, se aplica perfeitamente a Visão Sistêmica.

O pensamento sistêmico, é, portanto, um pensamento em uma rede/teia conectada. É um olhar amplificado em largura, altura, profundidade e, mais um vetor, que é o espaço-tempo (movimento). Mas, o pensamento sistêmico, também, é multidimensional e transgeracional, pois através das constelações, conseguimos alterar o nosso entendimento sobre determinada questão e alterá-lo em nossa linha de tempo interno.

Essa tomada de consciência, não nos permitirá mais a ação desconectada, egóica, desumanizada e impensada que temos adotado conosco nos dias atuais, com nossas famílias, com os nossos pacientes e tutores/clientes, com as nossas relações interpessoais, com o nosso trabalho, com, nossa relação com a natureza e a vida.

Os níveis conscienciais planetário, têm permitido que a ciência e a tecnologia avancem num curto período de tempo, sem espaços

cronológicos de décadas de obscuridade, limbo e estagnação. Obviamente, a tecnologia da computação e da informação tem permitido esta velocidade como um conduíte, que em tempos remotos demoraria meses ou anos para se chegar na ponta.

Os benefícios destes avanços físicos, médicos e tecnológicos são inúmeros, ainda que as grandes potencias detenham conhecimentos e recursos nucleares que possam colocar em risco toda a vida do planeta. A forma e os fins para os quais empregaremos nosso progresso científico, é mais importante que o desenvolvimento final em si, pois, sem benefícios reais a nós próprios, todo o avanço perde completamente seu sentido.

A Medicina Veterinária, têm dois pontos extremos que devem alternadamente se encontrarem para que haja um ponto de equilíbrio no sistema como um todo.

Uma dessas polaridades, são as questões da alma e das questões existenciais mais profundas, como a consciência dos seres vivos, que se esquecidas, “reclamam” para camadas mais densas dos corpos: mente, emoção e físico. A outra polaridade são os avanços tecnológicos e científicos que têm facilitado a vida das pessoas e dos animais, e, que, têm permitido uma exitosa melhora na qualidade de vida do planeta como um todo.

Contudo, *alma e tecnologia-ciência* dissociadas, em nada fazem sentido, havendo a imperiosa necessidade de intersecção entre esses dois pólos, para que assim, haja o equilíbrio necessário afim de não sobrecarregar ou faltar em algum dos extremos.

Neste ponto, a Visão Sistemica do Taoísmo Clássico Chinês de Lao Tse, é imperioso, por já trazer essas perspectivas de equilíbrio e da conexão desde 450 a.C, aonde o caminho do meio, é fonte de pacificação interna, desde que haja, o entendimento que o “meio” é um processo dinâmico, e por vezes, caótico.

Para tanto, o primeiro passo é nos apropriarmos de uma grande sabedoria Taoísta que é aceitarmos a existência da dualidade complementar. Precisamos conseguir incorporar e incluir em nossa cognição, à nossa mente inconsciente e intuitiva assegurada, pois sem ela, não nos sentiremos completos. E, pior, repetiremos destinos de dores, padrões, sofrimentos e obscuridade.

Desta forma, cabe perfeitamente que abordagens terapêuticas com foco humanizado das questões inerentes aos seres humanos e animais, possam ser trabalhadas e desenvolvidas com o reconhecimento e avanço da Medicina Veterinária, somado à tecnologia de exames, equipamentos e novas descobertas sobre tratamentos, abordagens e o funcionamento genético e epigenético dos Seres Vivos.

No Terceiro Milênio, importantes avanços em prol do conhecimento mental, emocional, consciencial e espiritual dos animais, até, o desenvolvimento de medidas protetivas e jurídicas mais fortes, vão dando dignidade aos animais, não só no aspecto de sua integridade física, mas também, estabelecendo novas formas de como nos relacionamos com eles, e, como e porquê, inserimos estes seres em nossas vidas e em nosso sistema familiar humano.

Cabe não só, exclusivamente, aos Médicos Veterinários buscarem as bases para compreender as dinâmicas dos sistemas familiares que possuem mais de uma espécie biológica inserida, mas, também, e sem vitimizações, as famílias e tutores, juntos aos seus tutelados, em que precisam ser proativas e autoresponsáveis na busca pelo equilíbrio possível e na solução de questões, sem que hajam, idealizações e transferências de autoresponsabilidade aos profissionais de saúde e também aos pacientes animais.

“O Médico Veterinário Sistêmico, é um facilitador das dinâmicas em famílias multiespécies, distribuindo pesos, responsabilidades e forças dentro de um sistema. Cada um, aprende a ficar com o que é seu”.

Carla Soares

A abordagem sistêmica não deve ser apenas empregada na rotina clínica dos consultórios, mas, especialmente, em casos dramáticos de perdas, lutos, doenças extenuantes como câncer, doenças neurológicas/degenerativas, doenças crônicas, autoimunes, muitas vezes incuráveis e de repetição, sobretudo, quando famílias adquirem animais com os mesmos problemas do seu sistema ancestral familiar de origem.

O Médico Veterinário e os futuros candidatos a este ofício, precisam compreender em definitivo, que não trabalharão apenas com os animais, e, sim, **através deles em prol do sistema**, aonde simplesmente lidarão com

as questões familiares aos quais os tutores trazem de forma desapercibida aos nossos consultórios.

Esse abismo, parcialmente inconsciente da difícil relação entre o profissional e as famílias dos animais, se deve em especial, porque a formação do médico veterinário não contempla nenhuma formação que abranja o autoconhecimento, desenvolvimento humano e sistêmico, como ferramentas terapêuticas que permitam uma conexão e uma abordagem às questões reportadas de forma subliminar, ou, mesmo, direta pelos tutores durante a consulta clínica dos animais.

Os Médicos Veterinários, por excluírem os Seres Humanos de seu sistema interno de validação, não sabem lidar consigo, e, tão pouco, com as emoções e demandas dos Seres Humanos que estão juntos aos seus pacientes não-humanos. Essa desvalidação e desidentificação, vem de um lugar profundamente doloroso, de prováveis amores interrompidos na primeira infância, e, de nossas projeções psíquicas referentes à uma dolorosa capacidade que não temos de olhar para nossas questões. Olhar com olhos de ver, dói. Então, preferimos anestésias, alocar responsabilidades, e, permanecermos na vitimização.

Projetar no outro o que temos em nós, nos coloca cotidianamente, cliente a cliente, numa postura de defesa, e, portanto, de reatividade.

O animal não vai sozinho até o Médico Veterinário, e como já escrito e explicado no livro “O Samurai e o Médico Veterinário”, a rota de fuga do Médico Veterinário com relação às pessoas já não é mais possível. Fugir do outro, é fugir de si próprio.

O Médico Veterinário do Terceiro Milênio, deve buscar aprender *a lidar* com seus conteúdos psíquicos internos (com ajuda terapêutica), para que tenhamos habilidades, recursos e destreza técnica, diminuindo assim, os anos e anos de segregação entre médicos veterinários e as famílias dos nossos pacientes, os animais.

Mais uma vez, o profissional deve lembrar que ele recebe um volume imenso de informações durante o exercício do ato médico veterinário através do seu paciente, que é o animal. Mas, percebendo ou não, o Médico Veterinário é igualmente exposto às questões e eneagramas emocionais das famílias humanas, que são tão, ou mais, importantes que as causas propriamente clínicas do adoecimento do animal.

“Quando quero ajudar um sistema, a última coisa que devemos adotar em nossas condutas, são as nossas opiniões. Pois, quando opino, eu abro mão de ver a realidade”.

Carla Soares

O Médico Veterinário Sistêmico, como um radar, deve estar profundamente conectado e presente em seus atendimentos, para que possa ser possível o rastreamento e a localização das questões ocultadas e camufladas do espectro familiar dos tutores que são espelhadas por ressonâncias pelos seus tutelados.

A Visão Sistêmica, permite não só que estas questões do inconsciente ou emaranhadas possam ser detectadas, como também, os médicos veterinários terão ferramentas e recursos agregados de trabalho, ao se permitirem atuar neste cenário de modo terapêutico e eficiente, cuidando dos aspectos clínicos do animal, e, da demanda familiar que se mescla com a vida do tutelado.

Todas estas perspectivas aqui apresentadas, são os caminhos da Medicina Veterinária do Terceiro Milênio, e, não há mais como voltarmos atrás.

Quando, um único Médico Veterinário acessar esse campo de informações, todo o sistema será afetado beneficemente por ele.

“Nosso sistema veterinário estará igualmente “equilibrado”, quando não houverem mais exclusões, e, quando as críticas e julgamentos cessarem. Precisamos mudar de fase (frequência), e, isso deve ser lembrança diária de um bom Médico Veterinário Sistêmico”.

Carla Soares

Complemento ainda as informações supracitadas, do processo de sair da vitimização para uma postura de força interna, com as belíssimas palavras da Prof. Maria Raquel Pereira Moura (Médica Veterinária e Consteladora Familiar):

“Qual a minha parte de responsabilidade, que alimenta este conflito?”

Desta forma, ser um Médico Veterinário Sistêmico, é ter firmeza e disciplina para o exercício laboral interno e de ressignificação de sua própria vida. A dor de alma que o sistema veterinário sente de forma inconsciente, e, que, tem levado muitos e muitos acadêmicos e profissionais à *Burnout* e suicídio, é a somatória das exclusões de nós próprios enquanto espécie humana, do sistema familiar-profissional e de nossa história ancestral. Sem os ancestrais e o reconhecimento interno deles, não temos força.

A falta de força para a vida e para os desafios primários com pai e mãe, contribuem, imensamente, para que este profissional humano, não consiga se autosustentar de fato à serviço da vida, e, com isso, ao invés de expandir suas conexões, ele se torna mais refratário e desconectando do todo. A consequência, desta falta de força interna, é percebida pela parcial desidentificação relacional intraespecífica. Com essa postura autoimune, o caminho se torna pesado, vazio e solitário.

Neste contexto, havendo a necessidade do sistema compensar exclusões e perdas advindas de eutanásias, abates, outras formas de mortes que provocamos, de nossa autoprocrastrinação em nos conhecer verdadeiramente, nós, já claudicantes e debilitados, desde nossa primeira infância, entramos em alinhamento magnético, e, em rota de colisão com essas perdas, nos relacionando de forma infantilizada e cheia de ilusões com as pessoas e com os animais.

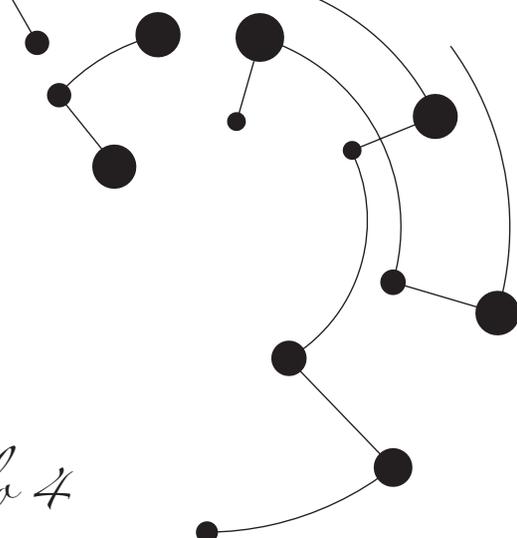
A Visão Sistêmica não tem piedade, porque ela não fortalece a vitimização da nossa criança ferida. A Visão Sistêmica é imperiosa em nos impulsionar ao verdadeiro crescimento, sem as mazelas e as ilusões das realidades insatisfatórias produzidas anteriormente a nós, até o exato tempo presente.

Apesar de tudo, a postura do Médico Veterinário Sistêmico é de honrar e agradecer o que foi, do jeito que foi, porque, é através do que foi, que é possível estarmos no aqui e no agora, e, conseguirmos transformar.

“Aqueles que chegaram antes, estão acima dos que vieram depois. Se não respeitar a ordem, não há amor” –

Cartas Sistêmicas - José Roberto Marques (IBC)

A Visão Sistêmica, querendo ou não, nos recoloca num caminho de integridade, conexão, amor, maturidade e autodesenvolvimento, porque ela nos impulsiona a crescer e amadurecer, e, acima de tudo, ela estimula nossa força de caráter, nossas virtudes, nossas boas condutas, nossa força ancestral, nossa autoaceitação e o amor não idealizado.



Capítulo 4

PRINCÍPIOS, FUNDAMENTOS E POSTURAS DA MEDICINA VETERINÁRIA SISTÊMICA

Carla Soares

Cada campo e área ao qual os fenômenos das abordagens sistêmicas se realizam, haverá princípios e fundamentos patognomônicos pertinentes as características do inconsciente coletivo de cada classe profissional e de cada sistema abordado. Por exemplo, no Direito Sistêmico existem dinâmicas e forças, que são características e idiossincráticas do próprio Direito.

Na área da Pedagogia, a pesquisadora alemã Marianne Franke-Gricksch estruturou as bases da Pedagogia Sistêmica mostrando os obstáculos ocultos que podem interferir nos processos de crescimento e de desenvolvimento de crianças, alunos e professores dentro das escolas e do ambiente familiar, como dificuldades relacionais e de aprendizagem, por exemplo.

Da mesma forma, a Visão Sistêmica possui suas forças e dinâmicas próprias da área da saúde, e, em especial aqui, da Medicina Veterinária, que constitui uma perspectiva fenomenológica diferente de todas das demais áreas, porque nos relacionamos diretamente com animais não-humanos

(nosso paciente). Cada sistema, tem, portanto, uma psicofera determinante e um inconsciente arquetípico que prevalece.

Temos utilizado de forma disfuncional 3 arquétipos disfuncionais:

- » **O Arquétipo do Herói ou Salvador** (àquele que doa sem saber receber e sem limites);
- » **O Arquétipo do “coitadinho de mim”** (vítima);
- » **O Arquétipo do “perpetrador/algoz”** (àquele que acusa, julga e fere)

Além dos arquétipos inconscientes que são vivenciados no nosso sistema, a Medicina Veterinária atua numa perspectiva diferente de todas as demais profissões.

Atuamos de forma precária com bases em necessidades de desenvolvimento biológico, de sobrevivência e conscienciais. A Visão Sistêmica promove um remodelamento da consciência e de nosso *modo operandis*, requerendo profundas adaptações às idiosincrasias que envolvem as demandas e o inconsciente coletivo do Sistema Veterinário.

O olhar da Visão Sistêmica na Medicina Veterinária é inter e intraespecífico, e, por esse motivo, **de alta complexidade**.

Se a nossa comunicação com a própria espécie humana, é rodeada de violência e ruídos, imaginemos então, estabelecermos essa comunicação com outras espécies, ou mais ainda, através de um tutor e das empresas e instituições de ensino, que passam a ser filtro da realidade **essencial** do animal.

As relações interespecíficas do campo da Ecologia, Biologia, Zootecnia e Medicina Veterinária, são condições consideradas patognômicas, em algum nível, pois precisamos além de nos conhecer como espécie, precisamos minimamente conhecer aspectos morfofuncionais, emocionais e conscienciais dos demais seres vivos que conosco convivem, quer sejam como tutelados e/ou como pacientes.

São considerados **Fundamentos e Princípios**, as essências primárias de uma ação ou movimento que dão uma estruturação às condutas e percepções aos que fazem uso dos conhecimentos, do caminho e desta vivência sistêmica.

Assim, dentro da abordagem da Medicina Veterinária Sistêmica, faz-se necessário que, alguns princípios sejam aqui mencionados, sendo estes princípios que foram sendo percebidos pelas nossas experiências internas e/ou compartilhadas com outros colegas da área ao longo de nossa vida profissional, e, que aqui, servem apenas como uma *Orientação Estrutural da Filosofia Sistêmica* na Medicina Veterinária.

Os fundamentos e posturas sistêmicas aqui sugeridos, **não são regras**, porque a Visão Sistêmica não se desenvolve sobre regras. Ela se desenvolve em leis naturais que o tempo todo, só nos apontam o quanto somos relativos perante ao absoluto.

1 ➤ **Primeira Postura Sistêmica** – O Médico Veterinário Sistêmico, para conseguir prosseguir no campo das constelações e abordagens sistêmicas, deve, realizar os primeiros movimentos de olhar para si próprio, e, para suas próprias questões. É necessário, fazer a própria abordagem autoterapêutica e com auxílio de psicólogos, minimizando assim, quaisquer possibilidades de interferência, transferências e projeções no campo, nos tutores e em seus tutelados.

2 ➤ **Segunda Postura Sistêmica** – O Médico Veterinário Sistêmico, deve buscar estar num estado de presença e com foco atento na busca das questões ocultas e inconscientes que o campo morfogenético do seu cliente/paciente apresentam. As intervenções devem ter uma base de humanização e percepção do Ser com seu corpo físico, mental, emocional e espiritual.

3 ➤ **Terceira Postura Sistêmica** – O Médico Veterinário Sistêmico, é responsável por desenvolver um ambiente (*setting*) de atendimento humanizado, altamente seguro para a família e seu(s) tutelado(s), de modo que, seja possível estabelecer conexões, *rapport* e vínculos de empatia entre as partes. O Médico Veterinário Sistêmico, deve ter uma postura de limitação para que o foco e a busca pela questão, não sejam perdidas, através da visão do todo. O mesmo deve ser um bom ouvinte, **sem incentivar a prolixidade**. Igualmente, o mesmo, deve encerrar as seções com segurança e não permitir

as drenagens e vulgarizações pós-terapêuticas através de questionamentos e intervenções cognitivas.

4 ➤ **Quarta Postura Sistêmica** – O Médico Veterinário Sistêmico, deve olhar para todos os elementos do sistema, e, não beneficiar um indivíduo isoladamente. Sua abordagem deve ser em **prol do sistema e não do indivíduo** (quer seja ele tutor ou tutelado).

5 ➤ **Quinta Postura Sistêmica** – O Médico Veterinário Sistêmico, não está somente em busca da verificação de pontos ocultos, mas, sim, de perceber o campo morfogenético da melhor forma possível, através das questões trazidas pelos seus clientes/pacientes, e, pelos representantes, que ajudam na terapia. Deve-se evitar o tanto quanto possível, aconselhamentos e fazer intervenções interpretativas, que não seja a do próprio cliente (família/tutor).

6 ➤ **Sexta Postura Sistêmica** – O Médico Veterinário Sistêmico, sabe que não pode se colocar num lugar maior que o próprio campo morfogenético, e, que, não há controle algum sobre os fenômenos que são imponderáveis. Ele deve apenas conduzir as abordagens terapêuticas com segurança, ética, respeito, estabelecendo o *rapport* sem julgamentos e sem intepretações pessoais, por mais difícil que seja o destino do sistema em questão.

7 ➤ **Sétima Postura Sistêmica** – O Médico Veterinário Sistêmico, deve lembrar de trazer ao campo, representantes que possam sentir os animais e decodificar em palavras ou comportamentos o que precisa ser dito e/ou visto, ao tutor ou constelando. E, uma vez essas vontades sendo trazidas às suas famílias humanas, os mesmos devem ser respeitados. Essa cumplicidade e respeito incentivados pelo Médico Veterinário Sistêmico, deve estimular a busca pela realidade oculta junto à família, de forma ativa, sem interferir (wu-wei).

8 ➤ **Oitava Postura Sistêmica** – O Médico Veterinário Sistêmico, deve acolher com respeito e amor as diversas formas de apresentação da família, não cabendo a ele julgar opções religiosas, orientações sexuais/gêneros, credos e sociais. Ele deve apenas fazer com que tudo flua de forma natural, mantendo o foco na questão trazida pela família (tutor). A abordagem deve caminhar para um entendimento e solução sistêmica da questão, e deve caminhar para uma reconciliação, para um equilíbrio ou para uma compensação.

9 ➤ **Nona Postura Sistêmica** – O Médico Veterinário Sistêmico, deve laborar com uma escuta aberta, empática, honesta e sem ruídos de interpretações pessoais. O acolhimento e escuta, devem passar aos familiares (tutores), uma sensação de percepção, presença e conexão. Da mesma forma, o Médico Veterinário Sistêmico, ao conectar os animais no campo, poderá permitir que os tutelados se expressem de forma natural e orgânica, trazendo as informações aos seus tutores de uma forma compreensível aos humanos.

10 ➤ **Décima Postura Sistêmica** – Questões, conflitos e emaranhamentos familiares, interpessoais e empresariais, devem ser trabalhados pelo Médico Veterinário Sistêmico, para que haja a melhor mediação possível em prol do sistema e não do indivíduo ou do animal, e, sim, do todo. O animal deve ser recolocado em seu sistema animal de origem, e assim, fortalecido, ainda que ele compartilhe do sistema familiar humano. Um, não deve se sobrepor ao outro, muito embora, exista uma hierarquia e uma ordem: o sistema familiar do tutor é maior que o sistema familiar do tutelado. O sistema do tutor cuida do sistema familiar do tutelado. Porém, ambos devem conviver em harmonia, com ordem, hierarquia e sem projeções, e cada um empoderado e representado dentro seu sistema familiar original intraespecífico, ainda que coexistam dentro do mesmo sistema.

11 ➤ **Décima Primeira Postura Sistêmica:** Os tutores e famílias que buscam a terapia sistêmica veterinária, devem se sentir acolhidos e devem ter a liberdade de utilizarem como quiserem as informações que se apresentaram no campo mórfico durante seu atendimento. O Médico Veterinário Sistêmico

não deve, *a priori*, induzir e nem tentar esclarecer sob seu ponto de vista. A neutralidade e a imparcialidade, devem ser *modo operandis* do profissional.

12 ➤ **Décima Segunda Postura Sistêmica:** O Médico Veterinário Sistêmico, deve possuir habilidades para conduzir os trabalhos de forma humanizada, sobretudo, em pacientes oncológicos, terminais e de sofrimentos extenuantes. Condutas paliativas e sistêmicas devem ser preconizadas em ambientes hospitalares e nos campos quânticos das constelações. A postura de suportar de forma adulta, real e imparcial, é conduta do profissional sistêmico.

13 ➤ **Décima Terceira Postura Sistêmica:** O Médico Veterinário Sistêmico deve buscar compreender, sem interferir nos padrões repetitivos de adoecimento, morte e comportamento dos animais (tutelados) que se manifestam dentro do sistema familiar ao qual ele está integrado. E mais ainda, deve rastrear as bases primárias das causas e dos padrões, e, trazer à consciência dos tutores e de suas famílias, sem interpretações, sendo apenas, um canal ou um facilitador.

14 ➤ **Décima Quarta Postura Sistêmica:** O Médico Veterinário Sistêmico, deve adotar uma postura de autocuidado e autoamor, buscar recursos internos para o desenvolvimento de sua mente inconsciente e intuitiva, permitindo que sua liberdade de expressão e espontaneidade estejam presentes no *setting* sistêmico, sem que haja projeções pessoais. É recomendando, que, os profissionais sistêmicos de saúde, sejam terapeutizados e sejam acompanhados por psicólogos, médicos e terapeutas.

15 ➤ **Décima Quinta Postura Sistêmica:** O Médico Veterinário Sistêmico pode e deve empregar abordagens alopáticas e/ou integrativas concomitante as suas condutas sistêmicas. Não há exclusões, e, sim, integrações.

16 ➤ **Décima Sexta Postura Sistêmica:** O Médico Veterinário Sistêmico, tem conhecimento para atuar na gestão organizacional (empresas), conduzindo a mesma para um benefício sistêmico e do todo, e para mediar os pontos

nevrálgicos que obstruem o *Flow* organizacional, quer seja de âmbito físico, de gestão e/ou interrelacional.

17 ➤ **Décima Sétima Postura Sistêmica:** É recomendado que os Médicos Veterinários Sistêmicos, sejam desenvolvedores do Ser Humano e facilitadores do fluxo do amor adulto, promovendo a conexão verdadeira entre as pessoas em todas as instâncias do Sistema Médico Veterinário, e assim, possam essas ações, reverberarem diretamente nos animais.

18 ➤ **Décima Oitava Postura Sistêmica:** O Médico Veterinário Sistêmico, deve ser desprovidos de quaisquer julgamentos sobre a história de vida de seus clientes, tutores e tutelados. E quanto mais ele se fortalecer neste entendimento, mais deve caminhar para ser um ser humano curioso, conectado, desapegado e pleno.

19 ➤ **Décima Nona Postura Sistêmica:** O Médico Veterinário Sistêmico, deve buscar o tanto que possível, se conectar e se apaziguar em seu sistema familiar de origem, buscando sua cura e seus entendimentos junto aos seus pais (sua maior fonte). Não projetando suas faltas e carências no Sistema Veterinário, criando um círculo de amor-cego e disfuncionais entre animais-humanos e entre animais-humanos e não-humanos.

20 ➤ **Vigésima Postura Sistêmica:** O Médico Veterinário Sistêmico, aprende a ouvir o próximo da mesma espécie e aprende a se comunicar sem filtros e diretamente com seus pacientes não-humanos. Ele deve estabelecer uma relação de comunicabilidade e percepção sensorial entre ele e os animais sem a interferência projetiva do tutor, muito embora, todas as informações trazidas por representantes humanos dos animais num campo quântico, devam ser consideradas.

21 ➤ **Vigésima Primeira Postura Sistêmica:** O Médico Veterinário Sistêmico, ao se comunicar diretamente com o animal, ou, com um representante humano, não deve forçar respostas prolixas e longas. Ele deve lembrar, que os animais se expressam de forma simples e direta. E, tudo que for dito

através de palavras, é apenas uma decodificação sensorial das informações percebidas no campo morfogenético.

22 ➤ **Vigésima Segunda Postura Sistêmica:** O Médico Veterinário Sistêmico, **não deve**, em hipótese alguma, se adentrar em outras áreas profissionais como Psicologia e Psiquiatria, por exemplo. Sua abordagem terapêutica está alicerçada na Visão Sistêmica e nas Constelações Familiares Helligerianas, aplicada às famílias multiespécies e, entre as relações humanas, sendo um facilitador dos entendimentos sistêmicos pertinentes as questões do sistema veterinário. Ademais, sua postura deve ser de um estudioso das relações animais-humanas e não-humanas, sob a luz da Visão Sistêmica.

23 ➤ **Vigésima Terceira Postura Sistêmica:** O Médico Veterinário Sistêmico, deve buscar em sua vida pessoal e profissional, uma coerência de perceber a ordem/hierarquia, pertencimento/vínculo e equilíbrio entre o dar/tomar de cada sistema. E, seu lembrete diário, deve ser que a Visão Sistêmica é um instrumento de pacificação do Sistema Veterinário.

Essas posturas são bases reflexivas para uma nova e promissora conduta de ética **interna**, e, para uma vivência sistêmica mais harmoniosa.



Capítulo 5

BASES EMOCIONAIS & OS ESTUDOS DE ERIC BERNE

Carla Soares

Todas as áreas e especialidades da Medicina Veterinária, são desenvolvidas de forma isolada, quer seja pela especialidade, quer seja pela abordagem clínica dos pacientes, que são vistos como “partes separadas de algo muito maior”, ou, “objeto”, no qual devemos nos focar. Colocar o nosso paciente dentro de uma perspectiva sistêmica, é trazer uma abordagem de interação dinâmica inconsciente e transgeracional complexa e interespecífica.

Ao atendermos nossos pacientes-animais e suas famílias, durante as consultas e anamneses, não temos o preparo através da formação tradicional cartesiana e compartimentalizada, para realizarmos uma abordagem interligada, e conectada, aonde busca-se o rastreamento de informações ocultas/inconscientes, que pareçam estar em ressonância e amor, no adoecimento daquele animal em relação ao sistema ao qual está imerso.

Existe, o que chamamos de **lealdade** ao sistema. Os animais ficam divididos ao serem leais ao seu sistema familiar intraespecífico de origem (os próprios animais), mas também, são amorosos e leais ao sistema humano no qual estão inseridos.

Essa identificação, permite que os animais adoeçam de forma similar ao sistema familiar humano, em geral, alinhando sintomas, dores emocionais e energéticos, aos sintomas e eneagramas emocionais do sistema humano.

O que os tutores nos reportam é uma superficialidade significativa do todo. Mas, o Médico Veterinário Sistêmico, sabe que ele busca os “*blind spots*” – ou seja, os pontos ocultos e inconscientes do *modo operandis* do sistema familiar ao qual o animal está magneticamente inserido.

Os seres vivos, (animais humanos, não-humanos, plantas, microorganismos) são potenciais **bioindicadores** das questões sistêmicas. Através da sobreposição parcial dos campos morfogenéticos, e, por ressonância, eles apontam para aonde devemos olhar. Portanto, em hipótese alguma, ser um bioindicador de um sistema, é, **unicamente**, apontar para exclusões. O Médico Veterinário Sistêmico, que assim se posiciona, estará minimamente equivocado.

Quando analisamos somente o animal, temos diagnósticos clínicos “falso-positivos”. Mas quando associamos e analisamos de forma sistêmica, dificilmente, teremos essas penumbras clínicas que mascaram o todo.

Teremos nosso foco e raciocínio clínico individual, mas também, teremos o “pano de fundo”, aonde se desencadeiam os padrões, as drenagens, os espelhamentos, os desvios comportamentais e os adoecimentos dos nossos pacientes.

Assim, as abordagens da medicina clássica alopática e cartesiana, são diretas, sem perceberem os “*blind spots*” (pontos ocultos) que são – na verdade - os pontos-chaves de um entendimento sistêmico desencadeador da sintomatologia do animal **em relação** a família humana.

A Visão Sistêmica, é uma perspectiva de algo ou alguém, em relação à algo ou alguém. Por esse motivo, a Visão Sistêmica tem um desenvolvimento complexo não-linear, e, mais ainda, é imponderável e fenomenológico.

Desta forma, a Visão Sistêmica percebe os sintomas e as doenças, como um verdadeiro e importante convite a nos descobrirmos e a descobrirmos quem são os seres que escolheram para serem tutelados por nós. Mais ainda, passamos a tomar consciência da verdadeira função/motivo ao qual escolhemos ter e nos relacionar com indivíduos de espécies distintas a nossa.

Neste aspecto, a atuação dos animais na Visão Sistêmica, ou de representantes humanos, para outras espécies não-humanas, nos apontam claramente que, os nossos pacientes e seus sintomas, estão profundamente identificados e alinhados com questões do sistema familiar de seus tutores, ou, de quaisquer, outro sistema, incluindo, o reino vegetal e, até mesmo, o campo inconsciente (psicosfera) dos Médicos Veterinários, o que causa um verdadeiro choque de realidade, quando localizamos o ponto nevrálgico da questão.

Percebemos num campo morfogenético, através das Constelações Familiares Veterinárias, que os animais apresentam comportamentos, emoções e sintomas, alinhados com pessoas não vistas das famílias humanas (vivas e mortas), como abortos não reconhecidos e integrados, como abandonos, como abusos e outros comportamentos de exclusão de vivos e mortos, é, compreender a profundidade de ação e serviço dos animais em nossas vidas. Contudo, repito que os animais **não se alocam** apenas nas exclusões. Todos os casos devem ser abordados sem intenções e de forma individual.

Compreender essas relações, modifica todo o entendimento de nosso papel como profissionais.

A Visão Sistêmica como instrumento pacificador dos sistemas, trás filosofias diversas. Uma delas trazida pela formação do José Roberto Marques (Presidente do Instituto Brasileiro de Coaching –IBC), aponta que existem 7 traços da maturidade humana que permitem a sensação de *flow* e adequação psíquico-geográfica-sensorial.

Mais ainda, permite que, ao galgarmos pela reconciliação com nossa própria história e com nossos ancestrais e precedentes, ganhamos força propulsora para que consigamos seguir em frente.

E, por mais chocante que possa parecer, o desenvolvimento geral dos seres humanos para conseguir atingir o 7º. nível de maturidade humana que é definido como o amor (conexão, empatia, transformação, pertencimento) expandido a tudo e a todos, é facilmente atingido pelos animais não-humanos, nossos pacientes.

É exatamente neste patamar, de alto grau de conexão e amor, que os animais não-humanos, nossos pacientes, se encontram dentro dos sistemas familiares.

Desta forma, o Médico Veterinário Sistêmico passa a se relacionar com os animais não-humanos através de trocas verdadeiras e maduras, aprendendo a ouvi-los, e, a senti-los, verdadeiramente, conduzindo a família humana na qual o paciente está inserido, a perceber, sentir e se relacionar da mesma forma: com respeito e consciência dos aprendizados e ensinamentos que ambos compartilham.

A Visão Sistêmica aplicada na Medicina Veterinária, promove uma vivência compartilhada, e, não mais, projetada de submissão, subserviência e desrespeito entre as partes. Não há “assédio”, nem por parte dos tutores, e, tão pouco, por parte dos Médicos Veterinários, pois, há uma consciência de aprendizados mútuos.

Face ao exposto, não será mais possível uma formação e abordagem unicamente linear, para uma realidade sistêmica e complexa. São realidades distintas e incompatíveis, ainda que complementares em certo grau. Para tanto, é necessário que os Acadêmicos e Médicos Veterinários desenvolvam uma percepção complexa, conectada e sistêmica.

É notório que, possam ainda desenvolver sua mente inconsciente, se apropriem de suas histórias de vida, honrem seus pais e antepassados, e, saibam se posicionar no mundo com a mente sensitiva/intuitiva guiada e conectada à mente racional.

Com o surgimento dos conceitos Holísticos e as diversas abordagens da Medicina Integrativa, algumas observações clínicas e analíticas comecem a ser percebidas, uma vez que, estas reconhecem que animais e tutores possuem um corpo físico, mental, emocional e espiritual, o que já amplia consideravelmente o espectro relacional da manifestação das doenças.

Apesar do Conselho Federal de Medicina Veterinária, reconhecer a alta magnitude do conceito SAÚDE ÚNICA (ONE HEALTH), poucas vezes a Medicina Veterinária Sistêmica, foi referida como abordagem e caminho para se trabalhar com o “TODO”. Que, animais, Seres Humanos e o meio ambiente se conectam, todos, acredito, já sabem. **Mas, como compreender as dinâmicas entre as partes que formam o todo,** é uma questão. Entendemos a Visão Sistêmica, como um dos caminhos para essa compreensão entre as relações e conexões das partes que formam o todo.

O conceito de “*One Health*” foi desenvolvido em 1821-1902 pelo Médico patologista alemão Rudolf Virchow, que já percebia o alto grau

de associação entre animais não-humanos, animais humanos e a medicina em geral.

Em 1984, o Médico Veterinário norte-americano Calvin W. Schwabe publica um rico e vasto material na obra “*Veterinary Medicine and Human Health*”, sugerindo novamente a conexão entre animais não-humanos e a saúde humana e o meio ambiente. Obviamente, aqui já se trata de uma Visão Sistêmica, única e integrada.

Como perceber essas conexões, é, aonde entra o caminho da Medicina Veterinária Sistêmica, e, suas amplas formas de abordagens.

Num efeito “guarda-chuva”, a Visão Sistêmica, potencializa e garante ainda mais essas abordagens preconizadas da Saúde Única (*One Health* ou *One Medicine*), pois, além de reconhecer o corpo físico, mental, emocional e espiritual dos tutores, de seus tutelados e do meio ao qual estão inseridos, a Visão Sistêmica, reconhece ainda, que este animal está inserido num sistema familiar interespecífico, que possui conexões ancestrais pré-teritas (medicina transgeracional), exclusões e emaranhamentos entre seus subsistemas (integrantes) e metasistemas.

Quando os campos de informação se sobrepõe em um sistema multiespecífico, pode haver uma alocação dos animais com suas informações ancestrais, para sistemas humanos, perdendo no mínimo, suas relações e individualizações como seres únicos que são.

Nesta perspectiva de *One Health*, além é claro, dos conhecimentos da Medicina e da Ecologia, a Visão Sistêmica trás a contento, as dinâmicas e o que está oculto das relações entre as diversas escalas relacionais de um sistema. Desde o nível individual, passando pelo familiar, coletivo, populacional, sanitário e ecológico.

Tratar e colocar, mesmo que, inconsciente os animais no lugar sistêmico de filhos, cônjugues, abortos, doenças, consolo de nossas carências, culpas, medos, vícios, e outros, tornam os animais enfraquecidos e subjulgados de seus sistemas ancestrais de origem e, talvez, do grande propósito existencial ao qual vieram.

A Visão Sistêmica não obedece um tempo linear, e sim, a um espaço atemporal holográfico e quântico, que se repete por padrões comportamentais, emocionais, mentais que são cadenciados por seus integrantes

(subsistemas), através de representações inconscientes pelo não entendimento de Leis Naturais que são impostas a todos os seres vivos.

Assim, acabamos por repetir padrões de comportamentos, sentimentos, emoções e sintomas, que, naturalmente, os animais não desenvolveriam, pelo menos, no grau que hoje acabam por desenvolverem. Neste aspecto, há um aprendizado para eles também.

Esses eneagramas emocionais e relacionais, que estão emaranhados entre pessoas humanas e não-humanas, e, os quais nos tornam “escravos” pela força inconsciente de suas manifestações, acabam por serem assimilados pelos animais através do magnetismo, ressonância e amor expandido que eles possuem com a vida como um todo. Eles também precisam pertencer, e essa força adentram nos campos das doenças e dos sintomas.

Sim, os animais amam, porque animais humanos e não-humanos possuem emoções básicas em maior ou menor grau de desenvolvimento. Um grande médico militar e psicólogo, chamado Eric Bern (canadense), desenvolveu estudos muito importantes sobre as emoções através da Análise Transacional que foi firmada em 1956.

Eric Bern em sua sabedoria intuitiva-cognitiva, conseguiu delinear que os humanos e na época em algumas espécies não-humanas, apresentavam 5 traços emocionais básicos: **raiva, tristeza, medo, alegria e amor.**

Estas emoções podem estar alinhadas e pareadas como um “*bluetooth*” entre humanos e não-humanos, sobretudo, àquelas relações aonde os não-humanos estão de fato pertencendo ao sistema familiar humano. Mais resumidamente, àqueles animais que fazem realmente “parte” da família humana.

Nestes casos, aonde as relações se estreitam, os alinhamentos emocionais são mais visivelmente notados entre as espécies, como casos de transferência e contratransferência que podem acontecer num *setting* terapêutico entre constelando e constelador, entre paciente e médico, entre cliente e terapeuta.

Igualmente como os animais humanos, os animais não-humanos são senscientes. Eles são capazes de desenvolverem emoções e terem a percepção e consciência dos mesmos.

Emoção é mover-se em direção a algo. Sentimento, é diferente das emoções, que são as interpretações e/ou histórias que contamos para nossa

mente sobre a emoção percebida e manifesta. Nas constelações veterinárias, nos detemos nas emoções.

As emoções e as reações químicas e neurofisiológicas desencadeadas por elas, são captadas primariamente através da glândula pineal, que é uma estrutura bifuncional: um órgão cronobiológico, e um órgão de senso e percepção com o meio externo.

As emoções básicas propostas inicialmente por Eric Berne são: raiva, medo, tristeza, alegria e amor, e podem ser visivelmente observadas nos animais não-humanos, incluindo ainda, a percepção da dor. Os animais podem apresentar em níveis baixos essas emoções e ao contato humano, estas serem potencializadas por ressonância e lealdade sistêmica. Através das Constelações, podemos perceber um possível ponto inicial para os espelhamentos emocionais.

O Programa de Formação em Medicina Veterinária Sistêmica no Brasil e no Exterior, por compreender que as emoções são centros de força, e estão correlacionadas a sintomas físicos, implantou como disciplina na formação dos consteladores veterinários, a Terapia Floral do Dr. Edward Bach, que nesta abordagem, possui uma correlação sistêmica. Esse saber tão importante, por atuar nas emoções de pessoas e animais, é conduzido pela Médica Veterinária Sistêmica e Terapeuta Floral Pétuli Consentini, formada pelo Bach Centre na Inglaterra.

Na formação dos alunos, constelamos as essências e os padrões emocionais disfuncionais e as essências da alma do campo do sistema familiar, potencializando assim, o sucesso terapêutico dos profissionais, das famílias e dos pacientes.

Animais quando se sentem raivosos e irritadiços, podem estar encontrando obstáculos, barreiras, frustrações. Ou, até mesmo, desencadearem a emoção da raiva e da irritação, quando estiverem amedrontados, acuados ou alinhados emocionalmente com membros vivos ou mortos de um sistema familiar, que tem um padrão emocional de raiva.

A raiva deve ser vista também sob o ponto de vista de comportamentos destrutivos dos animais, desde baixa sociabilidade, até, comportamentos de automutilação, que sistemicamente parecem ter alinhamentos com a tríade medo/raiva/prazer do campo morfogenético da família humana. As castrações excessivas, em animais domiciliados, é igualmente, representação de uma “castração” social ao trinômio medo/raiva/prazer que não

pode ser expressado socialmente pelas pessoas. Assim, o animal adota um comportamento muito comum, que é: *“Eu por você”*.

O medo é uma emoção primitiva, e, importante em certo grau, porque ela nos protege e nos trás autopreservação. Do mesmo modo, ela se manifesta nos animais. Sem medo já teríamos desafiado a vida e sucumbido. Mas, o medo que leva a disfuncionalidades sociais devem ser observadas em dois aspectos: transgeracional do sistema do animal, ou adotado do sistema humano, pela tríade acima exposta: medo-prazer-raiva.

A tristeza, é também, uma emoção que em geral transita pela emoção do medo excessivo e disfuncional, colocando os animais e os seres humanos num movimento refratário aos estímulos da vida, nos trazendo indiferença, falta de vontade, depressão e apatia. Da mesma forma, a emoção da tristeza se apresenta nos animais.

Emoções de Alegria e Amor, são forças propulsoras de vida, e pelo estado de presença que os animais parecem escolher, é, possível, observar traços emocionais, mesmo quando inseridos em sistemas familiares humanos disfuncionais.

O Médico Veterinário Sistêmico, traz conceitos integrados de diversas abordagens terapêuticas aliado ao atendimento humanizado, interligado e consciencial das bases familiares nas quais seu paciente está inserido. A abordagem sistêmica conduz os familiares à um entendimento que pode trazer uma nova perspectiva futura de não repetição de comportamentos disfuncionais e desequilibrados, bem como da manifestação de sintomas físicos.

O Médico Veterinário Sistêmico, é um profissional de saúde com base e conhecimento para ser um facilitador do entendimento causal e de base do adoecimento de seu paciente, de forma não dissociada, ao sistema familiar humano-animal-ambiental.

Desta forma, o Médico Veterinário Sistêmico, trará para sua rotina clínica, administrativa e empresarial, o conhecimento técnico através de suas prescrições e procedimentos. Contudo, sem deixar de elencar em sua abordagem, um rearranjo no processo de transformação possível, através de uma compreensão dos pontos não percebidos pelo sistema familiar, que podem ora estar desencadeando o problema, ora bloqueando o fluxo, ora impedindo a ressignificação possível.

O Médico Veterinário Sistêmico, sem julgamentos, e, sem se impor sobre o campo morfogênético, será apenas e nada mais do que um facilitador para avançar junto ao sistema familiar do constelando, facilitando o entendimento das informações trazidas pelo sistema, e, reconduzindo os membros familiares para relação de ordem e hierarquia, fazendo o possível para pertencer os vivos e os mortos, equilibrando as trocas do sistema entre o dar e o tomar.

O profissional reinsere, de forma significativa, o seu paciente animal ao sistema da espécie dele, removendo assim, os panos de fundo provenientes das cargas emocionais depositadas sobre eles ou identificadas por amor pelos animais.

Feita essa manobra sistêmica e abordagem terapêutica, é possível, destituir ou atenuar os efeitos disfuncionais dos animais de pressões e responsabilidades nas quais se identificaram por amor com seus tutores e com o sistema familiar humano.

Assim, o Médico Veterinário, recolocará seu paciente animal na posição psicoespacial correta da família, aliviando assim, as tensões transferidas pelos animais-humanos ao animal não-humano, e, absorvidas por lealdade por eles

Podemos compartilhar algumas frases de tensões e transferências emocionais de tutores que são depositadas nos animais. Esses *prints* e seus efeitos sobre os animais, são realizados pelo sistema familiar de forma inconsciente, e, tomado pelos animais inocentemente, através de identificações que se concretizam por amor.

Aqui, muito provavelmente Bert Hellinger definiria essas relações como uma forma de amor-cego.

Desta forma, não há espaço algum para julgamentos de quaisquer tipificação, sendo apenas necessário mostrar algumas destas dinâmicas para que seja possível compreender como esses emaranhamentos e adoecimentos acontecem, e, são rotina em nossas condutas e atendimentos clínicos e sistêmicos:

“- O Spike (cão) é tudo para mim”.

“- Minha filha Lola (cadela) é maravilhosa e cuidado dela como cuidado da Rafaela (filha biológica)”.

“Moro sozinho, e por isso, tenho um gato”. (como se para os felinos não fosse importante o convívio social – confunde-se privacidade com abandono.

“Meu marido (esposa) morreu e amo cada vez mais meu animal”.

“Fui diagnosticado(a) com depressão e decidi adotar um animal”.

“Tenho câncer de mama e minha cadela também”.

“Doutora, trago meu animal ao veterinário na mesma proporção que vou ao médico”

“Morro de medo da vida e uso sapatos em meus animais com medos de micróbios”

“Tenho muita carência e decidi adotar muitos animais. Eles me fazem companhia”.

“Não consigo viajar e deixar meus filhos de quatro patas com alguém de confiança”.

“Não consigo viver sem meus animais”.

“Minha mãe/pai morreu e adotei um animal”.

“Meus animais cuidam da minha casa”.

“Me realizo através dos meus filhos caninos”.

“Se meu animal morrer eu morro também”.

“Adoro comer, e por isso meu animal está gordinho”.

“Meu cachorro é maratonista que nem eu. Ele adora”.

“Sofro com anorexia - a raça do animal é um galgo”

“Tenho 3 animais e perdi 1. Comprei outro e coloquei no lugar”

“Olha Doutora, a pele do meu cachorro é alérgica igual a minha, olha como somos parecidos”.

“Eu ajudo os animais porque sinto pena deles”.

“Não vejo bondade nos seres humanos, somente nos animais”.

“Os médicos veterinários não se entendem...”

“Nós, médicos veterinários não somos valorizados”.

“Meu colega é meu concorrente, prefiro falar mal do trabalho dele do que me dedicar verdadeiramente ao meu”.

“A eutanásia é ótima, porque evita o sofrimento do animal”.

“Não gosto de seres humanos, prefiro conviver com os animais”.

“Não posso perder nenhum animal, preciso salvar todos”.

A compreensão do que está oculto através destas dinâmicas, é que permite que o Médico Veterinário Sistêmico atue, conduzindo de forma amorosa e imparcial à família e outros colegas de encontro as suas próprias questões transgeracionais e do inconsciente. E consiga com igual amor, se autoperceber dentro do sistema veterinário.

Esse entendimento básico é tão importante quanto as medicações prescritas e os procedimentos técnicos como cirurgias e terapêuticas alopáticas e integrativas instituídos, principalmente, quando houver repetição

de padrões, sintomas recorrentes e doenças crônicas/degenerativas, e, similarmente, em diversos animais da família.

Em conjunto, o profissional sistêmico logrará com resultados positivos, permitindo que o sistema familiar como um todo, revele para seus indivíduos a questão que de fato está sendo mostrada sistemicamente **através** do bioindicadores, neste caso, os animais.

O paciente animal, é, portanto, um *bioindicador* das questões ocultas e não somente de exclusões, e por ser menor no sentido de inspirar cuidados em relação aos animais-humanos, o tutelado adoece como reflexo pareado de uma série de repetições coexistentes em sua família humana.

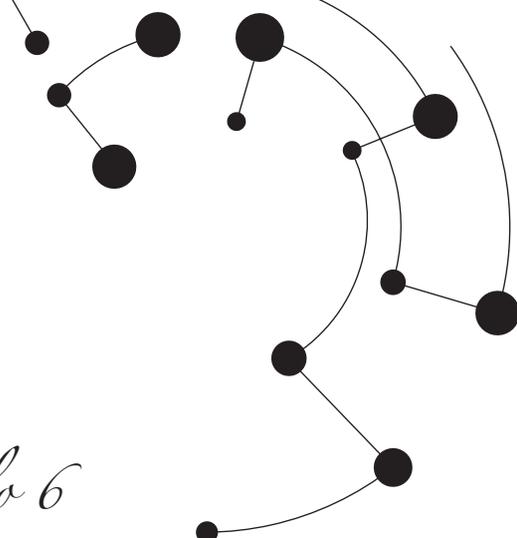
“O Médico Veterinário Sistêmico, compreende que, quando um animal chega ao seu encontro, ele traz uma história familiar que precisa ser ouvida, acolhida, cuidada e abordada sistemicamente”.

Carla Soares

Essa será a abordagem da Medicina Veterinária do Terceiro Milênio, que seguirá alinhada com os importantes avanços da ciência e da tecnologia, que em hipótese alguma, substituirá o Ser Humano, pois elas existem tão somente a serviço dos seres vivos. Assim, as bases reprodutivas e os vínculos familiares são hierarquicamente MAIORES à ciência e a tecnologia, e, a esta força de precedência não há como lutarmos e não reconhecermos. Assim, respeita-se a Ordem e a Hierarquia (precedência/função).

Ademais, o Médico Veterinário Sistêmico, poderá ainda atuar de sobremaneira às questões empresariais, comerciais, auxiliando junto aos advogados sistêmicos, a reconciliação entre clientes e colegas pertinentes a área veterinária, viabilizando as respostas mais favoráveis para que todos os elementos do sistema em questão saiam beneficiados na alma. A visão sistêmica, é, portanto, a favor do sistema e não do indivíduo.

Extrapolando este conceito de sistema e não de indivíduo, o mesmo se aplica aos animais, que ao chegarem no consultório, trazem uma história sistêmica, e, não somente individual.



Capítulo 6

TERMINOLOGIAS E CONCEITOS SISTÊMICOS BÁSICOS

Carla Soares

Este capítulo é particularmente importante, porque ele traz aos profissionais da Medicina Veterinária Sistêmica, termos e conceitos que são novos para nossa profissão, ao qual não estamos acostumados em nossas rotinas e em nossos vocabulários, e, portanto, devem ser explicados aqui neste livro.

A Visão Sistêmica é uma filosofia aplicada multidisciplinar, compilando estudos, pesquisas, termos e conceitos da Psicologia, da Psicanálise, da Biologia, da Medicina, da Física/Matemática, da Pedagogia, da Filosofia, da Arte/Teatro, da Economia, do Taoísmo Clássico Chinês e do Confucionismo.

Abrange ainda conhecimentos do Psicodrama de Jacob Levy Moreno, da Hipnose de Milton Eriksson, e, termos e conceitos obviamente alinhados ao pensamento Helligeriano, e de outros pesquisadores e pensadores que adotam a visão sistêmica, como Ludwig von Bertalanffy, Edmund Husserl e Maurice Merleau-Ponty .

É possível notarmos estreitas e amplas variações de acordo com a linha predominante de pensamento e da época, mas, independentemente, todas convergem para um entendimento sistêmico.

Visão Sistêmica, é, portanto, um conjunto de conhecimentos, culturas e saberes, e não, somente as constelações sistêmicas como equivocadamente pensamos. Obrigatoriamente, as constelações fazem parte, mas ser um Médico Veterinário Sistêmico ultrapassa um pouco mais o conhecimento das constelações familiares Helligerianas.

CONCEITOS GERAIS

» O que é um pensamento sistêmico?

É uma forma complexa, e não simplista-linear, de uma percepção da realidade, que não exclui, e, sim, integra e conecta as partes fragmentadas que formam o todo. O pensamento sistêmico é o desenvolvimento de uma conexão entre mente inconsciente (insights, arquétipos, intuição, percepção, etc) com a mente cognitiva e consciente (que pode ser linear/cartesiana ou complexa). O pensamento sistêmico caminha junto com os preceitos de Saúde Única/One Health e da Ecologia.

» O que é uma abordagem Sistêmica?

É uma forma de atuação laboral, filosófica, terapêutica e organizacional, através de pensamentos sistêmicos e conectados, não lineares e complexos, que permitem a percepção de informações transgeracionais. No caso da Medicina Veterinária, aspectos relacionais interespecíficos, que estejam conectados, porém de forma complexa e inconsciente, e que são trazidas para luz da consciência. Existem diversas abordagens sistêmicas, mas, todas levam a uma conexão com o inconsciente, com o todo, e, com o imponderável.

» O que são Famílias Multiespécies?

Família é um conceito *latu* de ligação, reunião e interação de seres conectados por sangue e/ou por afinidade. Mais recentemente, o sistema jurídico vem reconhecendo por famílias multiespécies, àquelas que não são somente formadas pela espécie humana, e sim, por espécies animais diferentes que estão vinculados ao sistema humano como membros da família. Estes devem estar sob a tutela e responsabilidade dos Seres Humanos.

» **O que são Campos Morfogenéticos e Campos Mórficos?**

Termo desenvolvido pelo biólogo Rupert Sheldrake, que significa a teoria de campos não energéticos de informações (memórias) relacionados ao gene e partículas que buscam uma auto-organização. Estas informações, não perdem intensidade em relação ao tempo e ao espaço geográfico. É um campo que diminui as probabilidades eventuais e casuísticas, estabelecendo um direcionamento “padrão” evolutivo em prol de um sistema. Acredita-se que, é através dos campos mórficos e morfogenéticos, que as constelações acontecem, pois consegue-se acessar essas informações (memórias) que organizam a evolução de um sistema, e, não somente do indivíduo.

Vera Bassoi, diferencia campos mórficos dos campos morfogenéticos, explicando que os campos mórficos, correspondem as informações dos elementos abióticos de um sistema. Já, os campos morfogenéticos, referem-se as informações dos elementos bióticos de um sistema.

» **Ressonância Mórfica**

No livro *A New Science of Life*, Rupert Sheldrake conseguiu identificar que a ressonância mórfica é uma memória coletiva de um hábito, comportamento e/ou informação, de uma determinada população de uma espécie, que pode ser acessada por outras populações da mesma espécie, em contatos prévios.

Assim, hábitos, comportamentos e novas memórias possam ser acrescentadas à outra população, criando-se, assim, uma consciência coletiva. Telepatia, parece ser um dos caminhos para o fenômeno da Ressonância Mórfica.

A Ressonância Mórfica é a propagação da informação através do campo morfogenético entre populações de uma única espécie, ou mesmo, através da telepatia dos indivíduos correlacionados de um sistema multiespécie.

» **Constelações Sistêmicas Veterinárias**

É uma abordagem filosófica, terapêutica, educacional e organizacional segundo Bert Hellinger, adaptada às idiosincrasias da Medicina Veterinária. As Constelações Sistêmicas Veterinárias, **não são somente**

incluir os animais nos campos quânticos, e sim, tudo que envolve o sistema veterinário: tutores, famílias, médicos veterinários, estudantes, professores, animais, plantas, reino mineral, clínicas, terapêuticas, empresas, funcionários, óbitos, procedimentos, ortotanásia, eutanásia, e, todos os temas que envolvem o sistema veterinário.

» **Emaranhamentos**

Os emaranhamentos possuem dois significados para a Medicina Veterinária Sistêmica. O Primeiro, são os emaranhados da física quântica, que, também são chamados de, entrelaçamento quântico. Os emaranhamentos quânticos são definidos quando duas ou mais partículas, matérias ou objetos estão tão ligados, que para mencionar/verificar/observar uma das matérias/objetos, a(s) outra(s), precisa(m) ser mencionada(s), verificada(s) e observada(s). Essa conexão, é profunda e independe da fisicalidade (podem estar distantes na fisicalidade).

O termo **Emaranhamento**, citado por Bert Hellinger, poderia ser uma adaptação da física quântica, uma vez, que estamos emaranhados por “laços” invisíveis aos nossos pais e ancestrais vivos ou mortos. Contudo, o termo Emaranhado empregado nas constelações por Bert Hellinger, significa que houve um conflito, ou uma interrupção do fluxo de amor e entendimento, devido a alguma Lei ou Ordem do Amor e da Ajuda, não terem sido respeitados.

Bert Hellinger, reforça ainda que a causa destes emaranhamentos, são inconscientes, e, por isso, podem ser repetidos por gerações e gerações até serem vistos, incluídos ou estejam no nível da consciência.

» **Projeções**

É um termo da psicanalítico, desenvolvido por Sigmund Freud, que ocorre quando não reconhecemos em nós, determinados sentimentos, emoções, comportamentos, vontades, falhas, (que estejam no nível do inconsciente), e que, são projetados em outras pessoas/animais, ou até, mesmo num objeto, de forma que a pessoa se proteja de emoções, sentimentos e vontades, que para ela ainda são inaceitáveis ou não são reconhecidas.

» **Cronobiologia e Zeitgeber**

A cronobiologia é uma ciência amparada em estudos que se iniciaram no século XVIII. É o estudo da biologia do “tempo” e dos movimentos cíclicos da vida. Algumas espécies possuem o que chamamos de ritmo circadiano, e outras espécies, parecem não seguir um ritmo biológico definido, que chamamos de acircadiano.

A cronobiologia estuda os efeitos dos ciclos naturais sob o comportamento, a mente-emoções, os hormônios e seus efeitos neuroquímicos, permitindo a experiência e vivência, mais ou menos cíclica da vida.

Assim, percebe-se grande influencia dos Zeitgeber nos ciclos de vigília e sono, ciclo das marés, ciclos hormonais, ciclos gestacionais, ciclos das estações do ano, ciclos ambientais, e outros.

Os estudos da cronobiologia e da glândula pineal foram potencializados, percebendo-se grande conexão entre ambos. Zeitgeber, é um termo alemão, dado aos elementos do sistema solar, que regulam os ciclos do planeta terra: maré, estações climáticas e outros. Estes elementos, ou, Zeitgeber, influenciam profundamente a vida do planeta, e, dentro da Visão Sistêmica, devem ser considerados.

» **Ondas Eletromagnéticas**

São ondas que são propagadas na velocidade da luz em campos que possuem 2 vetores (um elétrico e um magnético). A característica principal dos campos eletromagnéticos é a formação de energia. Um dos órgãos que captam as ondas eletromagnéticas é a Glândula Pineal. Os campos eletromagnéticos são diferentes dos campos morfogenéticos. O primeiro possui energia, o segundo não.

» **Vínculos**

Vínculos são laços, conexões e relações, estabelecidas na mesma espécie ou entre espécies diferentes. Esses vínculos se estabelecem a partir de emoções, consanguinidade, colaboração, e/ou cooperações mutualísticas, em prol do sistema. Podemos também ter vínculos com lugares e objetos. Os vínculos podem ainda, ser estabelecidos de forma inconsciente com subsistemas, de forma transgeracional, e entre vivos e mortos.

» **Concordância**

Concordância na Visão Sistêmica não é aceitar. Concordar é ficar em paz com a realidade, com nossos pais e ancestrais, com as dores, com os imprevistos, com as doenças, com a vida como ela se apresenta. É estar em harmonia a realidade ainda que a dor exista. É compreender os aprendizados, ao invés de lutar contra situações difíceis que fogem do nosso controle. É um acolhimento à realidade. É receber a vida como ela se manifesta, sem exigir dela, além do que ela dá num determinado momento. Concordar é estar em paz com as boas coisas da vida e com os desafios. Aceitar é estagnar e ainda querer que fosse diferente, o que trás passividade e vitimização.

» **Tomar**

Tomar, é mais que receber. Quando recebo, não, necessariamente, faço algo com o que recebi. Pode-se esquecer e deixar de lado. Mas, tomar, é incorporar de fato, algo ou alguém. Quando tomamos, temos uma sensação de culpa e de que queremos retribuir. Para haver equilíbrio entre o tomar e o dar, eles precisam estar equivalentes e proporcionais. O fluxo equilibrado entre o dar e o tomar exige reciprocidade entre as partes. Quando tomamos algo/alguém em nossos corações, nos tornamos capazes de agradecer e fazer algo de bom com o que foi tomado.

» **Ordens do Amor**

As Ordens do Amor foram descritas pelo psicoterapeuta alemão Bert Hellinger, sendo a base da Visão Sistêmica Hellingeriana. As Ordens do Amor, são leis naturais e relacionais entre os Seres Vivos, que estão pautadas em 3 bases: Pertencimento, Ordem e Hierarquia e Equilíbrio entre o dar e o tomar.

» **Pertencer**

Pertencer, é fazer parte, não, fisicamente apenas, mas, também, fazer parte mentalmente, emocionalmente, e, espiritualmente. É algo natural e considerado até uma necessidade inconsciente. O primeiro lugar que devemos pertencer, é nosso sistema familiar de origem. Mas o sentimento de

pertencimento, pode se estender as demais áreas e sistemas de nossa vida: trabalho, vida social, cultural, religiosa, etc.

» **Equilíbrio nas trocas**

Base relacional que mantém os vínculos saudáveis e prósperos, é o equilíbrio entre o dar e o tomar. Quem só dá, sente-se superior, e quem só recebe sente-se devedor. Para não haver distanciamento, e/ou, emaranhamentos e conflitos, é necessário que o dar e o tomar estejam equivalentes. É o que chamamos de reciprocidade. O Equilíbrio de troca é algo que é finito, porque a partir desta Lei, alcançamos o que chamamos de amor incondicional.

» **Ordem e hierarquia**

Para haver ordem e hierarquia, é, necessário, primeiro se fazer pertencer. Quer seja a si próprio dentro de um sistema, quer seja outrem, vivo, morto ou esquecido. Ordem e hierarquia tem haver com precedência e ancestralidade. Os mais velhos precedem os mais jovens, diretores precedem hierarquicamente os demais colaboradores, e assim, o sistema se equilibra. Quando ordens e hierarquias são quebradas, invertidas ou esquecidas, há conflitos e emaranhados no sistema. Os animais, igualmente, precisam estar sistemicamente na ordem e na hierarquia certas, senão há problemas comportamentais e emocionais.

» **Compensação e Reparação**

Compensar é o ato de buscar um equilíbrio ou uma igualdade/equivalência entre as partes. Reparar é consertar. É, buscar amenizar algo que foi “quebrado”, infringido, perdido. Em movimentos sistêmicos, os atos de compensar e de reparar devem ser cuidadosamente favorecidos entre as partes.

» **Reconciliação**

É reestabelecer uma relação ou um vínculo. Reconciliar é estabelecer uma concordância, harmonia e entendimento entre as partes. É reequilibrar o sistema, e permitir que o amor flua novamente.

» **Mediação Sistêmica**

Mediação Sistêmica é o ato de favorecer a reconciliação, compensação e /ou reparação entre as partes. Ela pode acontecer através do Direito Sistêmico em ambiente adequado, mas pode acontecer também em cenários empresariais, organizacionais e educacionais. A Mediação é uma busca por solução em ambiente ético e preferencialmente de forma sigilosa. O Conselho Nacional de Justiça cita alguns fundamentos sobre os caminhos da Mediação

» **Destino**

O destino sob a visão sistêmica Helligeriana, refere-se a uma responsabilidade inconsciente que podemos estar carregando de nossos ancestrais vivos ou mortos, e que, por estarem ocultas pela mente consciente, acabam por se repetir como um “destino”, ou seja, como um padrão. Um padrão/crença transgeracional.

» **A culpa (má consciência) e a inocência (boa consciência)**

São forças relacionais existentes e compensatórias. A culpa impele ao desconforto. A inocência nos impele ao prazer. Compreender a dinâmica entre culpa-inocência, nos permitirá compreender as dinâmicas da compensação. A inocência é guiada pela **boa consciência** (ou lealdade, manutenção da consciência de forma inocente e infantil) ao sistema, que não permite novas experiências e novas informações ao campo morfogenético de um determinado sistema.

A **má consciência** (é o uso da consciência com culpa, porém, de forma adulta) para quebrar padrões, crenças ou comportamentos de um sistema, nos permitindo, evoluir, transgredir padrões e seguir. Ambos os conceitos são conceitos Helligerianos.

» **Lealdade**

A Lealdade, é uma fidelização consciente e/ou inconsciente a um determinado sistema. Muitos comportamentos e padrões são repetidos pelas gerações mais novas em relação aos ancestrais, através da lealdade. Essa

lealdade pode ser benéfica aos indivíduos/sistemas, mas também pode ser prejudicial.

A lealdade, em geral, acontece do menor para o maior, e pode acontecer intraespecífico e interespecífico, ou seja, os animais podem repetir padrões emocionais, comportamentais e sintomatológicos por lealdade ao sistema ao qual estão inseridos, incluindo, os sistemas familiares não originais (humanos) à eles.

» **Consciência Individual e Consciência Grupal**

A consciência possui uma ordem e uma hierarquia que devem ser consideradas sob a luz da visão sistêmica, e elas podem ser direcionadas de uma consciência espiritual (absoluta), passando para uma consciência individual, que em conjunto, formam uma consciência de grupo. Quando falamos de Visão Sistêmica Transgeracional, estamos abordando uma consciência de grupo.

» **Atendimento Sistêmico Veterinário Individual**

Representa uma abordagem do Médico Veterinário Sistêmico à um indivíduo, aplicando suas bases de conhecimentos de soluções sistêmica e a abordagem das constelações familiares a um tutor com seu tutelado (animal não-humano), utilizando figuras, bonecos, âncoras de solo e cartas terapêuticas.

» **Atendimento Sistêmico Veterinário em grupo**

Representa a ação do Médico Veterinário Sistêmico à um grupo de indivíduos, aplicando suas bases de conhecimentos e soluções sistêmicas, com fundamentos práticos das constelações a um tutor com seu tutelado, utilizando os representantes animais-humanos e animais não-humanos, para os casos abordados. Pode utilizar abordagens integrativas associadas.

» **Atendimento Sistêmico Veterinário Organizacional**

Representa a ação do Médico Veterinário Sistêmico à um indivíduo, ou, grupo de indivíduos de uma mesma empresa, aplicando suas bases de conhecimentos e soluções sistêmicas à uma empresa, utilizando bonecos

e/ou representantes. Neste caso, o foco é para as observações a cerca do funcionamento sistêmico da organização e da empresa.

» **Subsistemas**

No contexto da Visão Sistêmica, subsistema, pode ser considerado o funcionamento do “eu”, do indivíduo, de suas partes física, emocional, mental e espiritual. É um subsistema, correlacionado a um sistema maior, que pode ser considerado como seu sistema familiar.

» **Sistemas**

São conjuntos de elementos bióticos ou abióticos, que se correlacionam, promovendo o funcionamento de algo maior. Para que este funcionamento exista de forma equilibrada, todas as partes precisam estar, minimamente, incluídas e na ordem de precedência.

Todo sistema, leva à uma função, à um *modo operandis*. Quando o sistema funciona de forma equilibrada, ele funciona através de sinergia, que é a utilização e emprego do potencial dos elementos do sistema. Quando o sistema funciona apenas para se manter, sem potencia, ele funciona através da homeostase.

» **Metasistema**

São estruturas e condições diferentes dos sistemas principais, mas que complementam seu funcionamento geral, podem ser as percepções, as sensações, as emoções, as expressões, e, tudo que pode ser agregado ao funcionamento do sistema principal. São expressões subjetivas agregados ao sistema principal.

» **Suprasistema:**

São sistemas maiores que englobam e conectam vários sistemas. Por exemplo, um Bioma é um suprasistema que conecta vários ecossistemas e habitats (sistemas). Uma comunidade, uma cidade ou um País, pode ser considerado um suprasistema formado por vários sistemas familiares, bairros e etc. Os suprasistemas, estão correlacionados com o inconsciente coletivo.

» **Biodiversidade e Bioindicadores**

O termo Bioindicador, é uma derivação do termo Biodiversidade, que representa um termo amplo da ecologia, que significa a variação genética, comportamental, ambiental, e, as diferentes formas e manifestações dos seres vivos.

Bioindicadores na biologia, representam espécies que indicam o estado ou saúde de um hábitat, macro ou microambiente. São espécies sensíveis as variações ambientais, sendo, portanto, termômetros para tais.

Na Medicina Veterinária Sistemica, utilizamos o termo Bioindicador, para as manifestações dos animais dentro dos campos quânticos dos sistemas familiares e das constelações, bioindicando, através de seus comportamentos, padrões, ordens/hierarquias e adocimentos, o que está oculto, e, precisando ser visto no sistema humano e/ou animal.

Os animais podem bioindicar algo que esteja excluído, ou podem, bioindicar bons caminhos, soluções, e, virtudes a serem aprimoradas no sistema.

» **Vetor**

Na física, os vetores representam as direções dos movimentos, sentido e a rota.

Na Medicina veterinária Sistemica, temos utilizado este termo, para que o constelador veterinário, “observe” os animais não-humanos, ou seus representantes no campo quântico da constelação, interpretando a direção de seu olhar, posicionamento corporal e a direção predominante do animal no campo. O que ele está apontando (**vetor biosistêmico**). O local que os animais não-humanos escolhem no campo, deve ser verificado pelo constelador veterinário.

» **Sincronicidade**

Carl Gustav Jung, em 1929, conceituou sincronicidade como dois ou mais eventos, que parecem não ter conexão (não-causais), mas, que, a não-aleatoriedade da conexão traz uma informação sensorial significativa para o observador. Coincidência é um evento causal e aleatório, que é descartado na sincronicidade.

Nas constelações sistêmicas veterinárias, descartamos a hipótese das movimentações dos humanos em relação aos animais sejam coincidências ou aleatórias.

A base da compreensão sistêmica, parte de um olhar através da sicro-nicidade dos eventos.

» **Polaridade:**

Base da física que estuda as cargas positivas (prótons) e negativas (elétrons), criando uma força de atração. Cargas de mesma polaridade geram repulsão. Termo importante de ser assimilado para os estudos de glândula pineal, campos morfogenéticos e campos eletromagnéticos.

» **Identificação**

É, quando um indivíduo animal ou humano, assimila ou manifesta total ou parcialmente atributos de outrem da mesma ou de outra espécie como modelo. Entre 1914 e 1923, Sigmund Freud estabeleceu 3 bases de identificação: Ligação emocional (identificação primária) com algo ou alguém, Identificação por substituição ao objeto (identificação narcísica), e, por ultimo, percepção de algo novo, a partir de algo em comum que é compartilhado (terciária ou empática).

» **Insights**

Informações subjetivas advindas de forma atemporal da mente inconsciente para a mente consciente. Na Psicologia Gestalt, é empregada para definir uma compreensão, um entendimento intuitivo.

» **Rapport (Conexão)**

Termo em inglês derivado do *rapporter* (= trazer de volta). Muito utilizado na psicologia e no ambiente organizacional. Significa, estabelecer uma conexão por empatia e sintonia, através de espelhamentos, reciprocidade, atenção mútua, positividade e coordenação entre duas ou mais pessoas/animais. Aqui na Medicina Veterinária Sistêmica, podemos estabelecer o rapport como uma conexão com o tutor no

momento de uma consulta sistêmica ou de uma abordagem psicoterapêutica em grupo.

Estabelecer *rapport* não significa o “centro vazio” descrito por Bert Hellinger, significa, empatia e conexão com o outro (seja ele animal humano ou não-humano).

» **Blind Spot (= ponto cego)**

Termo utilizado na Medicina Veterinária Sistêmica, que significa os pontos ocultos (inconscientes) de um sistema familiar multiespécie, ou, organizacional. Pode ser também, a representação das informações obscuras interpessoais do sistema médico veterinário.

» **Dupla Fenda**

Experimento realizado por Thomas Young em 1802, aonde se prova que um disparo de elétrons pode se comportar como partícula (matéria), ou, como onda (que não possui massa, mas leva informação), em detrimento do olho do observador (de uma consciência). No experimento quando um disparo de elétrons passa apenas por uma das fendas, ele se comporta como partícula, ou seja, como matéria. Mas quando o disparo de elétrons acontece através de duas fendas abertas simultaneamente, o que se observa no anteparo é a formação de uma onda (informação sem matéria).

No experimento, ficou comprovado que observar a passagem de elétrons nas fendas, interfere na liberdade do elétron, e ele pode voltar a se comportar como partícula e não como onda. Desta forma, o experimento conclui que tudo pode ser partícula ou onda, e que, tudo depende de uma consciência que dispara os elétrons em matéria ou em informação. Para trazermos ainda mais para a consciência essas informações, esse experimento ainda contou com um fenômeno conhecido como “Efeito Retardado”.

O Efeito retardado é quando o olho do observador altera o evento, podendo a onda voltar a se tornar partícula e vice-versa. Ou seja, o elétron volta no tempo, e se comporta diferente da primeira situação. Talvez isso, dê sustentação para explicar o que acontece num campo quântico de uma constelação. O olhar do constelado é o olho do observador, atuando ora como partícula na matéria (o que sentimos no corpo), ora como onda de informações quântica em seu sistema familiar.

“Se a Mecânica Quântica não te assustou, então você não entendeu nada”.

Niels Bohr

» **Colapso da Função de Onda**

É uma função da física quântica fantasmagórica, onde através do olhar de uma consciência, dar-se lugar (torna-se real) à uma partícula, que antes “parecia inexistente”. Essa consciência pode “olhar” para os elétrons, e torná-los partículas (matéria) ou ondas (informações em energia). Colapsar a onda, é de forma simplista tornar a natureza de objeto quântico algo real, visível, material através de uma partícula ou uma manifestação ondulatória.

A realidade física, está, portanto, subordinada e intrinsecamente correlacionada à uma consciência que decide se a realidade se manifestará em partícula ou em uma onda de informação. Deve haver uma intenção (o olho/consciência do constelado). A consciência aqui deve ser entendida como uma inteligência que pertence ao sistema universal.

» **Efeito Zenão Quântico ou Paradoxo de Turing**

Um sistema ou realidade, só podem ser mudados se não forem observados, portanto, se ao observar a mesma realidade, a consciência do observador interrompe o processo anterior. Ou seja, é como se ao olhar novamente para a realidade, o olho do observador paralisasse ou congelasse as possibilidades de manifestação, alterando sua evolução.

Esse conceito é muito importante nas constelações, porque, o olho do observador não pode repetir o fenômeno, o olhar do observador captura frame a frame a realidade atemporal, porém, sem que consiga retroceder no evento manifesto.

» **Catarse (do grego “Kátharsis”)**

Termo utilizado em diversas áreas, mas que na área da Psicologia e das Terapias Holísticas, pode ser visto como uma limpeza, exoneração, libertação, um esvaziamento. Pode ser entendido do ponto de vista

espiritual, como uma purificação. Pode ser ainda utilizado como uma liberação de memórias que estavam no inconsciente. No psicodrama e no teatro aristotélico, catarse é uma “lavagem” da alma após uma experiência dramática.

» **Drenagem**

No contexto da Visão Sistêmica Veterinária, pode ser considerado como um fluxo de amor que se abre após uma Constelação Veterinária. Ao manipularmos no campo quântico da constelação, abrem-se possibilidade de fluidez através do entendimento e reposicionamento dos elementos do sistema. Drenar causa alívio ao sistema.

» **Aliviar o sistema**

É um termo “pejorativo”, porém, muito utilizado nas constelações sistêmicas, como respostas dos constelados e representantes após uma movimentação de alma e/ou tomada de consciência no campo quântico. Aliviar significa diminuir as tensões/pressões, sofrimentos, interrelacionais e/ou psíquico-geográfico dentro de um sistema. Deve ser entendido pelo constelador, que em algum ponto do sistema, houve abertura de fluxo para que o amor voltasse a fluir.

» **Mecanismos de Defesa do Ego**

Retardam ou bloqueiam os caminhos de “equilíbrio”, sendo utilizados por algum elemento do sistema, como forma de manter a relação sistêmica interpessoal, ser visto, ou se manter em local de vitimização inconsciente. Animais humanos e não-humanos podem desenvolver crenças limitantes por traumas recentes ou conexões transgeracionais, mas, podem também, ter diversos mecanismos de defesa do ego à mente inconsciente, que tragam informações que demandam labor do cliente.

Na abordagem Hellingeriana, os sintomas e as doenças, são, manifestadas pelos indivíduos de um sistema familiar, para que o mesmo possa ser visto e integrado. Para Bert Hellinger, é mais fácil adoecer e permanecer assim, do que encontrar a verdadeira solução.

Em algumas situações, o ego assegura a sobrevivência, mas, Sigmund Freud descreve que os mecanismos de defesa do ego, podem impedir grandes transformações e ressignificações de questões do sujeito.

» **Ancestrais**

Representam todos os animais humanos e não-humanos, vivos ou mortos do sistema familiar de origem e/ou organizacional (empresa familiar), que antecedem a você. São todas as gerações pretéritas. São todos os antecessores e precedentes de um determinado sistema.

» **Wu-wei (agir pelo não-agir)**

Termo chinês oriundo do Taoísmo Clássico Chinês, descrito por Lao Tse, que nos convida a entrar num fluxo natural das coisas, agindo com nossa parte, mas sem forçar os caminhos. Pela luz da visão sistêmica, é se preparar em seu potencial máximo, para aprender a receber.

» **Flow**

Termo desenvolvido por Mihaly Csikszentmihalyi, um psicólogo húngaro que propõe que quando estamos em conexão, estamos fluindo **junto** à algo. É envolvimento com a lei no mínimo esforço, o que trás bons resultados e satisfação e menos fadiga. A sensação de flow nos coloca numa perspectiva atemporal, de assertividade sem autoconsciência e controle da situação. A proposta de Mihaly é que a sensação de flow está correlacionada a sensação de felicidade, leveza e integração. *Flow* é percebido na realidade quando estamos em correlação quântica com nosso propósito de vida, sendo então, uno com a vida.

» **Intraespecíficos**

Termo da Biologia que significa relações entre indivíduos da mesma espécie

» **Interespecífico**

Termo da Biologia que significa relações entre indivíduos de espécies diferentes, sendo utilizado nas relações de sistemas familiares multiespécies.

» **Sistema**

Conjunto de elementos ajustados, interligados e independentes em algum grau, que em sinergia potencializam o funcionamento do conjunto, do todo. A exclusão ou não-funcionamento de algum elemento do conjunto, contribuem para a instabilidade do sistema. Existem sistemas que são abertos, semi-abertos e fechados.

» **Epistemologia**

James Frederick Ferrier – filósofo, conceitua epistemologia, como o caminho para o conhecimento científico. São as bases estruturais que levam ao conhecimento científico, através de hipóteses, fundamentos, e da filosofia científica.

» **Curva de Gauss**

Curva que mensura a probabilidade estatística da repetição de um evento, que, estatisticamente é considerado como modelo-padrão. A Medicina Veterinária Sistêmica tem uma parte dela que não pode ser mensurada pela curva de Gauss, e por esse motivo, é considerada também uma ciência fenomenológica.

» **Filogenética**

Estudo da origem e relação entre as espécies, que são agrupadas por afinidade genética, comportamental e bioquímica. Suas relações de grupo são estabelecidas através dos nodos (nós) que fazem a conexão genética e cronológica das ramificações e variabilidades de existência.

» **Epigenética**

Estudo genético que observa a não mudança do código genético, mas que causa mudanças fenotípicas, comportamentais, bioquímicas independentes.

» **Biomas**

Termo desenvolvido por Frederic Clements, que estabeleceu Bioma como um conjunto de ecossistemas, ambientes e microhábitats e animais que definem uma grande extensão territorial com uma determinada relação, característica e localidade

» **Âncoras**

São objetos simbólicos que o constelador pode utilizar no campo quântico presencial em grupo ou individual, ajudando que o constelando firme e ancore sua tomada de consciência. Âncoras podem ser objetos simbólicos colocados no campo, ou movimentados durante as constelações, que ajudam nas percepções.

» **Âncoras de Solo**

As ancoras de solo são técnicas complementares que ajudam o constelado a “mudar” de papel e assumir por empatia e informações do campo morfogenético, o lugar de outros representantes. No psicodrama de Jacob Levy Moreno, podemos entender o que ele descreve como “*Hole Play*” ou mudanças de papel. As âncoras de solo, exigem muito mais do constelador/constelado, pois ele ora representa ele próprio, ora representa outro elemento do seu sistema.

» **Leis**

Leis naturais são realidade pré-existentes, que podem ser reconhecidas, estudadas, e decodificadas pela ciência, tornando-se verdades. As leis naturais, são mais fortes que a vontade humana, como Lei da Gravidade, da relatividade, das populações, dentre outras.

» **Princípios**

Os princípios são “leis humanas” correlacionadas e vinculadas à algo, à alguém. A normatização e a padronização de condutas, comportamentos e *modo operandis* podem ser considerados princípios, portanto, ele é relativo a algo ou alguém.

» **Sentimentos Primários**

Sentimentos primários são sentimentos básicos e ancestrais que movem os animais humanos e não-humanos para mudanças de comportamentos. Por exemplo um sentimento de raiva é derivado (secundário) à outro sentimento que é primário. Os sentimentos primários eles são inteligentes, porque se desenvolvem para que o ser animal humano ou não-humano adote uma postura de ressignificação e de movimento. Portanto, possuem uma ação construtiva. São sentimento simples, muito mais facilmente observados nos animais não-humanos (raiva, tristeza, medo, alegria, amor). Os animais não-humanos possuem resoluções simples, porque, em geral, mesmo sendo representados por animais humanos nas constelações, eles buscam resolver imediatamente.

» **Sentimentos Secundários**

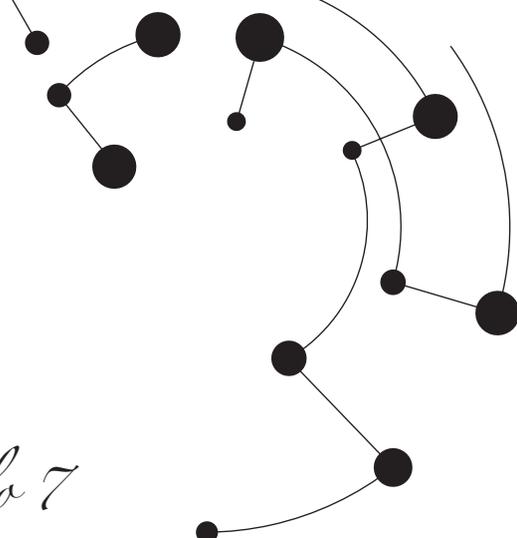
São os desdobramentos e perpetuações dos sentimentos básicos que animais humanos e não-humanos possuem com relação a dor e as mudanças comportamentais. São os sentimentos e emoções que decorrem/derivam da emoção básica que desencadeia as demais como raiva, culpa, medo, alegria, amor. São sentimentos externos e implantados conscientes ou inconscientemente do meio social. Sentimentos secundários são sentimentos que geram desgaste emocional, físico, mental e espiritual e não encontram soluções naturais e simples.

Podemos definir, como complicações dos sentimentos primários que não encontraram resoluções. Os animais humanos facilmente chegam em sentimentos secundários. Já os animais não-humanos em geral param nos sentimentos primários, mas podem se manter em estados crônicos de emoções desequilibradas em decorrências a grandes traumas ou emaranhados sistêmicos.

» **Sentimentos Adotados ou Metasentimentos**

São sentimentos que se desconhece a origem de forma consciente. São sentimentos de uma consciência sistêmica ou de grupo, e não individual. Animais humanos e não-humanos podem apresentar os sentimentos adotados do campo morfogenético do sistema intraespecífico de origem.

Por exemplo algumas espécies de animais não-humanos que sofreram grandes traumas e sofrimentos, podem apresentar nas gerações mais futuras, um comportamento de agressividade e serem arredios ao contato de animais humanos ou animais da espécie que o predava ou maltratava. Podemos de forma prática, citar os comportamentos de animais abandonados e de maus-tratos que são altamente agressivos, promíscuos em higiene ou com medrosos.



Capítulo 7

VISÃO HOLÍSTICA, INTEGRATIVA E SISTÊMICA

Carla Soares

Muitos estudantes, tutores, e, até mesmo profissionais da área de saúde, as vezes, confundem com os conceitos de “medicina integrativa” ou “medicina holística”. Este capítulo, é uma adaptação de um texto já publicado no Portal Soul Vet (www.soulvet.com.br) para tentar ajudá-los a compreender melhor cada um destes conceitos.

Aristóteles (322. a.C), percebeu que o todo é mais coerente e forte do que a soma de suas partes fragmentadas. Através desta percepção, Jan Christiaan Smut, em 1926 desenvolveu o conceito de HOLISMO. Esse conceito de totalidade não é exclusivo da área de saúde, mas sim de uma visão coadunada por diversas áreas, como: biologia, ecologia, economia, educação, outras, e também a medicina.

Desta forma, holismo/holístico, não é uma definição médica exatamente, mas, sim, um eclético conceito de totalidade. Uma visão do todo, e, não tem haver com não-científico, com esotérico, religioso ou místico, e, sim, com preceitos ecológicos e econômicos.

Quando usamos o conceito de HOLÍSTICO na medicina, é porque há uma visão integrada do todo, ou seja, do paciente (corpo, mente, espírito), do meio aonde esta inserido, de suas linhas de tempo (passado,

presente e futuro), de suas experiências, de sua genética/epigenética, e, de diversos fatores passíveis ou não de serem mensurados. É perceber tudo sob o ponto de vista da totalidade não-dissociada. Podemos ainda que de forma tímida, dizer que o termo holístico é mais próximo do conceito de Sistêmico, do que as abordagens integrativas.

Entendemos ainda, que, existe um lado da fronteira não reconhecido pela ciência, que, na verdade, é seu próprio lado obscuro (que ainda não foi pesquisado). Assim, o holístico neste sentido, visa a integração do lado luz (que a ciência conhece) com seu lado sombra (que a ciência desconhece, estabelecendo assim, uma fronteira imaginária).

Mas, na verdade, tudo é uma coisa só, pois a ciência, sem querer admitir, caminha em direção a sua própria sombra desconhecida, que é o que faz ela prosseguir.

O Holístico é o contraponto de uma visão não reducionista.

Dentro desta visão macro, existe um conceito micro de *Integração*, que, apesar de contraditória, dependendo da linha de abordagem, significa que podemos *integrar* outras linhas terapêuticas à medicina convencional (alopática).

O conceito de medicina integrativa, é uma definição bem mais recente, que vem para definir uma abordagem, aonde podemos associar diversas linhas terapêuticas, antes conhecidas como complementares ou alternativas (termo já em desuso), como possibilidade de equilíbrio e tratamento, associadas aos tratamentos ditos convencionais, visando o benefício do paciente, que pode ser visto, holisticamente pela medicina integrativa, ou não. Ou seja, mesmo os médicos integrativos (que associam outras terapêuticas à medicina convencional), podem ter uma visão reducionista e fragmentada, portanto, não-holística.

Assim, holismo (O TODO) é uma visão macroscópica, e, integrativa (integração) é um modelo de saúde integrada (ÚNICA) que associa diversas formas de tratamento à base mais fortemente aceita, que é a medicina convencional ou alopática. Reforço, a Medicina Integrativa pode ter ou não uma abordagem holística.

O conceito de Medicina Integrativa deve ser empregado, quando associamos outras formas de terapias (que não só alopática) em prol da

saúde e recuperação do paciente, sendo um modelo de saúde, que teve seu início por volta de 1960.

Segundo os estudos de Otani & de Barros (2008) numa belíssima revisão conceitual do que seria Medicina Integrativa, no artigo: *The Integrative Medicine and Construction of a New Health Model*, o consenso mundial da definição de medicina integrativa, é apenas e na maioria dos casos, um reconhecimento agregador das terapias complementares à medicina convencional/alopática. Essa é a perspectiva da maioria dos pesquisadores, como foi demonstrado no trabalho.

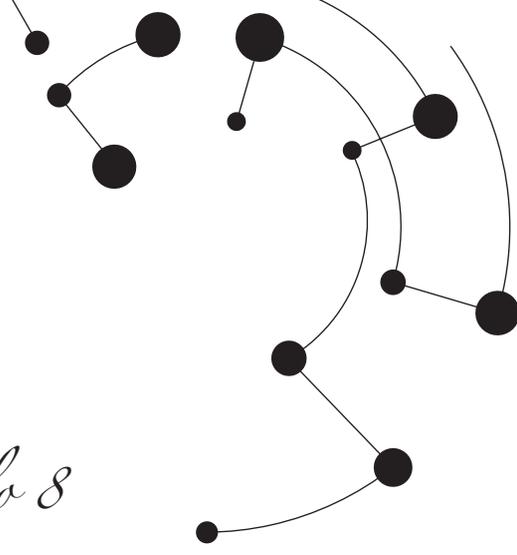
De todas essas abordagens, a Visão Sistêmica, talvez, seja a mais antiga, pois, os conhecimentos do Taoísmo Clássico Chinês (430 a.C) e orientais como o próprio Confucionismo (480 a.C) que antecede ainda mais, o Taoísmo, já traziam uma profunda sabedoria sistêmica.

Contudo, somente agora, esses conhecimentos puderam ser adaptados à medicina e psicologia ocidental e as demais terapias integrativas, sobretudo, através de médicos como Sigmund Freud, Melaine Klein, Wilhem Reich, Carl Jung, Milton Eriksson, Jacob Levy Moreno, Virginia Satir, e, um pouco mais de 30 anos no Brasil, pelo Alemão Bert Hellinger, que estruturou a filosofia sistêmica através das Constelações Familiares, reconhecida pela Organização Mundial DE saúde, pelo Ministério da Saúde, e implantada pelo Sistema Único de Saúde, para o acesso pela população mais carente.

A Saúde Sistêmica, teve um avanço poderoso com os estudos trazidos por Stephan Hausner, que conduz trabalhos sistêmicos com os sinais e sintomas (doenças) de pacientes humanos. Para Hausner, a cura advém de uma relação que o sistema familiar estabelece com o sintoma, e, mais ainda, a doença traz o equilíbrio sistêmico familiar, pelo seu poder agregador, fazendo uns olharem para os outros.

Desta forma, a Visão Sistêmica deve ser respeitada, pois, antecede ao conceito de holístico, e, mais ainda, sobre o conceito de Medicina Integrativa. Sistemicamente, esta ordem e hierarquia devem ser respeitadas, porque a ancestralidade conceitual, é que traz a força necessária para sustentar os conhecimentos para que eles avancem ao longo do tempo.

Assim como, são os pais e os filhos. Os que precedem são maiores (em força) aos que sucedem, que são menores (em força). A vida, portanto, tem uma fonte e uma ordenação.



Capítulo 8

BERT HELLINGER: A VISÃO HELLINGERIANA APLICADA À MEDICINA VETERINÁRIA

Carla Soares

A Visão Sistêmica contemporânea, através de uma estruturação de pensamento com base nas Constelações Sistêmicas Familiares foram desenvolvidas pelo Alemão Bert Hellinger.

Bert Hellinger (Anton Suitbert Hellinger) nasceu Leimen na Alemanha em 18 de dezembro de 1925, e, faleceu em 19 de setembro de 2019. Teve uma história transdisciplinar de formação, passando pela Filosofia, pela Teologia, Pedagogia, Psicoterapia, sendo um grande peregrino na África do Sul aonde estabeleceu vínculos de vida e estudos como Missionário. Complementou sua formação com Gestalt, Psicanálise e Hipnoterapia, e todo esse curso de vida, o permitiu uma estruturação importantíssima das bases relacionais e do desenvolvimento humano, pautados numa ordenação profundamente amorosa e de uma realidade, muitas vezes negada (excluída) e que não conseguimos perceber.

A Visão Sistêmica Hellingeriana, baseia-se primariamente nas relações humanas, sobretudo, dentro do sistema primário, que é o familiar, e através dos movimentos de alma dos seus representantes, que, se desestruturam,

quando interrompem parcialmente, e/ou, totalmente, o fluxo do amor, através da desordenação de Leis que precedem ao amor.

Bert Hellinger entende que o amor, é como a água dentro de um vaso de barro, e, as ordens (leis), são a ordenação deste fluxo, dando contorno e limites a esse amor. Com isso, desenvolveu centenas de trabalhos e livros escritos, e que aqui, de forma simplista, seus principais conceitos são adaptados ao Sistema Veterinário.

As Ordens do Amor (2007) e Constelações Familiares: O Reconhecimento das Ordens do Amor, ambos de autoria de Bert Hellinger, são conteúdos preliminares e básicos da compreensão da Psicoterapia Sistêmica.

Bert Hellinger entendeu que os Sistemas Familiares, estão submetidos à este amor que liga, e, conecta as pessoas vivas e mortas, de forma inconsciente/consciente.

Quando aplicamos esse entendimento para as famílias multiespécies, observamos que, quando esse amor é mal direcionado aos animais não-humanos, podemos detectar comportamentos, formas de adoecimento e padrões similares aos laços invisíveis que os conectam dentro de um sistema.

Para haver um balanço (equilíbrio sistêmico), o sistema buscará algo/alguém para representar o todo, fazendo pertencer os excluídos (ainda que de forma inconsciente). Buscamos incluir todas as “*peças das engrenagens de um sistema*”. Estas “peças”, podem ser, seres humanos, animais não-humanos, plantas, minerais, memórias, lembranças, objetos, dentre outros. Pertencimento, é, então, a primeira ordenação do fluxo da amorosidade.

Para compreendermos as Leis Sistêmicas de Bert Hellinger aplicadas na Medicina Veterinária, precisamos buscar respostas, como:

E os animais? A quem pertencem? Aos tutores? A quem eles escolhem? Ao reino Animal? A sua matilha de origem? A quem os animais domésticos são leais? Será que eles possuem conflitos emocionais e espirituais ao conviverem a um sistema não original sob o ponto de vista genético?

Quem têm precedência no planeta? Como ordenar um sistema multiespécies?

Existe lealdade não-consanguínea?

Essas são questões sistêmicas, que devemos observar com muita calma, e, sem quaisquer possibilidades de julgamento, pois o assunto é contemporâneo, complexo, e, qualquer definição cartesiana, pode ser equivocada. Talvez, neste momento, possamos compreender caso a caso, através do que os campos de constelação de cada sistema apresentam.

Para Bert Hellinger, o não pertencimento (as exclusões), geram padrões de repetição inconscientes por lealdade ao sistema, que perduram de forma transgeracional, até que, sejam vistas, incluídas e ressignificadas.

Mas, e os animais seriam leais ao não-gene? Como eles compreendem quem somos para eles?

E, porque, nas constelações notamos que os animais não-humanos se alinham e bioindicam também as exclusões e outras questões do sistema?

Como a epigenética e a ressonância mórfica, atuariam nestes processos de conexão entre espécies?

Estes questionamentos são profundamente epistemológicos do ponto de vista de uma partida para um caminho de buscas e pesquisas no campo da Medicina Veterinária Sistêmica.

Mas, o fato é, que, os fenômenos comportamentais, não instintivos como proposto nos trabalhos do etólogo Konrad Lorenz, podem ser, notadamente, detectados e percebidos nos campos das constelações.

Por que os animais não-humanos quando inseridos em um sistema humano, se submetem a estas forças?

E, porque se alinham com as exclusões, ou, com indivíduos mais sensíveis do sistema familiar?

Quando há exclusões, segundo Bert Hellinger, já há desordem no sistema, devido aos “gaps” que atraem uma representação para a parte excluída. Em geral, são ocupados por doenças e/ou representantes, que de fato, não pertencem ao lugar, como vícios, animais e toda a sorte de preenchimentos.

Quando o binômio PERTECIMENTO-EXCLUSÃO, são identificados no campo, é muito importante, identificar a Ordem e a Hierarquia do sistema. Em geral, também, identificamos que os animais são cooptados a lugares que não são de fato, os lugares ao qual pertencem. O fato de um animal estar inserido numa família, não quer dizer que ele ocupa seu lugar de força.

A ordenação sistêmica dos animais humanos, são diferentes da ordenação de um animal não-humano. Observemos, por exemplo, uma alcatéia ou um grupo de primatas não-humanos. A ordem e a hierarquia se apresentam biologicamente diferente da Ordem e Hierarquia dos seres humanos.

Como compreender esses aspectos biológicos dentro de uma família multiespécies?

Quando animais gregários são inseridos em família humanas, há uma tendência deles buscarem “ocupar uma ordem/hierarquia” com seus tutores, o que não seria possível, devido aos cuidados despendidos por quem cuida. Entretanto, quando temos em um sistema multiespécie, mais de um indivíduo animal ou até espécies diferentes, pode acontecer um arranjo secundário de ordem/hierarquia, que fique funcional e acoplado ao sistema familiar humano.

E os animais possuem ordem sistêmica junto às famílias humanas?

Estamos falando de uma ordem evolutiva linear de condição de inteligência e consciencial. Ou, de uma ordem relacionada apenas tutor-tutelado?

Os animais por serem tutelados por humanos, são inferiores de forma subjugada? Ou são seres extraordinários, porém, dependentes de cuidados?

Mas, se por esse ponto de vista podemos entender que dependência é ser menor, então, quando cuidamos de nossos pais envelhecidos, eles passam a ser menores?

“Tutela, não é sinônimo de superioridade, é, apenas, uma responsabilidade despendida com o outro”.

Carla Soares

Esses questionamentos, devem ser profundamente estudados, observados, discutidos, e, fortemente, esclarecidos para os promissores Médicos Veterinários Sistêmicos e Terapeutas de Animais.

Sim, os animais precisam ser colocados sistemicamente numa condição de cuidado e tutela no sistema humano, mas, sem inferioriza-los e/ou subjuga-los.

Animais com comportamentos agressivos e dominadores devem ser educados e realinhados através de uma profunda pesquisa sistêmica, do “porquê”, ele exerce força e domínio sobre seus tutores.

Desta forma, deve estar muito claro que, eles devem entrar no sistema humano como tutelados, mas, não como filhos humanos do sistema, e sim, como animais conscientes que também possuem seus processos evolutivos relacionados a sua espécie.

As Ordens do Amor segundo Bert Hellinger, são aplicáveis aos animais, contudo, é necessário sim, um conhecimento profundo sobre a biologia e o comportamento de cada uma das espécies. Por exemplo, existem espécies de animais, que os grupos se organizam através de movimentações, aonde os indivíduos mais novos, ocupam funções dos animais que os precedem, aonde os filhos mais velhos cuidam dos irmãos mais novos, e os pais priorizam outras tarefas.

Esse comportamento de “**parentificação**”, pode ser observada em grupos de primatas do novo mundo. Num sistema familiar humano, esse comportamento, poderia trazer peso e frustração.

No caso de Canídeos gregários (porque existem espécies de hábitos mais solitários), algumas alcatéias se organizam de forma que, os doentes, mais fracos e mais velhos, são os que ditam o ritmo do percurso, ficando os mais fortes e mais jovens à retaguarda junto aos indivíduos alfa.

Esses entendimentos intraespecíficos inerentes a biologia de cada espécie, devem ser consideradas pelos Médicos Veterinários Sistêmicos e nas Constelações Familiares, para que, equivocadamente, não apliquem diretamente leis sistêmicas incompatíveis com a natureza de cada espécie. Essas leis, se aplicam sob diferentes efeitos e nuances, quando estamos falando de espécies diferentes dos seres humanos.

Esse ponto deve ser fortemente trabalhado nas constelações e na terapia Sistêmica Veterinária, e, aprimorada, especialmente, em famílias com

mais de um animal, ou quando estes ainda possuem diferentes espécies e origens que coabitem o sistema.

O Médico Veterinário Sistêmico, deve, portanto, buscar investigar as histórias pretéritas de cada animal dentro do sistema, como ele chegou no lugar que se encontra hoje.

Bert Hellinger segue seus estudos e estabelece uma outra ordem do amor não-cego, que é o equilíbrio. Equilíbrio, é um movimento fluídico entre o dar e o tomar, que para perdurar, deve se manter dentro de uma faixa de reciprocidade.

Quem doa demais, subjuga o outro, e, enfraquece a relação. Quem toma demais, se sente incapaz de dar em igual condição.

Bom, esse movimento quando analisado dentro do Sistema Veterinário deve ser definido seus lugares de observação sistêmica:

- » Equilíbrio entre o dar e o tomar das espécies que convivem num sistema familiar;
- » Equilíbrio entre o dar e o tomar na área empresarial (ordem hierárquica de chefes e colaboradores – relacional e financeiro)
- » Equilíbrio entre o dar e o tomar nas instituições de ensino
- » Equilíbrio entre o dar e o tomar entre tutores e médicos veterinários

Esses são alguns pilares que desequilibrados neste movimento, tendem a trazer as desconexões e as rupturas relacionais e os sintomas observados na clínica médica.

Ainda dentro de uma observação sistêmica a uma família multiespécie, é necessário, atentarmos se na relação tutor-tutelados (quando existem mais de 1 animal na família), se está havendo equilíbrio na tutela e no cuidado dos animais, ou se existem, por exemplo, animais que estão recebendo menos alimentos, menos água, menos atenção e menos cuidados.

Quando há um contraponto as Ordens do Amor de Bert Hellinger, as aflições, as inquietações, as segregações, os julgamentos, as exclusões, os conflitos e os adoecimentos podem se tornar crônicos.

Em resumo: As ordens do amor e as leis da ajuda segundo Bert Hellinger, são completamente aplicáveis no Sistema Médico Veterinário. A questão que deve ser considerada, é que, as ordens do amor, varia de

acordo com cada espécie, com cada aspecto biológico ancestral, e cada, família humana.

Desta forma, a abordagem sistêmica na Medicina Veterinária, em nada é simples e superficial.



Capítulo 9

O PSICODRAMA DE JACOB LEVY MORENO: UM CAMINHO PARA A EXPRESSIVIDADE DA ALMA DO MÉDICO VETERINÁRIO

Carla Soares

Jacob Levy Moreno, nasceu em 18 de maio de 1889 na Romênia. Teve uma formação multidisciplinar visionária para a sua época, desenvolvendo trabalhos na medicina, na educação, na dramaturgia, na filosofia, sendo junto com Virginia Satir, referências no desenvolvimento das psicoterapias de grupo.

Psicodrama é uma palavra de origem grega, criada por Moreno, que desenvolveu uma técnica de expressividade e espontaneidade do Ser Humano com fins terapêuticos. O Psicodrama é a alma em ação, nos possibilitando acessar nossa mente inconsciente através da representação de papéis e personagens, e, através da interação consciente com o meio e com as pessoas.

Levy Moreno, desenvolveu seus trabalhos, especialmente, em Viena na Áustria, observando como as brincadeiras espontâneas das crianças, bem como, grupos que representavam as minorias sociais e os refugiados dos campos de concentração, se relacionavam de determinada forma, mostrando

que esses comportamentos espontâneos tinham efeitos terapêuticos nos representantes dos personagens.

Esse olhar aos comportamentos, e, a forma que as pessoas se relacionavam, trouxe para Moreno, diversos *insights* importantes para o Teatro Espontâneo, aonde, tudo acontece com criatividade, improviso e entrega ao momento presente, como forma de catarse e expressão dos conteúdos inconscientes. Todas estas observações, Jacob Levy Moreno deu o nome de Socionomia, que, resumidamente, são as relações humanas dentro de um contexto social.

A representação de personagens e papéis, possibilitam infinitas autor-reflexões, sendo uma importante ferramenta para os Médicos Veterinários Sistêmicos, para que eles possam desenvolver seu autoconhecimento e seus trabalhos em grupo.

Quando, os Médicos Veterinários Sistêmicos, adotam recursos terapêuticos e lúdicos, aonde o tutor, e, ele próprio, conseguem perceber e tomar consciência amplificada de seus atos, pensamentos, emoções e expressões corporais, ele acaba por ser um facilitador de conexões mais reais e profundas. O acesso ao inconsciente do sistema familiar, ao qual o animal está inserido, pode ser viabilizado através da designação de papéis num setting terapêutico, no psicodrama, ou, num campo quântico das constelações.

O Psicodrama e a espontaneidade, são labores diários do Médico Veterinário, que, passa a atuar no campo terapêutico, de forma mais leve, espontânea, validando suas emoções e seu estado de presença, sem excluir seu raciocínio clínico e seu *rapport* com o tutor e a família.

Simplex exercícios, igualmente, possibilitam que o tutor faça uma breve dissociação da mente controladora racional cognitiva, e, se conecte com a mente intuitiva e criativa, trazendo para o ambiente terapêutico informações mais profundas de suas observâncias sistêmicas e/ou relacionadas ao animal/paciente.

Para Jacob Levy Moreno, a criatividade vem junto com a espontaneidade, estimulando *brainstorms* e profundos *insights* na consciência.

Os resultados positivos do Psicodrama, podem ser utilizados pelos Médicos Veterinários Sistêmicos em consultórios, atendimentos individuais, em grupo e no âmbito organizacional.

O Sociodrama (movimento e ação de um grupo), foi desenvolvido por Jacob Levy Moreno, para que os personagens pudessem interagir dentro de um contexto sociodinâmico.

Mas, o que isso trás de benefícios?

A resignificação de nossos comportamentos e emoções em relação a uma situação/personagem, possibilitando uma tomada de consciência de suas ações perante algo (situação) ou alguém.

Para Moreno, a espontaneidade estimula terapeuticamente uma consciência de resiliência e plasticidade mental e comportamental através de respostas naturais que partem de um estado de presença, chamada por ele de Teatro Terapêutico.

Nas Constelações Sistêmicas Veterinárias, igualmente, empregamos o termo “Representação”, para as pessoas que participam de uma situação terapêutica, e que, são convidadas a representarem personagens da história de vida de um constelado (tutor). Embora a representação de um personagem seja um pouco diferente do mecanismo de representação de um papel numa constelação, ambos, trazem informações do inconsciente e trazem autopercepção.

Tele x Empatia

Tele, é o que entendemos como reciprocidade entre as partes envolvidas numa relação. E empatia é a capacidade de nos colocarmos no local do outro sem a necessidade de reciprocidade.

O Programa de Formação em Medicina Veterinária Sistêmica no Brasil e no Exterior, adotou o Psicodrama com um dos caminhos para o desenvolvimento da espontaneidade e expressividade do Médico Veterinário, ajudando-o a ter mais contato com suas dores, seu inconsciente, permitindo assim, que ele se fortaleça em suas relações humanas, com verdadeiras conexões e em condições iguais de existência.



Capítulo 10

A HIPNOSE DE MILTON ERIKSSON COMO MODELO TERAPÊUTICO COMPLEMENTAR PARA AS PRÁTICAS SISTÊMICAS DE RAPPORT, E, ACESSO À MENTE INCONSCIENTE NA MEDICINA VETERINÁRIA SISTÊMICA

Carla Soares

Uma das grandes dificuldades dos Médicos Veterinários Sistêmicos, é estabelecer uma conexão com um animal da espécie humana. Quando falamos desta conexão, não estamos falando do preenchimento de uma ficha cadastral, de um prontuário, ou, da aplicação de um modelo de investigação da doença clínica do paciente animal não-humano (anamnese), muito menos das ligações desconectadas, que deferimos aos outros para saber de nossos pacientes pós-consulta.

Estamos falando do aprofundamento verdadeiro das relações humanas. É o modo perceptivo e sensorial, que nos coloca num cenário, e em nossa autoconsciência sobre o estado mais verdadeiro possível num atendimento.

Podemos sim, sentir por empatia, as dores do outro. **O que causa no Sistema Médico Veterinário é fingir essa compaixão.** Mas,

quando essa conexão, é verdadeira, buscamos lastro e força em nossa capacidade de evoluir.

Como podemos nos colocar num lugar de ouvintes passivos e conscientes, sentindo, em nosso coração, os movimentos que levaram àquela família ao nosso encontro?

O estado de autoconsciência, é, sem dúvidas o primeiro passo.

Contudo, trazer o tutor para um estado de harmonia e entrega numa consulta, para que as informações sistêmicas possam submergir e ultrapassarem as barreiras dos mecanismos de defesa do ego, são condutas de base do profissional sistêmico. Esse caminho de conexão, é feito através do olhar, da respiração e, através da colocação gentil de um estado alterado de consciência do outro, conduzindo-o à um estado de mais calma, abertura, confiança e consciência.

Colocar o tutor ou/e os representantes num estado meditativo, é uma conduta terapêutica indicada para atendimentos aonde as famílias buscam o entendimento complementar através das constelações sistêmicas.

A utilização da Hipnose Erikssoniana, é aqui recomendada em alguns casos, pois além de induzirmos o tutor/constelando ao contato com os conteúdos de seu inconsciente, trazemos os mesmos para um lugar de mais harmonia, conexão, gentileza, confiança e entrega.

Milton Hyland Eriksson, nasceu nos Estados Unidos da América, em 1901. Formou-se em Medicina e desenvolveu-se dentro da psiquiatria sistêmica através de uma técnica sutil, amorosa de psicoterapia através da hipnose.

Foi fundador da Sociedade Americana de Hipnose Clínica. Filho de agricultores. Milton Eriksson adquiriu uma poliomielite que o paralisou de forma muito profunda, e, por passar muitos anos sem conseguir se movimentar fisicamente, Eriksson, passou a observar a expressão corporal das pessoas e como elas se expressavam.

Ao perceber detalhes de expressividade corporal, Milton Eriksson começou a focar seus estudos de medicina, nos detalhes de informação que o corpo passava através de alterações muito sutis da temperatura corporal, da entonação da voz, dos movimentos dos olhos, das expressões faciais.

Desenvolveu uma capacidade de controlar suas dores crônicas através da própria indução ao transe, e, pelos grandes resultados, sua abordagem se tornou conhecida como Hipnose Erikssoniana.

Milton Eriksson estruturou a abordagem, mas não desenvolveu uma metodologia protocolar, muito pelo contrário, ele defendeu a individualização hipnótica, devendo, cada um, desenvolver-se com bases em induções fenomenológicas e individualizadas, sendo a espontaneidade, a base de seu trabalho.

O transe, é acima de tudo, um estado meditativo de relaxamento, e, não algo aonde a pessoa perde o controle e se desconecta da realidade totalmente. A busca de Milton Eriksson era acima de tudo, desenvolver um *rapport* (uma conexão mais profunda) entre médico-paciente.

Seu trabalho está baseado na sugestão sutil e na habilidade do paciente/cliente adentrar em seus próprios entendimentos, permitindo que suas sugestões gerem uma ressignificação de traumas e memórias.

Uma das técnicas que apresentamos no Programa de Formação em Medicina Veterinária Sistêmica, é, a Hipnose Erikssoniana, aonde o Médico Veterinário em formação sistêmica, poderá se conectar com o tutor de uma forma mais profunda e amorosa durante a anamnese de um atendimento clínico sistêmico individual, ou mesmo, em uma Constelação Veterinária em grupo, permitindo, então, a entrega e o acolhimento em reciprocidade.

Podemos de uma forma muito simplista, dizer que a abordagem Erikssoniana, é um instrumento de facilitação da comunicação. É uma abertura de canal e de acesso à mente inconsciente. A linguagem da hipnose Erikssoniana não é impositiva, e, sim, metafórica, trazendo para a percepção do sentir e não do pensar.

O bom Médico Veterinário Sistêmico, utiliza a linguagem Erikssoniana de forma empática, ou seja, ele se autoconhece com um certo nível de profundidade, ele caminha em direção ao lugar do outro (cliente/tutor), e, vive junto com o outro a experiência, e após o atendimento, ele retorna ao seu lugar.

Para esse movimento de expansão consciencial e perceptiva, é necessário que o Constelador Veterinário, saiba qual o seu lugar, para que somente desta forma, ele tenha condições de vivenciar o lugar do outro, e depois, retornar ao seu lugar.

A comunicação do Médico Veterinário Sistêmico, deve ser amorosa e positiva, sempre fazendo o tutor refletir e tomar consciência do que ele está acessando.

O Constelador Veterinário, percebe o lugar do outro por empatia, sendo um conduíte para guia-lo através de sua própria realidade, buscando distrair a mente consciente, e, facilitando o acesso a mente inconsciente através de uma linguagem metafórica, compassiva, quase silenciosa e amorosa.

Para o Constelador Veterinário saber se o tutor se conectou com esse movimento, ele precisa perceber se há comportamento ou fala de atemporalidade, se há, regressão de idade, se há, lembranças de experiências pretéritas, ou se há, relaxamento com ou sem estado de catalepsia.

Os objetivos na abordagem Erickssoniana na Medicina Veterinária Sistêmica são:

- » Promover e facilitar uma melhor conexão (rapport) médico/tutor, constelador/constelando;
- » Facilitar o acesso à mente inconsciente e diminuir a ação da mente cognitiva racional, trazendo o tutor para um outro nível de percepção de sua própria realidade;
- » Facilitar uma postura de entrega e relaxamento, para que as emoções possam ser acessadas;
- » Facilitar que o tutor/constelando, acesse as informações das memórias para que ele ressignifique e transforme sua realidade;
- » Criar entre médico veterinário e tutor, uma relação de mútua confiança e vulnerabilidade, permitindo que ambas as almas se toquem e se percebam.

Essa abordagem pode preceder os atendimentos sistêmicos individualizados ou em grupo, e, devem ser, igualmente, encerrados após os movimentos sistêmicos das constelações.



Capítulo 11

EDMUND GUSTAV ALBRECHT HUSSERL E MAURICE MERLEAU-PONTY: A CIÊNCIA FENOMENOLÓGICA E A IMPORTÂNCIA DA PERCEPÇÃO NA MEDICINA VETERINÁRIA SISTÊMICA.

Carla Soares

*“A Ciência Fenomenológica, é a observação/percepção,
de algo que se revela”.*

Maurice Merleau-Ponty

Maurice Merleau-Ponty, foi um filósofo que buscou suas bases de estudos na percepção fenomenológica. Nasceu em 14 de março de 1908 na França, e, desenvolveu importantes estudos sobre a percepção, sobretudo, através da percepção corporal como meio de vivenciar e sentir os estímulos e aprender com as informações percebidas na superfície do corpo e nos desencadeamentos neuroquímicos internos advindos da consciência corporal.

Para ele, percepção está relacionada à experiência de nos descobrir através da sensibilização corporal, onde esta conexão interdimensional e existencial tornar-se possível de ser construída.

Entre 1942 e 1945, Maurice Merleau-Ponty publica duas obras: **A Estrutura do Comportamento** e **A Fenomenologia da Percepção**. Em diversos ensaios sobre o existencialismo, Merleau-Ponty conecta a consciência ao corpo biológico, através da percepção.

No trabalho de Daolio, Jocimar; Rigoni, Ana Carolina Capellini & Roble, Odilon José, intitulado *Corporeity: The legacy of Marcel Mauss and Maurice Merleau-Ponty*, publicado em **Posições, Vol. 23 no. 3 – Campinas Set/Dez (2012)**; os apontamentos de Merleau-Ponty são detalhadamente interpretados, aonde encontra-se como ele se confrontou com as teorias de René Descartes. Seus estudos, contradizem as teorias que tornaram a ciência objetivista e a realidade, como sendo, unicamente, uma representação da consciência do observador.

Mas, em suas observâncias fenomenológicas, a consciência é uma parte que foi percebida através da corporeidade, havendo, ainda, grande parte a ser desvendada através da percepção que resgata informações do inconsciente. O corpo, de alguma forma muito forte, é, o “elo” entre o mundo consciente (realidade) e o mundo inconsciente (mistério).

Desta forma, Maurice Merleau-Ponty, defende que não existe observadores absolutos, apenas observadores relativos ao que se percebe. Assim, cada um percebe de uma forma, e, portanto, cada vive a sua realidade que é apenas percebida. Essa individualização, tem, portanto, uma conotação fenomenológica, pois é relativa e amplamente subjetiva e variável.

*“O corpo é o local da experiência com
o outro e com o mundo”
Fenomenologia da Percepção (1945)*

Merleau-Ponty.

Mesmo os estudos de Merleau-Ponty trazendo a perspectiva da importância do corpo para o exercício da consciência, suas análises e buscas eram sobre a essência e a consciência.

Se trouxermos esses conhecimentos para o Sistema Médico Veterinário, precisamos aprofundar nossas habilidades de consciência de vida, através da

presença consciente que deve ser desenvolvida com igual teor nas instituições de ensino, através das artes, da filosofia e das práticas de autocuidado que nos trazem a percepção de presença e existência através do corpo.

Mais ainda, esses conhecimentos nos fazem refletir sobre a essência e a espiritualidade dos animais, que, igualmente, possuem suas experiências conscienciais e de essência através do aparato biológico que possuem.

Neste aspecto, não conseguimos segregar cientificamente as consciências e seus “níveis”, mas podemos, apenas, compreender que o papel de cada espécie pode ser igualmente, percebida através da variabilidade genética da biodiversidade corporal que temos no Reino Animal.

Será então que a “minha” consciência individualizada, ocupando um corpo biológico diferente do meu, traria outras percepções e habilidades?

Será então, que a percepção através do corpo, concretiza a realidade para o observador?

Todo esse questionamento filosófico e fenomenológico, tem espaço para desenvolver-se no Sistema Veterinário, numa verdadeira tomada de consciência do que precisamos perceber e sentir, nos campos quânticos das constelações.

Mais ainda, o conteúdo prático da percepção fenomenológica, deve ser exercício laboral diário do Médico Veterinário Sistêmico, pois, é inadmissível, que neste nível de trabalho, o profissional se coloque a serviço sem noção de sua percepção emocional e corporal.

Antecedendo Maurice Merleau-Ponty, nasce na Alemanha em 8 de Abril de 1859, o Pai da Fenomenologia, Edmund Gustav Albrecht Husserl.

Husserl buscou seus estudos distante da ciência reta e cartesiana, trazendo pensamentos que se pautavam no idealismo, no empirismo, na introspecção, na simbologia, na intencionalidade da consciência e nas bases transcendentais.

Sua proposta fenomenológica, é que as observações aos “objetos-realidade” partam da forma como nos colocamos em direção intencional à eles, ou seja, o externo observado, passa a ser um aglomerado de

percepções que nos permitem nos relacionar com o “objeto-realidade”. A materialidade da realidade não é excluída pela Ciência Fenomenológica, mas, a essência de cada frame, passa a ser relativizada a partir dos aspectos fenomenológicos da percepção individual.

Desta forma, o Médico Veterinário Sistêmico, primariamente tem a consciência que, num campo quântico de constelação, haverão infinitas respostas e interpretações frente a realidade multidimensional que se apresenta, e, portanto, qualquer forma-pensamento de enquadramento, conselho, preconização e julgamento, devem ser prontamente descartadas na Ciência Fenomenológica.

Um Constelador Veterinário, quando pergunta ao constelando (tutor):

“O que você sente aqui?”

O que você sente quando coloco este representante no campo?”

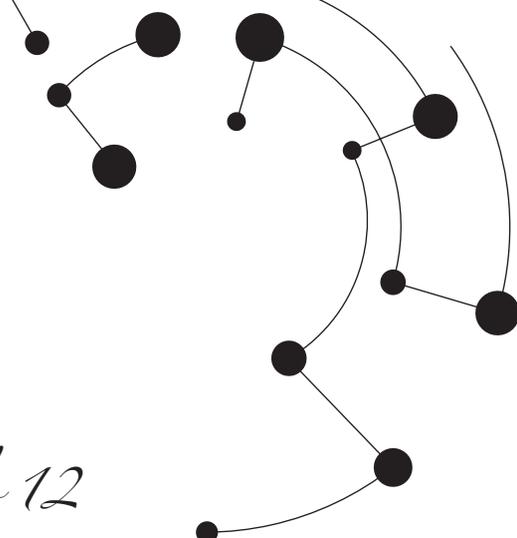
O que você sente quando olha para a disposição dos representantes no campo?”

O que você sente quando você olha para seu animal?”

Ele está conduzindo seu cliente, à tomada de consciência, através da percepção do corpo, das emoções e dos sentimentos do cliente. A consciência passa a ter uma repercussão celular e neuroquímica.

Buscando, igual fidedignidade à realidade dos campos de constelação, quando há a presença dos animais, há a necessidade da interpretação dos comportamentos e das emoções dos animais, que são interpretados no corpo deles e/ou de seus representantes. A forma de expressão corporal do animal está ligada a percepção sistêmica que ele tem no momento da constelação.

Este trabalho sistêmico fenomenológico e perceptivo, exige do profissional e do seu cliente, um profundo trabalho corporal. A relação deve começar, consigo próprio: o corpo.



Capítulo 12

BIODIVERSIDADE E O CONCEITO DE BIOINDICADORES: AS BASES DA ECOLOGIA APLICADAS À MEDICINA VETERINÁRIA SISTÊMICA

“Talvez, essa coexistência sistêmica familiar, explique porque, muitas vezes, o padrão de adoecimento do animal diz respeito a um padrão de adoecimento dos humanos do sistema.

Talvez por essa razão, os animais, fisicamente, possam se parecer com os seres humanos eleitos por eles como tutores. E, mais ainda, talvez, isso explique, porque muitos tratamentos se prolongam sem resultados efetivos, pois, as limitações podem não estar na capacidade imunoresponsiva dos animais (pacientes), mas sim, nas bases de crenças, limitações e dedicação do sistema familiar humano, no qual estão profundamente conectados.

Talvez, os animais bioindiquem a necessidade de apontar para informações de seu próprio sistema ancestral de origem, e, nada tenham haver com os humanos no qual eles convivam.

E, talvez, um Ser Humano, possa ser também, um bioindicador ideal, para que os animais possam se harmonizar

dentro de seus próprios padrões evolutivos e existências.

Todos estão a serviços de todos. Todos estão a serviço do sistema e da vida, e mais ainda, todos estão sob a força do mistério, que a vida é em si”.

Carla Soares

A Medicina Veterinária tem uma particularidade que ultrapassa a Medicina Humana. Ela é, também, em sua manifestação laboral, a simples inclusão de mais de 1,5 milhões de espécies visíveis e invisíveis já catalogadas. Um belo convite para explorarmos todos os potenciais relacionais que temos com a nossa própria espécie, e, com todas as demais espécies e elementos abióticos, mas que possuem, seus campos mórficos.

Biodiversidade ou **Diversidade Biológica**, é a variabilidade genética, epigenética e estrutural do planeta. Quando falamos de biodiversidade, falamos de organismos vivos dentro de um contexto ambiental, comportamental, relacional, cultural, econômico e físico. Desta forma, as regiões, ecossistemas, habitats, microhabitats, igualmente, compõe o que entendemos como biodiversidade.

Até o ano de 2019, a Ciência reconhecia a possibilidade da existência de cerca de 50 milhões de diferentes espécies vivas ou que já viveram no planeta.

A forma como as 1,5 milhões de diferentes espécies catalogadas, se relacionam no espaço-tempo, com suas populações e diversas leis e forças, que as mantêm conectadas em processos de ordem e hierarquia e memórias, é que deve ser fato, a ser lembrado pelos Médicos Veterinários Sistêmicos, sobretudo, durante as constelações.

A base filosófica da Visão Sistêmica e da Teoria Geral dos Sistemas, nos permitem perceber que estamos correlacionados a um contexto vasto e rico em biodiversidade. E por assim ser, estudamos sistemas de alta complexidade biológica, com indivíduos de diferentes espécies, com diferenças em suas histórias, em suas vivências, e, em seus campos de memória.

Para que possamos compreender melhor sobre a Biodiversidade global, cabe aqui, compreendermos que os animais, evolutivamente, possuem

uma **PREDECEDÊNCIA** em relação à espécie humana. Por esta perspectiva, cabe-nos, minimamente, o respeito e a honra a eles.

Se nossa soberba para compreendermos a precedência e a ordem na nossa relação com os animais, *per si*, ainda não for possível, vamos então para o que a Paleontologia, a Arqueologia e os estudos Filogenéticos apontam:

A cerca de 540 milhões de anos atrás, os animais mais complexos (pluricelulares) começaram a existir. Esse período é conhecido na paleontologia, como “Explosão Cambriana”. Dados moleculares, apontam que o *Urmetazoan*, é o animal mais antigo já registrado no planeta.

Durante toda a “Explosão Cambriana”, houve o surgimento de muitas espécies de invertebrados e vertebrados, e, alguns indícios apontam que todo esse movimento da vida no planeta, foi impulsionado pela produção de oxigênio pelas bactérias e pela fotossíntese das plantas (King, *et al.* 2008).

Estudos arqueológicos, também, apontam que o primeiro hominídeo surgiu a 4,2 – 3,9 milhões de anos atrás, sendo do gênero *Australopithecus*, ou seja, surgiu no planeta muito tempo depois dos animais. Passada diversos surgimentos evolutivos da espécie humana, chegamos, no homem atual, contextualizado, com capacidade cognitiva e de formulação de pensamentos, o *Homo sapiens sapiens*, que surge, muito recentemente, a 120 mil anos atrás, quando os animais já existiam na terra.



Antes de compreendermos o termo **Bioindicador** na Medicina Veterinária Sistêmica, é necessário, compreendermos que os sistemas movimentam forças ancestrais muito profundas na vida dos animais, e que muitas situações da relação humano e não-humano, impelem a eles (os animais), situações de traumas, domesticações, manejos inadequados e abusos que remetem os animais à questões unicamente individuais, que podem não ter ressonância com o sistema familiar ao qual eles estão inseridos, mas sim com a história pretérita deles.

Da mesma forma, questões humanas, podem não ter nenhuma correlação com os animais do sistema familiar. Essa observação é de grande valia, para que possamos compreender melhor o conceito de **Bioindicadores**.

A base filogenética das espécies domésticas, tem uma forte conexão com seus ancestrais naturais (a força deles remota 540 milhões de anos atrás), com habitats remotos e distantes, e, são essas memórias que quando excluídas da condição “domesticada” dos animais que conosco convivem, e que, atendemos como “pacientes”, é o que muitas vezes, os fazem adoecer e se desequilibrar de forma não correlacionada ao sistema familiar humano. Quando animais ancestralmente gregários, como os lobos e os cavalos selvagens, por exemplo, passam através da domesticação a viverem solitariamente, esse, *per si*, já é um ponto a ser trabalhado pelo Médico Veterinário Sistêmico.

Um outro exemplo é: quando animais de hábitos mais solitários, como alguns felídeos, passam a viver de forma comunitária e disfuncional. Ou, quando animais, que ancestralmente, apresentam a monogamia como condição evolutiva-reprodutiva, e, são colocados em gaiolas superlotadas, sendo os casais separados e trocados de forma descriteriosa.

Todas essas disrupturas da condição ancestral e biológica dos animais, trazem questões muito profundas a eles próprios, devendo estas, e, muitas outras situações traumáticas, serem considerados em uma abordagem sistêmica e numa constelação.

Desta forma, é notória, a necessidade do Médico Veterinário Sistêmico compreender as bases da ecologia e da biodiversidade, internalizando de uma vez, que a força de um sistema, é movido pela importância funcional-hierárquica de **precedência** de cada indivíduo, de cada elemento e de cada contexto e condição das diversas realidades ao qual está conectado.

A exclusão de uma espécie por extinção, dentro de um ecossistema por exemplo, pode trazer resultados catastróficos. Mais ainda, o conhecimento da ecologia sistêmica, nos mostra que muitas espécies de animais e plantas, bioindicam o equilíbrio de um determinado sistema.

Assim, podemos primeiramente, conceituar o que é um bioindicador na biologia, para depois, podermos compreender o que são os **bioindicadores sistêmicos**.

Na ecologia, os **indicadores biológicos ou bioindicadores**, são os seres vivos que indicam a qualidade ambiental, e, por serem altamente sensíveis às pequenas variações climáticas e microambientais, eles são os primeiros a desaparecerem e/ou se proliferarem desordenadamente.

Os bioindicadores na ecologia, são as espécies vivas, que indicam a qualidade ambiental, porque essas espécies, não são resilientes às mudanças abióticas e bióticas do sistema. Dentro de um hábitat ou dentro de um ecossistema, algumas espécies são altamente resilientes e resistentes, e outras espécies, são altamente sensíveis à qualidade original do ambiente, sendo estas últimas, as espécies consideradas mais propensas, a serem consideradas as bioindicadoras.

Bioindicadores ecológicos, são espécies de animais, plantas ou populações mistas, que indicam a “qualidade” de um sistema em seu aspecto biótico e abiótico. E, dependendo do posicionamento trófico em que este bioindicador se encontra, toda a estruturação alimentar pode ser impactada, se este for removido ou sofrer interferências drásticas em suas populações.

Apesar de algumas espécies serem mais propensas a bioindicar, dentro de um sistema, todos os indivíduos e espécies podem representar as disfuncionalidades e/ou, as alterações qualiquantitativas e evolutivas de um ecossistema.

Quando entendemos esse conceito dentro da biologia, podemos trazê-lo e adaptá-lo à Medicina Veterinária Sistêmica.

O termo **Bioindicadores Sistêmicos**, aplicado na Medicina Veterinária, foi desenvolvido pelo Programa de Formação em Medicina Veterinária Sistêmica, através da minha própria formação na área da Biologia e dos meus estudos *in situ* do Comportamento Animal, quando compreendi, que a base e o mecanismo funcional poderia ser o mesmo. Contudo, eles diferem em seus modelos originais, pois aqui, neste trabalho, há através dos bioindicadores, a visibilidade e compreensão de algo que estava oculto no campo de informações de um determinado sistema.

Quando analisamos essas variáveis, observamos que dentro dos sistemas, existem indivíduos mais propensos a nos **bioindicar** algo que esteja oculto.

O oculto é o que está no inconsciente do campo sistêmico, e, que é revelado através dos movimentos de alma dos indivíduos que os compõe. Estar oculto, não, necessariamente, é estar excluído. **O oculto pode ser uma exclusão ou não.**

Ou seja: **Os bioindicadores, trazem à luz questões inconscientes que direcionam, e, incluem informações e/ou pessoas e animais que precisam ser trazidos à mente consciente para a sobrevivência do TODO.**

Portanto, **não é regra que os animais estejam em exclusões**, e que, seus sintomas sejam espelhos do sistema. Muitas vezes, os animais entram dentro dos sistemas familiares como um caminho de solução e de transformação positiva, e cada caso, deve, portanto, ser analisado particularmente.

Para compreendermos os papéis dos indivíduos dentro de um sistema, através da ordem e da hierarquia, e, do contexto, podemos encontrar um ou mais Seres, que bioindicam uma questão. Portanto, o binômio tutor-tutelado, pode ser o bioindicador, e, não só um, ou, o outro.

Esse papel, pode ser assumido por animais humanos ou não humanos de um sistema familiar multiespécie. E, pode indicar pontos positivos e negativos do sistema, e, mais ainda, bioindicar soluções e caminhos para a sobrevivência, direcionamento ou busca pela sintropia (harmonização) de um determinado sistema.

Os bioindicadores sistêmicos, apontam para os pontos ocultos do sistema que necessitam ser reintegrados ao campo, e, por esse motivo, eles beneficiam a todos, beneficiam ao sistema, e, não, aos indivíduos isoladamente.

Desta forma, seria **absurdamente equivocado**, colocarmos os animais não-humanos apenas com a missão de nos bioindicar nossos problemas, nossas doenças e nossos dilemas existências, ainda que, por ressonância, esses sintomas, possam espelhados por eles. Vale ressaltar também, que ser bioindicador em um contexto, não é um cargo, peso ou trabalho.

É, apenas, uma representação dinâmica dentro de um sistema, que pode apontar para algo que necessite ser transformado ou reintegrado. Portanto, a polaridade de bioindicar algo positivo ou negativo, não é a questão.

A questão é o que será feito após a informação ser acessada?

Desta forma, estigmatizar os animais subservientes que se colocam no lugar dos excluídos, seria uma irresponsabilidade, e uma subestimação da mais alta capacidade existencial dos animais.

Quando observamos um animal dentro de um sistema familiar, ele pode bioindicar a necessidade de mudanças profundamente lindas para **todos** que pertencem (vivos e mortos), trazendo, a capacidade de alterações ambientais e cognitivas que abastecem o campo morfogenético e evolutivo do sistema familiar.

Da mesma forma, um Ser Humano, pode representar esse bioindicador, e, o animal não apresentar sintomas, mas, o Ser Humano, pode ser unicamente o modulador das questões ocultas do sistema familiar, e assim, e, da mesma forma, infringir mudanças epigenéticas e morfogenéticas no campo mental, emocional e espiritual dos animais.

Portanto, os bioindicadores de um sistema, podem ser qualquer Ser Vivo que coexista em um determinado sistema, ainda que, estes sejam, microscópicos, como os vírus, os protozoários, as bactérias e outros. Todos esses, também, são seres biológicos que podem estar a serviço da evolução de um sistema.

Nas Constelações Veterinárias, quando os animais se apresentam como bioindicadores, eles o fazem como uma condição momentânea, e, não, como um propósito exclusivo de sua existência. Pois, não há possibilidades cartesianas e lineares para o funcionamento, para a flutuação e para as dinâmicas de um sistema aberta.

O bioindicador de hoje, pode não ser o bioindicador de amanhã, e vice-versa. Todos os indivíduos se revezam em suas representações, ordens, lugares, funções e existências, e, caminham de forma individual e coletiva dentro do campo individual e coletivo. Devemos lembrar que, as doenças e as mortes desequilibram, e que, as compensações são dinâmicas, e podem vir através dos animais ou não.

Quando constelamos um espécime de *Canis familiares*, devemos em nossa conduta como consteladores, lembrar a origem ancestral desta espécie. A forma como vivem nas florestas, savanas, ou, em ambientes nevados ou encostas de pedras.

Como vivem as matilhas e as alcatéias? Como são, seus padrões de comportamentos, hábitos, alimentação e memórias que os ancestrais

filogenéticos, impactam nas gerações geneticamente criadas e modificadas? As raças de cães, carregam essas ligações invisíveis e de memória de seus ancestrais mais remotos.

De alguma forma, a lealdade à estes ecossistemas e ancestrais, serão honrados. De alguma forma, os animais farão *jus* ao seu gene ancestral.

Por exemplo, o fato da espécie humana evoluir hoje com alta tecnologia, não quer dizer que, estaremos buscando voltar para os tempos ancestrais da caverna, mas que nossa ligação com a essência (alma), nunca se romperá, e por esse motivo, de uma forma ou de outra, buscamos nos conectar com o fogo, o ar, a água, a terra, o éter (vazio quântico e nossa origem cósmica).

As memórias filogenéticas e transgeracionais, serão mais cedo ou mais tarde, **expostas**. Quando falamos destas memórias ancestrais, não estamos falando da interrupção aos processos naturais e evolutivos, mas sim, da ligação que a espécie humana e, que, todas as demais espécies, têm com a essência de sua origem natural.

Portanto, um Constelador Veterinário, não deve se autoinduzir num campo, e, sim, observar e lembrar, que muitas vezes, o animal constelado pode estar trazendo questões **unicamente** dele, e não, do sistema humano. É, comum que, durante enfermidades e durante o processo de morte do animal, seja necessário, reestabelecer essa conexão com a força ancestral de nossos pacientes.

Assim, não podemos esquecer como Consteladores Veterinários, que estamos lidando com espécies muito diferentes de nós, e que, a subestimação desta condição pelos tutores e por nós, impugnam aos animais não-humanos, nosso desrespeito e subjugação.

Por isso, não devemos ter regras e muitos conceitos em nossa mente, e sim, observar e verificar cada situação através dos movimentos da alma dos animais e das pessoas. Sem que hajam, prévios resultados, dogmas e estigmas. A postura deve ser aberta e ampla, e, sem respostas prontas.

Os bioindicadores para a Medicina Veterinária Sistêmica, trazem a informação oculta à luz da consciência. Esse talvez, seja o principal desempenho e papel sistêmico de um bioindicador.

Animais com muito medo, com ansiedade, com agressividade ou tristeza, podem bioindicar algo correlacionado ao sistema de origem deles

próprios (transgeracionais), e/ou, ao sistema familiar humano ao qual estão magneticamente inseridos por ressonância.

Assim, não é mais possível, que tratemos de forma isolada os animais, pois eles são dependentes em diferentes graus da tutelação de seres humanos, e querendo ou não, absorvem os pontos positivos, mas, também, os pontos negativos do sistema ao qual convivem.

Os bioindicadores de um sistema familiar multiespécie, não possuem uma posição fixa no sistema. Eles possuem flutuações de ordem, de equilíbrio e da forma que pertencem e se inserem ao sistema.

Muitas vezes, quando os animais entram no lugar de “filhos humanos” em um sistema, eles podem bioindicar estes “*gaps*” no sistema pela forma como são tratados, pelos adocimentos e revisitações em consultas clínicas. Mas, mais uma vez: **não é uma regra**, e, não cabe a nós, usarmos o determinismo para delinear a vida e o propósito dos animais no planeta.

Devemos observar que, quando estas famílias incluem crianças humanas no sistema, em geral, os animais são empurrados para outros lugares do sistema, e, igualmente, sofrem seus impactos. O posicionamento sistêmico, é, portanto, como um “tabuleiro de xadrez”. É dinâmico, e, uma única mudança, altera todo o “jogo” e todas as perspectivas.

Assim, o estado psicogeográfico dos animais dentro dos sistemas familiares humanos, flutuam de acordo com as próprias variações sistêmicas da família que estão conectados, como por exemplo: nascimentos, mortes, adoções, migrações, mudanças de ambientes, variações da saúde emocional e espiritual da família, problemas financeiros, etc.

Todos estes detalhes, contextualizados, devem ser observados e correlacionados pelo Médico Veterinário Sistêmico.

Um exemplo: Quando, os tratamentos dos animais tornam-se e prolongados e sem respostas efetivas. Aqui trago, os distúrbios alimentares de animais, que estão inseridos em famílias com obesos ou anoréxicos-bulímicos. Questões assim, devem ser correlacionadas com o campo e sistema familiar.

Um detalhe extremamente importante, é que, em geral, os bioindicadores são os indivíduos mais sensíveis as variações e flutuações sistêmicas. Sensibilidade, aqui, é entendido como uma maior capacidade perceptiva do ambiente.

Em famílias multiespécies com mais de 1 animal não-humano, em geral, um dos animais é mais sensível e outros são mais refratários às variações sistêmicas.

Por sensibilidade, devemos entender que é a capacidade responsiva de perceber as variações sistêmicas, e elas podem se manifestar com emoções e formas de adoecimento quando essa sensibilidade se expressa através do corpo (da matéria), e/ou, do comportamento, da atitude e da postura.

Assim surge a pergunta do médico sistêmico: *o que essa doença está me trazendo? Qual a leitura desta forma de adoecimento? Como posso interpretar em um nível sistêmico estes sinais e estes sintomas?*

Em diversas constelações e estudos com a Professora Fernanda Pereira (Médica Veterinária Sistêmica e Coordenadora do Programa), observamos que algo deve ser esclarecido sobre bioindicadores. Tanto nós, como os animais não humanos, podem estar à serviço de um sistema, e, esta representação pode bioindicar algo muito profundo à sobrevivência do sistema como um todo. Por isso, não devemos enxergar os bioindicadores como algo imposto, pois passa pelo inconsciente do campo, e, tem uma função, para o sistema.

Algo muito bem observado, pelos estudos das Constelações Familiares da Professora Fernanda Pereira, é que, uma parte do oculto e do mistério devem ser preservados.

Os animais e os seres humanos, podem também estar a serviço de algo muito profundo que não será acessado por ninguém. Nesta perspectiva do oculto, Bert Hellinger fala em diversos livros, sobre a existência de uma força maior e soberana, que se manifesta dentro dos sistemas. Um campo de inteligência e força, que movimenta pessoas e animais a mercê de nossas vontades, esforços e conexões.

E sim, uma parte desta força permanecerá oculta e no mistério.

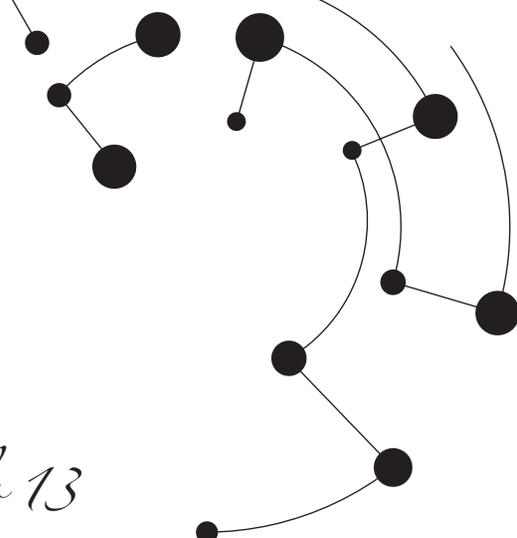
Essa força oculta, misteriosa e imponderável, **é a vida de fato**, e ela é soberana a qualquer vontade existencial de respostas neste planeta.

O Constelador, precisa compreender que existe um lugar de humildade e rendição, reconhecendo, de algum modo, que existe uma força sistêmica e inteligente, que uni e separa cada um de nós, independente das respostas e vontades que temos. Essa força permanecerá oculta, e, é o que chamamos de mistério.

Quando compreendemos que, em todas as relações intra e interespecíficas, há um grau de mistério e força entre as partes, então, compreenderemos que, neste ponto, é aonde, não devemos nem entender, e nem buscar respostas.

Neste ponto, os bioindicadores perdem suas funções e somente o essencial governa, e é a ele, que devemos nos entregar: nós e os nossos irmãos animais.

Por esse motivo, as ordens do amor e da ajuda, possuem uma limitação, pois, nossa interferência deve ir até o limite permitido pelos campos e pelos sistemas, para que, não rompamos com essa fronteira com mistério, e, invertamos nosso prepotente papel de sermos essa força maior, ao invés de, sermos quem somos, sobre os efeitos desta força.



Capítulo 13

A TEORIA GERAL DOS SISTEMAS: UMA BASE PARA A VISÃO SISTÊMICA

Carla Soares

Ludwig von Bertalanffy, nasceu na Áustria, em 19 de setembro de 1901. Foi um biólogo que desenvolveu pesquisas baseadas na Visão Sistêmica, e, se opunha à visão cartesiana da ciência, desenvolvendo importantes trabalhos sobre crescimentos populacionais e sobre o estudo das relações das partes que formam o todo.

Bertalanffy era um crítico sobre o desenvolvimento isolado e dissociado, de áreas como exatas, humanas e saúde. Para ela não há separação. Para Bertalanffy, tudo é visto sob uma perspectiva conectada, correlacionada e sistêmica.

Assim, podemos dizer que Bertalanffy, tinha pensamentos profundamente holísticos e não mecanicistas, e, por esse motivo, acabou por desenvolver umas das maiores teorias sistêmicas, que foi: a **Teoria Geral dos Sistemas**.

Para ele um sistema precisa ter elementos, hierarquia, função definida (papel) e, conexão entre suas partes, para que assim, seja possível um funcionamento. Os sistemas possuem, portanto, uma organização funcional em prol do todo, e não, de suas partes dissociadas.

A partir de 1925, von Bertalanffy desenvolve a Teoria Geral dos Sistemas, mostrando que o holismo e a Ciência Unificada (do todo), eram caminhos correlacionados e conectados, que davam um entendimento filosófico, mas, também, matemático, para compreendermos os sistemas e seus elementos. Aqui, não precisaremos das fórmulas matemáticas de Bertalanffy, sendo, a teoria o suficiente para compreendermos a base do funcionamento dos sistemas.

Parte de suas pesquisas, fortalecem o entendimento sistêmico, que é a relação de todos os elementos bióticos e abióticos que se correlacionam em prol de algo maior. Os sistemas possuem um objetivo funcional, interligando todas as suas partes que se desenvolvem em prol do todo.

A Teoria Geral dos Sistemas, parte de quatro pressupostos fundamentais que podem ser aplicados a qualquer sistema: Entropia, Sintropia, Homeostase e Heterostase.

O Médico Veterinário Sistêmico deve conhecer profundamente estas dinâmicas, pois elas se manifestam, isoladas, ou, de forma mista nos campos sistêmicos familiares e da classe na qual estamos inseridos.

Pressuposto do Fundamento da Entropia

A entropia é uma grandeza que afixa a desordem de um sistema. Quanto mais desorganizado é um sistema, maior é a entropia. Num entendimento da Termodinâmica, os processos naturais do universo estão em entropia crescente, e relacionadas com as temperaturas.

Quanto mais elevada for a temperatura, mais entrópico fica o sistema, quanto mais baixa a temperatura, mais em ordem o sistema fica. Quando trazemos este conceito para a Medicina Veterinária Sistêmica, a entropia tem uma contribuição vantajosa para o sistema, pois sem entropia (desordem), não há possibilidade de mudanças e de se alterar destinos.

Então, sob este aspecto, as desordens familiares nos levam a observar e promover mudanças no sistema. A desordem, busca transformação, e ela é possível através dos conteúdos de inputs e outputs que são trocados do sistema com o meio externo.

A entropia é o que leva as exclusões.

Pressuposto do Fundamento da Sintropia

É a simetria oposta da Entropia. Seus elementos buscam a ordem e o equilíbrio sistêmico. Seus elementos se contrapõe a desordem da Entropia, equilibrando de forma ativa o sistema. A sintropia busca conexão, unificação e reorganização, evitando assim a autodestruição do sistema.

A sintropia atua num nível metasistêmico e metafísico, podendo estar ligado ao inconsciente. Os sinais e os sintomas podem ser considerados fenômenos sintrópicos, que na medicina clássica cartesiana, representam algo ruim para o indivíduo, mas, numa perspectiva sistêmica, os sinais e os sintomas das doenças representam a sintropia sistêmica, buscando a ordem que se perde na Entropia.

É, em suma, a busca pelas inclusões.

Pressuposto do Fundamento da Homeostase

É a capacidade dos elementos vivos correlacionados ao meio abiótico buscarem uma condição estável do sistema. Os sistemas familiares e da medicina veterinária, podem ser considerados sistemas abertos, aonde entram informações do sistema (*inputs*) e saem informações do meio externo (*outputs*).

Estas trocas buscam manter o sistema equilibrado num processo dinâmico e complexo. É o equilíbrio entre o que sai e entra no sistema.

Pressuposto do Fundamento da Heterostase

A heterostase é uma condição de equilíbrio sistêmico após uma condição de desequilíbrio. A heterostase é o que se busca através da abordagem da Medicina Veterinária Sistêmica.

Após uma constelação familiar e alterar o campo quântico da constelação veterinária, o que se busca é um equilíbrio que é sentido pelo observador/ tutor/constelando como uma sensação de apaziguamento, reconciliação, alívio, e desobstrução do fluxo do amor. A heterostase, só é possível quando o sistema passa pelas fases anteriores.

A Teoria Geral dos Sistemas, além de observar os organismos de forma holística e integral, observa ainda, a relação dele com o meio externo e com outros sistemas. Ou seja, é uma visão antirreducionista, e altamente complexa e conectada. A grande maioria dos sistemas, são essencialmente,

aberto. Portanto, eles permitem trocas com outros sistemas, para que ele possa se desenvolver e se equilibrar. Sistemas fechados e de retroalimentação, podem levar ao colapso, pois, não há trocas externas.

Sistemas fechados, são menos propensos à evolução.

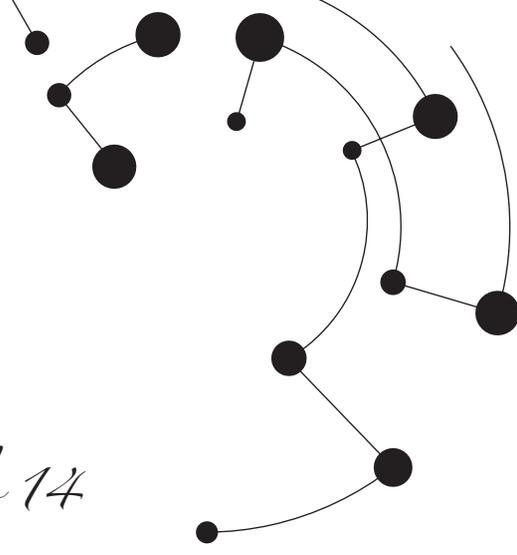
Renato Klein (2020), aborda a Visão Sistêmica, como sendo uma condição imperiosa, pois, todos os seres vivos e não vivos, estão conectados à 1 ou mais sistemas. Não há 100% de isolamento. No trabalho publicado em seu próprio site (renatokleinmentor.blogspot.com), ele relata que todos os sistemas são abertos, e possuem 5 dinâmicas que influenciam a fisiologia dos sistemas:

- » ENTRADA (de informações, estímulos e conteúdos)
- » PROCESSAMENTO (digestão, transformação, compreensão, integração e internalização)
- » SAÍDA (feedback e as trocas)
- » CONTORNO (delimitações, ordem e lugares)
- » ENTROPIA–SINTROPIA–HOMEOTASE–HETEROSTASE

Esses complexos saberes a respeito da Visão Sistêmica, devem ser internalizados, de modo que, a observação dos fenômenos intrínsecos à um sistema, sejam, minimamente orgânicos de serem percebidos e observados.

O Médico Veterinário Sistêmico, deve buscar compreender estas bases, porque, elas igualmente ocorrem nos sistemas de famílias multiespécies, e, dentro do sistema veterinário.

O nosso papel, é ser um facilitador da transposição de cada uma desta fases, compreendendo que a Teoria Geral do Sistema é dinâmica, flutuante e idiossincrática a cada sistêmica, portanto, não é uma ciência protocolar quando aplicada aos seres vivos.



Capítulo 14

MEMÓRIAS TRANSGERACIONAIS E SEUS IMPACTOS NO SISTEMA VETERINÁRIO

Carla Soares

O profundo tema da transgeracionalidade, deve ser abordado, ainda que superficialmente nesta obra, e, aplicado ao Sistema Médico Veterinário sob dois aspectos iniciais e que bastam para este momento.

O primeiro deles, refere-se as questões inerentes ao próprio médico veterinário sistêmico. Ao decidir se tornar um profissional, verdadeiramente sistêmico, é, necessário profundo labor em seu autoconhecimento e autocuidado, e, compreender em si, e em seu próprio sistema familiar de origem, quais são suas heranças psíquicas comportamentais, e quais os seus padrões emocionais que são de fato inserido em seu *mindset* que ocorrem por lealdade e amor-cego aos seus ancestrais.

Quando nos identificamos, sobretudo, de forma inconsciente com a transmissão dessas informações transgeracionais, é de grande observância, se de fato essas informações continuam a ter sentido ao sistema, ou se podem ser ressignificadas, para que não se repitam com tal intensidade ou de fato, desapareçam a partir de si próprio.

A identificação, é uma forma, em grande parte inconsciente, de habilitar o senso de pertencimento, pois gera vínculo. A inocência gera lealdade e boa consciência que fortalecem alguns tipos de vínculos. Esses processos

de identificação subjetiva de informações, podem nos tornar “leais”, mas, não vítimas do modelo sistêmico implantado.

Desta forma, é de suma importância que o Médico Veterinário Sistêmico trabalhe em si, de forma continuada, e, sem ilusões, o desenvolvimento humano em amplitude, abrindo espaço para que novos modelos subjetivos de informações, possam ser autoconquistados e implantados no sistema, para os descendentes e gerações/projetos futuras(os).

Gomes e Zannetti (2009), discorrem que, a Transmissão Psíquica Transgeracional, é conteúdo psíquico subjetivo alientante e não-estruturante, portanto, não-benéfica, para os descendentes diretos. Traumas, sensação de medo e insegurança, aspectos disfuncionais da mente-emoção, são alguns dos exemplos de conteúdos psíquicos brutos que podem ser assim diretamente transmitidos, sem nenhuma autoanálise das gerações transmissoras (antecedentes) e receptoras (descendentes).

Trachtenberg *et al.* (2005), estuda a possibilidade deste conteúdo psíquico bruto, ter uma figuração de “herança”. Ao recebermos uma “herança”, é nos dada a possibilidade de utilizá-la sob nossos aspectos, vontades e livre-arbítrio, e não, necessariamente, utilizá-la em benefício dos antecedentes.

Da mesma forma que, as heranças materiais podem ser aplicadas de forma diferentes pelos descendentes ou herdeiros, Trachtenberg *et al.* (2005), mostra que os conteúdos subjetivos-comportamentais e emocionais dos ancestrais, podem ser recebidos pelos descendentes ou “herdeiros” destes conteúdos, e serem transformados, ressignificados e modificados, tão qual, uma herança material.

Obviamente, essa metabolização do material psíquico, ocorre quando usamos a má-consciência citada em inúmeras obras de Bert Hellinger, e assumimos o sentimento de culpa por recontextualizar as informações que abasteciam as antigas programações mentais (*mindset*) dos ancestrais.

“Entre duas gerações está incluído o espaço de metabolização do material psíquico que é transmitido entre uma geração e outra” - Trachtenberg et al. (2005).

Esse passo, para o Médico Veterinário Sistêmico, é de alto grau de importância para seu aprofundamento sistêmico, tanto consigo, como com as famílias multiespécies, que são seus clientes/pacientes.

Desta forma, o Médico Veterinário Sistêmico, deve se autoperguntar se suas dores, padrões, comportamentos e emoções, dizem respeito a si próprio, ou são conteúdos psíquicos adotados sem metabolização (ou seja, de forma bruta) de uma geração à outra.

Essa profunda autoanálise, permitirá que o Médico Veterinário Sistêmico, esteja razoavelmente, apto a interagir com padrões, comportamentos e traumas das famílias dos tutelados, e, até mesmo, dos próprios tutelados (animais não-humanos), que igualmente carregam de forma epigenética e mesmo psíquica, as “heranças não metabolizadas de seus antecessores”, podendo assim, ser um facilitador da interrupção da transmissão de um trauma ou padrão disfuncional do comportamento.

Aqui, citamos um breve exemplo da transgeracionalidade traumática de conteúdo psíquico em um animal com câncer que foi constelado num Workshop no dia 11 de novembro de 2019, no Hospital Veterinário Verlengia em Campinas – SP.

Ao colocarmos o animal no campo, seu representante humano tremia, e sentia medo, sufocamento e dores em diversas partes do corpo. Perguntado se as dores se referiam a eutanásia e ao comprometimento das consequências do câncer, o representante respondeu que não, e permaneceu olhando para baixo.

Nesse momento, foi colocado um representante da mãe do animal no campo, e ele **agravou os sintomas e emoções** de medo e dor, mostrando uma relação direta mãe-filhote. Ao direcionarmos a representante da mãe do cachorro para atrás dele e fazendo-a colocar as mãos nos ombros do representante do animal, o animal-filho, foi se acalmando, e, voltando a ter uma expressão de serenidade, calma e alegria.

Nosso entendimento foi que esse filho animal não-humano, carregou a dor desta mãe, ou seja, uma transmissão de conteúdo psíquico bruto do trauma vivido pela mãe animal não-humano, foi transmitido a geração de descendentes, ficando, portanto, na memória de informações de seu descendente (herdeiro).

Desta forma, animais humanos e não-humanos podem “herdar” conteúdo psíquico bruto e não metabolizados, refletido em comportamentos patológicos e traumas que não tem explicações para o transcurso de história de vida atual ou pregressa. Vindo, portanto, essa informação de membros antecessores diretos aos descendentes.

Como dito, os animais igualmente sentem a necessidade de pertencer. Seja a grupos de animais, seja se adaptando de forma leal aos sistemas familiares humanos, de forma, que ao reproduzirem padrões sistêmicos das famílias humanas, seja através dos sintomas ou doenças, seja através de comportamentos-emocionais parecidos aos de seus tutores.

E nesse aspecto, o Médico Veterinário Sistêmico precisa estar atento se:

1. O Sintoma, comportamento ou emoção do animal está pareada a sistema animal do qual ele veio? (transgeracionalidade de origem do próprio animal)
2. Se o sintoma, comportamento, trauma ou emoção está sendo pareada ao sistema familiar dos tutelados ao qual o animal está atualmente inserido, ou de sucessivas adoções e abrigos? (transgeracionalidade de origem humana, projetada no animal e adotada por lealdade pelo animal)?

Ambas as situações podem ser verificadas através das Constelações Sistêmicas Veterinárias e através da Comunicação Intuitiva entre Espécies, que agrega profundo valor aos movimentos sistêmico de alma.

Paul Pearsall (2002), aborda no *Journal of Near Death*, e, no livro *The Heart Code*, um tema polêmico sobre a capacidade que as células possuem de armazenar informações e memórias pretéritas, transgeracionais, ou não.

Pearsall (2002), observou que pacientes transplantados, passam a sentir emoções e ter recordações de situações e experiências, por eles, não vividos. Essas memórias que Pearsall se refere, podem ter gênese de diversas formas e serem transmitidas aos seus descendentes:

- » **Transplantes de órgãos**
- » **Através da Reprodução, Gametogênes e Embriogênese**
- » **Campos Mórficos e Morfogenéticos**

Aqui, os Consteladores Veterinários, devem lembrar que os animais podem sim, apresentar comportamentos, sintomas e emoções correlacionadas as memórias transgeracionais de seus ancestrais. A observação sistêmica, deve levar em consideração, os aspectos morfogenéticos dos animais, sobretudo, na linha antecessora de mãe, avó e bisavó, pois, na nidação, muitas informações são passadas através do óvulo fecundado.

Vale ressaltar quem a gametogênese em cadelas (11%) é elevado em relação a mulher (4%), as gatas (3%), e aos primatas não-humanos (2%), segundo Derussi *et al.* (2009). Na fase de gametogênese, podem haver transmissão de informações e memórias.

Os oócitos fertilizados ficam nas tubas uterinas por 9-10 dias, e só entram no útero quando a mórula está formada. Essa implantação uterina, se dá por volta dos 18-20 dias. É, nesse período muito profundo da vida, que as constelações podem atuar nos casos complexos de traumas e comportamentos dos animais.

Mas, porque nesta fase há uma possível transmissão de informações?

Quando há a implantação uterina, há uma grande vascularização materno-fetal, e assim, situações vivenciadas pela mãe nesse período, podem transmitir informações aos seus fetos.

Devemos lembrar que, as memórias são difíceis de serem pesquisadas, mas que, algumas terapias profundas, têm conseguido fazer as correlações transgeracionais. Apesar da subjetividade das memórias, elas são “palpáveis” através das percepções, sonhos, sensações corporais e dos padrões emocionais.

As memórias parecem estar em distribuídas em 3 fases: **Aquisição, Consolidação, Armazenamento.**

Essas 3 etapas, passam por aspectos neuroquímicos do cérebro e dos órgãos sensoriais, de sínteses proteicas e da formação de novas redes dendríticas e circuitos neurais (Puerves *et al.* 2010).

“A memória recolhe incontáveis fenômenos de nossa existência em um todo unitário.

Não fosse a força unificadora da memória, nossa consciência, se estilhaçaria em tantos fragmentos quanto os segundos vividos”.

Ewald Hering - 1920

Sem intenção, e respeitando à fenomenologia desta ciência, o Médico Veterinário Sistemico, poderá, através de uma postura vazia, centrada e desprovida de julgamentos, auxiliar na compreensão e percepção das famílias multiespécies, ajudando-as, a “metabolizar” as informações brutas que

são assimiladas de forma inconsciente, trazendo, uma nova oportunidade de rearranjo do conteúdo psíquico, emocional, comportamental, e, da própria integração da alma, que vai reunindo informações para tornar os seres cada vez mais completos e inteiros de suas histórias transgeracionais e sistêmicas.



Capítulo 15

COMPREENDENDO O MINDSET SUGERIDO POR CAROL DWECK.

A IMPORTÂNCIA DE SEUS ESTUDOS NA FORMAÇÃO DO MÉDICO VETERINÁRIO SISTÊMICO

Carla Soares

Qual o programa mental dos Acadêmicos de Medicina Veterinária?

Qual o programa mental dos profissionais que laboram no sistema médico veterinário?

Qual o conteúdo psíquico bruto elou herdado dos acadêmicos e profissionais adotados de gerações antecessoras?

O que estamos reproduzindo de forma inconsciente de geração em geração no sistema médico veterinário?

Aqui, não estamos nos referindo a transmissão de conhecimento técnico-médico ou tecnológico. Estamos nos referindo, à transferência de conteúdo psíquico, padrões de comportamento e arquétipos, que são informações que abastecem ou compõe a programação mental (mindset).

Essas perguntas, minimamente intrigantes, são o ponto inicial deste capítulo, pois o programa mental que está inserido em nós, é o que reflete basicamente em tudo que está relacionado ao sistema. Como nos

colocamos no cenário laboral, a qualidade de nossas relações interpessoais, o *flow* ou esforços de nossos trabalhos, o equilíbrio entre o dar e o tomar, o grau de satisfação e felicidade com que desempenhamos nossas funções, ou, como nos relacionamos com seres da nossa própria espécie, são as questões que sofrem impactos direta do que estamos e abastecendo nosso *Mindset*.

Mindset (mentalidade), não é a mente, e, sim, a programação que molda a mente. Ou seja, é a forma-pensamento que se traduz em ações e comportamentos. Essa programação, pode ser genética, epigenética e/ou transgeracional/arquetípica?

Para Carol Dweck, o *mindset* é construído, e, não herdado.

Seria possível mudar a programação de nosso software?

Ou nosso mindset está sendo leal ao nosso sistema familiar de origem ou aos arquétipos adotados da classe médica veterinária por repetição e/ou lealdade inconsciente?

A pergunta é:

Nossa construção de formas-pensamento estão baseadas em que?

No que aprendemos?

Em crenças e traumas que nossos ancestrais ou nós próprios vivemos?

Ou nosso Mindset está apenas simplesmente conectado a um HD externo que seria apenas a programação mental do inconsciente coletivo social?

A psicóloga e pesquisadora nova iorquina Carol Dweck, buscou compreender como funcionava a programação mental de pessoas com sucesso, e, percebeu que existia uma mentalidade motivada, ativa e, pautada na construção do pensamento (*Mindset Crowed*) que podemos correlacioná-lo a má consciência de Bert Hellinger. O *Mindset Fixed*, pode ser relacionado a lealdade cega ou muitas vezes, ao que chamamos sistematicamente de, boa consciência.

A construção do *Mindset Crowed* (progressivo), é um treinamento, uma tomada de consciência e uma construção ativa.

A percepção da qualidade de nossa programação mental é percebida através de nossos comportamentos, sobretudo, frente a objetivos, metas e desafios. Nossa postura frente a estas situações é que nos faz perceber como está nosso *Mindset*.

Será um Mindset fixo em crenças, ou, programado através de forma transgeracional?

Ou é um Mindset progressivo, com níveis de resiliência e depuração, que nos empurram para a superação de obstáculos?

Estamos sendo escravos ou herdeiros de conteúdos psíquicos que são transferidos de geração em geração (Trachtenberg et al. 2005)?

A psicologia positiva de Carol Dweck, nos desafia em dois caminhos: o fracasso e o sucesso. Um *Mindset fixed* está correlacionado ao medo do fracasso, então, a mente cria mecanismos de autosabotagem, tendendo a estacionar em alguma área de sua vida.

Já as pessoas com *mindset crowed*, usam os fracassos e os desafios, como aprendizado, numa perspectiva de crescimento e desenvolvimento contínuos e de superação. O *mindset crowed*, apoia-se em um padrão comportamental de mente criativa e aberta. Aqui podemos dizer, que há uma metabolização do conteúdo e das informações que nutrem a programação da mente.

Carol Dweck, traz conceitos desafiantes para a ciência cartesiana, pois, para ela, a inteligência não é inata ou pré-instalada, e sim, desenvolvida com persistência e vontade. A inteligência sob este aspecto, pode ser comparada aos músculos. Podemos transformar nossos corpos através de persistência e esforços, e assim, seria a inteligência. Ela pode ser construída, através de nossa programação mental.

Para Dweck, elogios e padrões de ensino colocam as pessoas numa condição de não quererem sair do padrão atingido e reconhecido pela sociedade, gerando assim, um *mindset fixed*, que em geral, são as pessoas que ficam na zona de conforto, e, não se confrontam com novos desafios. Os

estudos de Carol Dweck, foram aplicados em crianças e, em atletas de alta performance.

Para reprogramarmos nosso *mindset*, é, necessário, compreendermos o que é sucesso e fracasso. Fracasso é não transpor os obstáculos e desafios com uma mente criativa e vibrante. Sucesso é transpor as dificuldades. Não podemos categorizar sucesso, pois, o senso e percepção do que representa sucesso, depende de cada um. Assim, reprogramar nossa mentalidade para a liberdade, é um passo importante para o sucesso e um *mindset* progressivo.

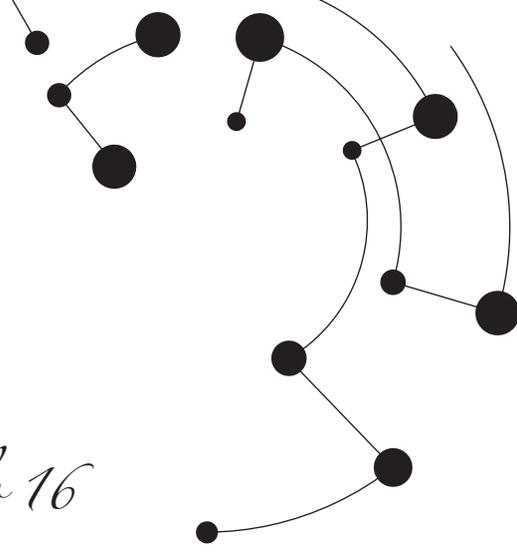
O Médico Veterinário Sistêmico por ter uma formação através da percepção, pode ser autor de seu caminho, pois ele passa a estar mais consciente de seus comportamentos e pensamentos.

Ademais, o Médico Veterinário Sistêmico é treinado na Visão Sistêmica a ter uma abordagem, uma postura e um pensamento sistêmico e não cartesiano, possibilitando, nos conhecer em prospectiva ao nosso sistema familiar de origem e aos demais sistemas, trazendo para nós, um autoconhecimento profundo sobre o que estamos repetindo em nossas vidas, inclusive, em nossa programação mental.

A autopercepção treinada na formação do Médico Veterinário Sistêmico, ajuda-o a programar seu *mindset* numa perspectiva de crescimento, avanço, ressignificação e de positividade, ainda que, ele tenha desafios práticos e emocionais.

A lealdade invisível ao nosso sistema de origem, pode sim, fazer com que tenhamos uma mentalidade fixa, limitante e cheia de crenças que nos façam repetir padrões sistêmicos, que, obviamente, refletirão em outros sistemas ao qual desejamos nos sentir pertencidos, neste caso, o sistema médico veterinário.

A mudança desta programação, é possível através da tomada de consciência num campo quântico de constelação e de abordagens terapêuticas posteriores, com acompanhamento sempre por psicólogos e outros terapeutas.



Capítulo 16

PREPARANDO-SE PARA SER UM MÉDICO VETERINÁRIO SISTÊMICO: CONHECENDO-TE A TI MESMO

Carla Soares

Um dos primeiros passos, para que o Médico Veterinário possa se “sentir” e se “perceber” humano, e, um profissional com Visão Sistêmica, é ter a coragem de mergulhar profundamente em sua história de vida, ancestral-transgeracional e multidimensional do seu próprio percurso evolutivo.

Buscar se autoconhecer com coragem e persistência, é o caminho recomendado, para que assim, possamos atingir um certo grau de não julgamento do outro, e, de não vitimização perante a vida. Esta, é, sem dúvidas, uma das partes mais difíceis do autoajuste da postura sistêmica.

“O Médico Veterinário Sistêmico desenvolve sua espiritualidade, mas, ele para de se esconder atrás da sua iluminação e perfeição, e, passa a se desenvolver, com igual teor, na busca e no ajuste de suas relações e mazelas humanas”.

Carla Soares

Ao entendermos que, julgando e criticando o outro, estamos falando de nós próprios, passamos a nos autoresponsabilizar pelos processos espelhados do outro em nós, que segregamos, subjugamos, excluímos, e, que, uma vez acessados, podem ser ressignificados e transformados, ou melhor, integrados em nossos aspectos duais e de sombra.

Numa medicina moderna e conectada, como é o caso da Medicina Veterinária Sistêmica, é, **inadmissível** o autoabandono e a autonegligência. O Ser Humano por detrás do exercício laboral do profissional Médico Veterinário, deve contatar suas dores ocultas, vazios e sombras, para que o mesmo, possa cultivar uma mente positiva, coletiva, colaborativa, pautada no autoamor, na autovalorização e no próprio bem-estar.

Buscar ajudar o outro, em meio ao seu próprio autoabandono, não faz sentindo algum, sendo na verdade, uma grande prepotência heróica.

Aliás, essa fórmula transgeracional de atuação do profissional médico veterinário, tem colaborado para a desidentificação com a própria espécie, projeção de amor-cego aos animais, adoção de arquétipos heróicos, e, dor e sofrimento no aspecto interrelacional. Exigir de professores, tutores e clientes valorização, se autodesvalorizando, é privilegiarmos a inércia e o vitimismo sem solução.

Mais ainda, sermos um profissional que teme olhar com olhos de “ver” a morte, verdadeiramente, e, com suas dores reais, nos tornam reféns de ideologias e padrões que seguimos de forma fanática e vazia, portanto, gerando mais conflitos e guerras internas, e, mais exclusões. Excluir emoções nesse caso, é o que nos faz colocar outras “ilusões” para nos acobertar.

Se é a consciência de nossa realidade interna, que trás as nossas percepções do meio externo, então, somos sistematicamente, autoconvidados a laborar em nossa alma, em nossa mente inconsciente, e, nos conduzir a explorar nossas histórias familiares e pretéritas.

Assim, todo esse processo deve se iniciar com novas experiências, quebra de crenças, ressignificação de trabalho, vida e relacionamentos, busca autêntica pela aceitação e reconciliação com nossa família de origem, conexão com novas histórias e áreas de conhecimento, fortalecimento da confiança e fé, e aprimoramento de nossa espiritualidade.

Desta forma, tornar-se um Médico Veterinário Sistêmico, é muito mais do que a assimilação de conteúdos e conhecimentos, como as Constelações Familiares, o Reiki, ou a Comunicação Intuitiva, que foram os focos da primeira etapa do programa.

É, termos também, a habilidade e a coragem de desconstruirmos as ilusões, e, buscarmos pela verdade de nossas almas. Isso requer um auto-trabalho corajoso e continuado de nós mesmos. É, portanto, um processo e um caminho de transformação, e, não uma etapa isolada e desconectada de somatórias de cursos e cursos.

Por essa razão, que um diploma de formação em Constelação Familiar, não necessariamente, o tornará um constelador, pois a habilitação e a autorização, vem também, e, de forma conjunta aos estudos, de sua própria outorga e a preparação interior, de alma e consigo próprio.

O bom Médico Veterinário Sistêmico, deve ser acima de tudo, um excelente paciente terapêutico, psicológico e buscador de sua alma. Deve também, buscar boas escolas de formação. Não é possível que um profissional inicie fora de uma postura pedagógica e estruturada, pois, essa conduta enfraquece a ele mesmo e a seus clientes.

“Se amar é o primeiro passo para permitir o fluxo próspero e leve da vida. O autoamor se faz presente no acolhimento. Acolher meu choro e presentear a mim mesma com um sorriso sincero e amoroso.

Me olhar com todo amor que aprendi a olhar o próximo.

Aprendemos desde muito cedo, a importância do altruísmo, porém, muitas vezes nos vemos incapazes de aceitar o que trazemos na alma, mostrando um profundo egoísmo com nossa essência.

Nos culpamos e nos castigamos, e, descreditamos nos nossos sonhos, nos colocando assim, no lugar de desmerecedores da própria vida. Sentir amor por tudo que somos, nos trás consciência e responsabilidade pela

vida que nos foi dada, e isso nos prepara para lidar com as relações de uma forma verdadeiramente, equilibrada”.

(Dra. Sílvia Calian – Médica Veterinária Sistêmica e Professora do Programa de Formação em Medicina Veterinária Sistêmica)

Quanto mais dores ocultas não forem acessadas, mais críticas e julgamentos. Menos acesso ao campo quântico será permitido, menos *insights* acontecerão. Ademais, a busca do Médico Veterinário Sistêmico, é a reconexão com o todo e com sua mais profunda sabedoria, diminuindo esforços e alcançando grandes resultados (wu-wei) com felicidade e leveza. A leveza, é consequência do nosso labor em nosso processo de autoconhecimento e de nossa percepção corporal. Esse labor, igualmente, não é um fim, e sim, o meio pelo qual percorrermos o caminho.

O “amargo” está soterrado e protegido. Mas, entre proteger a dor ou integrá-la, o caminho ainda é o da integração. A exclusão trás defesa e desconexão, a integração da dor, traz consciência e brandura no caminho.

Dissociar a postura e a coerência cardíaca, vida pessoal e da vida profissional, é umas causas geradoras de dor existencial e cotidiana. Trazendo um pouco da filosofia oriental através do Zen-Budismo, que de forma ancestral já coadunava de profundos conceitos sistêmicos, citamos:

Aceita a vida como ela é, em sua totalidade. Você precisa olhar o todo, sobretudo, a vida e a morte, juntas”

A totalidade só percebida através de uma visão conectada e de não-exclusão. Desta forma, precisamos primeiramente, nos autoincluir no sistema médico veterinário, para que assim, e, tão somente assim, possamos perceber a totalidade de forma sistêmica. Se uma “peça” falta, a “engrenagem” não funciona em seu potencial máximo. Algo ou alguém, compensará a força da parte perdida.

Devemos ainda, reforçar que, os movimentos de alma observados nas constelações, nos guiam para a integração de algo que não está sendo visto, ou, está excluído. A alma também nos dá direção. É uma bússola.

O autoconhecimento e o autocuidado, são, as forças motrizes das condutas pacificadas.

“Para que possamos disseminar comportamentos e atitudes pacificadoras, precisamos, em, primeira instância, compreender a gênese dos conflitos”.

Carla Soares

Quanto mais padrões de exclusão, críticas e isolamento adotarmos, mais repetição de realidades nossas almas vão manifestar, até que, já cansados e exaustos, nos rendamos para a possibilidade de nos ver, projetados nas pessoas e/ou nas situações que recriamos, como: desvalorização, grandes esforços com poucos resultados, tutores “complicados”, repetição de sintomas em nossos pacientes, escassez, conflitos e etc.

Tudo isso é gerado pela alma, para que possamos ver com profundidade o que precisa ser corrigido, integrado, ressignificado e transformado.

Portanto, não há mais espaço para as vitimizações...



Capítulo 17

AS CONSTELAÇÕES SISTÊMICAS VETERINÁRIAS E OS MOVIMENTOS DE ALMA

Carla Soares

As Constelações Sistêmicas Veterinárias, advém, de uma gama de conhecimento e saberes ancestrais, científicos e contemporâneos, sendo, primordialmente, uma adaptação dos conhecimentos sistêmicos Helligerianos.

A utilização das Constelações Familiares na Medicina Veterinária, vem com duas primordiais funções: pacificação do Sistema através do autoconhecimento, amor, reconciliação e ressignificação da história da nossa história familiar, que é o nosso primeiro sistema. E, um segundo aspecto, é seu emprego como terapia breve inclusa nas Prática Integrativa Complementares, já prevista pela Resolução de Política Nacional de Práticas Integrativas e Complementares (2018), reconhecida com unanimidade pelo Conselho Nacional de Saúde.

Coadunando com a filosofia aplicada de Bert Hellinger, as constelações não são ferramentas ou técnicas, são caminhos de vida e percepção da realidade. Nesta perspectiva, não adianta ser um constelador, e não perceber e viver minha realidade de forma sistêmica. As ordens do amor e da ajuda, são, portanto, labor no cotidiano.

Felizmente, alguns Conselhos Regionais de Medicina Veterinária reconhecem a importância das Constelações Familiares na Medicina Veterinária, como é o caso do Rio Grande do Sul, que foi o primeiro CRMV a integrar a Visão Sistêmica.

Neste movimento forte e necessário, Conselhos Regionais de Medicina Veterinária tem incentivado o compartilhamento de conhecimentos através de palestras, seminários e workshops, aonde pude representar a Medicina Veterinária Sistêmica e o Programa de Formação em Medicina Veterinária Sistêmica no Brasil e no Exterior, através dos CRMV/PR, CRMV/DF, CRMV/PI.

É digno de nota, também, reverenciar e deixar registrado o reconhecimento da Associação de Médicos Veterinários Holísticos e Integrativos da Colômbia –AMVHIC, que convidou o Programa a conferir palestras e workshops na cidade de Bogotá – Colômbia em 2019.

Nesta ocasião, 85 médicos veterinários da Colômbia, Panamá, Chile, Argentina, Brasil, Costa Rica e Espanha, puderam vivenciar as Constelações Sistêmicas Veterinárias, de uma forma profunda e transformadora.

Em 2020, a Comunidade Européia, igualmente busca a Medicina Veterinária Sistêmica do Brasil, como referência no desenvolvimento sistêmico dos animais, famílias e empresas, abrindo as portas, sobretudo, em Portugal e Espanha.

Numa prospecção de compartilhar conhecimento, o Programa de Formação em Medicina Veterinária Sistêmica no Brasil e no Exterior e o Instituto *Flow in* no Japão, fecham uma parceria de estudos em Gestão Sistêmica para os Médicos Veterinários, promovendo estudos, intercâmbio e vivências em atendimentos de qualidade fora do Brasil.

Com todo essa demanda e conhecimento desenvolvido pelos Médicos Veterinários Sistêmicos do Brasil, sobre os animais nas constelações e da postura sistêmica no desenvolvimento humano, o Brasil, vem se tornando uma referência em Visão Sistêmica aplicada aos animais.

As Constelações Sistêmicas Veterinárias, podem ser aplicadas em uma diversidade de situações interpessoais, empresariais, organizacionais e da saúde humana e não-humana, quando vista de forma integrada ao meio ambiente e as famílias multiespécies.

Pode ser aplicada em situações de resgates, adoções e em todas as situações que envolvam os animais selvagens (translocações, reintroduções, introduções, educação ambiental, decisões judiciais)

Esses atendimentos podem ser individuais ou em grupos fechados (empresas) ou abertos.

O sentido primordial das constelações, é encontrar uma solução sistêmica e conectada, que favoreça o sistema, e, não os indivíduos.

Busca-se a solução a partir de informações que estão ocultas ou no inconsciente do sistema em questão. Ela não é uma cura, mas, sem dúvidas, trás entendimento e pacificação para a alma. A abordagem sistêmica é inclusiva, portanto, complementar a todas as demais propostas terapêuticas.

Mesmo sendo complementar, em alguns casos, temos encontrado total desaparecimento ou mesmo atenuação dos sintomas após as constelações, trazendo, alívio ao animal, sobretudo, os de cunho emocional-projetivo trazidos pelas demandas e expectativas ocultas do sistema familiar dos tutores.

As Constelações Sistêmicas Veterinárias, trazem um novo arranjo psíquico-geográfico para as famílias multiespécies, permitindo, que, através da ordenação dos representantes de um sistema, o amor, o entendimento na alma e a paz voltem a fluir.

Os animais, que, muitas vezes bioindicam, as situações aonde precisamos olhar, passam a ocupar, posteriormente a uma constelação, um lugar mais adequado e leve na família humana, podendo assim, expressarem-se de forma mais orgânica e natural. Ou seja, sendo mais respeitados em sua natureza, instintos, comportamentos e desenvolvimento.

A tomada de consciência que as constelações trazem às famílias, empresas e aos Médicos Veterinários, advêm da revelação de questões muito profundas, que os mesmos não tinham consciência. As constelações trazem uma nova possibilidade de reconduzir seus destinos e caminhos. Elas, também, transformam pessoas e animais através da vivência delas próprias, nos trazendo para um “lugar” mais adulto e de mais auto responsabilidade.

As Constelações Sistêmicas Veterinárias, acontecem da mesma forma que as Constelações Familiares, sendo apenas, os assuntos e temas mais aprofundados e inerentes às questões e idiossincrasias do Sistema Médico Veterinário. Obviamente, quando os trabalhos são conduzidos por

Médicos Veterinários Sistêmicos, os conteúdos e questões, ganham níveis mais profundos de entendimento, devido ao nosso conhecimento a cerca dos animais ser mais abrangente, específico e direcionado. Compreender a anatomia, fisiologia, farmacologia, propedêutica dos animais, igualmente, ajuda muito nas expansão e amplitude das Constelações Veterinárias.

Médicos Veterinários, que são consteladores, atuam com profundidade devido aos seus conhecimentos técnicos, no que tange, ao comportamento animal e morfofisiologia, e, também, no que diz respeito aos sintomas, doenças e atos que são exclusivos do Médico Veterinário, como prescrições, exames, tratamentos, eutanásia, ortotanásia.

Nuances muito sutis, pertinentes à Medicina Veterinária, podem ser consteladas, como remoção ou inclusão de terapias e tratamentos, eutanásias, apoio as famílias enlutadas, pedagogia e formação profissional, logomarcas, empresas, parcerias, e questões muito profundas do comportamento, ecologia e filogenética das mais de 1,5 milhões de espécies de animais catalogadas.

A bem da verdade, nós sabemos, nossas particularidades e demandas profissionais, assim, como acontece pioneiramente no Direito Sistêmico, desenvolvido pelo Juiz Baiano Samir Storch, que decodificou os conceitos sistêmicos Helligerianos para a área do Direito e das Mediações, melhorando, sensivelmente, o entendimento das relações interpessoais e dos conflitos, humanizando os profissionais e seu público particular.

Toda profissão tem seus próprios arquétipos, seu próprio inconsciente coletivo, suas próprias demandas, e, que, obviamente, quem vive imerso em seu sistema, o entenderá melhor.

As Constelações Sistêmicas Veterinárias, quando aplicadas individualmente, são realizadas com auxílios de bonecos (figuras), cartas sistêmicas, exercícios sistêmicos e mesmo com as âncoras de solo. As Constelações Sistêmicas individuais podem acontecer no âmbito domiciliar ou de consultório.

Os atendimentos individuais representam uma importante expansão das constelações em grupo. Jakob Schneider foi um dos pioneiros dos atendimentos individuais com figuras, encontrando uma importante eficiência na abordagem sistêmica, através da estruturação perceptiva e tridimensional, que as figuras trazem aos constelandos. A disposição original

das figuras e suas movimentações no campo, representam o inconsciente manifesto através da disposição espacial dos elementos.

Uma observação muito pertinente de Jakob Schneider é: “As constelações individuais, são possíveis, quando há uma profunda vivência em grupo”. (Constelações Utilizando Figuras com Clientes individuais – Por Jakob Schneider, publicado na versão inglesa do site: www.constellation-flow.com)

O desenvolvimento dos atendimentos individuais no Brasil, evoluíram e expandiram ainda mais, através das consteladoras Vera Bassoi e Silca Malutta.

Já as constelações em grupos, podem ser com a presença ou não dos animais, uma vez que os mesmos, podem ser representados por humanos nas constelações.

As constelações em grupo podem acontecer através de agendamentos com um constelando e pessoas voluntárias, ou pode acontecer em grupos terapêuticos, realizados através do que se instituiu como “workshops” de constelação familiar.

Neste contexto terapêutico e elucidativo, várias pessoas podem ser consteladas no mesmo dia com ajuda dos participantes/representantes.

As dinâmicas e movimentos acontecem da mesma forma, com um ou dois consteladores que trabalham juntos, um constelando que leva uma questão/tema a ser abordado, e os representantes/observadores que se colocam a disposição do campo para que os fenômenos possam ser revelados de forma tridimensional e através imagens/movimentos, percepções e emoções, sejam percebidas pelo constelador - constelando.

É de grande valia, registrar que, os representantes dos animais, em geral adotam posturas e comportamentos com expressões faciais características dos animais que estão sendo representados, e, o constelador veterinário deve ter destreza e alta percepção para compreender as dinâmicas. Mesmo os animais sendo representados por seres humanos no campo, pouco eles se expressam através de palavras verbais.

A comunicação, é, expressamente e primordialmente, corporal, emocional e geográfica no campo. Ou seja, a localização-postura-emoção do representante do animal é mais importante do que a decodificação verbal de suas emoções.

Nas Constelações Sistêmicas Veterinárias, podemos empregar um outro recurso complementar, quando os animais estão de fato no campo, sem representantes, que é a **Comunicação Intuitiva**. Desta forma, o Médico Veterinário Sistêmico, que seja detentor de conhecimentos da Comunicação Animal, poderá utilizá-la com os animais presentes no campo, e decodificá-las aos seus tutores, de forma mais clara e direta, o que os animais querem, sentem e desejam comunicar.

O uso concomitante das constelações e da comunicação intuitiva entre espécies, é de grande valia, sobretudo, quando empregada nos casos de sofrimento dos animais, morte, desaparecimentos, doenças extenuantes e casos demasiadamente graves, aonde há risco de vida e grande preocupação para as famílias do tutelado.

O uso de ambas as abordagens, são importantes também, em situações de internações e exames desconfortáveis, aonde as constelações, revelam o porque aquela situação está acontecendo e a comunicação, explica aos animais os procedimentos que serão feitos.

Se formos expandir as Constelações Veterinárias para a área da educação, encontraremos amplo universo de trabalho e auxílio interpessoal e de desenvolvimento humano à esta parte do sistema, dinamizando as relações com um melhor entendimento da essência da vida, sobre a verdadeira postura diante da vida e da morte, e, trazendo aos professores e alunos, profundas bases de autoconhecimento, que ressignificam e fortalecem o caminho.

No âmbito empresarial e organizacional, as Constelações e as Consultorias Sistêmicas, são um belíssimo caminho e abordagem para a compreensão profunda da “alma” e das relações de uma determinada empresa. Quando um Diretor/Proprietário observa em sua frente, como as pessoas/setores/departamentos, “estão” de fato se relacionando, ele tem a oportunidade de se reavaliar e avaliar sua empresa, permitindo assim, um novo olhar e redirecionamento das pessoas e setores em questão.

No artigo: Breve Síntese e Histórico – Constelações Organizacionais (René Schubert, 2020 – www.movimentosistemico.com.br), há uma linha estrutural para os diferentes pontos a serem observados sob a luz da visão sistêmica.

São eles: organograma, cargos e funções, comunicabilidade e fluxo de informações, pessoas, valores, origem e fundação.

Alguns pesquisadores sistêmicos trazem questões que facilmente observamos nas empresas veterinárias:

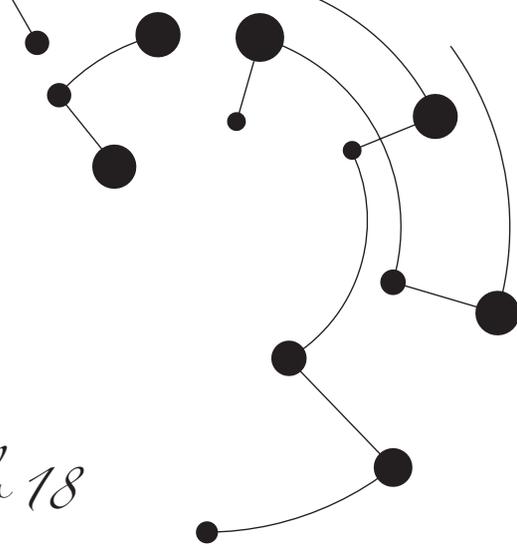
- » *“Problemas não resolvidos numa família, se refletem nas empresas e profissões – Anton de Kroon in René Schubert*
- » *“O consultor sistêmico busca soluções sistêmicas como um todo, não apenas para uma parte dele”- Cecilio Regojo in René Schubert*
- » *“O êxito deste método em empresas como Daimler-Chrysler, IBM, BMW, contribui para um crescente interesse nessa metodologia em toda Europa” – Jan Jacob Stam in René Schubert.*

Segundo o artigo de Schubert (2020), a primeira Constelação Organizacional ocorreu em 1995, na Áustria por Bert Hellinger e Gunthard Weber.

Mas, muitos consteladores organizacionais, como Guillermo Echegaray, se debruçaram nesta abordagem trazendo uma expansão impressionante das constelações para o meio empresarial.

O senso de pertencimento, a ordem e a hierarquia e o equilíbrio entre as trocas, são dinâmicas muito profundas e complexas numa empresa, e muitas vezes, buscar soluções retas e cartesianas, deixam “gaps” de não compreensão das dinâmicas empresariais.

As empresas possuem uma “fisiologia” e uma estruturação, que são percebidas num nível profundo, através das abordagens sistêmicas. Assim, os Consteladores Veterinários, podem atuar junto aos empresários, na busca de soluções sistêmicas, desde o organograma, até o gerenciamento sistêmico de pessoas.



Capítulo 18

QUAL A POSTURA DO MÉDICO VETERINÁRIO SISTÊMICO? SILENCIAR, OBSERVAR, SUPORTAR, FACILITAR

“O absoluto não precisa ser invocado. Quem age forçando o caminho, ainda, não entendeu o que é caminhar”.

Carla Soares

Quando estudamos profundamente os ensinamentos o Taoísmo Clássico Chinês de Lao Tsé, compreendemos que é no silêncio que acontecem os maiores entendimentos e percepções da alma, e, não da mente cognitiva racional.

O silêncio é desconfortante, porque ele trás respostas e preenchimentos, com base no que é essencial. O silêncio, igualmente, nos permite perceber melhor as sensações no corpo, porque a energia é direcionada a outros campos do sistema nervoso central e autônomo. Falar e pensar gastam muita energia e desfocam a percepção. Ao silenciar, nossa atenção

e foco se direcionam as partes do corpo que não estamos acostumados, e, obviamente, isso trás novas informações com algum desconforto.

Bert Hellinger com sua sensibilidade fenomenal na abordagem sistêmica, foi desenvolvendo seus estudos cada vez mais no silêncio, até que, as constelações seguiram pelo mesmo caminho do silenciar. Bert Hellinger trás um lindo texto sobre a importância do silêncio, que diz:

“Dentro do silêncio tudo se aquieta, qualquer som e qualquer movimento.

Aquilo que é profundo e último é silencioso.

Desde que tudo procura a entrada chega a um fim nele, os portais do silêncio permanecem abertos.

Dentro dele tudo o que queria mais do que silencioso, afunda.

No silêncio, toda pergunta cessa, também toda dor que grita. Até a vida e a morte. Nele estamos em outro lugar. Todo último é silencioso, infinitamente silencioso – e assim, também é sua profundidade.

De onde vem a última compreensão?

Ela também vem do silêncio. Mas ela não se move.

Qualquer movimento retira ela da profundidade.

Como silêncio, ela também está apenas presente.

Onde então ficam as palavras?

Elas ficam fora. Tudo que se realiza se torna silencioso. Nada lhe é acrescentado.

Nele há tudo, presente e preenchido.

Qual o efeito do silêncio em nossas vidas?

O silêncio cura. Ninguém e nada se manifesta nele. Ninguém e nada que tenha alguma falta. Eles colapsam neles mesmos. O silêncio nos leva a observação, à observação pura sem nada oposto.

Como é que responderemos a tudo que quer algo de nós?

Com silêncio, com um silêncio recolhido. Diante dele tudo se aquieta e fica silencioso.

O silêncio permanece.

Existe algo maior?

Assim olhamos para nós mesmos, como também para os nossos pais e nossos parceiros e para as crianças recém-nascidas, com admiração e amor.

Ao mesmo tempo olhamos para além deles para algo escondido, eternamente diferente, eternamente novo”.

A postura do Médico Veterinário Sistêmico deve ser a menos ruidosa, e, mais a silenciosa e autoperceptiva possível, tanto no campo da vida, como nos campos de constelação.

Ao silenciar no dia a dia, e, de sobremaneira, durante as Constelações, a conduta é de percepção do essencial. É digno de nota, registrar que esse silêncio, uma vez que estejamos fortalecidos na postura e em nosso lugar, não é desconcertante, vazio e repleto de informações.

Quando facilitamos uma constelação em silêncio, nosso potencial de observar aumenta, e nosso olhar com “olhos de ver” rastreamos as informações invisíveis que se manifestam no arranjo tridimensional dos corpos, e nas emoções que essas perspectivas conectam, inseminam e se revelam.

A percepção sensorial-corporal, só é possível através de um estado de presença que vem da observação de si próprio. Bert Hellinger chama esse estado de presença silenciosa, de estar “centrado”. Neste autocentramento, podemos sentir um vazio pacificado, presente, sereno e forte.

“Busca-se o centro, e, recolhido nele, aguarda que uma palavra eficaz o alcance, como um navegador que abre suas velas ao vento. Quando alguém o procura, encontra-o no mesmo lugar aonde ele próprio precisa chegar, e a resposta vale para o dois. Pois ambos são ouvintes. E, o Mestre acrescentou: no centro sentimos leveza”.

Bert Hellinger – No Centro Sentimos Leveza.

Aqui neste capítulo vale abordar ainda duas condutas primárias dos profissionais sistêmicos: postura e sustentação

Em termos gerais, postura é uma posição no tempo e no espaço acompanhada de atitudes específicas. Quando falamos que um constelador, deve ter postura, estamos falando deste profissional, conhecer as leis

sistêmicas e caminhar junto, e, através dela, pela vida. Coerência e alinhamento reto da razão-emoção.

Ou seja, não ter dissociações dentro e fora do trabalho, quando estes na verdade, são, um reflexo do outro, em uníssono. Para a realização de algo, precisamos adotar “posturas” e se sustentar nelas, que é a parte mais complexa, pois, quando você adota uma postura sistêmica e se sustenta nestas bases, você promove reações muito profundas em tudo e em todos aos quais estão em sua perspectiva relacional.

O caminho para nós deve ser da autoresponsabilidade e do autocuidado perceptivo, de modo que, evitemos deixar passar despercebido nossos julgamentos e infantilidades sobre os outros. É um caminho de amor também, portanto, devemos não nos autopunir e nos autocriticar, mas sim, evoluir em nossa consciência relacional.

A sustentação de uma postura e ação, tem base no “apoiar-se”, no “resistir” a não sair da postura (lugar, tempo, espaço e atitude). Para a tranquilidade de todos os leitores, digo-vos, é muito mais fácil sairmos da postura sustentada, do que permanecer nela.

Desta forma, ir para nosso o lugar/atitude, é um processo dinâmico e de atenção diária e sistemática, pois as diversas situações impostas pela vida, nos testarão rotineiramente a sair da postura e de suas bases de sustentação silenciosa.

Aqui trago alguns exemplos: quando você é atacado, criticado ou subjugado. Ou quando membros de sua família que são maiores que você, adotam posturas infantis e de vitimização. Nestes dois exemplos, é mais fácil você sair da postura, e adotar uma postura defensiva-reativa, ou, migrar para uma postura de grande, quando na verdade, você é o menor, e não pode carregar por si e pelos outros (segundo caso).

“Os heróis, são crianças que querem fazer algo pelos membros mais velhos. E, todas as tragédias começam por essa arrogância...”.

Bert Hellinger

Permanecer no lugar/postura com todos os conhecimentos sistêmicos, nos traz pacificação perante a vida, porque o convite é, para ocupar o “seu lugar”, e não, o de outrem.

Viver intensamente em seu labor e posição sistêmica, não nos impulsiona à invasões ao outro. Ao mesmo tempo, com consciência, impomos limites aos que saem do lugar, e, tentam nos direcionar e alocar para suas demandas não trabalhadas e não acolhidas.

Limite com ordem, são linhas e contornos espaciais delimitadoras da paz e da harmonia.

Seguir os contornos da ordem/hierarquia, do pertencimento/vínculo e do equilíbrio entre o dar e tomar, nos conduz a uma postura de exercer nossa consciência individual e de grupo, sem conflitos que nos levem à exaustão.

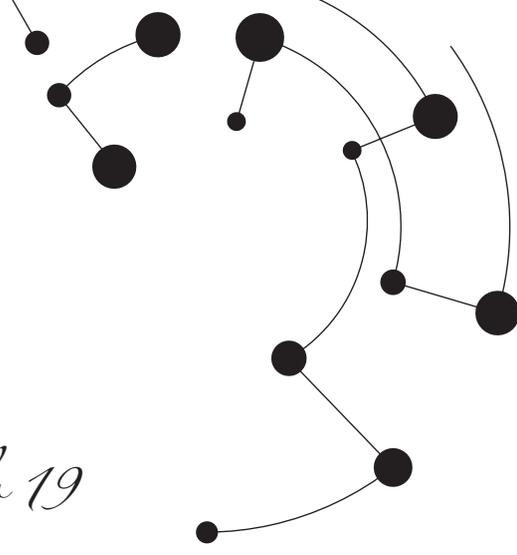
Na linda obra *Conflito e Paz* de Bert Hellinger (2007), ele trás um pensamento prático de grande importância:

“A sintonia, é atitude recolhida, que se relaciona com o todo, tal como ele é”.

Aqui Bert Hellinger nos recomenda que, ao sairmos da postura sistêmica pacificada, o recolhimento silencioso, é, ainda, ponto de reflexão e aprimoramento pessoal, para que estejamos novamente fortalecidos em nosso lugar.

O aguçamento autoperceptivo de nosso lugar e de nossas posturas em cada um dos sistemas aos quais estamos inseridos, nos aprimora no sentido de perceber quando saímos dele. Em geral, quando saímos do lugar/postura, sentimos no corpo aflição, desarmonia, medo, peso, angústia, vontade de extermínio, vontade da crítica. Num oposto complementar, quando estamos em nosso lugar, sentimos força, empatia, amor, paz, vontade de colaborar, alegria.

Transitamos nestas situações, mas, lembrar dos conhecimentos de amor com ordem trazidos por Bert Hellinger, nos reconduzimos novamente ao nosso lugar. Em geral, esse retorno ao nosso lugar, acontece quando esbarramos em algo que dispara os gatilhos de nossas feridas e dores, quando rompemos com nossos limites e com nossos espaços.



Capítulo 19

PROPEDÊUTICA SISTÊMICA NA CLÍNICA E NAS EMPRESAS

Carla Soares

A biomedicina trás a semiologia/propedêutica, como um caminho de investigação e estudo dos sinais e sintomas dos pacientes (animais no caso da medicina veterinária).

Quando abordamos sistemicamente uma família ou uma empresa/organização, nós igualmente buscamos investigar e estudar os sinais, fluxos e sintomas que estes apresentam.

Mas qual a diferença entre a semiologia cartesiana e a semiologia sistêmica?

A diferença é o que se busca, o que se encontra e o que se percebe. A semiologia cartesiana, que tem inestimável valor, observa os sinais e sintomas através de estudos da ciência de base das doenças e suas etimologias físicas, químicas e biológicas.

A semiologia sistêmica, investiga sinais, fluxos e sintomas sistêmicos relacionados às famílias multiespécies e as empresas, que estejam ocultos no inconsciente dos sistemas, mas que, reflitam na saúde dos animais e/ou dos colaboradores e setores de uma empresa, por exemplo.

Podemos ainda, neste caso, colocar como sinônimos sinais/sintomas com informações. Buscamos informações mais profundas, que uma vez, vistas e trazidas à luz da consciência, podem ser complementadas aos rastreamentos semiológicos cartesianos, e, juntos, e, de forma integrada, encontrar as soluções.

A semiologia cartesiana busca um diagnóstico. A semiologia sistêmica busca uma solução sem focar no problema.

Para encontrarmos as soluções sistêmicas com base na semiologia de informações inconscientes do campo morfogenético de um sistema familiar ou empresarial, é, necessário, usarmos alguns caminhos para se chegar ao ponto nevrálgico da questão trazida: as Constelações Familiares, os Exercícios Sistêmicos e a Hipnose Erikssoniana, ajudam na busca destas informações que complementam, **sem excluir**, os achados sintomatológicos da semiologia cartesiana. Portanto, somam-se informações, e, não, excluem-se informações.

Um ponto em comum entre as propedêuticas cartesianas e sistêmicas, é que, tanto em uma como na outra, os profissionais precisam dominar conhecimentos de anatomia, fisiologia, patologia, epidemiologia, terapêutica.

Na Visão Sistêmica, exige-se do profissional, conhecimentos do inconsciente, dos conhecimentos transgeracionais, ecológicos, matemáticos e Helligerianos, que ajudam a verificar as conexões entre os elementos e funcionamento dos sistemas. Existem Leis que ordenam os sistemas, e, em geral, sintomas, sinais e disfuncionalidades, partem de alguma ordenação/dinâmica que foi rompida, através de posturas e formas-pensamentos, que vem de ancestrais, gerações e/ou mesmo do campo e psicofera da família ou empresa.

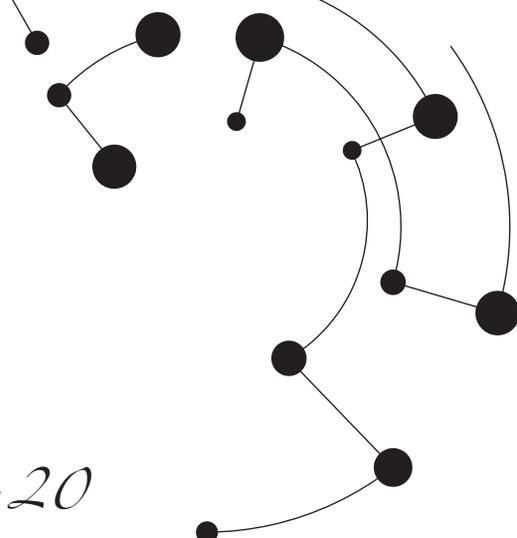
A semiologia cartesiana busca o ponto de origem dos sinais e sintomas através de evidências que são analisadas e estudas, com base na mente cognitiva (10%). A semiologia sistêmica, busca a conexão dos elementos de um sistema, a partir dos sinais e sintomas que vêm das percepções do inconsciente (do oculto) através do corpo e das emoções.

Estas informações do campo morfogenético, representam somente 90% da nossa estrutura biológica, e que, invariavelmente, não são consideradas.

Quando conseguimos com nosso conhecimento médico, unir as duas formas de rastreamento de informações e soluções, conseguimos potencializar nosso ato médico.

Na semiologia cartesiana, existe um caminho relativamente controlável de buscas pelos sinais e sintomas, que se mostram de forma “padrão”. Mas, a semiologia sistêmica, foge da Curva de Gauss, e, se pauta na ciência fenomenológica do imponderável e do não reproduzível, pois cada SER, trás uma informação e um história única do seu sistema familiar e de seus ancestrais.

Mais uma vez, a Visão Sistêmica trás uma abordagem de integração e de inclusão. A Visão Sistêmica vem para agregar, para contribuir, para somar e não para competir e excluir. Ela honra o que foi, e trás também uma visão complementar de investigação e busca de solução, aonde a doença não é mais o foco, mas o que esta doença quer me “direcionar”.



Capítulo 20

ATENDIMENTOS SISTÊMICOS VETERINÁRIOS INDIVIDUAIS E EM GRUPOS

Carla Soares

O Médico Veterinário Sistêmico pode atuar de forma individual tutor-família/médico veterinário ou pode atuar em grupos terapêuticos e vivências através das Constelações Sistêmicas Familiares.

Os atendimentos individuais na Medicina Veterinária Sistêmica, são recomendados que ocorram em 3 tempos bem definidos:

- » Entrevista com o cliente/família é importante para que o profissional compreenda sobre o interesse dos tutores pelas constelações. Saber se a família/tutor já teve contato com a abordagem sistêmica. Esse primeiro contato, o médico veterinário sistêmico deve se apresentar, falar um pouco como são seus atendimentos e verificar se a pessoa **está de fato**, pronta para vivenciar uma constelação.
- » É muito importante observar, se há situação aguda de perdas e lutos, pois, é de cautela que a família não esteja em situação de trauma emocional ou perda recente do animal. É importante, o profissional ficar atento se há uma procura por temas supérfluos ou “adivinhações de cunho esotérico”, devendo esse perfil

de cliente não ser atendido. As constelações representam uma abordagem profunda e séria, e, a postura deve ser de preservação a todo conhecimento e legado que Bert Hellinger deixou. Após essa conversa e verificação inicial, é, então possível, o agendamento da Constelação.

- » No dia da Constelação Veterinária, o profissional deve estar num estado de centramento e conexão, já a espera do cliente/família. O atendimento pode ser feito em consultório, e/ou, em ambiente terapêutico previamente preparado. O ambiente deve ser acolhedor, seguro, amoroso, e não deve ter celulares ligados e possíveis interrupções. Deve ser reservado no mínimo 1 a 3 horas para cada família. As constelações individuais, são realizadas com as cartas terapêuticas, bonecos (figuras), papéis e canetas e âncoras de solo. As constelações na água são bem indicadas para os atendimentos individuais.
- » Após a constelação (no máximo em 72h), é indicado um novo contato com a família do tutelado, para saber como as pessoas/animais estão após a constelação. A postura do Médico Veterinário Sistêmico **não deve ser de explicar o que aconteceu**, e sim, de acolhimento e escuta. O entendimento dos movimentos é na alma, e não, na mente cognitiva, e, por esse motivo, qualquer explicação desvalida o essencial e tira a força da constelação.
- » **Não é, recomendado, que esta família/tutor/animal seja constelada constantemente, para que não se incentive a proximidade e a vitimização.** A força de uma constelação e seu entendimento na alma, perdura por anos, e a cada contato com a vivência, trará novos entendimentos.

As Constelações Sistêmicas Familiares em grupo, possuem outras dinâmicas. Os encontros acontecem num formato de “workshop” e, devem ser organizados com bastante tempo de antecedência (mais ou menos 2 a 3 meses), para que se consiga uma quantidade de pessoas que justifique os esforços e que viabilize as dinâmicas terapêuticas.

Nas constelações em grupo, é muito interessante a busca por parceiros e colaboradores, para que o fluxo seja potencializado. Nas constelações

em grupo, os participantes se dividem em 3 perfis de clientes: os observadores, os representantes e os constelandos.

Para que o constelador veterinário esteja conectado, centrando e atento, ele deve se autoconhecer o suficiente para saber seu limite de atendimentos. É recomendado um número razoável de 5 constelações para um período de 8h de trabalho. A partir deste número, o cansaço físico e a desconexão do constelador, devem ser pontos de atenção e interrupção do trabalho. É recomendado que o constelador trabalhe em **dupla com outro constelador**, para que assim, um numero maior de famílias/animais possam ser atendidos de forma intercalada, possibilitando, mais descanso e relaxamento dos consteladores.

Nos atendimentos em grupos, as dinâmicas e exercícios sistêmicos devem ser aplicados, de modo que, todos possam sentir um pouco da força da alma, do campo e das relações humanas. Entre uma constelação e outra, são indicados: meditações passivas, meditações ativas, exercícios sistêmicos em duplas ou trios, exercícios sistêmicos com ancoras de solo, e exercícios sistêmicos com cartas terapêuticas e, até, com os bonecos (figuras) envolvendo a todos.

Em geral, as famílias que decidem participar de grupos terapêuticos permitem a abertura do tema/questão ao público presente sobre as questões a serem trabalhadas. Mas, eventualmente, o tema pode ser oculto aos participantes, e, as vezes, até mesmo ao constelador.

Em vivências de grupo com as constelações familiares, os animais da família podem estar presentes ou não. Em geral, questões de sintomas transmissíveis, animais debilitados, animais agressivos, pós-operatório, gestantes, pacientes com dor e pacientes terminais, **EM HIPÓTESE alguma**, devem ser constelados de forma presencial. Para abordar essas questões, é indicado representantes humanos, ou mesmo, animais que não precisam ter ligação alguma com o sistema familiar.

Quando animais estiverem presentes em constelações, o Constelador Veterinário deve trazer as seguintes orientações:

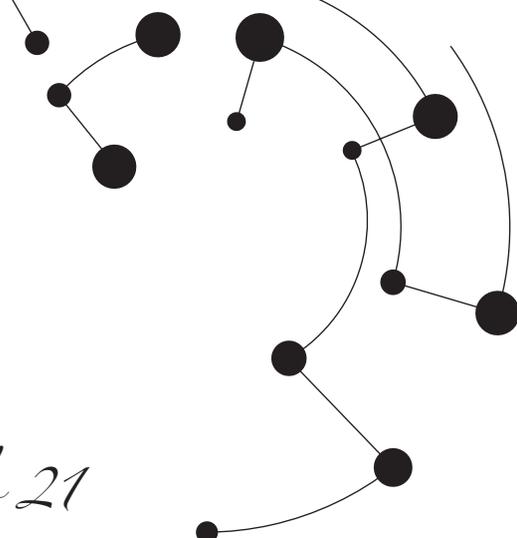
- » Os tutores/família, devem levar os animais com equipamentos de segurança (guias, coleiras, caixas de transporte, água);
- » No momento da constelação, o animal em questão, pode ser solto (cães), e deve ser recomendado que os participantes NÃO

INTERAJAM com o animal, nem com contato físico, visual ou verbal. O silêncio é fundamental. Mesmo com a presença do animal, ele pode não querer participar, e assim, um representante humano para o animal deve ser incluído na constelação, deixando o animal a vontade, para que ele, bioindique algo, caso ele perceba o campo.

- » Após a constelação, os animais devem ser dispensados para que se evite estresses e latidos durante a sequência dos trabalhos.

Ambientes para constelações em grupo com a presença de animais, devem ser, primordialmente, lugares preparados para recebê-los, bem como, com alta segurança para se evitar fugas e brigas.

A rotina dos Consteladores Veterinários, é, ainda, pela escolha dos representantes humanos para os animais. É indicado que a Comunicação Intuitiva Entre Espécies, seja abordagem complementar às constelações com animais.



Capítulo 21

BREVE ABORDAGEM SOBRE A VISÃO SISTÊMICA COMO INSTRUMENTO DE PACIFICAÇÃO NA MEDICINA VETERINÁRIA

Carla Soares

Esse tratado não poderia seguir sem esse tema tão importante, e, sendo talvez, o principal motivo da introdução da Visão Sistêmica na Medicina Veterinária.

Paralela a este Tratado, surgiu a obra (no prelo): **Visão Sistêmica: Um Caminho de Pacificação para a Medicina Veterinária no Brasil.** Desta forma, fica recomendada a leitura, sem que possamos nos estender muito neste capítulo.

Quando estudamos a Visão Sistêmica, e nossos sistemas de crenças e identidades inconsciente que são repassadas e adotadas entre gerações (transgeracional e epigenética), devemos lembrar que a Medicina Veterinária, “nasceu” em tempos de batalhas e guerra. Esse foi no berço. Esse foi nosso arquétipo ancestral.

Passado anos e anos do pós-guerra, ainda, e, de forma inconsciente, o “arquétipo do herói/salvador” ainda coexiste entre nós.

Já numa perspectiva da filosofia sistêmica de Bert Hellinger, o amor para fluir entre os seres de um sistema, precisa de Leis que ordenem o fluxo dessa emoção de forma intensa e consciente. Contudo, através das vivências traumáticas e dos movimentos interrompidos de amor, essa emoção tão forte, passa a ser vivenciada de forma capilarizada e dissociada do momento presente, pois, as conexões relacionais, nos convidam a perceber esse amor, que pelo trauma, está escondido sob muitas couraças e proteções. Essas condutas de defesa para não ter contato com o amor/dor interrompidos, geram algo que se chama DESVINCULAÇÃO E DESIDENTIFICAÇÃO. Compreendendo esse estudo, é possível observarmos nas Constelações, que os seres humanos se direcionam aos animais como proteção da dor vivenciada inicialmente com os pais.

Assim, a famigerada frase, “*gosto mais de bicho do que de gente*”, passa a ter uma explicação de base para a não vinculação e profunda desidentificação com os seres humanos.

Quando analisamos e estudamos a profundidade da dor que está por trás desta simples frase, conseguimos compreender os diversos pontos inconscientes, destrutivos e nevrálgicos do Sistema Veterinário.

Essa desvinculação e desidentificação com a espécie humana, têm colapsado emocionalmente as relações sociais entre médicos veterinários x médicos veterinários, profissionais x tutores, professores x alunos, empresários x colaboradores, sendo, mais uma vez, os animais, nossa rota de fuga para a expansão e expressividade do amor, claro, numa tentativa frustrada do exercício de uma medicina irreal, afinal, não é possível nos relacionarmos com os animais sem que tenhamos que fazer, primariamente, com os Seres Humanos.

Quando excluímos as relações humanas do nosso sistema, estamos excluindo, nossas emoções, nossos traumas, o afeto, a humanização, a percepção, as emoções, o desenvolvimento de relações não competitivas, e, sim colaborativas e mais produtivas. Precisamos desenvolver bases internas para aprender a VER COM OLHOS DE VER O OUTRO. Ou seja, aprender a observar o que está por trás dos comportamentos, o que diminui, consideravelmente, nossos julgamentos, ainda que, determinados atos e comportamentos não sejam aceitáveis para nosso convívio mais direto.

Julgar, é muito diferente de compreender.

A Visão Sistêmica é um instrumento de Paz Mundial, e, por consequência, para o nosso sistema, pois traz apaziguamento a partir do nosso

autoentendimento (subsistema) como Ser Humano, através da reconciliação na alma com nossos pais e nossa história de vida e ancestral, e assim, para cada um dos demais sistemas que se extrapolam a partir de nossa base familiar.

Como trás a Filosofia Confucionista e a Filosofia Sistêmica Aplicada de Bert Hellinger, tudo que se mostra internamente em cada um de nós (nosso primeiro sistema de convívio e relação), é expressado e refletido para o TODO.

A partir deste pensamento primordial, compreendemos que a psicofera de desrespeito, agressividade, desconexão, críticas, julgamentos ao outro, tem sido apenas um reflexo do que temos carregado dentro nós. Esse apaziguamento deve ter como lastro, primeiramente, o EU, para seguir aos meus pais, e então, em diante a todas as demais relações.

Portanto, quando eu não tolero o outro, eu não tolero a mim mesmo e aos meus pais. Quando eu julgo o outro, é porque, ainda julgo a mim mesmo. Quando digo que um tutor é “chato”, eu não estou reconhecendo ele como um ser integral com dores e desafios. Quando adoto esta postura de superioridade, eu desequilíbrio uma lei sistêmica, que é o equilíbrio entre o dar e tomar, tornando o Rapport, as conexões e as trocas relacionais escassas e inexistentes para ambas as partes, empobrecendo nosso tempo, nossos dias e nossas vidas.

Quando o Médico Veterinário não consegue “tomar” o que o outro entrega, subjuga a relação, e se coloca numa postura de superioridade, preferindo a inocente postura, de não se permitir ficar em dívida com outro. Respeitar ordem e hierarquia de um sistema nada tem haver com subjugar o outro. Nosso arquétipo disfuncional de “herói/salvador”, é, portanto, a postura do arrogante, que se sente um doador incondicional, e, não consegue receber o que outro entrega, para assim não ficar em dívida. Essa dinâmica relacional sistêmica, desnivela médico/família, enfraquecendo as relações e desvalidando nossa mais alta capacidade de desenvolvimento humano.

Ninguém evolui, e se desenvolve isolado somente em meditação. A meditação como ferramenta de percepção interior e busca por *insights*, é algo fenomenal. São, nas relações humanas, que nos confrontamos com nossas limitações egóicas e desafios pessoais. É nesta perspectiva relacional

e de autoconhecimento, que conseguiremos como classe, sustentar uma realidade de mais amor e pacificação interior e exterior.

Desta forma, as posturas segregadoras e julgadoras que encontramos nas relações humanas no sistema médico veterinário, nos trazem realidades profundamente insalubres, improdutivas e desgastantes para uma Medicina Avançada.

O Programa de Formação em Medicina Veterinária Sistêmica no Brasil e no Exterior, tem uma atenção primária no treinamento do profissional, para que ele não aloque sua parte de responsabilidade sobre o outro. Buscamos desenvolver neste profissional, o uso da má consciência, trazendo a culpa que é se autoresponsabilizar pela parte que lhe cabe em qualquer relação ou atuação. Esse caminho, vai minando as condutas vitimizadas, fazendo ressurgir a força de um ser humano adulto.

Devemos lembrar que, as crises são importantes, mas, gerarmos conflitos despropositados na justificativa de evolução, é permanecermos presos numa espera de dor, perdas, angústias e sofrimentos desnecessários. A pacificação, é portanto, um caminho de progresso, amor adulto nas relações, sem fanatismos, sem idealismos, e com toda a culpa de se tornar um adulto de fato.

A postura que inclui, vê, e agrega, trás consciência e impactos positivos na área da Saúde e da Vida no Terceiro Milênio.

A Pacificação, começa então, quando cessamos nossos conflitos incoerentes de “crianças feridas e abandonadas”, expectantes e exigentes com a vida. Temos visto na Visão Sistêmica e nas Constelações, que esse padrão comportamental insatisfatório, advém de não internalizarmos e integrarmos nosso Pai e nossa Mãe em nossos corações como eles de fato são, e, puderam ser. Esse é o primeiro passo para encontrar meu lugar de força e paz.

Pacificação não é passividade. Pacificação é harmonização possível dentro dos sistemas. Começamos a encontrar esse lastro, quando reconheço meus pais em mim. Quando passo a compreender a humanidade que existe por trás do papel de ser “papai” e de ser “mamãe”. Queremos mudar e exigir que nossos pais pudessem fazer mais do que fizeram, é nos sobrepujar a quem são maiores que nós. Neste aspecto, desonramos, veementemente, uma lei: ordem e hierarquia.

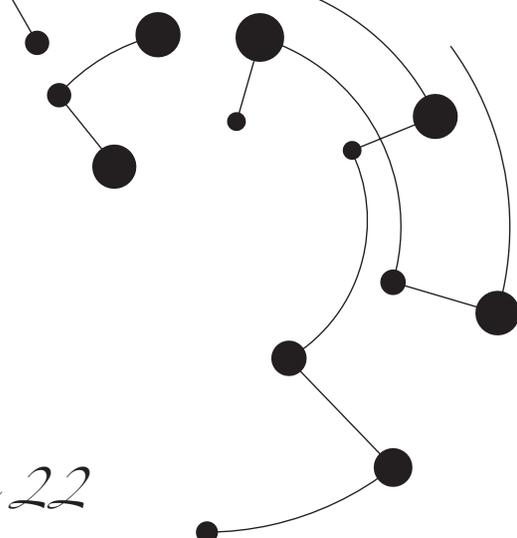
Quando irrompemos com nossa força de base que são nossos pais (vivos ou mortos), passamos, então, a fazer essas exigências de não aceitação do outro comigo e com todos, e pior, extrapolando essa dor, para todos os demais níveis e sistemas de nossa vida.

Nossa prepotência como filhos (menores que nossos pais) é tanta, que a vida que vem de nossos ancestrais e de nossos pais, passa a ser pouco e desvalorizada, e assim, replico essa inabilidade de aceitar, honrar e amar de forma adulta e consciente, para todas as demais relações.

Quando a classe Médica Veterinária compreender e vivenciar essa filosofia e ciência humana, na alma, teremos condição de perceber que esta desidentificação e desvinculação com própria espécie, nos aniquila, e, nos causam ainda mais dor. Vivenciando experiências sistêmicas, teremos condição de compreender que, poderemos melhorar muito nossa vida, quando passamos a nos amar, amar nossos pais verdadeiramente, e, também, ao próximo, sendo os animais, grandes seres que unem e conectam, o “eu e você”.

Assim, não vejo outro caminho para a pacificação do Sistema Veterinário, sem haver, vivências com as relações humanas e autoconhecimento, e, mais ainda, resgatando e honrando a nossa história pretérita: a história da medicina veterinária que nasceu em estados de guerra. Ainda carregamos esse arquétipo, que deve ser honrado e amado, para que, assim, possamos deixá-los livres agora.

A Visão Sistêmica abrange esses estudos, e mais ainda, ela é uma forma de perceber, ressignificar e caminhar de forma lúcida em nossas vidas, com mais clareza, mais força, e, certamente, mais pacificação interior.



Capítulo 22

OS ESTUDOS DOS NEURÔNIOS ESPELHOS COMO BASE PARA O ENTENDIMENTO DOS VÍNCULOS ENTRE TUTORES E SEUS TUTELADOS

Carla Soares

De forma tímida, segregada, e, através da observação, muitos Médicos Veterinários Clínicos, vêm observando e identificando em seus atendimentos, como os tutores e seus tutelados animais tornam-se parecidos, não só no aspecto fenotípico que já observado através da “raça e não raça” do animal, mas, também, dos comportamentos, e até, dos sintomas (tutor-tutelado).

Com uma abordagem Sistêmica e com as Constelações Veterinárias, conseguimos identificar os “*blind spot*” desse pareamento comportamental e sintomatológico, estudar e compreender melhor como essas dinâmicas acontecem, e, porquê acontecem.

Antes de definirmos o que são neurônios espelhos, devemos antes compreender uma Lei sistêmica segundo Bert Hellinger muito imperiosa, que se manifesta muitas vezes de forma inconsciente: O Pertencimento e o Vínculo, movem-se consciente e/ou inconscientemente, para que animais e humanos façam parte dos sistemas. É uma força.

Todos sistemas têm forças agregadoras muito profundas, que são vinculados por lealdades e amor. Pessoas e animais se conectam por amor. Mas, nosso olhar, já não “romantizado”, nos convida a olhar com olhos de ver, as razões ocultas desse amor, e se nele, está contido, um espaço vazio, preenchido pelos animais. O amor existe, porém, a questão é, verificarmos se há ou não, uma disfuncionalidade nesta vivência, que Bert Hellinger chama de amor-cego.

Devemos ainda considerar que, os animais possuem um senso de pertencimento genético e primário aos seus troncos filogenéticos, e que essa condição tem uma precedência. Os animais inseridos em sistemas humanos, exigem dele, outros movimentos e comportamentos, para que se sintam igualmente, pertencidos.

Percebermos esse vínculo primário dos animais aos seus próprios ancestrais, permite que possamos estudar e compreender melhor os “esforços” que as diversas espécies animais fazem quando inseridas no sistema humano. Esses esforços passam desde a plasticidade fenotípica até as formas de adoecimento.

Para que os animais possam “pertencer” ao sistema humano, eles passam a desenvolver comportamentos, e mesmo, modulações fenotípicas externas, para que possam despertar no tutor, uma identificação com uma outra espécie.

Desta forma, tanto animais e como humanos, buscam encontrar uma congruência para que possam coabitar dentro de um sistema familiar multiespécie.

Essa dinâmica pode ser observada quando seres humanos, “humanizam” os animais. E, quando estes animais passam a expressar comportamentos, sintomas e “fenotípias” similares ao sistema familiar humano.

Essa dinâmica obscura, muitas vezes, está pautada na vontade inconsciente de expressar amor, gerar vínculo e pertencimento. Essas dinâmicas precisam ser reconhecidas, tanto pelos humanos, como pelos animais.

Dentro deste entendimento fenomenológico, buscamos compreender também, através da ciência cartesiana, uma possibilidade para a explicação deste magnetismo/espelhamento entre tutor/tutelado.

Na década de 90, diversos estudos, começaram a ser realizados no campo da neurociência, buscando explicação para determinados comportamentos e ativações neuronais.

Rizzolatti *et al.* (1996 - 2005) demonstrou em laboratório com Macacos *Rhesus*, que as mesmas áreas do lobo frontal (F5), eram ativadas quando os primatas realizavam uma determinada tarefa, e quando um ser humano, realizava a mesma tarefa sendo visualizada pelos primatas.

Desta forma, estes cientistas conseguiram comprovar que a “observação de uma ação”, ativa as mesmas partes cerebrais de quem está realizando, portanto, formando um espelho.

Uma das grandes descobertas destes experimentos, foi que, para haver a ativação espelhada dos neurônios, os repertórios comportamentais deveriam ser comuns aos indivíduos envolvidos na comunicação/relação. Ou seja, quando a relação é interespecífica, ambas as espécies devem ter o mesmo repertório comportamental. Por exemplo, um cão quando late não ativa a mesma parte neuronal num ser humano. Mas, quando um ser humano, movimenta os lábios ou, leva a mão na boca, as mesmas partes ativas do cérebro humano, são ativadas num cão.

Os neurônios espelhos, estão correlacionados com as perspectivas proprioceptivas e neuromusculares, conferindo também, percepção de movimentos e lateralidade correspondentes entre observador e observado.

Fadiga, Craighero e Oliver (2005), através de estudos de imagem cerebral e de estudos através de Ressonância Nuclear Magnética Funcional (fMRI), conseguem demonstrar que, além da ativação das mesmas partes cerebrais na observação/execução de um movimento, foi possível, observar também, a ativação cerebral similar, quando há apenas, a intenção da ação.

Dobbs (2006), apresenta um trabalho que comprova que as emoções também podem ser espelhadas entre os indivíduos, mostrando que, comportamentos de empatia, compaixão, socialização e rapport, podem igualmente ativar as mesmas partes cerebrais da pessoa/animal que está em perspectiva. Desta forma, os neurônios espelhos contribuem grandemente para a comunicação não-verbal intra e interespecífica.

Repertórios comportamentais e emocionais pertinentes por similitude em cada uma das espécies, podem ativar as mesmas áreas cerebrais, e motivar comportamentos e emoções similares. Essa capacidade interativa social, pode ser fortemente estimulada em núcleos familiares compostos por diferentes espécies, permitindo empatia e a sobrevivência dos indivíduos do sistema, através do senso de pertencimento.

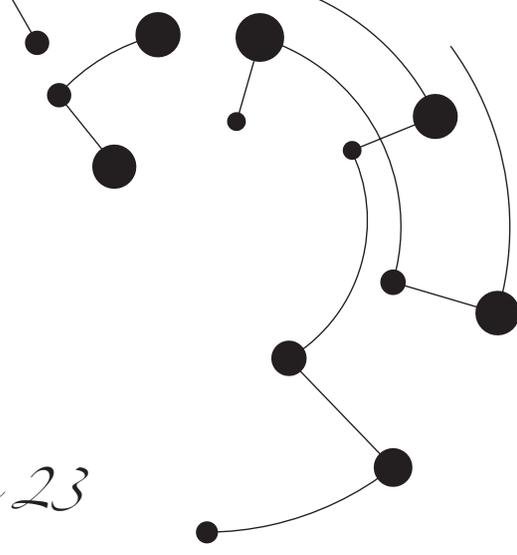
Sistemicamente, quando estudamos e percebemos os movimentos de alma que acontecem em um campo de constelação, conseguimos observar que o amor-cego e a lealdade de algumas espécies animais, é para pertencer a um sistema (grupo aonde eles se sintam integrados). Desta forma, não é incomum verificarmos que, por ressonância, os animais façam os movimentos de: “*eu vou por você*”; ou “*eu faço adoção por você*”.

Essa ressonância, explicada pelo ponto de vista dos neurônios espelhos, mostram que os animais podem adoecer por espelhamento emocional com o campo vibratório, emocional e comportamental do sistema ao qual ele está inserido. As constelações familiares, entram então, como um meio de detectar o ponto oculto do espelhamento disfuncional, para que a informação seja acessada em prol do sistema, convidando a todos, a adoção de novas posturas, comportamentos e entendimentos, que diminuam a possibilidade de repetição do padrão negativo manifestado por uma lealdade cega.

Aqui vale ressaltar que, o espelhamento tutor/animal, pode ter um caráter benéfico que potencialize a sobrevivência e socialização do sistema, mas pode ter igualmente um caráter disfuncional. Cabe ao Médico Veterinário Sistêmico, identificar, facilitar o entendimento, e, ajudar nas possíveis correções da não percepção das leis sistêmicas dentro das famílias multiespécies.

REFERENCIAS CONSULTADAS

- Dobbs, D. 2006. Reflexos Reveladores. *Mente & Cérebro*, 161, 46-51.
- Fadiga, L.; Craighero, L.; Olive. E. 2005. Human motor cortex excitability during the perception of others action. *Current Opinion in Neurobiology*, 15, 213 – 218.
- Lameira, A. P; Gawryszewski, L.G; Junior, A. P. 2006. Neurônios Espelho. *Psicol. Usp.* Vol. 17, no. 04. São Paulo.
- Rigazzati, G (2005). The mirror neuron system and imitation. In S. Hurley & N/ Chater (eds), *Perspectives on imitation: in animals – Social neuroscience*. Cambridge, MA: MIT Press.



Capítulo 23

OS ANIMAIS PODEM DESENVOLVER A “SÍNDROME DO AMOR NEGATIVO”?

Carla Soares

Será que os animais podem “adotar” as tendências negativas do sistema familiar ao qual ele está inserido?

Por quê será que alguns animais são agressivos, antissociais, fogem e/ou não conseguem ser adotados?

Será que os animais usados em abates, impregnam em sua matéria a dor e o sofrimento vividos antes da morte?

Será que os sintomas dos animais podem ser compreendidos como expressão desta Síndrome do Amor Negativo?

Estas grandes questões espelhadas, e, muitas vezes ocultas, manifestadas pelos animais, podem ser estudadas também através das perspectivas e estudos do pesquisador e terapeuta Bob Hoffman.

Bob Hoffmann, é pesquisador nova iorquino, nascido em 5 de setembro de 1922. Foi um grande estudioso na compreensão das bases de dissociarmos da capacidade humana de nos sentir dignos de amar e ser amados. No espetacular material publicado pelo Instituto Hoffman de

Porto Alegre, “*A Síndrome do Amor Negativo*”, Bob Hoffmann, explica que a inabilidade de aceitar amor, advém, especialmente, de traumas na primeira infância.

Quando, extrapolamos esse conhecimento para os animais, podemos claramente, que através de abordagens terapêuticas sistêmicas, observar que eles igualmente, são capazes de adotar comportamentos que representam iguais inabilidade de convívio social, adoções, recebimento de amor. **Eles simplesmente não aceitam.**

Quando verificamos através das constelações, conseguimos perceber os pontos ocultos (*blinds spots*) que são as principais causas desta inabilidade de receber e compartilhar amor. Não é que eles não sintam, mas, como nós, os animais igualmente desenvolvem mecanismos de defesa que não permitam acessar a dor trauma. Comportamentos irascíveis, agressivos, fugas, comportamentos de isolamento, apatia, não-adoção, e, adoecimentos constantes que levam ao abandono, são algumas das modalidades comportamentais da Síndrome do Amor Negativo.

Segundo Bob Hoffmann, os comportamentos negativos podem ser adotados do sistema familiar (pais), e/ou, apenas repetidos de forma inconsciente pelos filhos. No caso dos animais, a primeira situação parece ser a mais comum, mas, não porque adotam dos pais biológicos, mas pela circunstância e contextos traumáticos sentidos na fase intrauterina e perinatal.

Para sabermos se os comportamentos de negação ao amor, por alguns animais após um trauma, são de origem transgeracional ou, simplesmente, na maternagem (relação mãe/filhotes), são necessárias algumas décadas de mais e mais observações, para que possamos compreender num nível mais profundo.

Contudo, já é possível observarmos que, alguns animais parecem sim, adotar um comportamento repulsivo para receber o amor, por medos e traumas vivenciados, no sistema de origem deles, no local aonde nasceram e foram criados ainda filhotes, como por exemplo, as terríveis “fábricas de cães”, animais que nasceram em locais de rinha, de mutilações, de criações desumanas, animais abandonados ainda filhotes.

Vale ressaltar que, muitos animais vindos de situações traumáticas, são extremamente amorosos e saudáveis, portanto, aqui não é regra. Aqui

é um ponto para igualmente ser investigado sob a luz da visão sistêmica e das constelações.

Essas vivências emocionalmente traumáticas, podem reprimir nos animais, a capacidade social de conviver com pessoas e/ou animais, e, as constelações tem ajudado muito a compreender o ponto desencadeador e de origem mais recente para a memória dos animais.

Animais traumatizados emocionalmente nas fases intrauterinas e perinatais, podem apresentar “comportamentos limitantes e desafiadores” de aceitação de um amor pacificado. São àqueles animais, que, inexplicavelmente, são profundamente agressivos, inclusive, animais ainda muito jovens, animais com dificuldade de adoção, animais fúgitivos, animais antissociais que precisam de medidas de controle mais drásticas como isolamento, focinheiras, e, pouca proximidade com outros animais e pessoas.

Quando estudamos esses comportamentos sob a luz da visão sistêmica, esses animais podem estar manifestando as raivas, os ódios, as vinganças, as exclusões e outras infinitas possibilidades emocionais, do sistema familiar ao qual está inserido.

Ainda neste contexto, não podemos desconsiderar que a emoção da raiva/medo, claramente percebidas em alguns indivíduos de raças consideradas dóceis, como Spitz, Shitzus, Malteses, podem ser comportamentos e emoções de interrupções de movimentos em direção ao prazer/amor. Com isso fica uma questão:

Será que esses animais, não estão manifestando reflexos de projeção do campo familiar humano ao qual estão inseridos? Sistemas estes que, podem ter repressões ao prazer, ao corpo, desencadeando, medo e raiva na esfera mental e somática do sistema? Eu, ser humano, não posso expressar minha raiva socialmente, mas, meus animais podem fazer por mim, pois eles socialmente são aceitos na raiva e no comportamento de medo excessivo.

Seriam os animais, as “válvulas de escape”, do sistema humano?

Por exemplo, sistemicamente, podemos observar os comportamentos de automutilação correlacionados a expressividade da tríade medo-raiva-prazer.

Contudo, sem que haja uma ressonância direta ao campo de informações dos tutores, devemos também, estudar as pesquisas de Bob

Hoffman, sobre a não aceitação social amorosa, e, dos comportamentos inconscientes manifestos de forma repetitiva pelos animais, pois estes, podem dizer somente a respeito da vida ancestral do animal, e não, do tutor.

Quando atendemos na clínica e/ou nas constelações veterinárias, animais que apresentam comportamentos de negação ao convívio social, ao toque e ao amor, igualmente, devemos observar pela ótica sistêmica e transgeracional.

Muitos destes comportamentos, dizem respeito a experiências traumáticas que podem sim, ter sido desenvolvidos ainda no útero, sistêmicos/ancestrais, e mesmo, perinatais, da história do indivíduo.

Os casos de anorexia e falta de apetite de filhotes recém-nascidos igualmente, devem ser vistos também, pelo aspecto de não quererem receber “nutrição/amor”. A rejeição ao alimento, pode ser algo muito profundo do animal, relacionado a separação abrupta e traumática da mãe.

Pela visão sistêmica, a vontade de comer está relacionada a vontade de viver, e, portanto, de receber amor através do primeiro SER vivo que nos alimenta, que é a mãe. Quer seja de forma intrauterina, quer seja, através de do leite materno.

Esse assunto profundo e de vastíssimo conteúdo epistemológico e de pesquisa, devem continuar sendo abordados sob a luz da visão sistêmica ou através das constelações, pois sabe-se que muitos medicamentos e terapias para disfuncionalidades comportamentais não tem resultados extraordinários, e muito provavelmente, porque as questões transgeracionais e sistêmicas não foram consideradas na terapêutica clínica.

Felizmente, como aponta Bob Hoffmann, a Síndrome do Amor Negativo não é inato, e, sim, adotado pelos seres humanos. No caso dos animais, eles podem ter a memória de um contexto traumatizante, e assim, se protegem para não expressarem amor e harmonia, bem como, para não receberem também esse amor.

Nos animais, podemos listar alguns traços comportamentais que expressam o amor negativo:

- » Automutilação e coprofagia disfuncional
- » Destruição de ambientes
- » Agressividade com pessoas e outros animais

- » Animais que evitam a montaria e a doma (equinos)
- » Anorexia e falta de apetite, rejeição aos alimentos
- » Predisposição a adoecimentos repetitivos
- » Baixa socialização
- » Tendência ao isolamento
- » Animais que não aceitam adoções ou são difíceis de serem adotados
- » Animais difíceis de serem disciplinados e educados
- » Animais com baixa expressividade de afeto
- » Animais que não fazem contato visual, se sentem invadidos quando o fazemos
- » Animais indiferentes a novos ambientes, novos brinquedos, novos “amigos”

Abaixo, podemos listar alguns traços positivos dos animais que não apresentam capacidade de receber e expressar amor, que aqui chamaremos de amor positivo:

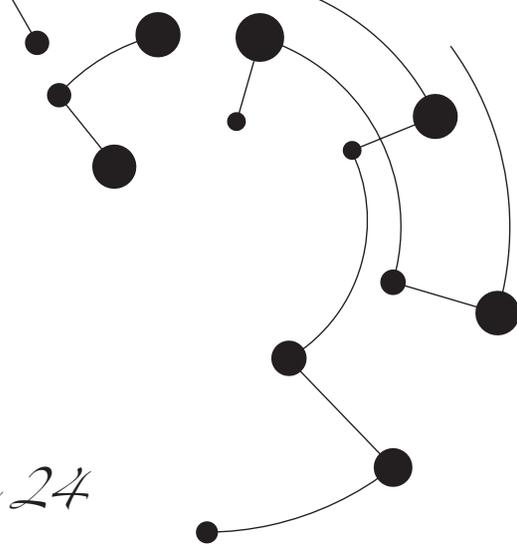
- » Animais com alta capacidade de socialização com humanos e outros animais
- » Animais com apetite regular
- » Animais curiosos com novos ambientes, novos brinquedos, novas interações
- » Animais que adoecem pouco
- » Animais generosos, sensíveis, empáticos e afetuosos
- » Animais que aceitam ser tocados e aceitam carinho
- » Animais que buscam o contato visual
- » Animais que aceitam educação comportamental e treinos
- » Animais que não apresentam comportamentos compulsivos
- » Animais com facilidade para socializar em parques e creches
- » Animais com previsibilidade de comportamento (muitos escolhidos para as Terapias com Animais)
- » Animais com facilidade de aprendizagem

Dentro do aspecto de magnetismo e similitude entre o animal com “Síndrome do Amor Negativo” e o Sistema Familiar ao qual ele está inserido, podemos encontrar enormes similitudes de sobreposição dos campos de informações. Aqui podemos chamar de “intersecção dos campos morfogenéticos animal-tutor”.

Neste ponto obtuso, podemos e devemos, como Médicos Veterinários Sistêmicos, compreender que pode sim, haver uma sincronicidade dos mesmos comportamentos negativos do animal com os traços negativos do sistema humano ao qual ele convive, o que pode reforçar ambos os lados da disfuncionalidade, potencializando, ainda mais, esses traços no animal e no humano.

Os estudos neste campo do sistema ancestral, intrauterino e perinatal dos animais, é profundamente importante para o entendimento dos comportamentos negativos manifestos dentro das clínicas e de nossos atendimentos através das constelações. Ficar preso apenas no binômio de similitude tutor-tutelado seria ficarmos “presos” num lugar, sem perceber com “*olhos de ver*”, as possibilidades dos desdobramentos da alma e da grande consciência de ambos os sistemas que dizem respeito a cada um, e não, quando estes campos morfogenéticos se sobrepõe.

O olhar do Médico Veterinário Sistêmico, deve ser para o campo de informações de cada das espécies envolvidas, que ora poderão ser acessadas separadamente, ora poderão se sobrepor em algum grau.



Capítulo 24

A POSTURA DE SABER AJUDAR COMO ADULTO E O ARQUÉTIPO INFANTIL DO HERÓI

“O Médico Veterinário adocece quando exerce sem impor seus limites, quando, confunde compaixão com disponibilidade sem regras”

Carla Soares

O Médico Veterinário, ao se formar, faz um juramento que pouco prestam atenção que é salvar vidas, independentemente, de suas condições emocionais, bastando para este labor, apenas o conhecimento técnico.

Essa condição ilusória e quase “infantilizada” (porque não condiz com a realidade), é o que incentiva, de forma até inconsciente, que nós, sobrepujemos nossa própria vida em prol do outro, ainda que fiquemos com culpas, desaforos, medos e sintomas. Uma abordagem sistêmica sobre Síndrome de Burnout na Medicina Veterinária, foi delineada no livro O Samurai e o Médico Veterinário (2019).

Um Médico Veterinário do Terceiro Milênio, deverá se desenvolver em bases, que não sejam somente pautadas em conhecimentos técnicos e científicos, mas, sim, e também, profundamente no desenvolvimento

humano e na ciência fenomenológica do entendimento das relações, sejam elas intra ou interespecíficas, passando, sobretudo, pelo autoconhecimento e autocuidado.

O Médico Veterinário, ao sucumbir diante de suas dores e incompreensões, deverá ser um buscador e um estudioso de sua própria história de vida, de suas relações, de seus estudos filosóficos verdadeiros sobre nascimento-vida-morte, sobre os impactos do ato médico da eutanásia, sobre as relações humanas dele próprio com famílias emocionalmente fragilizadas, sobre o desenvolvimento de sua própria alma e consciência, já que esta representa, mais de 90% de sua expressividade.

A Medicina Veterinária do Terceiro milênio, exigirá uma postura adulta, de não repetição de padrões, de não vitimização, de auto responsabilidade e de autenticidade. Não será mais possível, nos conformamos com ilusões e formações desconectadas da essência e da alma dos seres humanos e dos animais.

A movimento mecanicista de nossas formações, que funcionaram bem até então, vem trazendo a dor e o desconforto das novas mudanças e percepções. A humanização da Medicina Veterinária, talvez, seja, a questão a ser laborada.

Ela pode se dar no aspecto do autodesenvolvimento, mas também, no aprimoramento da abordagem do médico veterinário, da família, do animal, das empresas e das pessoas.

Esse capítulo, inserido de última hora no tratado, não poderia começar diretamente de um ponto estruturado, e sim, de um ponto mais subjetivo, para que nós possamos compreender o que é “Ajudar”, e, sua diferença em ser um “Herói”. A resposta nada simples para esta questão, precisa passar pela compreensão das bases ocultas e inconscientes que nos levaram a ser Médicos Veterinários.

Inquestionavelmente, a escolha para sermos Médicos Veterinários é uma escolha na grande maioria, de “ALMA”. Sim, mas não é uma escolha romantizada e excludente, como aparenta ser: *“Eu amo os animais incondicionalmente, e, por isso, escolhi ser Médico Veterinário”, ou, “Minha alma não gosta de gente e prefere os bichos”.*

Essa é uma percepção superficial do ponto de vista do nosso inconsciente, bem como, do ponto de vista sistêmico e não linear.

O self estudado por Carl Jung, é a totalidade da complexa mente inconsciente com a mente consciente, somado ainda, a todos os demais aspectos fisiológicos, neuroquímicos e orgânicos que permitem a expressividade de nosso self 1 (cognição) e nosso self 2 (mente inconsciente, intuitiva).

Essa dinâmica psíquica de compensação e relação entre self 1 e self 2, é, a causa obscura e oculta da grande parte de nossos conflitos, sobretudo, quando rejeitamos (excluímos), um ou outro.

Carl Jung estudando o psiquismo dos seres humanos, observou que a ciência cartesiana materialista, distanciava os seres vivos ainda mais da sua condição natural e anímica-consciencial, trazendo mais deficiências e dores à condição de materialidade do Ser Humano, e de outros seres.

A compreensão de nossa mente inconsciente foi profundamente estudada através da medicina, da psicologia e da psicanálise de Sigmund Freud, Jaques Lacan, Winnicott, Car Jung, sendo estes e muitos outros, considerados visionários cientistas do psiquismo humano.

Os estudos destes cientistas, nada tinham haver com religião, e, tão pouco, com observações estatísticas e lineares, que se aplicavam de forma sistematizada a todos os indivíduos da espécie humana. Havia uma subjetividade e complexidade, ligada à “alma/consciência” que se desenvolve e se expressa com a capacidade de acoplamento desta a um corpo biológico, através das experiências e vivências individuais.

Assim, Carl Gustav Jung, associou a “alma” à consciência e à psique, como sendo, o que de fato, “anima” a vida, o intelecto e os movimentos dos corpos. Portanto, a existência depende, de fato, da presença de uma “alma-consciência”.

A partir deste entendimento, Bert Hellinger, um profundo estudioso da alma humana e não-humana, compreende que ela, deve estar presente em todas as nossas escolhas, ainda que não assertivas, ainda que inconscientes, ainda que ela nos conduza à caminhos difíceis. Pois, a alma em si, tem duas funções sistêmicas: **dar direção e incluir o que estava excluído.**

Com base neste entendimento sistêmico, devemos ainda complementar os estudos de Nilton Bonder, aonde ele diz que a alma é imoral. Ou seja, ela é desprovida de moral, de cultura, de julgamentos, de críticas e de

crenças, e por isso, ela nos coloca numa perspectiva conflituosa com nossos preceitos cognitivos do superego repressor, sociais e pré-estabelecidos.

Incluir em nosso coração, um perpetrador, um estuprador, um assassino, ou algo que estabelecemos como “certo”, é o grande desafio integrador da percepção dos movimentos da alma, mas, ao observarmos o que ela quer nos dizer, nos amplia em profundidade e magnitude existencial de aceitação, transformação, ressignificação e evolução.

A alma não tem piedade, e tão, pouco consegue ser totalmente excluída. Quando recalçada e reprimida, ela nos “cutucará” através de nossas dores, dos sintomas, das nossas dificuldades relacionais, dos nossos sonhos não realizados, de nossos projetos que estão nos papéis, na execução de uma atividade que perdeu o sentido para nós.

A forma como percebemos o mundo ao nosso redor, é, exatamente, o tanto de conexão proporcional que estabelecemos de acesso à nossa própria alma. À nossa própria consciência. Essa percepção, acontece através dos sentidos e do corpo. Mais ainda, do nosso estado de presença pleno e consciente. A dissociação com a realidade pode advir dos nossos traumas, e, essa informação, nos permite compreender o grau de profundidade de nossas relações humanas.

O medo de “ver” nos faz olhar sem conectar (mente dissociativa)

A Visão Sistêmica, exigira de nós, os “*olhos de ver*”. Esse “VER”, é buscar não só o que não está visível, mas, também, vermos sem julgamentos e sem opiniões, nossas próprias dores, para que assim, não precisemos abrir mão de ver realidade. Esse *modo operandis* de sobreviver dissociado, faz com sejamos reféns de comportamentos, ações e emoções cegas e invisíveis aos nossos ancestrais e aos sistemas diversos.

Para ver, é necessário mergulhar em nossas dores primárias, e, dito isso, podemos agora transcorrer e responder ao tema do capítulo.

Em estudos fenomenológicos e sistêmicos, tem se observado que, escolhemos ser Médicos Veterinários, a princípio, por duas razões complexas e difíceis de internalizar:

Uma porque em nossa primeira infância (muito provavelmente até os 7 anos de idade), passamos por profundos traumas recalçados de movimentos interrompidos de amor com nossos pais biológicos, dificultando nossa vinculação à própria espécie (Soares, 2019).

Esses movimentos que diminuíram nossa capacidade de expressar nosso amor pelas duas pessoas mais importantes da nossa vida (nossos pais), é uma das causas inconscientes que nos fazem buscar esse amor em outras espécies não-humanas. Mais ainda, de forma inconsciente, buscamos nos relacionar com pessoas que nos desvalidem, nos descartem, nos subjuguem, para justamente, validar esses movimentos de amor e alma interrompidos quando ainda erámos crianças.

Essa “criança”, cheia de sentimentos e emoções interiorizados, mas não expressados, busca nos animais seu aconchego, sua capacidade de amar, sua capacidade de se relacionar, mas, excluindo e rejeitando nossos progenitores, que seguem por nossas vidas, sendo julgados e criticados. Nossa postura ferida, então é, de sentirmo-nos superiores e vingativos aos nossos pais. Nesta postura, muitas vezes inconsciente, buscamos mostrar a eles, inconscientemente, o quanto podemos fazer melhor, **salvando o mundo**.

Nesta dolorosa perspectiva, nós, por não respeitarmos nossos pais como eles de fato são, inconscientemente, usamos nosso amor cego e leal, para tentarmos salvarmos os pais dos destinos difíceis e de suas escolhas, desmerecendo qualquer força e precedência que eles tenham sobre nós. Quando esse movimento de salvar e ser visto não pode ser concluído no âmbito familiar, destinamos esses esforços ao mundo.

Nesse movimento de “salvar” os nossos pais, e ao mesmo tempo, mostrar quão melhores somos que eles, nos tornamos em nossa ingênua postura, pessoas arrogantes, médicos veterinários “heróis” dos animais, superiores aos seus tutores, criticando pares e colegas com a mesma raiva e frustração que sentimos com nossos pais.

“Todos os heróis são crianças, são principalmente, as mães que gostam de seus heróis”.

Bert Hellinger

Adotarmos o arquétipo do herói/salvador, nos coloca em duas perspectivas: necessidade inconsciente e dolorosa de querermos ser vistos da maneira que achamos “ideal” pelos nossos pais, e, porque ao salvarmos o “outro”, nos colocamos numa postura de superioridade, que é por similitude, a mesma postura que temos com nossos pais. Nos achamos maior que nossos pais.

Quando pacificamos essa relação primária, que é a base para todas as demais relações nos diversos campos da vida, conseguimos nos colocar numa perspectiva de aceitação, de humildade, de “olhar com olhos de ver” nossos pais como seres humanos, como mais fortes e precedentes que nós.

Aceitá-los em seus desafios, nos permite uma reconexão de alma com a vida, nos dando força para mudar nossa percepção para o nosso caminho, para nossas relações e para a vida, sem exigências infantis, sem cobranças além do que necessitamos.

E, é justamente nesta resignificação de nossa relação de base (pai e mãe), que conseguiremos ver as famílias/tutores dos nossos pacientes animais, sem julgamentos, e, com compaixão em projetar neles nossas mazelas e nossas deficiências.

Quando nossa postura interna, passa a ser de não julgar os pais, e conseqüentemente, as famílias, tutores e colegas, aí então, conseguimos nos libertar desta postura heróica, da postura do salvador, mas, também, da postura da vítima.

Essa tríade circular e viciosa (vítima, salvador e algoz), é o que permeia o Sistema Médico Veterinário, e, numa alternância de papéis que variam entre a desvalorização, a incompreensão e os atos heróicos, vamos nutrindo e retroalimentando esse sistema de relações infantis e polarizadas.

Aonde não dou conta, empurro para debaixo do tapete, e/ou culpo o outro, deixando de me eximir de minhas responsabilidades evolutivas, e sem a força para mudar. Neste ciclo **salvador-vítima-algoz**, vamos permanecendo em dores profundas, sem conseguirmos quebrar esses ciclos, reforçando-os em nossas críticas, julgamentos, e formas de proteção e defesa, que nos eximem das relações humanas que tocam nossas feridas.

Os animais como curadores natos, acalentam esses “buracos”, mas nos mostram o tempo todo, de forma belíssima, qual direção olhar. Quando eles adoecem e nos colocam de frente para uma família com suas demandas e histórias, eles acabam que nos confrontam com nossas limitações, dores, e superioridades frágeis.

Não esqueçamos:

“Ninguém consegue se conectar verdadeiramente com a alma, sendo fortes e prepotentes. É preciso tocar na dor ou sermos frágeis e humildes para sermos humanos”.

Carla Soares

E, ao que parece, não temos dificuldades em nos relacionarmos com os animais não-humanos. Mas, de forma polarizada, encontramos nossas dificuldades com os indivíduos da mesma espécie. Esses sim, nos mostram, como espelhos, às memórias de nossos traumas, questões e dores mais pretéritas.

Assim, esse capítulo, partindo desta introdução quase apnêica, podemos compreender agora, como podemos ser um ajudante, um cuidador, um médico, um terapeuta.

Bert Hellinger em sua profunda filosofia aplicada e fenomenológica, trás uma precedência ao amor e a ajuda: **ordenação**. Sem ordem, tanto o amor quanto a nossa capacidade mais autêntica de ajudar, tornam-se movimentos de desvalidação, ego, soberba, falta de limites, subjugação da força do outro (seja animal ou ser humano), reforço à vitimização, busca por culpados, desequilíbrios entre o dar e tomar.

Assim, vamos compreender as 5 ordens da ajuda segundo a visão Helligeriana, e, vamos buscar aplicá-la ao sistema médico veterinário:

1 > PRIMEIRA ORDEM DA AJUDA

“Tomar para si apenas o necessário, e dar apenas aquilo que se tem”.

É realizar apenas o possível e não o sobrenatural. Isso quer dizer em organização do tempo, da presença nos atendimentos, da disponibilidade de uma agenda orgânica, do exercício do ato médico veterinário de acordo com o que gostas de exercer, e, dentro das possibilidades estruturais.

Para isso, é necessário, humildade, capacidade de estabelecer parcerias, se autocuidar, ter tempo para estudo, lazer, família, e vida social. Um exemplo muito comum que podemos citar aqui é: o Médico Veterinário que não é plantonista e intensivista, e que atende e interna animais fora do seu horário estabelecido de trabalho, e não encaminha para os profissionais que o fazem.

Essa postura amendrotada pelo julgamento do outro e da não confiança em seu próprio trabalho (medo de perder o cliente), coloca-o num lugar de agir sem poder dar, rompendo logo de cara, com a primeira ordem da ajuda.

2 > SEGUNDA ORDEM DA AJUDA

“Reconhecer seus próprios limites e ter humildade para não avançar no ego. Reconhecer suas verdadeiras possibilidades de ação interna e externa”.

Muitas vezes, nós, médicos veterinários rompemos nossos limites, nos colocando como ajudante, sem verificarmos nossas reais condições internas e externas. O que é isso? É, quando saímos para fazer um atendimento, sem verificarmos se nossa estrutura clínica ou empresarial comporta a complexidade de cada realidade.

Para piorar essa situação, saímos para atender, sem percepção de nossas condições emocionais e de alma. Atendemos com raiva, com medo, descentralizados, desfocados, desconectados. Essas condições internas desreguladas, agravam as relações humanas, e, pioram nosso atendimento, que se tornam desgastantes e supérfluos.

Algumas vezes, até percebemos que não estamos bem, mas ainda assim, nos desrespeitamos e nos tornamos refratários e/ou reativos aos comportamentos e exigências do “outro” (cliente/tutor).

Neste aspecto, devemos ter adoção de práticas de meditação, Reiki, e preparação de nossos ambientes de trabalho, que devem ser harmonizados e cuidados do ponto de vista energético e vibracional. Salas de atendimento com odores, sujos, desordenados, aonde a psicofera de medo, ingratidão e raiva predominam, devem ser limpados e cuidados pelo Médico veterinário.

3 > TERCEIRA ORDEM DA AJUDA

“A Ajuda deve ser entre Adultos”

Muitas vezes, quando o médico veterinário se coloca em servir, ajudando o “outro”, ele visualiza inconscientemente uma “criança adulta” na

sua frente, e nesse processo, ele subjuga o tutor/família. O que ele vê no outro, é dele também.

O Médico Veterinário Sistêmico adota uma postura de não ser prolixo em sua ajuda, e, portanto, não deve incentivar o vitimismo da pessoa que solicita a ajuda. A postura deve ser de apoiar com amor, compaixão e acolhimento a dor do outro, quer seja em benfeitorias ou numa escuta passiva, ou mesmo, saberá usar as palavras, saberá silenciar, e, mais ainda, saberá ajuda-lo com o foco sistêmico. Deve haver entre o ajudador e o ajudado, limite, respeito e a capacidade do Médico Veterinário conduzir o “ajudado” a sua maturidade e entendimento.

Aqui, o Médico Veterinário Sistêmico, deve honrar e visualizar a força do outro, ainda que aspectos da fragilidade emocional estejam presentes. Essa postura adulta de ajudar, significa, ainda, estabelecer limites importantes e autovalorização, ou seja, atendimentos em horários, locais e valores que estejam disponíveis e compatíveis com a ajuda.

Quando a parte ajudada se frustra com as expectativas de sua ajuda, então, o médico veterinário sistêmico reavalia o que entregou, mas, não toma para si, a parte que pertence ao outro. Cada um, fica com suas responsabilidades.

“O Médico Veterinário Sistêmico, atende o animal e sua família de adultos. Ele não atende, nem crianças e nem pessoas que se colocam na postura vitimizada”.

Carla Soares

4 > QUARTA ORDEM DA AJUDA

“Minha ajuda deve ser sistêmica e não individual”

Quando um tutor/família trás uma demanda junto ao animal, o olhar deve ser de uma colaboração sistêmica ao todo, ou seja, conectada. Ajudar os tutores a perceberem o que os levou ao consultório e ao adoecimento do animal, deve estar pautada na ordenação ancestral e sistêmica, e, não de forma isolada aos sintomas apresentados pelo paciente animal.

Aqui, a postura do Médico Veterinário Sistêmico, deve buscar entendimento de reconciliação com a história de vida do sistema familiar, complementando as necessidades médicas e individuais do paciente.

5

QUINTA ORDEM DA AJUDA

“Buscar a reconciliação”

O Médico Veterinário Sistêmico, adota uma postura reconciliativa e pacificadora. Ou seja, buscar integrar partes de um sistema que estejam dissociados e/ou ocultos. Neste caminho, o foco é ajudar que o amor volte a fluir no sistema.

Para isso, a parte ajudada, deve querer de fato realizar esse movimento, sem que hajam aliados, mas sim, um movimento consciente em busca do equilíbrio.

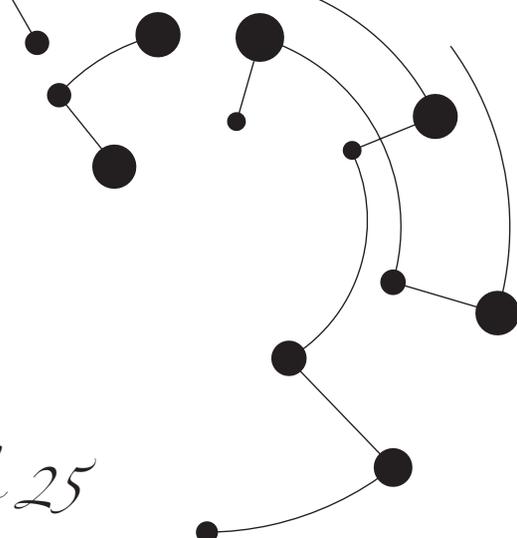
Muitas vezes, a parte que solicita a ajuda, não quer realizar esse movimento. Então, prefere permanecer no local da vitimização e da reclamação.

Essas cinco ordens, que são, direcionamentos posturais, devem ser engendrados no campo laboral do Médico Veterinário Sistêmico, de forma que somente, a ajuda essencial permaneça. Nem mais e nem menos deve ser trocado entre as partes.

Algo muito simples que levamos aos alunos do Programa de Formação em Medicina Veterinária Sistêmica no Brasil e no Exterior, são 3 perguntas básicas, que somente podem ser respondidas por cada um:

1. A pessoa me solicitou ajuda?
2. Eu, recebo e sinto como a solicitação chegou para mim, e, percebo se posso ajudar (momento de reflexão). Então, a pergunta é: Eu tenho condição emocional, física, mental ou logística de ajudar?
3. A pessoa que solicitou quer receber a forma de ajuda que eu posso dar?

Com base nestas 3 questões, o Médico Veterinário Sistêmico adota uma postura adulta de não se exceder, e, também, de pacificação interna, quando o outro quer mais ou outra forma de ajuda do profissional.



Capítulo 25

EUTANÁSIA SOB A LUZ DA VISÃO SISTÊMICA

“O medo da Morte, não é o fim da vida em si, mas, a beleza do que ela deixa e do que ela leva”.

Carla Soares

Eutanásias, abates, uso de animais em pesquisas científicas, e, outras questões impugnadas aos animais e aos profissionais, terão que ser compensadas de alguma forma no Sistema Veterinário. A dor desses procedimentos, tanto aos animais como aos seres humanos, não conseguirão permanecer na exclusão por muito.

A compensação, é um princípio da Teoria Geral dos Sistemas e das dinâmicas da Visão Sistêmica, e, vai atuar em todos os sistemas de forma sutil ou brusca. Compensar significa equilibrar. Quando observamos a balança, o peso ficou maior de um lado (dor, mortes, exclusão da culpa, do medo, interrupção da vida sem preparo emocional, dentre outras questões). Tudo isso, ficou de um lado só da balança. Felizmente, a compensação vai nos trazendo para a percepção da realidade. O movimento compensatório é o adoecimento do próprio médico veterinário, com depressão, Síndrome de Burnout, os inúmeros pensamentos recorrentes de suicídio, e, o próprio suicídio.

Todos os sistemas acham seu caminho de compensar desequilíbrios. A pergunta é:

Mas, Dra. Carla, depressão, Burnout e suicídio, não causariam ainda mais dor ao sistema?

Resposta: Em parte sim, mas quando aprofundamos a dor, conseguimos olhar para ela antes de sucumbir. Desta forma, a forma de compensar nossas dores ocultas, só pode ser vista, percebida e sentida, quando alguém muito perto de nós morre ou adocece. Neste ponto, somos tocados na alma, de alguma forma, e, com isso, conseguimos questionar sobre o por quê estamos tendo perdas de vidas humanas.

Enquanto, estava somente na morte dos animais, e do avanço de nossa desensibilização para não sentir a dor dos nossos próprios atos, nós fomos criando camadas protetoras e adoecendo por dentro. Mas, quando somos confrontados com nossos semelhantes, então temos uma outra emoção insustentável em nós.

Esses procedimentos de interrupção à vida, levam os profissionais a desenvolverem duas polarizações emocionais: A primeira são os profissionais que ficam ainda mais sensíveis a este procedimento, se tornando, cada vez mais descompensados e fragilizados. O segundo grupo de profissionais, são aqueles que desenvolvem fortes mecanismos de defesa, e entram em negação da dor. São aqueles que dizem, eu não sinto nada, não me toca, etc.

Tanto o profissional que fica hipersensível, quanto o profissional que se dessensibiliza, carregam dores profundas, e que são reforçadas pelo peso das eutanásias e abates. A forma como cada um reage, não exclui o peso inconsciente da interrupção da vida.

*“Eu não julgo quem faz eutanásia.
Mas, hoje, eu respeito os meus limites.
Eu não consigo mais fazer”.*

Camila Cury – Médica Veterinária Sistêmica

Esse ponto de observação, é muito importante. Porque a dor não pode ficar só de um lado da balança. Em um certo momento, a cobrança aterrada fora da nossa vista, finalmente, chega de forma irrefutável até nós, conduzindo-nos à um outro lugar que se torna INSUSTENTÁVEL.

Nossa validação a esse lugar **insustentável**, foi a própria Turma I/ SP de São Paulo. Os 30 Médicos Veterinários chegaram até o Programa de Formação em Medicina Veterinária Sistêmica, porque o caminho e a forma de caminhar se tornaram **insustentáveis**. Buscar uma filosofia aplicada e uma forma diferente de olhar para a realidade, ajudou a ressignificar o caminho.

Uma das formas compensatórias, que o Sistema Médico Veterinário encontra para desbloquear essa dor, é a desvalorização profissional, desalinhamentos relacionais, muito esforço para a sobrevivência, mecanização do sistema, a famigerada *Síndrome de Burnout*, e, os altos índices de suicídios.

Agora, com essa dor, sendo sentida diretamente por nós, recebemos o lindo convite para olharmos para nossas questões, e, encontrarmos as nossas mais profundas capacidades de reajuste psíquico-emocional, autocuidado e transformação. Com o nosso caminhar nesse sentido, o sistema vai encontrando o equilíbrio para sua manutenção.

Um dos caminhos, que o Sistema Veterinário encontrou para a compensação, foi a negação da dor do ato médico da eutanásia, como dito anteriormente. A exclusão desta dor, reverbera nas dúvidas, nas dores, no medo, na culpa, na negação, na autoproteção, e, que em algum momento, refletirá no campo emocional, mental, espiritual e físico do Médico Veterinário e da família.

Toda a trajetória do “sacrifício” dos animais nos campos de guerra (a medicina veterinária, nasceu na guerra), até, o procedimento “Eutanásia” dos dias atuais, devem ser honrados e respeitados. Fomos ensinados assim. Mas, é chegada a hora de olharmos para nossas questões mais profundas e ocultadas, e, até mesmo, propositalmente, excluídas, para que possamos seguir avançando em novas formas de atuar, sobretudo, de nos autocuidar com responsabilidade.

Questões como essas deveriam ser discutidas, trabalhadas e elaboradas pelos acadêmicos e profissionais, mas, preferimos nos distrair com a sociedade, com os animais e com nossas redes sociais.

O que ficou comigo quando interrompo a vida de paciente?

O que ficou com a família?

E, o que o animal levou com ele?

Somos treinados para o Ato Médico da Eutanásia, sem quaisquer possibilidades de estudos filosóficos e neuroconsciênciais do que é nascimento-vida-morte, espiritualidade, sobre emoções humanas e não-humanas, e sem, podermos falar sobre nossas emoções.

Apenas, aprendemos a fazer a técnica, sem compreendermos o que é dor e o que é sofrimento. E, sem uma estruturação terapêutica e psicológica. Somos “jogados” no mercado de trabalho, sem podermos expressar nossos sentimentos, nossas emoções, sem conseguir lidar com o peso e as consequências silenciosas da eutanásia.

Nos estudos de Félix *et al.* (2013), sobre eutanásia e ortotanásia, os autores revelam que a eutanásia tem efeitos deletérios sobre o emocional do profissional e das famílias. Carregamos também, um peso inconsciente, pois a eutanásia na medicina humana é considerada crime, com pena de reclusão de 3 a 6 anos. Se a Medicina Veterinária tem como norteador a Medicina Humana, então, devemos minimamente, repensar sobre como a eutanásia reflete em nós.

Certamente, um peso recai em nossos ombros...

O Século XXI, beirando o Terceiro Milênio, deixa um profundo convite para olharmos para as sequelas que são deixadas pela interrupção da vida no Sistema Médico Veterinário.

As consequências da eutanásia estão impugnadas em nosso sistema desde os tempos de guerra, aonde tinha o nome de “sacrifício”. Esse procedimento, era de fato necessário de ser feito em tempos de guerra, local aonde nossa profissão nasceu.

Contudo, seguimos repetindo esse padrão, só que com técnicas e outorgas legais e jurídicas.

A questão, é que a eutanásia, pode ser considerada sim, em alguns casos, mas não o meio de passagem de um animal para a morte, como rotina médica. E, infelizmente, é isso que temos observados. Sem condições paliativas, sistêmicas, interrompemos a vida dos nossos pacientes, num critério que na alma não conseguimos auferir. Julgamos o sofrimento e interrompemos. Seguimos os apelos dos tutores e realizamos.

Bom, o fato é que a eutanásia tem sido, muito mais uma medida de proteger nossas dores, do que de fato, a do animal/paciente. Nossa inabilidade de suportar ver um animal num processo terminal e irreversível, bem

como suportar ver a família em sofrimento (porque também não temos boas habilidades emocionais com os seres humanos), fazem com que decidamos juntos, pela eutanásia como o caminho para a morte.

Eutanásia na Medicina Veterinária está em acordo com a Lei no. 11.794 de 2008 do Conselho Federal de Medicina Veterinária. Eutanásia, significa conduzir um paciente animal à morte, de forma humanitária e técnica, com o intuito de interromper o sofrimento.

Mas o que é sofrimento?

Temos condições reais de auferir o sofrimento dos animais?

Ou temos condições médicas de verificar a dor no paciente?

Como muito bem escrito nas obras da Dra. Ana Cláudia Quintana (A Morte é um dia que Vale a Pena Viver e Histórias lindas de Morrer), a morte é profundamente abordada como um processo natural (apesar da dor da despedida e saudades), assim, como é o nascimento.

Suportar ver um paciente em processo ativo de morte, e, tudo que ela envolve de subjetivo e profundo, é, o que não é, ensinado nem para médicos humanos e tão pouco para os Médicos Veterinários. Como nossa profissão outorga a Eutanásia, optamos junto a família pela interrupção da vida, para que ambas as partes se livrem do sofrimento.

Devemos sempre ponderar algumas questões antes a decisão de eutanasiar um paciente. Se, em muitas situações a dor é controlável e as emoções podem ser acolhidas dos pacientes e dos tutores, então, qual seria então o ponto de onde de fato eu decido junto a família pela interrupção da vida?

Quais seriam os critérios INTERNOS que tenho usado para definir o fim da vida de um paciente?

Mais ainda, quais são meus recursos terapêuticos e de força, para conseguir acolher e conduzir uma situação de morte ativa ou más notícias?

Neste aspecto, é fato que a Medicina Veterinária precisa se desenvolver com profundidade e verdade nas relações humanas e estudar aspectos psicológicos, dinâmicas familiares, para que assim, possa olhar para a morte com mais verdade, ainda que com as dores inerentes ao processo.

Mas, a morte é a única certeza que animais humanos e não-humanos carregam, e essa deve deixar de ser tabu. Bert Hellinger em sua sabedoria diz:

“Os que temem a morte ainda não tomaram seus pais”.

Assim, somente após forjamos essas questões internamente, seremos capazes de decisões sábias e leves.

Quando, clinicamente, o conforto da dor e das condições fisiológicas não podem ser de fato implantadas, então, e, somente assim, é possível cogitarmos a eutanásia.

Eticamente, a Eutanásia possui diretrizes e critérios que possibilitam seu uso, mas que do ponto de vista emocional e sistêmico, são, evasivamente vistas e discutidas dentro das academias de ensino e na formação do Médico Veterinário.

O Anexo I do Ministério da Ciência, Tecnologia e Inovação do Conselho Nacional de Controle de Experimentação Animal (2015), trazem já as questões, e, é exposto que:

“A eutanásia exige condições morais e éticas para que a prática seja realizada de forma humanitária. A exposição constante dos profissionais ao procedimento da eutanásia, pode afetá-los psicologicamente sob diversas formas”.

“O profissional pode desenvolver mecanismos psíquicos de defesa, de modo a reduzir a empatia e o respeito aos animais”.

Face ao exposto, ainda seguimos sem verificar de fato as reais necessidades, e mais ainda, sob o ponto de vista, excluímos deste momento e desta decisão, os familiares, os colaboradores que tiveram contato com os

animais (enfermeiros, assistentes e auxiliares) e, principalmente, o Médico Veterinário, único responsável pelo procedimento.

Assim, a Medicina Veterinária Sistêmica convida a olharmos e retomarmos essa discussão e estudo na Medicina Veterinária, buscando integrar os conhecimentos sistêmicos, ao humanitário e acolhedor conhecimento da Medicina Veterinária Paliativa, que vem ganhando espaço, e, devido lugar no sistema veterinário.

“O Médico Veterinário Sistêmico ajuda que as forças, os pesos, e as responsabilidades sejam, devidamente, repartidos entre as partes que compõe um sistema. Cada um fica com o que é seu”.

Carla Soares

Lembramos que, tanto a Medicina Veterinária Sistêmica, como a Medicina Veterinária Paliativa, são caminhos, e, não devem somente ser empregadas no final da vida, mas, em especial, neste momento devido a sublimidade, intensidade das dores humanas e dos animais, e, da habilidade que ambas possuem nas percepções que trazem sobre vida, o luto, a compreensão das dores e sofrimentos dos seres vivos.

Aqui devemos honrar e citar o belíssimo trabalho da Medicina Veterinária Paliativa através do avanço dos estudos do Instituto Kairós - e dos Médicos Veterinários Dr. Vinícius Perez e da Dra. Bruna Bianchini.

“Eu fico em silêncio amoroso ao seu lado, para que eu não corra o risco de desvalidar a sua dor”.

Dr. Vinícius Perez

Esse talvez, seja um dos treinamentos mais difíceis dos estudantes e Médicos Veterinário ao transmitir uma má notícia, ou mesmo, suportar em paz (claro que com dor) o sofrimento das famílias que perdem seus animais de estimação. Em geral, como não sabemos lidar com esse momento, falamos as famílias e tutores: *“Vou deixá-los sozinhos um pouco. E, saímos de nossas salas”.*

Isso não é uma crítica. É uma constatação, para que possamos cada vez mais nos fortalecer, e, aprendermos a lidar com nossos sentimentos e emoções.

Bert Hellinger, em sua sabedoria diz:

*“O terapeuta que não consegue olhar para a morte,
não terá condições de ajudar”.*

A morte, a perda e as saudades causam profundas dores humanas e nos animais também. Mas, na Visão Sistêmica, observamos que quanto mais excluímos nossos pais de nossos corações, mais medo da morte teremos. Quanto mais nutridos da força deles internamente em nós, mais força para a vida teremos e mais força teremos para enfrentar esses momentos sublimes junto aos próximos, e, também, em nosso derradeiro dia.

Como abordamos anteriormente, a eutanásia deve ser procedimento último, e, não de rotina por inabilidades emocionais nossas. Caso em última instância, esta de fato, precise ser realizada, os **exercícios sistêmicos e terapêuticos** treinados na formação das constelações, devem ser considerados, para que esse momento se torne mais leve para todas as partes. Esses exercícios sistêmicos conduzidos pelos Médicos Veterinários Sistêmicos.

Ao se identificar a irreversibilidade do quadro clínico do paciente, o médico veterinário pode acionar o serviço de um Médico Veterinário Sistêmico, para que os movimentos de alma e de entendimento possam ser realizados especialmente em tríade.

O Médico Veterinário Sistêmico, em geral, pode conduzir os exercícios em 3 movimentos descritos abaixo:

- » Animal x Tutor e sua família humana
- » Animal e o Médico Veterinário que o acompanha
- » Médico Veterinário e o Tutor

Nestes movimentos de profundo amor, dor e entendimento, as partes são colocadas frente a frente, e, as frases sistêmicas terapêuticas são conduzidas a serem expressadas, de modo que, não retem sentimentos de culpa, medo, vitimização, culpados e heróis. Neste momento tão profundo, há um nivelamento da condição humana e existencial, que conecta e une profissional e família/animal em amor, dor e compreensão.

Neste momento, qualquer forma de julgamento e crítica a qualquer uma das partes desaparece, e, ambos apenas permanecem conectados pelo amor e pela dor, e, em geral, pelo silêncio, que somente, deve ser

interrompido pelas frases terapêuticas (se for o caso). As conexões e entendimentos são feitos através dos olhares.

Esses movimentos sistêmicos, permitem que os humanos expressem respeito, honra e gratidão de forma adulta e não vitimizada. E quando é em relação ao animal, tutor e médico veterinário conseguem agradecer ao animal com amor e respeito, e portanto, acontecem num nível muito profundo.

Todos esses movimentos, são conduzidos por Médico Veterinário com estudos e treinamentos sistêmicos. Durante a formação dos Consteladores Veterinários, eles vivenciam olhar para as dores do outro e as suas próprias, e nesses momentos, eles aprendem a suportar o choro, as lágrimas e o silêncio, com força, amor e sabedoria. Não pena. Não há enfraquecimento da outra parte.

“Pena é o que há de mais perigoso. Isto é perigoso quando não suporto a dor do outro e quero ajudá-lo por essa razão.

Neste momento, interfiro na sua alma.

Nesse momento, torno-me fraco e necessitado.

Quando, no entanto, suporto a sua dor com respeito, dedico-me a ele a partir de uma outra dimensão.

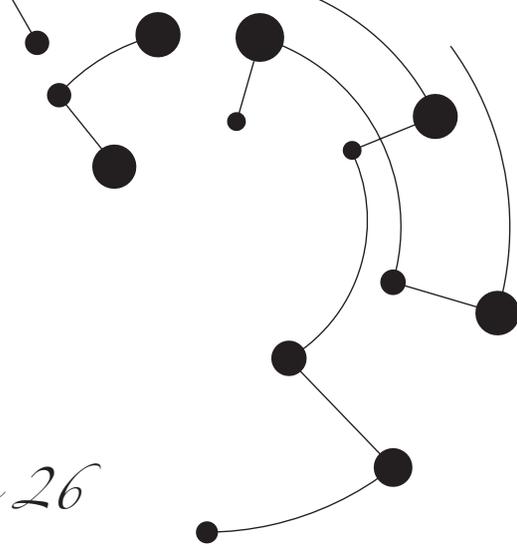
Essa dimensão, ao contrário da pena, é uma dimensão de força”.

Bert Hellinger

Quando os movimentos sistêmicos são realizados neste momento de despedida, ou que antecedem alguns dias à eutanásia, o momento fica mais leve para todos, sobretudo, para o profissional que é o responsável técnico e habilitado a proceder com o Ato Médico da Eutanásia.

A Eutanásia, sem uma abordagem sistêmica, coloca a vida emocional e espiritual do profissional e da família em risco, aumentando a fragilidade das dores não olhadas, e, que, inclusive, o fizeram escolher de forma inconsciente a ser Médico Veterinário.

A Eutanásia com abordagem sistêmica, distribui as forças e os pesos, e trás profundo entendimento silencioso, sem salvadores, sem vítimas e sem algozes. As partes se responsabilizam, e, o peso não recai totalmente sobre os ombros dos Médicos Veterinários.



Capítulo 26

ORTOTANÁSIA UM NOVO OLHAR NA MEDICINA VETERINÁRIA DO TERCEIRO MILÊNIO

Carla Soares

“Os animais precisam ser protagonistas de sua própria morte”

Isabela Hadler Coudry

Na revisão sobre eutanásia, ortotanásia e distanásia sob o entendimento da medicina integrativa, Felix *et al.* (2013), relata que, medicina humana busca ainda discutir essas abordagens para o fim da vida humana, sendo o ato da Eutanásia e do Suicídio Assistido, aceito em pouquíssimos países, sendo dois notórios, como a Bélgica desde 2002 e Holanda desde 2001.

Alguns Países da Austrália possuíam a autorização legal, mas foi banida pelo Parlamento Federal. Em Oregon nos Estados Unidos, o suicídio assistido por médicos, é permitido desde 1999.

No Brasil, a eutanásia na Medicina Humana, é considerada **crime** pela Legislação Penal, com pena-reclusão de três a seis anos.

A Ortotanásia (*Orto = certo*) + (*thanatos = morte*), profundamente aplicada na Medicina Humana, significa uma “Morte boa, ou, a arte do bem morrer”; garantindo dignidade aos indivíduos para morrerem sem intervenções, e, naturalmente.

Na Ortotanásia, os procedimentos terapêuticos e invasivos de exames e manutenção da vida, são suspensos, utilizando apenas procedimentos que atenuem a dor e o desconforto. A postura do Médico que adota a ortotanásia, não é de antecipar e nem adiar a morte, deixando-a que ela venha no tempo e no processo do paciente.

A Ortotanásia, deve ser igualmente autorizada pelo paciente e/ou familiares e/ou representantes legais, e, ela garante a dignidade humana, e estabelece fortes lastros de igualdade, liberdade e direito sobre a própria existência.

Sob o aspecto espiritual e emocional do médico, seja ele humano ou veterinário, a Ortotanásia, trás aos profissionais o entendimento humilde e de que possuem seus limites técnicos, médicos e também humanos quando a hora da morte chega, removendo-lhes o peso heróico de não querermos ver que não somos capazes de tudo.

Aceita na Medicina Humana, a ortotanásia deve ser ponto de discussão, estudos e treinamentos na Medicina Veterinária.

Na ortotanásia, o paciente já com diagnóstico e processo ativo de morte com estado clínico irreversível, é encaminhado pelos profissionais de saúde a uma morte digna, natural, e sem métodos e procedimentos desmedidos para se tentar algo, que não se pode mais reverter. Procedimentos invasivos e exames desnecessários são descartados, acatando a nossa humanidade enquanto médicos, e a do paciente com toda a sua finitude.

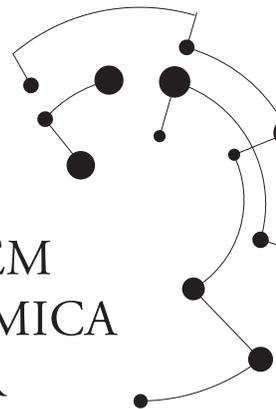
Esse tema polêmico, deixa de ser tabu sob a luz do entendimento sistêmico, e, trás à tona novas discussões, novas possibilidades, e um novo olhar para nossa relação com os nossos pacientes nesse momento tão sublime, que eles, assim como os seres humanos, igualmente passam.

Bibliografias Consultadas

Felix, Z. C.; da Costa, S.F.G.; Alves, A.M.P.M.; et al. (2013). Eutanásia, Distanásia e Ortotanásia: Revisão Integrativa da Literatura.

CASES DOS ALUNOS DO
PROGRAMA DE FORMAÇÃO EM
MEDICINA VETERINÁRIA SISTÊMICA
NO BRASIL E NO EXTERIOR

TURMA I – 2019/2020
SÃO PAULO



ONE - MEDICINA VETERINÁRIA SISTÊMICA

Somos todos UM

Camila Silva Cury

Médica Veterinária

Formada pela Unipinhal, Especialista em Cirurgia pela Unesp Botucatu

Formação em Aromaterapia, Radiestesia e Mestre em Reiki

Formada pelo Programa de Medicina Veterinária Sistêmica Turma I SP 2019/2020

Campinas - SP

Email: vetcamila@hotmail.com

Isabela Hadler Coudry

Médica Veterinária

Formada pela Unipinhal, Pós-Graduada em Clínica Médica pelo Instituto Qualittas e Especialista em doenças infecciosas e zoonoses em cães e gatos pela Unesp Botucatu

Formação em Constelação Familiar pelo IDESV

Formada pelo Programa de Medicina Veterinária Sistêmica Turma I SP 2019/2020

Campinas - SP

Email: belacoudry@gmail.com

RESUMO

ONE é uma empresa formada por duas Médicas Veterinárias, e que tem como objetivo levar o olhar e a abordagem da Medicina Veterinária Sistêmica para todos os segmentos da Medicina Veterinária. A nossa área de atuação é extensa e abrange Universidades, Hospitais

e Clínicas Veterinárias, empresas do segmento veterinário, Médicos Veterinários, Cemitérios de animais, tutores de animais e todos os prestadores de serviço que trabalham com animais. A nossa missão é despertar o fato de que estamos todos conectados por uma grande teia invisível - todas as espécies, todos os reinos, todos os seres humanos. Somos todos UM.

ABSTRACT

ONE is a company conformed by two Veterinary Doctors, which aims to bring the Systemic Veterinary Medicine look and approach to all segments of Veterinary Medicine. Our area of expertise is extensive and includes Universities, Hospitals and Veterinary Clinics, veterinary segment companies, Veterinary Doctors, animal cemeteries, animal tutors and all animal service providers. Our mission is to bring light to the fact that a large invisible network connects us all - all species, all kingdoms, and all human beings. We are all ONE.

ONE es una empresa compuesta por duas médicas veterinarias, cuyo objetivo es llevar la mirada y el enfoque de la Medicina Veterinaria Sistémica a todos los segmentos de la Medicina Veterinaria. Nuestra rama de actuación es extensa e incluye Universidades, Hospitales y Clínicas Veterinarias, compañías del segmento veterinario, Medicos Veterinarios, Cementerios de animales, tutores de animales y todos los proveedores de servicios para animales. Nuestra misión es que despertemos al hecho de que todos estamos conectados por una gran red invisible - todas las especies, todos los reinos, todos los seres humanos. Todos somos UNO.

INTRODUÇÃO

A história do nascimento da ONE começa com a conexão de alma de duas amigas, cada uma delas atuando em áreas distintas da Medicina Veterinária. Somos Médicas Veterinárias, trilhando um caminho de auto-conhecimento individual, e tivemos a oportunidade de olhar-nos, silenciar e ressignificar nossas dores, com honra, amor e cura. Essa jornada começou há mais de quinze anos e culminou nesse grande encontro com a MEDICINA VETERINÁRIA SISTÊMICA.

Médico Veterinário – Por quê escolhemos essa profissão?

A imensa maioria dos Médicos Veterinários escolhe a profissão pelo grande amor aos animais; principalmente, no início da vida profissional queremos trabalhar diretamente com eles. Alguns de nós afirmam gostar mais de animais do que de nossa própria espécie.

O jargão “*Gosto mais de bicho do que de gente*” sempre foi dito por muitos com orgulho, mas num nível mais profundo e inconsciente revela uma falta de conexão entre a nossa própria espécie.

A dor inconsciente e emocional, presente na psicofera soterrada dos pretendentes a Médicos Veterinários, já é pincelada em características como timidez, insegurança, sentimento de rejeição, medo, fragilidades, dificuldades relacionais, sociais e sensação de abandono, empurrando-os de forma magnética a buscar o aconchego e a identificação com seres de outras espécies, como os cães, gatos e equinos (SOARES, 2019).

Devemos então, buscar uma compreensão verdadeira das razões pelas quais escolhemos ser Médicos Veterinários. Essa busca é individual e requer um olhar para dentro de nós mesmos. É dentro de nós, que encontramos todas as ferramentas que nos tornam capazes de ressignificar nossas relações humanas e interespecífica.

Numa perspectiva sistêmica e nos estudos realizados por Soares (2019) observa-se que “Movimentos de Amor interrompido” com pai e mãe na infância, e que se repetem durante a vida em relacionamentos de todas as formas, acabam por ser direcionados aos animais, que como canis, estimulam nossa prática e expressividade de amor.

Quando nas constelações sistêmicas veterinárias olhamos grandes “obsessões de amor-cego” por parte de tutores e médicos veterinários aos animais, é porque esse Amor não está bem equilibrado, honrando e fluindo para nossos pais (SOARES, 2019).

Ao voltar a atenção consciente e o nosso sentir genuíno para as questões pessoais mais profundas advindas da nossa história desde a infância e ainda quem sabe desde a nossa ancestralidade podemos nos questionar verdadeiramente porque escolhemos mesmo sermos Médicos Veterinários.

A resposta é individual, e, certamente, vai tocar em dores profundas de relações com os nossos pais, familiares, sociais e de alma. Entretanto,

esse mergulho interno para olhar e ressignificar essas relações primárias é extremamente libertador, e tem um efeito de pacificação da alma.

Quando temos uma alma pacificada na sua essência, temos um Médico Veterinário com suas relações equilibradas, que sabe exatamente qual é o seu lugar perante à vida e qual é sua postura correta para enfrentar os desafios da sua jornada profissional e pessoal.

A força da Instituição de Ensino na vida do Médico Veterinário

O Brasil possui 355 cursos de Medicina Veterinária em atividade, detém cerca da metade do total de cursos do mundo (CFMV, 2018) e por consequência é o país com mais veterinários no globo terrestre. A cada ano temos milhares de novos profissionais no mercado de trabalho.

Indiscutivelmente, a graduação é um dos aspectos mais importantes na formação do Médico Veterinário. Como nós e todos esses colegas saem das instituições para exercer efetivamente nossa profissão? Claro que cada instituição de ensino exige do aluno uma base técnica mínima necessária para que ele seja graduado. No entanto, seria somente essa base técnica suficiente para que o aluno se forme e possa começar a trabalhar no “mundo real”?

A graduação oferece a preparação teórica, além de disciplinas práticas em laboratórios, hospitais veterinários e estágio curricular obrigatório. Entretanto prepara profissionais cartesianos e despreparados emocionalmente para enfrentar o mercado de trabalho.

Estudantes saem das instituições treinados e habilitados para lidar com um órgão/sistema, um sintoma e suas diversas terapêuticas e abordagens, mas não são treinados para lidarem com o sistema familiar no qual este animal está profundamente identificado por amor, e, em geral, ocupando uma posição completamente equivocada na família, ao suprir demandas emocionais de vazios e desequilíbrios familiares (SOARES, 2019).

A grande maioria dos recém-formados, ainda não conseguiu nem saber ao certo qual das 80 áreas de atuação ele pode exercer como atividade laboral do Médico Veterinário. O caminho linear e cartesiano da Medicina Veterinária tem arremessado os estudantes e médicos veterinários a um

lugar de estresse, competição, exaustão, adoecimento, falta de afeto e novas perspectivas (SOARES, 2019).

O corpo docente dessas instituições precisa ser olhado urgentemente. Os professores estão desgastados, mal valorizados, infelizes, doentes das emoções. Os Coordenadores do curso tornam-se sobrecarregados e não dão conta de atender a enorme demanda de questões que vêm de todas as áreas dessa Instituição de Ensino em que trabalham.

E, nesse cenário a vida segue, mesmo com alguma vontade, mas sem força autêntica e de base, essas pessoas são as que estão formando e que formaram os Médicos Veterinários brasileiros.

Somos treinados pelas instituições para sermos fortes, competitivos, éticos e termos atos heróicos sem questionamento algum. Temos o propósito de servir em formatos impostos pelo sistema, mas somos “leigos” em servir com nossos corações e almas de forma autêntica (SOARES, 2019).

Não aprendemos a lidar com as emoções dentro das Instituições de Ensino. Nem na escola, nem na graduação. Mais que isso; somos ensinados a não expressar nossas emoções durante a formação como Médicos Veterinários.

Aprendemos a “segurar” o choro para não parecermos fracos, e, “automatizamos” o ato da eutanásia para não sentir dor emocional.

Demonstrar nossas emoções, medo, fragilidades, é sinal de incompetência técnica?

Será que se formos mais humanos e gentis, nosso conhecimento técnico-científicos desaparecem?

Isso é um grande sinal de alerta de adoecimento de alma. Inexpressividade, é nos auto ignorarmos numa parte muito importante do nosso Ser (SOARES, 2019).

Somos seres humanos antes de sermos alunos, professores, coordenadores, diretores e colaboradores. Cada um de nós trás consigo uma história, um sistema familiar, crenças, expectativas, frustrações, dores e sonhos. E são esses indivíduos e todas essas “bagagens” que formam as instituições.

Pessoas que não conseguem olhar para dentro e lidar com as próprias emoções/dores, são em muitos casos, as pessoas que desenvolvem Síndrome de *Burnout*, podendo chegar ao suicídio.

Nossa profissão teve um grande avanço técnico desde que foi regulamentada no Brasil, no ano de 1968. São décadas de estudos, descobertas científicas, novas tecnologias, novos produtos e serviços que chegaram para melhorar inúmeras áreas. Mas deixamos de olhar para quem faz tudo isso acontecer - **as pessoas**.

As Empresas na Medicina Veterinária

De acordo com a Associação Brasileira da Indústria de Produtos para Animais de Estimação, o mercado brasileiro é o segundo maior em faturamento do mundo na área pet e perde somente para os Estados Unidos. Existem 139 milhões de animais de estimação no Brasil. Destes, 54 milhões são cães e 24 milhões são gatos (ABINPET, 2019).

É um mercado que vem crescendo há alguns anos e que é formado por grandes, médias e pequenas empresas, nacionais e multinacionais, de diversos setores diferentes. São indústrias de farmacêuticos, biológicos e alimentos para animais, Hospitais e Clínicas Veterinárias, Pet Shops e empresas de artigos para animais entre outras.

Conceber uma empresa como uma máquina implica no fato de que ela acabará parando, a não ser que seja periodicamente concertada e reconstruída (CAPRA *et al.* 2014). Toda e qualquer empresa, se comporta como o corpo humano e é formada por diversos e distintos setores. E cada setor é composto por seres humanos, com questões trazidas de suas próprias caminhadas.

Os animais e sua verdadeira missão no Planeta Terra

Todos os seres que habitam a Terra estão aqui por uma razão. Reino mineral, vegetal e animal coabitam este planeta juntos para cumprirem uma missão de desenvolvimento individual e coletivo, simultaneamente. Cada indivíduo, desses reinos têm a sua função, e, é fundamental no desenvolvimento da vida como um todo.

No entanto, os seres humanos - animais humanos - se consideram a espécie mais evoluída por possuírem a capacidade de expressão verbal, cognitiva e analítica.

Mas será mesmo que essas capacidades nos tornam seres superiores à todas as outras espécies, formas de vida ou até de elementos da natureza?

Para o próprio homem e para o ego dele sim, somos superiores. Para todos os outros elementos e formas de vida presentes na Terra, cada um é fundamental e tem a sua missão de existência. Não existe espécie mais ou menos importante, todos pertencem e são respeitados.

A missão dos animais também é contribuir para o desenvolvimento do nosso planeta e eles sabem disso. Os animais que se relacionam diretamente com os humanos contribuem para a evolução da Terra ao servirem ao homem e ao desenvolvimento humano. Os animais servem através de sua vida e existência, seu corpo, suas funções e capacidades. Eles podem nos alimentar, nos vestir, nos fazer companhia e principalmente nos amar e ensinar o amor incondicional a nós mesmos e aos que cruzam a nossa vida.

Os chamados animais de companhia são as espécies com as quais temos as relações mais profundas e a missão deles é auxiliar no nosso desenvolvimento. Nenhum animal faz parte de um sistema familiar humano por acaso e cada animal também possui o seu próprio sistema de origem. Eles são verdadeiros canais de cura para que o amor flua entre nós e para que possamos evoluir como espécie humana. Através de sua própria existência, comportamentos, doenças e mortes eles nos convidam a olharmos mais profundamente para nós mesmos e para as nossas relações humanas.

Os tutores e sua relação com os animais tutelados

O termo tutor vem sendo usado há alguns anos e substituiu os termos dono e proprietário. Essa nomenclatura mudou, pois, os animais não são mais considerados como coisas, objetos ou propriedades para terem donos.

Os tutores nada mais são que animais humanos que exercem uma tutela (idealmente definida por cuidado, amparo e proteção) em relação ao animal não humano que convive com ele. Às vezes um tutor tem alguns animais, às vezes um animal tem alguns tutores.

O fato é que o animal está inserido em um sistema familiar humano e a partir desse relacionamento interespecies e de acordo com sua missão de vida ele exerce seu papel importantíssimo na evolução de todos que convivem juntos.

A relação dos tutores com os animais tutelados pode variar muito, desde serem tratados como filhos (Estudo da espiritualidade dos animais, 2019) até “servirem” a eles como somente como cães de guarda ou gatos que caçam roedores por exemplo.

O que têm se notado é que quanto mais próxima é essa convivência entre um animal e seu tutor, mais ele está à serviço de seu desenvolvimento evolutivo. Todos os tutores têm inúmeras questões pessoais e de relacionamento interpessoal a serem trabalhadas. Eles trazem dores, raiva, mágoas, doenças, incapacidades de expressão de sentimentos e os animais irão justamente auxiliá-los a olhar para essas questões de forma amorosa e profunda para transmutá-las e resolvê-las.

Esse é um novo olhar trazido pela Medicina Veterinária Sistêmica, em que a relação do tutor com o tutelado passa a ser uma relação de equilíbrio, ainda que cada tenha seu lugar na família, permite que o animal comporte-se como um bioindicador de algo fundamental para a evolução de seu tutor e do sistema ao qual está inserido, de modo que, “algo” possa ser olhado.

A Eutanásia na Medicina Veterinária

Eutanásia é o ato de provocar a morte de um animal de forma controlada, sem dor e sem sofrimento. O Médico Veterinário é o único profissional no mundo habilitado para realizar a eutanásia em animais e no Brasil essa prática é regulamentada pelo CFMV onde a última atualização foi em maio de 2012, a partir da publicação - Resolução CFMV n.1000/2012.

Os critérios comumente adotados para indicação de eutanásia de uma forma individualizada são: animais gravemente feridos, com impossibilidade de tratamento, animais com doenças terminais em intenso sofrimento e animais idosos na falta de recursos para atender às suas necessidades. Entretanto, outras situações que indicam a indução da morte podem ocorrer, como, por exemplo, o abate humanitário de animais para consumo alimentar e quando os animais forem submetidos a atividades de ensino ou de pesquisa científica.

No caso de indução da morte devido a atividades de ensino ou de pesquisa científica, o método empregado deve ser o mesmo utilizado para

eutanásia, ou seja, de uma forma indolor, rápida e sem sofrimento mental (Resolução Normativa CONCEA nº 37, de 15.02.2018).

A eutanásia, vai muito além de estabelecer critérios, resoluções atualizadas e trabalhar seguindo o Guia de Boas Práticas em Eutanásia em Animais (2012).

A eutanásia passou a ser utilizada de forma mecanizada, descriteriosa, sem olharmos verdadeiramente para o destino do animal, sem olharmos para o sistema familiar em que ele está inserido e sem honrar a vida daqueles animais que servem à nossa vida através de pesquisas científicas e alimento.

E após décadas e décadas muitos milhões de animais foram eutanasiados pela ciência, indústria, veterinários e famílias de maneira automática e rasa. O Médico Veterinário está sentindo o peso acumulado de muitos anos de culpa e dor no inconsciente coletivo da medicina veterinária.

A eutanásia, mesmo com indicações para os casos terminais de profunda dor e sofrimento físico dos animais, causam a médio e longo prazo, sequelas sistêmicas e inconscientes de dor e culpa em nossas consciências/almas, tornando-nos muito vulneráveis às questões da vida e da morte, e mais ainda, banalizando a eutanásia como procedimento último, por sermos novamente inábeis, em lidar com o sofrimento dos animais e de seus tutores (SOARES, 2019).

Para nós a morte não é um processo natural, imagine então como a morte induzida pode abalar emocionalmente o Médico Veterinário mesmo que ele ainda não tenha se dado conta e que este seja um processo inconsciente. Além de estarmos alheios aos nossos próprios sentimentos em relação ao que é dor, sofrimento e morte estamos completamente desconectados dos sentimentos dos tutores desses animais.

E nesse cenário de desconexão profunda consigo mesmo, com outros seres humanos e com os animais que o Médico Veterinário pode facilmente adoecer. A eutanásia que nos é permitida realizar não é a única responsável pelo adoecimento do sistema médico veterinário, mas sua contribuição é enorme.

A Síndrome de *Burnout* e o Suicídio na Medicina Veterinária

Médicos Veterinários têm sido acometidos pela *Síndrome de Burnout* por diversas razões. Condições de trabalho, carga de estudos, dificuldades

relacionais e interpessoais, falta de foco, baixa capacidade relacional no ambiente laboral, relação com a dor do animal e da família, eutanásia legalizada, dificuldades sociais, questões psíquicas de formação do profissional, culpa, medo de errar, e diversas questões são fatores elencados no desencadeamento dessa síndrome (SOARES, 2019).

Notícias de colegas que cometeram suicídio, ou que estão apresentando a Síndrome de *Burnout*, têm se tornado cada vez mais frequentes. É muito preocupante, e, indica que precisamos mudar urgentemente a forma como olhamos, entendemos e praticamos a nossa atividade laboral, e como estão as nossas relações humanas, tanto no âmbito pessoal e familiar, quanto no âmbito profissional.

O Sistema Veterinário está emaranhado e adoecido porque está desequilibrado nas posições/posturas que os indivíduos, famílias, empresas, instituições e animais ocupam. Mais ainda, notam-se claras rupturas nas três Leis básicas de Bert Hellinger, o que por si só, já desequilibra as bases da Medicina Veterinária.

Estamos rompendo com a Lei do Pertencimento, com a Lei do Equilíbrio de Troca e com a Lei da Ordem e da Hierarquia. Estas três leis *per si*, já justificam todas as bases relacionais que direta e/ou indiretamente compõem o sistema veterinário. E, enquanto não olharmos para elas, ainda estaremos impedindo que pequenos avanços se estabeleçam em nosso sistema de classe (SOARES, 2019).

MISSÃO DA ONE

Através da ONE temos o objetivo de introduzir o olhar sistêmico e promover uma grande mudança na vida de veterinários, estudantes, tutores e animais. A Medicina Veterinária Sistêmica chega nesse momento tão delicado da nossa trajetória para ressignificar o papel do Médico Veterinário.

Ressignificar, então, a medicina dentro de nós, é cultivarmos valores que nos enobrecem interiormente, deixando um caminho mais leve para nós e nossos pacientes (SOARES, 2019).

METODOLOGIA

Atendimento ao animal - O animal é levado pelo tutor que chega com uma queixa de sintoma, doença e/ou comportamento para ser

atendido pelo médico veterinário. Nossa abordagem não olha para a queixa trazida como algo isolado, olha para o pano de fundo dessa doença ou comportamento. Quando olhamos para o que essa sintomatologia está realmente querendo mostrar, temos condições de trazer isso para consciência do tutor e caminharmos para uma solução.

O que a Medicina Veterinária Sistêmica revela, é que os animais de companhia estão inseridos no sistema familiar atuando como bioindicadores para revelar algo que precisa ser visto. Os animais são somente uma “porta de entrada” para algo que precisa ser trabalhado nos tutores e seus sistemas familiares. Os animais são apenas os elos entre o médico veterinário e os tutores, seus verdadeiros clientes (SOARES, 2019).

Atendimento ao tutor/família - Após atendermos o animal e olharmos para o pano de fundo do que realmente a queixa o levou ao veterinário, nós atendemos o tutor/família, para que ele tenha condições de reorganizar internamente a questão que se mostrou e assim caminhar para uma solução.

Atendimento ao médico veterinário - Vivenciamos uma medicina veterinária extremamente fragilizada, com médicos veterinários deprimidos, doentes, com pensamentos intrusivos de suicídio, com dificuldades de relacionamento com colegas, tutores e nas relações interpessoais e familiares. Nós também vamos atender sistemicamente esses veterinários para que eles consigam olhar para si mesmos, para suas dores e suas relações, e, assim, possam, ressignificar seu papel na sua família de origem e na sociedade, como indivíduo e como profissional.

Workshops, vivências, rodas de conversa e palestras - Esses movimentos sistêmicos de Exercícios e Constelação Sistêmica Veterinária são destinados para grupos de pessoas que trabalhem ou tenham animais de companhia. Sempre com o objetivo de entrar pelos animais, mas chegar nas pessoas, e observar e sentir as conexões ocultas e inconscientes que nos ligam. A ONE, igualmente, se propõe compartilhar esses conhecimentos através de palestras e grupos de apoio/rodas de conversa terapêutica com veterinários, com tutores e com profissionais que trabalham com animais.

Ortotanásia, Distanásia e Apoio ao luto - Oferecemos aos veterinários e tutores uma nova forma de olhar para a morte e para os momentos finais de vida dos animais. Através de movimentos sistêmicos de despedida

auxiliamos colegas, tutores e animais, nesses momentos tão especiais, sublimes, profundos e delicados para todos os envolvidos.

Gestão Sistêmica - A gestão sistêmica ressignifica a maneira de gerenciar uma empresa, e, olha para cada indivíduo e para cada setor para que todos possam estar em equilíbrio e assim contribuir para uma nova visão dentro das empresas, tendo assim, uma oportunidade de alcançar o sucesso em suas jornadas.

Nossas observações

A Medicina Veterinária Sistêmica transforma o Médico Veterinário em um facilitador do fluxo do amor, e está a serviço da pacificação das relações humanas e interespecies. Através da atuação dos Médicos Veterinários Sistêmicos há uma ressignificação das dores físicas, emocionais e da alma de todo o sistema que inclui animais, tutores, profissionais da área e principalmente ele mesmo. Com esse olhar amoroso honramos cada destino e seguimos para a vida, com mais posicionamento, mais força, e, sem dúvidas, com mais consciência.

CONCLUSÃO

A Medicina Veterinária Sistêmica é uma abordagem perceptiva que abre um caminho novo e sem precedentes na Medicina Veterinária. Um novo olhar que jorra luz e muita esperança em um sistema desequilibrado e doente. É, notório, que o Médico Veterinário está no limite profissional, emocional e social de suas relações intra e interpessoais.

Hoje, testemunhamos um cenário de profundo descontentamento e desvalorização laboral, desconexão com o tutor do animal atendido e com os colegas de profissão.

Chegamos em um ponto de mutação na história da nossa Medicina Veterinária.

Precisamos, começam a ter consciência para transformar nossa forma de sentir e pensar, a partir da graduação. Muda-se a consciência, mudam notoriamente as condutas.

A consciência é, portanto, uma prática interna e a conduta é uma consequência consciencial externalizada (SOARES, 2019).

Somente assim estamos nos preparando para essa Nova Era, onde o Médico Veterinário tratará a família, a sociedade e o planeta através do tratamento com os animais.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

SOARES, Carla Abreu. O Samurai e o médico veterinário. 1.ed. Brasília: UniCEUB, 2019. 220p.

Espíritos, Diversas Entidades e. Estudo da Espiritualidade dos animais. 1.ed. São Paulo: Espaço Acadêmico, 2019. 284p.

CFMV alerta sociedade sobre a qualidade de ensino da medicina veterinária. crmvba.org.br, 2018. Disponível em: <http://crmvba.org.br/cfmv-alerta-sociedade-sobre-a-qualidade-de-ensino-da-medicina-veterinaria/>. Acesso em: 12/11/2019.

CAPRA, Fritjof, Pier Luigi Luisi. A visão sistêmica da vida. 1ed. São Paulo: Cultrix, 2014. 615p.

BRASIL. Decreto n. 6.899, de 15 de julho de 2009. Art. 1º Diretriz da Prática de Eutanásia do Conselho Nacional de Controle de Experimentação Animal – Concea. Resolução Normativa nº 37, de 15/02/2018. Legislação federal.

CFMV, Guia Brasileiro de Boas Práticas em Eutanásia em Animais - Conceitos e Procedimentos Recomendados. portal.cfmv.gov.br, 2012. Disponível em: <http://portal.cfmv.gov.br/uploads/files/Guia%20de%20Boas%20Práticas%20para%20Eutanasia.pdf.pdf>. Acesso em 16/11/2019.

ABINPET (Associação Brasileira da Indústria de Produtos para Animais de Estimação). abinpet.org.br, 2019. Disponível em: <http://abinpet.org.br/mercado/>. Acesso em 17/11/2019.

RELATO DE CASO DE UMA SESSÃO DE CONSTELAÇÃO SISTÊMICA EM PACIENTE CANINO

Cristiane Barbosa Silva

Médica Veterinária Sistêmica formada pela UMESP, com as especialidades de medicina tradicional chinesa, pelo instituto Qualittas, fisioterapia pela Fisiocarepet, Quiropraxia pelo Ibravet, Microfisioterapia e Microfisioterapia veterinária pelo instituto Salgado, Medicina Germânica pela Marina Bernardes, Access Consciousness pela Access Consciousness, Homeopatia pela HD Science, Programa de Medicina Veterinária Sistêmica turma I/2019/2020 – SP, dentre muitas outras especializações.

São Sebastião – São Paulo.

E-mail: animapet@live.com

RESUMO: este relato de caso refere-se a uma sessão de constelação sistêmica segundo Bert Hellinger, alemão que se dedicou ao estudo da psicoterapia, psicodrama, fenomenologia dentre outras terapias. Com base em seus estudos ele descreveu as leis do amor, cujo os quais se baseiam as dinâmicas dos sistemas familiares, e também quaisquer outros sistemas, como empresariais, escolares, do direito, da medicina veterinária, etc. Bert Hellinger nos mostra que quando uma ou mais leis do amor não são respeitadas, origina-se o que ele chama de emaranhamento, que nada mais é do que sintoma, doença física, psíquica e/ou comportamental.

UMA BREVE INTRODUÇÃO

Num campo de constelação essa desordem na lei do amor vem a luz, e o cliente pode ver e sentir onde precisa se colocar e como deve se comportar dali em diante para que a solução de seu problema seja alcançada. A Constelação não é uma técnica e nem uma terapia, é uma filosofia de vida,

e, por isso, é importante que o constelando atue de forma mais consciente na sua vida para que a solução se faça.

BREVE HISTÓRICO DE UM CASO

Constelação do Iuri, canino, aproximadamente 7 anos, sem raça definida.

A questão trazida pelo seu tutor foi: insegurança. Ele vive se escondendo.

Essa constelação foi feita com bonecos.

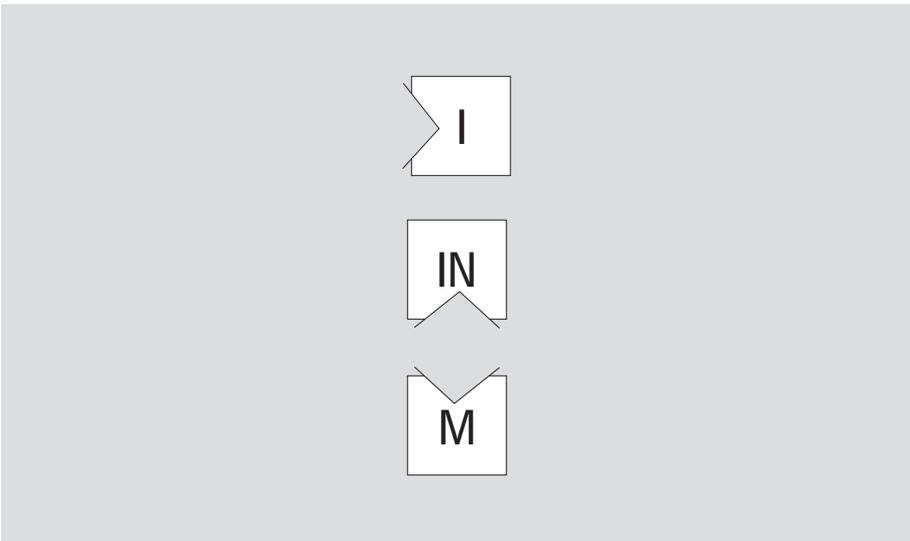
Consteladora para o tutor M.: quem faz parte da sua família de origem, e estão todos vivos?

M.: meu pai, minha mãe, minha irmã e eu. Em casa eu e meus dois cães. Sim, todos vivos.

Consteladora para o tutor M.: escolha um boneco para representar o Iuri, outro para a insegurança do Iuri e outro para que represente você e os posicione no campo, da forma que sentir que deve.

M.: exita, a Consteladora pede para que ele respire fundo, se concentre e se deixe levar pelos movimentos.

M.: escolhe os bonecos e os posiciona assim:



I: Iuri

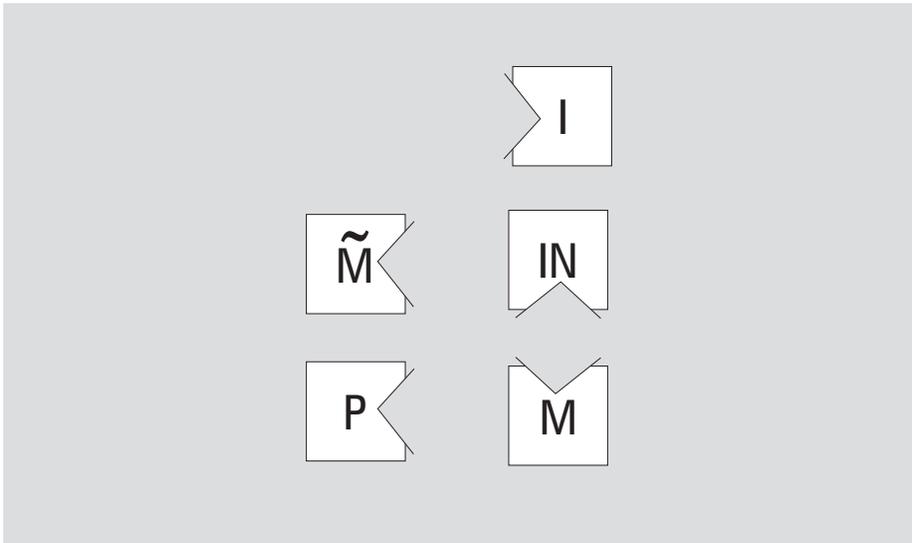
IN: Insegurança

M: Tutor

Consteladora: O que você está sentindo?

M.: Que falta alguma coisa...

Consteladora: Escolha um representante para sua mãe e um para seu pai, e os posicione onde sentir.



I: Iuri

IN: insegurança

M: tutor

Mã: mãe

P: pai

Consteladora: como você se sente agora?

M.: não consigo olhar para eles...

Consteladora: consegue olhar para sua mãe e dizer: mamãe eu vejo você, eu aceito a vida que você me deu, do jeito que ela é?

M.: sim...

Após a fala, ele movimenta o seu representante para mais perto do de sua mãe.

Consteladora: e agora consegue dizer o mesmo para seu pai?

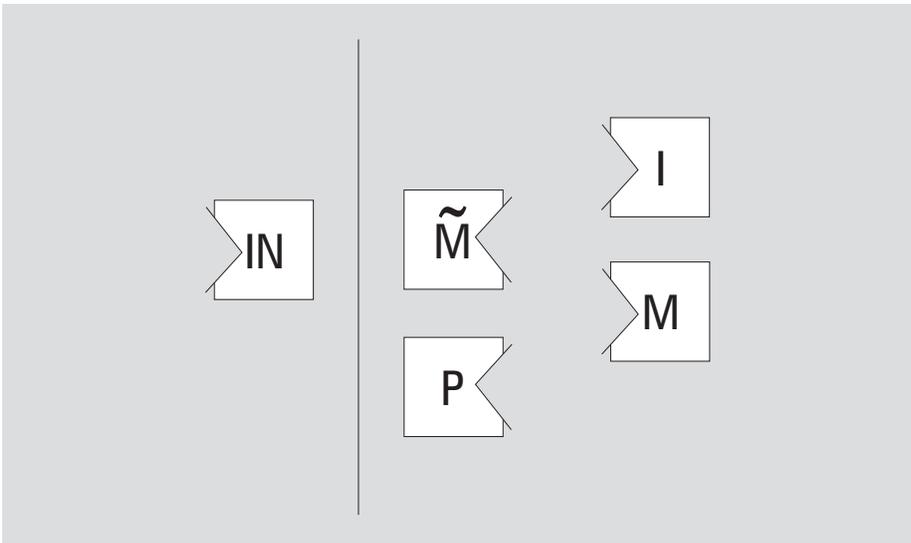
M.: se emociona, tenta mas não consegue.

Consteladora: pede para M. respirar...

Consegue dizer: Iuri, obrigado por me mostrar o que eu preciso olhar, por me mostrar o meu lugar.

Mamãe eu fiz tudo por amor a você, mas agora eu preciso tomar o meu lugar, de pequeno que sou, e deixar o seu lugar e o do papai, grandes que vocês são.

M.: repete as frases e após algum tempo, emocionado, move seu boneco na direção do de seu pai. E afasta a insegurança, deitando-a.



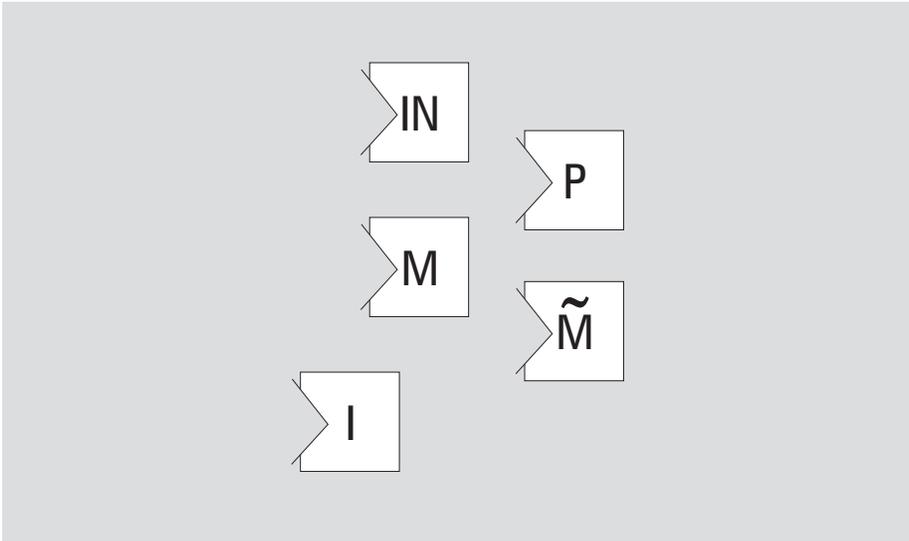
Consteladora: como você se sente?

M.: mais forte. Mas ainda falta algo...

Consteladora: escolha um boneco para sua irmã.

M.: escolhe um boneco, e a coloca ao lado de seus pais, mas ainda está agitado.

Consteladora: vou reposicionar esses bonecos e você me diz o que sente.



Consteladora: como se sente ao visualizar essa imagem?

M.: aliviado.

Consteladora: leve essa imagem em seu coração! A força, a coragem e o impulso para a vida que você precisa você encontra, acolhendo e dando um lugar a seus pais e todos os seus ancestrais em seu coração. Você pode voltar mentalmente sempre a essa imagem e sentir seu pai e sua mãe atrás de você e atrás deles os seus avós e assim por diante, te impulsionando para a vida, para além do seu esconderijo, para que você alcance seus objetivos. A vida vem de muito longe, você não está sozinho. Você é o sonho de seus ancestrais.

Podemos encerrar?

M.: sim, gratidão.

Consteladora: Gratidão.

UMA SÍNTESE

Nesta Constelação ficou evidente que as questões trazidas pelo tutor a respeito de seu cachorrinho, não eram especificamente do animalzinho em sim. O campo de Constelação trouxe a luz a verdadeira raiz desta questão, que era a o tutor M., não aceitar, acolher e receber dos seus pais, tudo que eles lhe deram, da forma como puderam ou souberam dar.

Iuri foi apenas um bioindicador, um sinalizador, que mostrou através de seus sintomas comportamentais, para onde o tutor devia olhar: para seus pais. Temos visto com muita frequência essa dinâmica, cujo qual os animais adoecem por amor ao sistema familiar humano a qual está inserido, na tentativa de dar luz ao que precisa ser tratado nesta família.

RESULTADO

Após 3 semanas desta Constelação, o tutor me relata que, Iuri já não tem se escondido, tanto, seu nervosismo ao andar de carro, que chegava ao “histerismo” com vômitos, se resolveu.

Ele relatou também que passou a tomar algumas decisões que planejava a anos, mas por insegurança (bioindicador/espelhado pelo animal) não conseguia.

REFERÊNCIAS CONSULTADAS

HELLINGER, BERT – Simetria Oculta do Amor, por que o amor faz os relacionamentos darem certo. São Paulo: Cultrix, 2006.

HELLINGER, BERT – Ordens do Amor: um guia para o trabalho com constelações familiares. São Paulo: Cultrix, 2007.

HELLINGER, BERT – Constelações Familiares: o reconhecimento das ordens do amor. São Paulo: Cultrix, 2007.

HELLINGER, BERT – A fonte não precisa perguntar pelo caminho, um livro de consulta. Belo Horizonte: Atman, 2019.

APLICAÇÃO DA VISÃO SISTÊMICA E INTEGRATIVA EM PROCESSO DE ORTOTANÁSIA

Fabiana Nunes Zambrini.

Juiz de Fora, Minas Gerais.

fabiana_zambrini@hotmail.com

Aluna da Turma I/2019 do Programa de Formação em Medicina Veterinária Sistêmica – São Paulo / SP

RESUMO

A apresentação desse estudo de caso teve como objetivo principal elucidar a importância da visão sistêmica e integrativa em processos que antecedem a morte de um animal de estimação, não pensando apenas, no paciente veterinário, mas também no seu tutor.

ABSTRACT

The presentation of this case study had as main objective to elucidate the importance of the systemic and integrative view in processes that precede the death of a pet, not only thinking about the veterinary patient, but also about his guardian.

INTRODUÇÃO

Como um primeiro passo para compreendermos esse relato de caso, faz-se necessário “*olhar com olhos de ver*”. Olhar com olhos de ver essa ligação, essa relação, que existe entre o ser não-humano e seu tutor. “Olhar com olhos de ver”, é adentrar no campo da alma e do inconsciente de um determinado sistema, com tudo que ele apresenta.

Por quê escolhemos aquele determinado animal para entrar em nossas vidas?

Por quê muitas vezes, nos deparamos com um animal que apresenta características semelhantes ao seu tutor, tanto na aparência quanto no temperamento?

O que esses seres não-humanos querem nos mostrar? Qual o papel deles em nossas vidas?

Essas são questões profundamente trabalhadas por um médico veterinário sistêmico.

Esse relato de caso se apresentou para que eu pudesse ter a honra de olhar para mim, e para o outro, e pudesse auxiliar a família a “ver” o pano de fundo dos sintomas trazidos pelo animal. Apesar do constelador, ou, médico veterinário sistêmico adotar uma postura de estar em seu centro vazio, é, possível, sim, que por ressonância, alguma informação possa despertar no profissional algum desafio.

Importante trazer alguns conceitos anteriores ao relato propriamente dito, de modo a facilitar a compreensão. A conduta aqui adotada, partiu de um ponto de vista sistêmico e integrativo, na qual, por meio da observação de todo o sistema, e não apenas do indivíduo, paciente e sintomas foram vistos como um todo.

Na Medicina Veterinária Sistêmica não observamos nada de modo isolado e desconectado, pois tudo faz parte e se relaciona. Aqui não tem receita de bolo, não é nada cartesiano, permitimos que as informações se mostrem de forma fenomenológica e observamos através das nossas percepções e emoções.

Para integrar a conduta, foi utilizado o Reiki, que é uma técnica de canalização da “energia vital universal” (VANDERVA ART *et al.*, 2009), por meio de símbolos, e, caracteriza-se como uma terapia de cura, realizada pela imposição das mãos, com o objetivo de reestabelecer o equilíbrio energético (VANDERVA ART *et al.*, 2011).

O Reiki atua diretamente em alguns pontos de energia que todos os seres vivos possuem ao longo do corpo, que são os chakras, e, fornece, ao indivíduo uma quantidade adequada de energia necessária para o equilíbrio da mente, do corpo e das emoções (Salomé, 2009), promovendo a cura do físico e mental.

RELATO DE CASO

O caso refere-se ao atendimento realizado à cadela “Nina”, SRD, 11 anos aproximadamente. Estive em um primeiro momento somente com a tutora. Em conversa, a tutora relatou que havia retirado Nina das ruas há 10 anos, estando na época em fase adiantada de prenhes, e, que, a 1 ano havia sido diagnosticada com doença renal.

A tutora informou, que, constantemente, enfrentava graves crises de difícil resolução. Relatou ainda que pensou em realizar a eutanásia da mesma, pois estava passando por momentos difíceis, sem se alimentar e fazendo bastante vômito.

No dia seguinte a tutora retornou, desta vez com a Nina. Eu sabia, que do ponto de vista clínico e ao que estava ao meu alcance no momento, não poderia fazer nada, mas que, por meio da visão da medicina veterinária sistêmica eu poderia atuar com outra abordagem. Dei início à sessão de Reiki, e, muito calmamente, Nina se deitou próxima a mim, permitindo que o fluxo de energia agisse de forma sábia reequilibrando todos os seus chakras.

Ao final da sessão de Reiki, Nina se levantou e foi deitar mais afastada, foi aí que através da Comunicação Intuitiva entre Espécies, percebi que Nina me trouxe uma informação:

“Comigo está tudo bem, agora olhe por ela, minha tutora”.

Dei então início a 2a- etapa do atendimento, já em *rapport*¹ com a tutora. Tivemos uma longa conversa, na qual fui direcionando várias frases sistêmicas e resgatando de sua memória lembranças de fatos e sentimentos que fizeram parte de sua vida antes mesmo da chegada da Nina.

Instruí a proprietária para que depois, com calma, a mesma se conectasse com Nina por meio do olhar direto nos olhos, e deixasse que as emoções pudessem ser percebidas através do corpo.

Pedi a ela que pensasse em tudo que vivera ao lado da Nina, em tudo que aprendera com ela, e que, conforme essas emoções fossem vindo, que ela fosse realmente exteriorizando isso, falando tudo que lhe vinha no coração e de suas próprias percepções.

1 O relato da tutora foi preservado, não sendo autorizado para publicação.

E assim, com essas orientações, encerrei a sessão de exercícios sistêmicos.

Para nossa surpresa, a cadela se abaixou e urinou momentos antes de sair realmente da sala, e nos apresentou algo muito valioso, o mais puro amor quando observamos que a urina, ao tocar o chão, formou um coração (foto 1). Através desta imagem na urina da Nina, a tutora compreendeu a informação e sua conexão com Nina. Muito emocionada a tutora seguiu com a Nina para mais uma sessão de fluidoterapia.



Figura 1 – Foto da urina da Nina, formando um coração ao encostar no chão.

Poucas horas depois recebi um telefonema da tutora, que relatou-me, muito emocionada, que havia mantido conexão com a cadela durante toda a fluidoterapia, e que percebeu um apaziguamento no olhar da Nina.

Durante os movimentos de alma (exercícios sistêmicos) que conduzi e posteriormente na fluidoterapia, a tutora pode expressar a gratidão pela conexão da Nina em sua vida e de tudo que viveram juntas. Houve também, entendimento na tríade tutor x animal x médico veterinário.

“A morte será o maior acontecimento individual”.

Clarisse Lispector

Nina partiu de forma natural e orgânica (sem sofrimento apesar da gravidade do caso), evidenciando, que o ato médico da eutanásia, não

traria esse entendimento para a tutora, de que a morte faz parte da vida, e pode ser vista e vivida de forma pacificada e natural.

Devido a fragilidade emocional da tutora, observa-se que a decisão pela eutanásia traria ainda mais a “sensação de culpa”. Observa-se que, posturas sistêmicas associado às práticas integrativas, trazem apaziguamento as famílias, tutores e também ao Médico Veterinário, de modo que, estes possam seguir em paz, com a nítida sensação de dever grandiosamente cumprido.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Vanderva, A. S., et al. A systematic review of the therapeutic effects of reiki. *Journal of Alternative and Complementary Medicine*, Toronto, v. 15, n. 11, p. 1157-1169, 2009.

Vanderva, A. S., et al. The effect of distant reiki on pain in women after elective Caesarean section: a double-blinded randomized controlled trial. *BMJ Open*, Toronto, v. 1, n. 1, p. 1-9, 2011.

Honervogt T. Reiki Cura e Harmonia Através das Mãos. São Paulo: Pensamento; 2005.

Salomé G M. Sentimentos vivenciados pelos profissionais de enfermagem que atuam em Unidade Terapia Intensiva após aplicação do Reiki. *Revista Brasileira de Enfermagem*, 2009; v. 62(6): 856-62.

PARALELISMO DA FÍSICA QUÂNTICA COM REIKI E A COMUNICAÇÃO ANIMAL ENTRE CONSCIÊNCIAS UTILIZANDO O PRINCÍPIO DA NÃO-LOCALIDADE

Isis de Oliveira Silva

Médica Veterinária formada pela PUC-MINAS, Reikiana, Terapeuta Floral, Comunicadora Animal e Terapeuta ThetaHealer

Formada pelo Programa de Medicina Veterinária Sistêmica Turma I 2019/2020 SP Santos – SP

isis.oliv.s@gmail.com

REIKI

O Reiki é um sistema de cura através da imposição das mãos que tem como finalidade promover a cura no indivíduo como um todo por meio do tratamento do corpo físico, mental, emocional e espiritual, e age não apenas nos sintomas, mas na causa real (SADER, 2012; STEIN, 1998).

É, de grande importância salientar que, não é o reikiano que realiza a cura, ele atua como um canal que permite que a energia do receptor esteja sintonizada com a energia vital universal e é dessa maneira que a cura ocorre (CHU, 2004).

Existem três níveis de Reiki, sendo que a partir do nível II, o reikiano, por meio do uso de símbolos, se torna apto a aplicar Reiki a distância para qualquer localidade (GLEISNER, 2002).

Nestes casos, geralmente são utilizados os três primeiros símbolos do reiki simultaneamente, entretanto, é o terceiro símbolo, o Hon-Sha-Ze-Sho-Nen, que permite a transmissão do Reiki pelo tempo e espaço (SADER, 2012).

COMUNICAÇÃO ANIMAL ENTRE CONSCIÊNCIAS

“A Comunicação Animal é uma forma de nos comunicarmos com os animais e entendermos eles com clareza. Ao invés de deduzirmos ou acharmos o que eles estão querendo, perguntamos e eles respondem” (GARÉ, 2017).

A comunicação envolve a transmissão direta de sentimentos, intenções, pensamentos, imagens mentais, emoções, impressões, sensações e o simples saber (SMITH 2017).

PARALELISMO COMO PRINCÍPIO DA NÃO LOCALIDADE

A transmissão do reiki de forma atemporal e não espacial, pode ser explicada ao se fazer um paralelismo com a não localidade explicada pela física quântica. O mesmo princípio é válido para a comunicação animal entre consciências.

Uma experiência realizada por um grupo de físicos franceses liderado por Alain Aspect no ano de em 1982, estabeleceu que a realidade quântica é regida pela não localidade ao comprovar que dois fótons correlacionados se influenciam mutuamente a distância, sem trocarem sinais (ASPECT, DALIBARD E ROGER, 1982).

Portanto, de acordo com Goswami (2005), o experimento, ao comprovar a conexão de dois fótons por meio de um domínio não local, constatou que tempo e espaço são ilusórios.

No que diz respeito as comunicações não locais entre seres humanos, sabe-se que existem há milênios em fenômenos conhecidos como telepatia. Contudo, experimentos recentes reforçam esse fenômeno e demonstram o importante papel da meditação e da intenção nesse processo (GOSWAMI, 2010).

Um exemplo é o experimento realizado por Jacob Grinberg-Zylberbaum *et al* (1994). Duas pessoas foram instruídas a meditar juntos durante 20 minutos com o intuito de estabelecerem uma comunicação (não local) entre si.

Depois, eles entraram em gaiolas de Faraday (compartimento metálico que impede a penetração de ondas eletromagnéticas no seu interior), e permaneceram em estado meditativo mantendo essa conexão até o final

do experimento. Um dos indivíduos foi submetido a uma série de flashes de luz que produzem uma reação eletrofisiológica no cérebro ao estímulo sensorial e, um aparelho de eletroencefalograma EEG realizava a mensuração das ondas cerebrais de ambos.

Como resultado, na leitura do EEG do seu parceiro, verificou-se que, as mesmas atividades foram transferidas para o cérebro dele, sem que houvesse nenhuma conexão local.

De acordo com Goswami (2005) “a explicação para os resultados obtidos é a não-localidade quântica: os dois cérebros agem como um sistema quântico correlacionado não localmente” e ainda, de acordo com o autor, “essa influência não local entre seres humanos é conhecida há milênios no domínio do pensamento. É chamada de telepatia”.

No que diz respeito a telepatia entre espécies, Smith (2017) relata que “os animais são capazes de se comunicar com os seres humanos que estão abertos à conexão telepática. Eles têm suas intenções, emoções, imagens ou pensamentos por trás das palavras, mesmo que as próprias palavras não sejam totalmente compreendidas”.

O reconhecido biólogo Rupert Sheldrake constatou, através de observações e experiências, que animais podem se comunicar telepaticamente com seus tutores. Em uma delas, o biólogo constatou que cães indicam, por meio do comportamento, saber de imediato quando o dono está a caminho de casa, e percebem quando o caminho é interrompido. O mesmo ocorre quando a volta ocorre em diferentes momentos do dia, de maneira inesperada (KING, 2014).

Smith (2017), também relata que “os comunicadores de animais têm repetidas experiências da resposta positiva dos animais após se comunicarem telepaticamente com eles. Informações e resultados específicos foram verificados por inúmeras pessoas, incluindo veterinários”.

CONCLUSÃO

O princípio da não localidade implica transcendência e explica o caráter ilusório do espaço e tempo, portanto, é possível se fazer um paralelismo com reiki a distância e entender como se dá a transferência da energia neste caso.

A não localidade também explica, cientificamente, um fenômeno que já acontece há milênios que é a telepatia, demonstrando a veracidade da correlação não local entre as consciências humanas.

Diversos experimentos, observações e relatos comprovam a telepatia entre espécies e não há motivos para acreditar que não possamos aplicar princípio da não localidade nesses casos também.

A comunicação intuitiva, pode ainda ser utilizada nas Constelações Sistêmicas Veterinárias, quando os animais estiverem fisicamente presentes ou não.

O Constelador Veterinário, além das percepções comportamentais e posturas dos animais (quando presentes), pode ainda, se valer da comunicação intuitiva para obter alguma informação que seja necessária ao essencial para a solução de alguma questão do sistema familiar.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ASPECT, ALAIN.; DALIBARD, JEAN.; ROGER, GÉRARD. Experimental test of bell's inequalities using time-varying analyzers. *Physical Review Letters*, vol49: 1804-07, 1982.

SADER, M. **O poder do Reiki**. 1ª ed. São Paulo (SP): Pensamento; 2012, p.200.

STEIN, D. **Reiki Essencial: Manual completo sobre uma antiga arte de cura**. 1ª Ed. São Paulo: Pensamento, 1998, p. 264.

CHU, D. A. Tai Chi, Qi Gong and Reiki. **Physical Medicine and Rehabilitation Clinics of North America**, v.15, p.773-781, 2004.

GLEISNER, E. Reiki. *The Usui System of Natural Healing*. In: **COUGHLIN, P. Principles and Practice of Manual Therapeutics**. 1 ed. Churchill Livingstone, 2002, Cap 15, p.256.

ASPECT, ALAIN.; DALIBARD, JEAN.; ROGER, GÉRARD. Experimental test of bell's inequalities using time-varying analyzers. *Physical Review Letters*, vol49: 1804-07, 1982.

GOSWAMI, AMIT. O livro tibetano dos mortos está certo - cabe a nós comprová-lo! In: **A física da Alma**. 2ª Ed. São Paulo: Aleph, 2005, p.33

GRINBERG-ZYLBERBAUM, JACOB.; DELAFLOR, M.; ATTIE, L.; GOSWAMI, A. Einstein-Podolsky-Rosen paradox in the human brain: the transferred potential. **Physics Essays**, v.7, n.4, p. 422-28, 1994.

SMITH, Penelope. About Animal Communication. Animal Talk, 2017. Disponível em: <<https://www.animaltalk.net/AboutAnimalCommunication>>. Acesso em: 22 de abril de 2020.

GARÉ, Ricardo. Comunicação Animal Entre Consciências. Reiki Veterinário, 2019. Disponível em: <<https://www.rekiveterinario.com.br/comunicacao-animal>>. Acesso em: 20 de abril de 2020.

GOSWAMI, AMIT. O ativista quântico: princípios da física quântica para mudar o mundo e a nós mesmos. São Paulo: Aleph, 2010.

KING, Barbara J. O que sentem os animais? Rio de Janeiro: Odisseia, 2014.

A PERCEPÇÃO E O CORPO: UM BREVE RESUMO PARA ALUNOS

Janaina Kudlawiec Chulik

Médica Veterinária, aluna do Programa de Formação de Medicina Veterinária Sistêmica no Brasil e no Exterior - Turma I /2019 - SP

Contato: jana.chulik@gmail.com

Formada em Medicina Veterinária pela PUC-PR/2011

DEFINIÇÃO DE PERCEPÇÃO

Dicionário:

Ação ou efeito de perceber, de compreender o sentido de algo por meio das sensações ou da inteligência: percepção do sofrimento, do clima.

Etimologia (origem da palavra percepção). Do latim *perceptio.onis*, “compreensão”.

Juízo consciencioso acerca de algo ou alguém: é necessário entender a percepção do certo e do errado.

A ciência considera a percepção, como algo distinto da sensação, embora a relacione por meio da causalidade estímulo-resposta, sendo assim a percepção o ato pelo qual a consciência apreende um dado objeto, utilizando as sensações como instrumento.

Do ponto de vista tradicional, tanto a filosofia antiga, como a filosofia moderna, no sentido mais clássico, consideravam a percepção como um auxiliar muito precário do conhecimento, ou até mesmo alguma coisa que só vinha atrapalhar o processo cognitivo.

Porém, esta situação veio a ser revista a partir do século 20, principalmente através do autor Merleau-Ponty, que escreveu o livro Fenomenologia da Percepção, em 1945.

Merleau-Ponty, possuindo uma concepção fenomenológica da percepção, tendo como inspiração principal Edmund Husserl (um dos precursores da Ciência Fenomenológica) e seus estudos sobre os fenômenos, diz que, o pensamento e a percepção são incorporados. Não existia somente a experiência mental, mas, também a experiência corporal.

Mente e corpo não são entes separados, mente e corpo são partes de um único sistema.

Merleau-Ponty, mostra que, a percepção não pode ser reduzida a um conjunto de impressões como faz o empirismo, e, nem a um julgamento que anima os sentidos, como faz o intelectualismo.

As sensações são uma reconstrução da reflexão que pensa.

As sensações estão sempre ligadas a percepção.

Percepção é vivência.

É a relação entre o sujeito com o mundo ou a natureza, uma maneira de o homem ser no mundo anterior a qualquer teoria.

Toda percepção é uma forma de estabelecer sentido.

Merleau-Ponty diz:

*“O meu corpo é o meu ponto de vista sobre o mundo.
E a percepção é a introdução do corpo no mundo”.*

As sensações iniciam o processo de captação da realidade. Primeiro, capta os estímulos, depois você começa a categorizá-los, distinguí-los de outros estímulos, começa a percebê-los de fato.

Seu estudo o levou a explorar o conceito de membro fantasma, onde o indivíduo sente o membro amputado, sendo o corpo não uma máquina, pois se fosse não sentiria esta parte ausente.

Nosso órgão sensorial de captação magnética é a glândula pineal. A regulação da captação magnética encontra na pineal o seu órgão sensorial. Ela transforma o estímulo em neuroquímica.

Por magnetismo vem a informação e neuroquimicamente você expressa isso no corpo, através de uma emoção de dor, calafrio, arrepio, etc.

Bert Helinger diz que a compreensão só pode ser obtida com a observação e a percepção.

Por que então a percepção é importante para o médico veterinário sistêmico?

Visão sistêmica tem foco na percepção, do que a família não está vendo e na comunicação intuitiva.

Percepção é estar presente. Quando não estamos presentes, não nos damos conta, passam muitas coisas do ambiente, do lugar onde estamos, da nossa postura.

Como está o seu corpo agora?

Você consegue percebê-lo?

Pare e respire por alguns instantes, sinta no corpo a informação vindo.

Nós carregamos a informação no corpo.

A falta de percepção corporal, nos limita a receber informações do meio externo.

A autopercepção, é tão importante, quanto a percepção do outro.

É na autopercepção, que vamos analisar a coerência cardíaca do que estamos fazendo. Se os nossos atos estão condizentes com os nossos sentimentos, se não estamos levando as coisas no automático e anulando o que sentimos. Seremos cobrados mais tarde, esse desequilíbrio vai adoecer o nosso campo.

**Depois de se auto perceber, a percepção é importante
no olhar para o outro.**

Você está percebendo na postura do tutor a necessidade dele? O que ele está querendo dizer com a linguagem corporal? O que o tom de voz dele diz? Que informações você está recebendo magneticamente do campo dele?

Você consegue perceber o animal não humano a sua frente no sistema dele?

Ele está sendo visto?

O que ele está querendo comunicar?

É através do nosso corpo, e isso se expande para os animais, que nós nos relacionamos com a vida, com as pessoas, com os seres vivos.

Se eu me relaciono com um animal, ele vai me trazer informações, mas, também vai receber informações no corpo dele. E, através dessas informações invisíveis, mas que são percebidas no corpo, que nós conseguimos analisar e detectar os pontos ocultos das relações dos indivíduos de um sistema.

A percepção está intimamente ligada ao nosso corpo.

Reflexão final:

Paremos para prestar atenção ao nosso corpo e validarmos a nossa percepção.

BIBLIOGRAFIA:

DICIO. **Dicionário Online de Português**. Disponível em: <https://www.dicio.com.br/percepcao/>. Acesso em: 23 fev. 2020.

FERRAZ, Marcus Sacrini Ayres. **O transcendental e o existente em Merleau-Ponty**. Associação Editorial Humanitas - FAPESP, 2006.

HELLINGER, Bert. **O Amor do Espírito**. Editora Atman, 2009.

IPPB - Instituto de Pesquisas Projeciológicas e Bioenergéticas. **Pineal: a união do corpo e da alma**. Disponível em: <https://www.ippb.org.br/textos/especiais/mythos-editora/pineal-a-uniao-do-corpo-e-da-alma>. Acesso em: 23 fev. 2020.

MARQUES, Paulo Pimenta. **Fenomenologia e fenômeno em Maurice Merleau-Ponty**. Sapere Aude – Belo Horizonte, v. 6 – n. 12, p. 832-840, Jul./Dez. 2015, 832-840

MERLEAU-PONTY, Maurice. **Fenomenologia da Percepção**. 2a. Edição. Editora Martins Fontes, 1999.

NÓBREGA, Terezinha Petrucia da. **Corpo, percepção e conhecimento em Merleau-Ponty**. Estudos de Psicologia 2008, 13(2), 141-148

OLIVEIRA, Andréa O.; MOURAO-JÚNIOR, Carlos Alberto. **Estudo teórico sobre percepção na filosofia e nas neurociências**. Neuropsicologia Latinoamericana vol.5 no.2 Calle 2013

SILVA, Denis de Oliveira. **Merleau-Ponty e o ensino das ciências no mundo vivido**. Anais do Seminário dos Estudantes de Pós-Graduação em Filosofia da UFSCar 2015 / 11ª edição, 80-91

EUTANÁSIA X ORTONÁSIA SOB A LUZ DA VISÃO SISTÊMICA

Uma Experiência Pessoal com meus Animais

Joanita Graziella Vecchia

Universidade de Guarulhos - UNG 2012

Pós-graduada em clinica medica de pequenos animais – Anhembí Morumbi - 2014

Pós-graduada em Neurologia – Anclivepa 2018

Pós-graduada em Acupuntura – Instituto Equilibrium – 2019

Contato: 11/96735-6470

draroanitacentroveterinario@hotmail.com

ALUNA DA TURMA I 2019/2020 SP

RESUMO DO CASO

O relato aqui apresentado mostra a dificuldade em que nós médicos veterinários enfrentamos em nossa profissão, como nos cobramos e somos cobrados pela sociedade, pais e amigos, onde muitas das vezes vemos nosso sonho de vida se tornar um pesadelo. Essa situação tende a se agravar quando envolve o nosso próprio animal.

Neste case, relato as dificuldades em lidar com a vida e a morte, ainda que seja de nosso próprio animal, e como alguns procedimentos, podem potencializar nossos medos, nossas culpas e nossas dores. Desta forma, relato duas situações em minha vida: uma aonde procedi com a Eutanásia, e outra, já com bases sistêmicas, procedi com a Ortotanásia.

RELATO DE CASO

Esse relato tem o objetivo de transmitir a dificuldade que encontramos exercendo simultaneamente, o papel de médico veterinário e tutor.

Como muito dos meus clientes, eu trato meus animais como “filhos”, hoje entendo que pela visão sistêmica, esse termo não é o correto, sendo assim irei me referir como animal. A maioria dos veterinários também não foge a regra de possuir muito mais que um animal.

Atualmente, totalizo hoje 19 animais meus e fora os animais agregados, mas os animais como médica veterinária ajudo de alguma forma, pois não tem como mais abrigar e nem assumir seus custos, tenho um projeto onde castramos animais das comunidades, com recurso próprio.

Eu entrei na medicina veterinária por amor, como muito dos colegas que conheço.

Jamais pensei que um sonho de menina se tornaria um pesadelo com o passar do tempo, uma profissão tão linda, que dediquei meus sonhos e esforços, se tornaria tão pesada e tão dolorida.

Quando iniciei a Medicina Veterinária, eu tinha somente um animal cachorro. Seu nome é Floco, e ele foi sempre meu incentivo e sempre me fez continuar nessa jornada.

O Floco apareceu na minha vida, em 2006, quando eu estava vivendo um inferno, tanto na minha vida pessoal, como profissional. Como ele me ajudou e me resgatou dessas tristezas, tentativas de agressões físicas (vivía em um relacionamento abusivo) e das muitas vezes que senti vontade de desistir de tudo, inclusive da vida.

Iniciei a faculdade em 2007, após muitas tentativas. Neste momento então, eu ainda passava por momento conturbados na minha vida afetiva e passava muitas dificuldades na vida acadêmica, dificuldades financeiras, dificuldade em me relacionar me com os colegas e até mesmo com alguns professores.

Em 2008 uma colega de classe me falou sobre sua cadela ter dado cria (ato esse que jamais apoiei, mesmo ainda não fazendo parte da classe veterinária). Comentei com meu pai e o mesmo se interessou por um filhote, na intenção de fazer companhia para o Floco. Assim, no dia 10/03/2008 chegou nossa Safira.

Safira era uma Pit Bull dócil e amorosa, e ela conseguia o respeito de todos apenas com um olhar.

Assim o tempo foi passando e muito mais animais foram chegando por abandono, resgate e afins.

Me formei em 2012, e optei pela Clínica Médica de Pequenos Animais, mesmo sendo a minha vontade inicial de desenvolver minha atividade com grandes animais, especificamente com equinos. Com a formação, comecei a me cobrar muito mais, pois por ter me formado em universidade particular, sempre pensei que algo me faltava, que se fazia necessário essa dedicação excessiva, visando alcançar a excelência em minha profissão.

Em 2014, fiz Pós-Graduação em Clínica Médica. Em 2017, iniciei outra Pós-Graduação em Neurologia, e em 2018 iniciei outra em Acupuntura.

Eu, como Médica Veterinária, estava identificada com o arquétipo do “herói” e do “salvador” e, fui me doando cada vez mais para a causa animal.

Após longa dedicação aos animais, percebi o quanto havia esquecido de mim.

Com o passar dos anos, o fardo foi ficando mais pesado, eu me sentia cada vez mais perdida, sem rumo, por mais que estudasse, me especializasse, nada era o suficiente, fui ficando cada vez mais cansada, irritada, revoltada, e com uma imensa vontade de desistir da profissão.

Comecei a ter pensamentos intrusivos de desistir da vida, e desenvolvi várias crises de depressão, TOC, crises de pânico, por vergonha, e, por acreditar que jamais alguém iria me entender, guardei isso para mim, grande erro, pois o fardo se torna muito mais pesado.

Meu lastro de amor, foram meus animais e minha fé na vida.

Porém, a vida te cobra quando você não está em seu lugar e quando você não se vê, se auto abandona.

Em minhas buscas pelo autoconhecimento, encontrei as Constelação Sistêmicas Familiares e me apaixonei. Em 2019, surgiu a formação em Medicina Veterinária Sistêmica, aonde reacendeu minhas esperanças, um norte surgia, principalmente me perdoar, aceitar a eutanásia do meu animal Floco. Durante a minha formação em Medicina Veterinária Sistêmica, pude encontrar um grupo de Médicos Veterinários e Seres Humanos, com histórias e pesos parecidos com os meus, e neste espaço, minhas dores e sofrimento encontraram cumplicidade, amor e acolhimento.

Aqui relato dois casos de animais meus, que cumpriram sua missão, porém uma antes da visão sistêmica e outro após a visão sistêmica.

1. CASO SEM VISÃO SISTÊMICA

Floco 14 anos, Pit Bul – macho castrado.

Histórico

O floco entrou na minha vida, porém a ligação dele foi com meu irmão, assim que completou 4 anos, ele apresentou diversas alterações de saúde e realizou algumas cirurgias, ligamento cruzado, mastocitoma, tumor no fígado, tumor no baço, por fim, com reaparecimento do mastocitoma.

Em todos esses anos fizemos de tudo por ele, procuramos sempre os melhores tratamentos e especialista em São Paulo.

Porém, chega aquele momento que, como profissionais jamais queremos que chegue, o momento em que nada mais podemos fazer, onde ali, entendemos que não somos “Deus”.

O momento do Floco chegou no dia 15/11/2018, aonde ele já não respondia as medicações, começou a ter alterações neurológicas, foi se debilitando cada dia mais, até que no momento da dor, do meu desespero e de me sentindo incapaz de curar seu próprio animal, e ainda tendo que lidar com o sofrimento de todos os meus familiares, optei pela eutanásia.

O procedimento da eutanásia foi extremamente sofrido e traumatizante para mim, me causando culpa e pensamentos intrusivos.

Sou Kardecista, e na minha cabeça só ficava o pensamento “*matei meu filho*”.

Pensava se haveria “perdão” para a interrupção da vida e da missão do Floco.

Em março de 2019 ingressei meus estudos na Medicina Veterinária Sistêmica, e, durante minha formação, pude reestruturar meus conhecimentos, minha postura perante a vida/morte, conhecer o que é ortotanásia, e, como, podemos ver a morte de uma forma bela e forte.

Com o passar dos módulos e conhecimentos, consegui através de movimentos de alma e exercícios sistêmicos, me perdoar pela eutanásia do Floco. Tive o entendimento em uma constelação, e ao repetir as frases sistêmicas da ocasião, atingi meu autoperdão, e assim o libertei.

Como tudo se repete nessa vida até que se aprenda a lição, mais uma vez, me vi na situação com um dos meus animais doentes.

2. CASO COM VISÃO SISTÊMICA

Foi quando o animal Safira, Pit Bull, de 13 anos, começou a apresentar sinais clínicos de emagrecimento e diarreias recorrentes.

No dia 04/02/2020, após diversos exames, ela fora diagnosticada com problemas renais, e nesta hora, há uma mistura de sentimentos médico veterinários e tutor, aonde o conhecimento e o sentimento se misturam.

Quando me vi de frente para a gravidade do caso, e busquei meus conhecimentos sistêmicos, sobretudo, para compreender que os sintomas estão a serviço do meu sistema familiar e de algo que precisa ser integrado e/ou redirecionado.

Tive muito apoio dos meus colegas veterinários da medicina sistêmica e os não sistêmicos.

Inclui, além de todo tratamento alopático, alimentação natural, Reiki, e também a minha fé e amor.

No dia 07/02/2020, o quadro dela está evoluindo para uma piora. Nesta ocasião na posição de tutora, decidi pela Ortotanásia, que é manter o animal sem dor e sem sofrimento até a morte natural dele, sem que eu mesma a induza.

Neste momento, adotei os exercícios sistêmicos, olhando para ela com força e amor, e falando em voz altas, frases terapêuticas que nos colocam numa postura de amor e libertação.

Eu disse para ela:

“Eu vejo você”

“Eu amo você com todas as minhas forças, mas, libero você e decido ficar”

“Você foi e será muito importante na minha vida”

“Você cumpriu sua missão...”

“Em seu tempo, você pode partir em paz, e eu ficarei bem...”

Muitas outras frases foram usadas, e, em determinado momento, ela me olhou nos olhos e nos conectamos num nível mais profundo. Mantive o Reiki e os cuidados paliativos.

No dia 09/02/2020, ela apresentou uma piora, já sinalizando sua partida. Neste momento, me conectei com meu amor, fé, orações, procedendo com Reiki, Meditações e Ho'oponopono. Pude de forma linda e profunda, me conectar com o mantra em comemoração à morte (Ajeet Kaur – Adi Shakti Namó Namó), e assim me senti em paz, me senti pronta para a partida dela.

Então, fui até a ela, abracei-a, unindo o meu coração ao dela, agradei por tudo, repeti novamente frases sistêmicas que vinham do coração, segurei em suas patinhas, a trouxe em meu coração, e ali ela partiu de forma natural (sem nenhuma interferência química), sendo liberada com todo respeito, honra e agradecimento que eu poderia ter por aquela vida.

Minhas últimas frases foram: “Você cumpriu sua missão”, “Recebo sua morte com amor”, “Você pode ir em paz”, “receba seu desligamento”, “tenho orgulho de você”, “hoje é o seu dia mais honrosos”, “Gratidão por tudo”.

Quando pude vivenciar essa história, eu pude compreender que a dor e o luto são necessários, e que eles fazem parte da vida. Ou seja, são processos naturais. Com a abordagem sistêmica, não senti culpa, e pude me posicionar com mais maturidade, e a força do “EU VEJO VOCÊ”.

Com meus conhecimentos sistêmicos, consigo assumir minha postura profissional frente ao não proceder com a eutanásia, com relação as doenças e sintomas, e com as perdas, que são naturais.

Minha postura mudou também com a necessidade de ACOLHER as famílias enlutadas ou quando estas recebem uma má-notícia. Hoje, me coloco sem julgamentos ao outro, porque entendo que existe uma história de vida.

Neste caminho da Medicina Veterinária Sistêmica, tenho convicção de que não estou sozinha, e que nossas dores e angústias podem ser partilhadas com colegas desta formação com melhor entendimento. Ainda me perco as vezes, mas hoje tenho um caminho que me resgata de um lugar de prolongamento do sofrimento, para um lugar mais ameno muito mais rápido do que das outras vezes.

Assim, sigo esse novo caminho, que está só no início, com novos aprendizados, novas terapias, inovação e uma forma muito mais leve de seguir, carregando menos peso, me respeitando muito mais e em busca do meu lugar.

Sigo na esperança de que esse novo caminho possa cruzar o dos tutores, colegas de classe, e que possa fazer essa transformação no sistema médico veterinário, de modo que, possamos nos direcionar, cada vez mais, para um lugar de paz em nossos corações.

RELATO DE CASO: DERMATITE ATÓPICA CANINA DENTRO DA MEDICINA VETERINÁRIA SISTÊMICA

Case Report: Canine Atopic Dermatitis Inside Systemic Veterinary Medicine

Laura Miranda de Almeida Prado

Médica Veterinária, Reikiana, Comunicadora Animal e Terapeuta Floral Formada pelo Programa de Medicina Veterinária Sistêmica Turma I 2019/2020 SP

Jaú - SP

Email: lauramirandavet@gmail.com

RESUMO

Relato de caso sobre um cão, dálmata, macho, de quatro anos, com Dermatite Atópica Canina tratado somente pela visão da Medicina Veterinária Sistêmica e Terapias Holísticas como a Comunicação Animal e o Reiki, sem nenhum medicamento alopático associado.

Palavras-chave: Medicina veterinária sistêmica; Comunicação animal; Reiki animal; Terapia holística.

ABSTRACT:

Case report about a dog, dalmatian, male, four years old, suffering from Canine Atopic Dermatitis treated only by the vision of Systemic Veterinary Medicine and Holistic Therapies such as Animal Communication and Reiki, without any associated allopathic medication.

Keywords: Systemic veterinary medicine; Animal communication; Animal reiki; Holistic therapy.

DERMATITE ATÓPICA CANINA

A Dermatite Atópica Canina é uma dermatopatia de origem genética. Os cães acometidos tornam-se sensíveis aos antígenos presentes no meio ambiente, desenvolvendo grave reação alérgica, pruriginosa, que interferem na qualidade de vida do paciente.

Devido ao seu caráter genético, esta é uma doença que na maioria das vezes não tem cura, apenas controle. O tratamento em geral é vitalício. Assim sendo, algumas drogas utilizadas, a exemplo dos corticosteróides, podem causar efeitos colaterais que em longo prazo, são capazes de diminuir o período de vida do animal (ZANON et al., 2008).

MEDICINA VETERINÁRIA SISTÊMICA

A Visão Sistêmica, é uma abordagem perceptiva e psicogeográfica que busca informações da mente inconsciente dos animais humanos e não-humanos.

A Medicina Veterinária Sistêmica se complementa com as Terapias Holísticas como a Comunicação Animal entre Consciências e o Reiki. O conjunto dessas técnicas facilita a conexão e o entendimento entre os tutores e seus respectivos animais.

O CAMPOS DE MEMÓRIAS

Rupert Sheldrake provou através de observações e muitas experiências que cães demonstram através de seu comportamento que sentem imediatamente quando seu dono ou dona que estão ausentes se põem a caminho de casa e que percebem imediatamente quando este caminho é interrompido. Essa precisão ocorre mesmo quando a volta é inesperada ou acontece num momento imprevisível do dia (KING, 2014).

Ou seja, segundo Sheldrake, animais e seus tutores estão diretamente e indiretamente interligados em um campo de forças. Esse campo é denominado Campo Mórfico/Morfogenético.

Os Campos Mórficos ou Morfogenéticos são campos que levam informações, não energia, e são utilizáveis através do espaço e do tempo (HENDGES, 2011).

COMUNICAÇÃO ANIMAL

A Comunicação Animal é uma forma de nos comunicarmos com os animais e entendermos eles com clareza. Ao invés de deduzirmos ou acharmos o que eles estão querendo, perguntamos e eles respondem (GARÉ, 2019).

Podemos utilizar as informações trazidas pelos Campos Mórficos ou Morfogenéticos para nos auxiliar durante a comunicação com esses animais.

A conexão telepática com outras espécies pode ser experimentada como uma jornada espiritual, ajudando-nos a: harmoniosamente misturar todos os aspectos da nossa natureza física, emocional e espiritual; retornar ao Todo; despertar para a consciência da Unidade; lembrar-se de quem nós verdadeiramente somos (SMITH, 2017).

SISTEMA FAMILIAR

“Sistema” é uma comunidade de pessoas unidas pelo destino, através de várias gerações, cujos membros podem ser inconscientemente envolvidos no destino de outros membros. Reconhece-se a amplitude do sistema pela amplitude dos destinos que provocam tais envolvimento (HELLINGER, 2007).

Sabe-se hoje que o sistema familiar não é composto apenas de “pessoas” e sim “consciências” sejam elas humanas ou não-humanas.

MOVIMENTOS SISTÊMICOS

Através do acesso aos Campos Mórficos ou Morfogenéticos e da Comunicação Animal entre Consciências recebemos informações valiosas sobre o animal não-humano. Essas informações podem trazer questões físicas, mentais e espirituais que podem ser solucionadas através dos Movimentos Sistêmicos.

Os animais acabam sendo bioindicadores do sistema familiar em que se encontram. O Médico Veterinário deve olhar com atenção para o que está em desequilíbrio para que possa tomar a decisão terapêutica correta.

Para realizar Movimentos Sistêmicos entre tutor e animal utilizamos a técnica da Hipnose Erickssoniana para estabelecer primeiramente *rapport* com o tutor. A Hipnose Ericksonina facilita o relaxamento do tutor para

que as emoções possam ser acessadas e para que ele ressignifique a sua realidade e a do animal em seu sistema.

REIKI

O método Reiki é um sistema natural de harmonização e reposição energética que mantém ou recupera a saúde. A energia Reiki atua na totalidade do ser, nos corpos físico, emocional, mental e espiritual.

Os tratamentos melhoram o sistema imunológico, desintoxicam, equilibram e ampliam a nossa energia, relaxam, mudam a estrutura química do corpo, ajudando a restaurar os músculos, nervos e órgãos. Age em tudo que precisa ser modificado nos organismos físicos e etéricos (DE' CARLI, 2017).

RELATO DO CASO

Cão da raça dálmata, do sexo masculino, com quatro anos de idade. Aproximadamente dois anos atrás começou a apresentar prurido leve. Com o passar do tempo o tutor notou aumento no prurido de forma gradativa. Formaram-se pústulas ao longo do corpo predominantemente em região craniana frontal, focinho, espaços interdigitais e internamente nos membros posteriores. O animal também apresenta em alguns momentos secreção bilateral nos olhos e condutos auditivos. O diagnóstico dado pela médica veterinária responsável é Dermatite Atópica Canina. Durante esse período de dois anos foram feitas algumas mudanças no manejo, mas o animal não apresentou melhora no quadro clínico. Devido ao tratamento alopatóico ser agressivo, o tutor optou por não realizá-lo.

MÉTODOS

Inicialmente realizei a técnica de Comunicação Animal entre Consciências. Entrei em estado profundo de meditação. Conectei-me com a Energia do Todo e telepaticamente conversei com o cão. Perguntei como ele se sentia, se era feliz, se gostava de onde vivia, e todas as respostas foram claras e positivas. Mais profundamente perguntei o que o levava a desenvolver essa alergia crônica e a sua resposta foi surpreendente. Ele queria ser alérgico para que o seu tutor olhasse para ele e precisasse cuidar dele. Ele sentia que se fosse completamente saudável seu tutor poderia deixá-lo de lado. Nesse sistema familiar, o tutor já havia passado por uma crise



depressiva onde não sentia vontade de sair da cama, realizar sua rotina de higiene e se alimentar.

O único motivo que o fazia reagir era a necessidade de cuidar do cão. O cão entendeu então que para que seu tutor permanecesse vivo, ele precisaria chamar atenção para a sua saúde, assim, o tutor estaria sempre atento. Quando olhamos essa situação pelo olhar da Medicina Veterinária Sistêmica notamos uma inversão na lei universal da Ordem e Hierarquia. O animal que foi adotado é quem deveria ser cuidado e neste caso, o animal está, mesmo que subliminarmente, cuidando do seu tutor, evitando que o mesmo desista de viver.

Segundo Bert Hellinger, a Ordem e a Hierarquia são de extrema importância para o andamento equilibrado do sistema familiar e se desrespeitadas geram graves consequências aos seus indivíduos. Consequências estas que serão levadas epigeneticamente pelas próximas gerações.

Optei então por realizar um Movimento Sistêmico. Utilizando a técnica da Hipnose Ericksoniana coloquei frente a frente tutor e cão. Pedi para que o tutor dissesse as seguintes frases sistêmicas diretamente para o cão:

“Eu honro o que você fez por mim até agora”. “Eu vejo você”. “Agora eu entendo a sua alergia”. “Você não precisa mais ficar doente para que eu fique vivo”. “Você é o meu melhor amigo”. “Eu libero você”. “Eu te amo”. “Gratidão”.

Durante todo o movimento o cão permaneceu deitado ou sentado e quando o tutor disse “Gratidão” ele se levantou e saiu. O Médico Veterinário Sistêmico precisa ter a sensibilidade para perceber detalhes sutis, mas que tem um significado gigantesco.

Após realizar o Movimento Sistêmico comecei o tratamento no animal com a técnica Reiki, à distância, energizando todos os seus chakras.

Enquanto realizava a técnica notei que o chakra que mais estava desequilibrado era o chakra cardíaco.

Segundo De' Carli o chakra cardíaco é responsável pelo órgão timo e a sua disfunção está ligada fisicamente com a pele. A função emocional desse chakra é o amor incondicional, união e o sistema imunológico e a sua disfunção está ligada com a síndrome do pânico e a depressão.

Neste caso, fica clara a conexão entre a depressão do tutor e a patologia alérgica do animal.

DEPOIMENTO DO TUTOR

“Quando a coceira e os machucados começaram a melhorar, me dei conta de que não tinha percebido o quão ruim ele estava antes. Foi como se de repente tudo fizesse sentido. As repostas recebidas pela comunicação animal são muito específicas para serem confundidas com coincidências.

Mais do que se comunicar com o ele, você se conectou com a minha alma. O tratamento não foi somente para ele, foi para mim também. Me fez entender uma fase do passado e ressignificar tudo isso.

Mudou como me enxergo em relação a ser tutor dele, melhorando nosso relacionamento. Assim podemos seguir nossos caminhos juntos, cada um em seu respectivo lugar.”

CONCLUSÃO

O conjunto de técnicas utilizadas foi de extrema importância para a melhora clínica do animal. As lesões nos membros posteriores, a secreção bilateral nos olhos e condutos auditivos desapareceram. As lesões na região craniana frontal, focinho e interdigitais e o prurido diminuíram de forma significativa.

O tratamento com a técnica Reiki continua. Nenhum medicamento alopático está sendo administrado.

O depoimento dado pelo tutor após o tratamento confirma que a Medicina Veterinária Sistêmica juntamente com as Terapias Holísticas são a resposta para a conexão perfeita entre os animais humanos e não-humanos.

REFERÊNCIAS

- GARÉ, Ricardo. Comunicação Animal Entre Consciências. **Reiki Veterinário**, 2019. Disponível em: <<https://www.reikiveterinario.com.br/comunicacao-animal>>. Acesso em: 10 de fev. de 2020.
- DE' CARLI, Johnny. **Reiki: Apostilas Oficiais**. São Paulo: Editora Isis, 2017.
- KING, Barbara J. **O que sentem os animais?** Rio de Janeiro: Odisseia, 2014.
- HENDGES, Antonio S. A teoria dos campos mórficos do biólogo Rupert Sheldrake. **O Arquivo**, 2011. Disponível em: <<https://www.oarquivo.com.br/variedades/ciencia-e-tecnologia/4726-a-teoria-dos-campos-m%C3%B3rficos-do-bi%C3%B3logo-rupert-sheldrake.html>>. Acesso em: 10 de fev. de 2020.
- SMITH, Penelope. About Animal Communication. **Animal Talk**, 2017. Disponível em: <<https://www.animaltalk.net/AboutAnimalCommunication>>. Acesso em: 12 de fev. de 2020.
- ZANON Jakeline P. et al. **Dermatite Atópica Canina**. Semina: Ciências Agrárias, Londrina, v. 29, n. 4, 2008.
- HELLINGER, Bert. **Ordens do Amor: Um Guia para o Trabalho com Constelações Familiares**. São Paulo: Cultrix, 2007.

REIKI NA MELHORA DE VIDA EM CÃO SENIL – RELATO DE CASO

Laura Belluzzo

Médica Veterinária Formada pela UNOESTE, com especialidade em Acupuntura pelo Bioethicus.

Formada pelo Programa de Medicina Veterinária Sistêmica, Turma I 2019/2020 SP.

São Paulo / SP

Email: lalaxicabob@hotmail.com

RESUMO

Kit, uma cadela, de 19 anos, sem raça definida estava muito debilitada e foi sugerida a eutanásia. Como a tutor não se sentiu confortável com a sugestão, optou-se em fazer o tratamento complementar com Reiki. Após aplicação de Reiki, houve uma melhora significativa na qualidade de vida da paciente.

ABSTRACT

Kit, a nineteen years-old female mixed breed dog, was very weak and euthanasia was suggested. As the tutor did not feel comfortable with the suggestion, we opted to do the complementary treatment with Reiki. After the application of Reiki, there was a significant improvement in the patient's quality of life.

INTRODUÇÃO

O termo “Reiki” é traduzido como “energia da força vital do universo”. Este é um sistema de cura holístico, que significa que irá tratar o ser

como um todo, apresentando os problemas e curando em todos os níveis: físico, mental, emocional e espiritual.

A ação da Energia Vital do Universo sintoniza os chakras á vibrações de energia de alta frequência, a energia do perfeito funcionamento do nosso estado original; dissolvendo os bloqueios de maneira gradual e uniforme.

Reiki é um campo energético de cura, que foi redescoberto através da sabedoria e conhecimento de culturas ancestrais para aplicá-lo nos tempos atuais. Tudo no universo é composto e conectado por energia. Transmitindo energia curativa do universo ao longo de caminhos energéticos, através das mãos do praticante para o paciente, Reiki cura profundamente conforme o necessário dentro de um ser para criar uma mudança em direção a saúde.

O tratamento com Reiki, pode ser aplicado com as mãos do praticante no local, ou a uma distância pequena do cliente; ou como o Reiki é energético em essência, pode ser enviada a distância, até para outra região geográfica. Reiki pode ser aplicado para manter a saúde e o equilíbrio energético para uma vida saudável, como para cura de doenças, injúrias, problemas emocionais e espirituais e facilitar a transição entre vida e morte.

Os bloqueios energéticos gerados pelas emoções e sentimentos negativos ficam inicialmente nos chakras. Os chakras congestionados não pode irradiar de forma correta. Desencadeia-se uma reação em cadeia que afeta as glândulas endócrinas, restringindo a atividade hormonal, o que impede o funcionamento perfeito dos órgãos, culminando na doença.

Reiki atua diretamente na “fonte” do problema, mesmo que seja desconhecido para o praticante e tutor do animal, atua em um nível, onde a intensidade varia de acordo com a necessidade do paciente. Reiki vai além do corpo físico e emocional e traz a cura necessária para a situação.

Após o tratamento é comum sentir uma sensação de paz, um relaxamento intenso e um sono profundo.

RELATO DO CASO CLÍNICO

Esta é a história da Kit, uma canina, fêmea, de cor amarela de pelo duro, sem raça definida de 19 anos de idade.

A tutora da Kit entrou em contato comigo, depois de receber a sugestão para eutanásia. Kit apresentava sinais clínicos de debilidade, emagrecimento, falta de apetite, apatia, secreção vaginal e sintoma neurológico, andando em círculos.

Como a tutora não estava confortável com a indicação de eutanásia, decidiu-se iniciar sessões de Reiki, com a intenção do que fosse melhor para Kit.

A primeira sessão de Reiki à distância, foi no dia 24 de dezembro de 2019, no outro dia a tutora me relatou que a Kit apresentou pequena melhora no seu estado geral e aumentou o apetite. Na segunda sessão de Reiki à distância, Kit nos surpreendeu, com latido e a diminuição da secreção vaginal e do sintoma neurológico. O comportamento domiciliar de Kit, também melhorou, após o Reiki, com comportamento de “festa” quando a tutora chegava em casa.

No dia 11 de janeiro de 2020, fizemos uma sessão de Reiki presencial e acupuntura. Após 2 dias a tutora me enviou uma mensagem muito grata com estado geral da Kit. A secreção vaginal cessou, continuava comendo melhor e ao andar em círculos não trombava nos móveis.

Continuamos as sessões de Reiki à distância semanalmente, e, no dia 25 de janeiro, fizemos uma sessão de Reiki presencial e com complementação da acupuntura. Kit continua comendo bem, teve ganho de peso, está sem secreção vaginal e mais animada, apesar suas debilidades devido a idade.

A abordagem sistêmica, é procedimento prioritário quando a família é acolhida e vista de forma humanizada em seus aspectos emocionais, mentais e espirituais em relação ao seu sistema familiar e os animais que convive. A postura primeira da medicina veterinária sistêmica é a ortotanásia e da abordagem terapêutica ao sistema.

A eutanásia é um ato intencional de proporcionar a morte indolor para aliviar o sofrimento causado por doença incurável e dolorosa. A ortotanásia é a morte natural e digna, com cuidados paliativos, sem sofrimento. Evita-se aparelhos e medicamentos de suporte a vida. O controle da dor e outros sintomas é indicado pela OMS, incluindo a assistência psicoterapêutica e espiritual da família e do paciente, fazendo-os desenvolver, aceitação, dignidade, atenuação de culpa, medo e sentimento de pena (Relato do módulo VII, 2020).

Assim, o mais importante foi que o paciente, apresentou melhora na sua qualidade de vida, e a eutanásia não foi necessária, sendo a medicina veterinária sistêmica e paliativa, de grande importância para o acolhimento familiar e conforto do paciente geriátrico.

REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA

FULTON, E.; PRASAD, K. **Animal Reiki using energy to heal the animals in your life.** Editora Ulysses Press, 2006

GARÉ, R. **Reiki Nível I.** Apostila do Curso de Reiki Nível I do Programa de Formação em Medicina Veterinária Sistêmica. São Paulo, 2019/2020.

GARÉ, R. **Reiki Nível 2.** Apostila do Curso de Reiki Nível 2 do Programa de Formação em Medicina Veterinária Sistêmica. São Paulo ,2019/2020.

SOARES, C. **Módulo VII.** Apostila do Programa de Formação em Medicina Veterinária Sistêmica, São Paulo, 2019/2020.

COMUNICAÇÃO INTUITIVA COM ANIMAIS – RELATO DE CASO

Intuitive communication whit animals – case report

Márcia de Cássia de Paula Almeida

Médica Veterinária Sistêmica e Holística

Formada pela Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro

Reikiana, ThetaHealer, Comunicadora Intuitiva com animais,
Aromaterapeuta, Terapeuta de Florais de Bach com Visão Sistêmica

Formada em Constelação Sistêmica pelo Curso de Formação em
Medicina Veterinária Sistêmica Turma I 2019/2020 SP

Barbacena-MG

Email: namastepet@outlook.com

RESUMO

Após sofrer um acidente a cavalo, eu, Márcia Almeida, a autora deste relato de caso, pensei que nunca mais voltaria à montar.

Mas quando eu descobri a Comunicação Animal entre consciências eu entendi que poderia me comunicar com os cavalos e pedir a ajuda deles na liberação do meu trauma. E a Essência, uma égua Mangalarga Marchador, me ajudou nesse processo de cura.

Palavras-chave: comunicação intuitiva com animais, comunicação entre espécies, telepatia.

SUMMARY

After suffering an accident on horseback, I, Márcia Almeida, the author of this case report, thought I would never ride again.

But when I discovered Intuitive Communication with animals I understood that I could communicate with horses and ask for their help

to release my trauma. And Essência, a Mangalarga Marchador, helped me in this healing process.

Keywords: intuitive communication with animals, communication between species, telepath.

INTRODUÇÃO

A Comunicação Intuitiva ou Telepática, é algo que existe há anos e que praticamos sem nos dar conta, mas que, foi se perdendo com a correria e as modernidades do mundo atual.

Esse tipo de Comunicação, é realizada através da Telepatia ou de técnicas meditativas específicas para a intenção. Não é algo extraordinário ou relacionado à religião, muito pelo contrário, todos nós podemos nos comunicar intuitivamente, seja com animais humanos ou não humanos. Para utilizar a comunicação basta treino, estudo e o mais importante, aprender a sentir e validar a nossa intuição.

A Telepatia está comprovada na parapsicologia e é definida como uma habilidade extra-sensorial, destinada obter informações a respeito de pensamentos, sentimentos ou comportamentos de outro ser sem o uso de linguagem verbal ou escrita, por exemplo, se detendo apenas à transmissão de pensamentos entre os indivíduos.

O experimento de Grinberg-Zylberbaum, 2 sujeitos meditam juntos durante 20 minutos com a finalidade de estabelecer uma comunicação. Em seguida, são separados em 2 gaiolas de Faraday (câmaras isoladas eletromagneticamente), onde cada um está conectado a uma máquina de EEG individual, e um deles é exposto a uma série de flashes de luz.

Neste experimento, comprova-se através de leituras do registro do EEG do outro indivíduo que o potencial evocado produzido pelos flashes de luz foi transferido para o cérebro do segundo indivíduo sem nenhuma conexão local, sendo assim, mais uma comprovação do estabelecimento de comunicação telepática entre consciências (GOSWAMI, Amit. O Médico Quântico, 2006, p. 80).

A Comunicação Animal entre consciências tem se fortalecido a cada dia, e nomes importantes como do Biólogo Inglês Rupert Sheldrake, autor do livro, "*Cães sabem quando seus donos estão chegando*", validam de forma consistente essa forma de Comunicação.

Quantos de nós já pensamos em determinada pessoa e logo em seguida, ela nos telefonou?

Isto, é telepatia.

Quantas pessoas dizem entender o que o outro quer dizer apenas se comunicando através do olhar?

Percebem como já nos comunicamos telepaticamente de forma inconsciente?

“Veja o que diz J. Allen Boone no livro ***Kinship with all life*** a respeito da sua comunicação com o Pastor Alemão Strongheart (o primeiro cão a atuar em filmes nos Estados Unidos):

“Quando eu mantinha o meu lado da ponte elevado, aberto e horizontal para enviar e receber mensagens, o tráfego de pensamentos acontecia de forma natural e benéfica para nós. Ele raramente parecia ter dificuldade em compreender os pensamentos que eu enviava para ele, fossem notícias, sugestões, opiniões, perguntas ou manifestações de apreciação”.

E quanto mais eu me aplicava nisso, mais fácil ficava entender o que ele estava silenciosamente comunicando. (WALIGORA, Sheila. Comunicação entre espécies. Disponível em < <http://entreespecies.com.br/>> Acesso em 28dez. 2019).

RELATO DO CASO

Há alguns anos, eu, Márcia Almeida, sofri um acidente à cavalo.

Na época, eu não tinha medo algum do contato com cavalos, pois, desde pequena eu estava acostumada a montar e a lidar com a espécie.

Em um certo dia eu fui convidada para participar de uma cavalgada. Eu não estava me sentindo muito à vontade com a idéia deste passeio, mas fui mesmo assim.

Chegando no Haras que eu costumava frequentar, fui informada de que não montaria o animal de costume e essa informação me deixou ainda mais desconfortável.

Me trouxeram uma égua desconhecida e quando nós nos olhamos e nos sentimos, eu já sabia que não deveria montá-la, mas pressionada pelos os que me aguardavam e contrariando a minha intuição, eu montei.

Seguimos em direção ao redondel para que pudéssemos nos aproximar (eu e a égua) e bastaram alguns segundos para que ela começasse a correr em disparada e empinar.

Eu achei que o pior aconteceria. Mas, rapidamente, me lembrei dos ensinamentos de montaria e a prática dos anos montando esses animais, me permitiram contornar a situação. Mas, à partir daí, eu nunca mais fui a mesma em relação aos cavalos.

Na tentativa de esquecer esse episódio eu montei outros animais, mas a cada experiência, eu ficava ainda mais distante deles e cada vez mais amedrontada.

Foram tempos difíceis e eu só vislumbrei uma chance de cura ao conhecer a Comunicação Intuitiva com os animais.

Depois de fazer um curso sobre Comunicação Animal entre consciências eu entendi que poderia falar diretamente com os cavalos e pedir a ajuda deles, e foi o que fiz.

E, a Essência (uma égua Mangalarga Marchador), já minha conhecida de anos, foi quem me ajudou. No começo, até a Essência me causava pânico, mas eu resolvi me comunicar com ela, e pedir autorização para montá-la. Nesse momento, ela me disse muito mais que um sim ...

Disse que conhecia o meu medo, que podia senti-lo, mas que me ajudaria no processo de cura.

A comunicação com os animais, são diretas: “*os animais são objetivos, não são vagos nem usam estratégias*” (GUERREIRO, Marta Sofia, 2014, p. 69).

Com isso, minha comunicação com a Essência foi:

“- *Monta aí garota, vamos nos divertir e aproveitar a vida*”.

Nesse momento ela me mostrou a imagem de nós duas correndo pelo campo e muito felizes (alguns animais se comunicam através do envio e troca de imagens com o Comunicador).

‘A comunicação manifesta-se sob a forma de sentimentos ou imagens intuitivas, e, pode evoluir com o tempo e prática, para uma “conversação” a nível mental.

(GUERREIRO, Marta Sofia, 2014, p. 62/63).

Ainda assim eu sentia medo e ela (Essência), me disse:

“- Eu não vou te fazer mal ...eu amo você!”

E o amor realmente cura. Eu fui tomada por uma coragem imensa e resolvi montar.

“Os animais nos ajudam no processo de cura emocional, energético e consequentemente físico”.

(GUERREIRO, Marta Sofia, 2014, p. 79).

Montei tremendo, mas montei! E ela ficou ali quietinha aguardando o meu tempo para seguirmos em frente. Ela é uma égua mansa, mas agitada e cheia de energia. Quando ficou ali parada esperando o meu comando e fazia os movimentos de maneira suave e devagar, eu entendi a força da nossa comunicação.

Durante o passeio nós quase caímos, mas éramos um só corpo e coração naquele momento e eu disse bem alto:

“- Eu confio em você, garota!”

Ela se reequilibrou e seguimos o nosso passeio.

Depois desse dia nós duas sempre nos comunicávamos. Eu explicava sobre tudo o que iríamos fazer com ela, como tosar a crina, dar banho ou

passar. Um dia ela me encorajou a montar uma outra égua, a Lua. Eu montei e foi libertador!!

A Lua também é uma égua muito querida e me ajudou muito nesse processo de cura.

Graças à Comunicação Animal entre consciências, e à Essência e Lua, eu me curei! Sou livre e posso desfrutar da companhia desses animais.

Os animais não-humanos estão ao nosso lado para nos auxiliar em nossos processos de cura.

Através da Comunicação Intuitiva podemos acessar diretamente a energia dos animais não-humanos, e obter informações presentes no seu inconsciente, o que otimiza a relação entre as espécies, e, possibilita que ambos sejam beneficiados ao obtermos informações mais assertivas para as questões que precisam ser sanadas no momento.

O uso da Comunicação Intuitiva entre Espécies, é, também, de grande valia durante as Constelações Sistêmicas Veterinárias, aonde os animais estão de fato presentes, facilitando assim, que o Constelador Veterinário, possa acessar ainda mais informações, além de suas percepções e sensações no campo.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

GUERREIRO, Marta Sofia. Conversa com animais: São Paulo, ed. Lua de Papel, 2014, p.62,63, 69,79.

Waligora, Sheila. Eu falo, Tu falas...Eles falam: São Paulo ,4ª edição, ed. Grafilar ,2013.

WALIGORA, Sheila. Comunicação entre espécies. Disponível em < <http://entreespecies.com.br/>> Acesso em 28dez. 2019

GOSWAMI, Amit. O Médico Quântico: São Paulo, 1ª edição, ed. Cultrix, 2006.

A MORTE VISTA COM AMOR: UMA ABORDAGEM SISTÊMICA

Gabriela Castilho Mourão

Médica Veterinária formada pela ULBRA, Residência Clínica Cirurgia de pequenos animais, Dermatologista, formada pelo programa de Medicina Veterinária Sistêmica, turma 1 2019/2020 SP. Florianópolis.

E-mail: gabi-mourao@hotmail.com.

Marcele Blauth de Oliveira

Médica Veterinária formada pela UFRGS, mestre em farmacologia, residência em anestesia, acupunturista, ozonioterapeuta, homeopata, mestre em reiki, formada pelo programa de Medicina Veterinária Sistêmica, turma 1 2019/2020 SP. Florianópolis.

E-mail: vetmarcele@gmail.com

RESUMO

Esse relato de caso visa abordar a morte de uma forma humanizada, amorosa, consciente e sistêmica. Trata-se de um caso grave de cinomose, onde foram aplicadas todas medidas terapêuticas praticadas pela Medicina Veterinária Cartesiana, somadas às práticas da Medicina Veterinária Sistêmicas. Como resultado construindo um caminho de despedida do animal com leveza entre paciente, tutor e profissional.

HISTÓRICO DO CASO

Paciente canino, fêmea, SRD, aproximadamente 12 anos, iniciou com sintomas de apatia, secreção ocular, dificuldade respiratória, inapetência, fraqueza, dificuldade de deambulação, mioclonia e vômitos. Foi feita avaliação clínica do paciente e realizado teste de PCR de mucosa, urina e

sangue todos positivos para o vírus da cinomose, os demais exames referindo anemia e leucocitose.

Paciente previamente vacinado com vacina ética. Foram feitas todas medidas terapêuticas, ambientais, alimentares e higiênicas preconizadas para o tratamento da doença conforme literatura, porém sem resposta efetiva.

Rotineiramente, o procedimento utilizado para casos como este, não responsivos e com evolução clínica dolorosa é a eutanásia. Essa prática passou a ser uma ferramenta usada como solução para interrupção de um processo de sofrimento, porém de forma descriteriosa, tanto para o profissional que faz o ato da eutanásia como para a família que passa por tal situação.

Conforme Lei número 11.794/2018, a eutanásia constitui-se no modo humanitário de matar o animal, sem dor com o mínimo de estresse. É a prática de causar a morte de um animal de maneira controlada e assistida.

A eutanásia se justifica, para o bem do próprio indivíduo, em casos de dor ou sofrimento, que não podem ser mitigados de imediato, com analgésicos, sedativos ou outros métodos, ou quando o estado de saúde, bem-estar do animal, impossibilite o tratamento ou socorro ou para fins didáticos ou científicos.

A metodologia pedagógica e de ensino atual, doutrina os alunos a não ter contato com o lado emocional das famílias multiespécies, e, com isso, a eutanásia passa a ser a opção mais fácil de resolução do caso, tanto para o tutor como para o Médico Veterinário, numa forma se “livrar” do peso daquela situação.

Por outro lado, na Medicina Veterinária Sistêmica opta-se, preferencialmente, pelo ato da ortotanásia, que traduz a morte desejável, na qual não ocorre o prolongamento da vida artificialmente, através de procedimentos que acarretam aumento do sofrimento, o que altera o processo natural do morrer. Mantém-se os métodos que aliviam dor e preconizam bem-estar físico, mental, emocional e espiritual do paciente e dos envolvidos.

Fazendo uso deste entendimento, após avaliação do Médico Veterinário Sistêmico, foi observado que de fato o animal estava em quadro de sofrimento e com prognóstico muito desfavorável.

Optou-se então, em olhar para todo o contexto desta doença, na busca de compreender que, o sintoma é uma forma de expressão, de algo sistêmico relacionado a algo que não foi visto no contexto familiar. O

sintoma do paciente terminal, pode trazer questões ocultas que estão a serviço do sistema familiar, e que somente podem ser evidenciados, através das Constelações Familiares.

Nas práticas Sistêmicas, a ortotanásia abrange desde a postura amorosa e consciente do profissional até a um local adequado, acolhedor, humanizado, preferencialmente, calmo e sem interferências externas.

Uma abordagem sistêmica à família que recebe uma má notícia referente a terminalidade da vida do seu animal, é vista e dita de forma consciente, real e verdadeira, porém, o profissional se debruça numa escuta passiva, e, num estado de presença e conexão.

Uma vez o médico veterinário sistêmico acessando o campo de informações daquele sistema familiar, os movimentos da alma/consciência do sistema, evidenciam as questões ocultas que trazem a informação a ser reparada, incluída e/ou direcionada.

A título de esclarecimento sobre a alma/consciência, Bert Hellinger descreve que nós não *temos* uma alma, mas estamos *dentro de* uma alma. A alma não está *dentro* de nós, mas à nossa volta. Então, a alma não me pertence, eu pertencço à alma, sou mais ou menos parte dela.

O movimento sistêmico inicia-se quando posicionados, de frente um para o outro, animal e tutor, permitindo assim que o Médico Veterinário Sistêmico sinta o campo morfogenético.

Desta forma, este é capaz de instruir o tutor a repetir frases sistêmicas, tais como:

“eu libero você da dor e sofrimento”, “eu incluo você e com amor deixo você ir”, “honro e respeito suas escolhas e caminhos”, “gratidão pelos ensinamentos”.

Esses exercícios e falas terapêuticas, trazem consciência ao movimento e são envoltos em muito sentimento e emoção, num ato de coragem de ambos os lados, de olhar a morte como o dia mais corajoso de um ser vivo, como diria Dra. Ana Cláudia Quintana Arantes.

No procedimento da ortotanásia, pode ou não ocorrer a liberação física deste paciente, isso varia de acordo com cada caso. Fato é, que, permitimos

assim, que haja uma compreensão silenciosa por parte da família e do animal, num entendimento profundo que cabe somente as partes envolvidas.

Nos estudos na Medicina Veterinária Sistêmica, percebemos que os animais podem aparecer como bioindicadores, trazendo um olhar diferente para dor ou doença/sintoma manifestados.

Percebemos que as doenças/sintomas são capazes de serem grandes professores da vida, mestres que favorecem o despertar de consciência, trazendo à tona o entendimento de que um sintoma, dor ou doença podem ser a expressão física de dores profundas de alma do sistema ao qual o animal está inserido.

Quando, emprega-se, uma abordagem sistêmica no final da vida de um paciente, todos os envolvidos são vistos e com a chance de ressignificar a dor, sejam eles, tutores, familiares, amigos, e, invariavelmente, os Médicos Veterinários e profissionais de saúde (enfermeiros, auxiliares, médicos) que ganham uma chance de crescimento pessoal com a morte/doença, sem o peso da culpa e do medo.

No caso em questão aqui descrito, horas após o exercício sistêmico feito com tutor e animal, este veio a óbito de forma natural e com a família.

Experimentar um processo de morte com serenidade e lucidez, é, antes de tudo, ter a oportunidade de viver em plenitude seu último momento. A ortotanásia e os movimentos sistêmicos, oportunizaram a ressignificação da vida para todos os envolvidos no final da vida do paciente, para que assim, pudessem olhar a despedida com força, dignidade e amor, ressignificando não só a morte, mas também a própria vida.

REFERÊNCIAS

FELIX, Zirleide Carlos et al. Eutanásia, distanásia e ortotanásia: revisão integrativa da literatura. **Ciência & saúde coletiva**, v. 18, p. 2733-2746, 2013.

FORNAZARI, Silvia Aparecida; FERREIRA, Renatha El Rafihi. Religiosidade/espiritualidade em pacientes oncológicos: qualidade de vida e saúde. **Psicologia: teoria e pesquisa**, v. 26, n. 2, p. 265-272, 2010.

Website com último acesso em 06/03/2020: <https://www.cf-evajacinto.pt/a-alma-e-os-movimentos-da-alma/>

RELATO DE CASO DE EXERCÍCIO SISTÊMICO REALIZADO NA FORMAÇÃO DOS MÉDICOS VETERINÁRIOS DO PROGRAMA DE FORMAÇÃO EM MEDICINA VETERINÁRIA SISTÊMICA NO BRASIL E NO EXTERIOR

Vânia Fernandes Beati Fraulo

Médica Veterinária formada pela PUC/MG campus Poços de Caldas
CRMV-SP 2345-8

Aluna da primeira turma do Programa de Formação em Medicina
Veterinária Sistêmica no Brasil e no Exterior.

TEMA: VIDA

*“A vida te acorda, te poda, te quebra, te desaponta...
Mas creia, isso é para que seu melhor se manifeste...
até que só o AMOR permaneça em ti”.*

(Trecho do poema “A VIDA” por Bert Hellinger)

INTRODUÇÃO

Durante todo o Programa de Formação em Medicina Veterinária Sistêmica no Brasil e no Exterior, foi passado a importância do autocuidado, de olhar para si mesmo, se conhecer, para então estar apto e mais consciente na postura de cuidar do outro.

É comum as pessoas pararem para analisar sua vida e separar em setores (vida pessoal e vida profissional, por exemplo). O que normalmente não conseguimos enxergar, são as conexões ocultas que existem entre todos os setores. Uma das formas de ver como estão estas conexões é através dos movimentos sistêmicos.

RELATO DE CASO - MOVIMENTO SISTÊMICO

Um (01) observador escolheu quatro (04) representantes e definiu cada um deles como um setor da sua vida. Os setores escolhidos foram: prosperidade, casamento, trabalho atual e trabalho desejado. A intenção do observador era ver como estes setores estavam interagindo, e assim poder tomar uma decisão.

Os representantes foram colocados lado a lado (Figura 1).



Figura 1

Em um primeiro movimento, os representantes se posicionaram em fila e, segundo a interpretação do observador, esta era a ordem atual de importância de cada setor. Primeiro o casamento; em seguida o trabalho atual; e logo depois, lado a lado, o trabalho desejado e a prosperidade (figura 2).

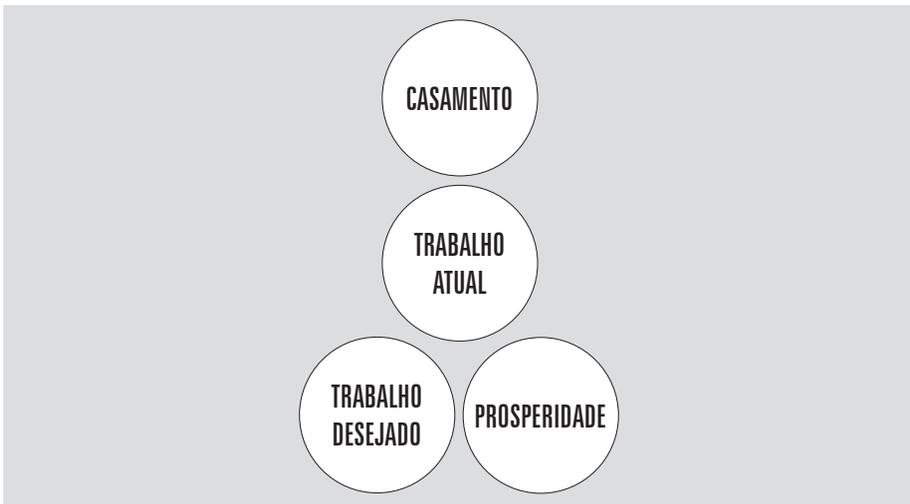


Figura 2

Logo depois os representantes se movimentaram novamente.

O casamento parecia cansado e aos poucos foi se abaixando. Conforme o casamento se abaixava a prosperidade se mostrava como se pedisse ajuda.

Quando o casamento se entregou ao cansaço e deitou no chão, a prosperidade se ajoelhou e olhava fixamente, com olhar de desespero, para o observador.

O trabalho desejado se afastou da prosperidade e começou andar de forma firme por todo o campo. Segundo o representante, a sensação era de aterramento e ele não via o que os outros representantes estavam fazendo.

Quando o casamento estava se abaixando, o trabalho atual se posicionou atrás dele, de forma a dar suporte para que não caísse. O trabalho atual olhava para os lados como se procurasse algo, e quando encontrou o trabalho desejado, estendeu a mão a ele.

Neste momento o casamento já estava deitado no chão, e a outra mão do trabalho atual se estendeu em direção a ele. Nesta configuração, o observador interpretou como o trabalho atual sendo um elo de ligação entre o casamento e o trabalho desejado.

CONCLUSÃO

No relato, citado é possível observar a conexão oculta que existia entre relacionamento, trabalho e dinheiro na vida do observador.

É de extrema importância o olhar para o todo antes de tomar uma decisão usando apenas a mente racional. É preciso sentir, ver e interiorizar as informações para que o próximo passo seja coerente com o movimento de alma.

Desta forma, deixo a reflexão e introspecção a cada um, para que possa parar, respirar e sentir em seu coração:

Como está a sua vida?

O que você não está enxergando?

O que sua alma está querendo te dizer?

QUAL A IMPORTÂNCIA DA VISÃO SISTÊMICA PARA A MEDICINA VETERINÁRIA DO TERCEIRO MILÊNIO?

Varuna Aparecida Piazza

Médica Veterinária formada pela Universidade Estadual do Norte do Paraná, com Pós-Graduação em Clínica e Cirurgia de pequenos animais pelo Centro Universitário da Fundação de Ensino Octávio Bastos, Formação em Medicina Veterinária Sistêmica na Turma I / 2019 SP

Este trabalho é um resumo do meu entendimento como aluna do Programa, do que venha a ser Visão Sistêmica, e como posso aplicar esses conhecimentos em minha vida pessoal e profissional.

A Visão Sistêmica e as Constelações Familiares segundo Bert Hellinger, proporcionam uma alta percepção

O Que é Visão Sistêmica?

“A visão sistêmica é um modo de ser, uma filosofia, uma ciência, onde estudamos o inconsciente que é 90% do nosso aparato psíquico e vemos como tudo está conectado” -

Carla Soares

Para nós, médicos veterinários, é muito importante termos conhecimento da visão sistêmica para conseguirmos ajudar não só os animais, mas também toda a família aonde este animal, por ressonância está inserido.

A Visão Sistêmica permite o entendimento do todo e não do indivíduo. Trabalhamos em prol do todo, e não de um único indivíduo.

É um caminho terapêutico, onde os animais são bioindicadores sistêmicos e apontam aonde estão os desequilíbrios nos diversos sistemas

familiares. Esse entendimento facilita as relações humanas e não-humanas potencializando os tratamentos e terapêuticas instituídos.

A partir da visão sistêmica, compreendemos, também, o nosso lugar de força como seres humanos e médicos veterinários em cada um dos sistemas a que pertencemos (posicionamento geopsíquico). Entendemos também que para o amor e a ajuda fluírem, há necessidade de seguirmos Leis como: Ordens do Amor e da Ajuda.

Percebemos que a nossa força vem da força dos nossos pais como eles são, e que essa reconexão consciente à eles nos ajuda a curarmos, e que assim, é possível de fato, uma ajuda e um cuidado aos demais.

Aqui, gostaria de falar um pouco das três ordens do amor segundo Bert Hellinger:

A primeira lei se refere a **pertinência**, todos nós pertencemos a um sistema familiar. E nenhum de nós, tem o direito de dizer ao outro que ele não pertence. Mesmo que essa pessoa esteja “errada” ela continuará tendo o direito de pertencer.

Quando isso não acontece e ela é excluída do sistema, essa situação cria um efeito colateral em todo o sistema familiar e com isso a lei do pertencimento atua drasticamente, fazendo com que esse membro do grupo seja incluído novamente de um jeito ou de outro nas gerações futuras, através dos sintomas e também, em não raras vezes, através da inclusão de um animal.

E esse comportamento/pessoa que foi excluído, reaparece em algumas das gerações seguintes, em forma de acidentes ou doenças em alguns membros: filhos, netos, ou bisnetos sem que eles entendam o que esteja acontecendo.

Neste âmbito, percebemos a importância das constelações familiares, quando temos a possibilidade de “realocar” esse membro do nosso sistema que fora excluído.

Essa reinclusão pode acontecer apenas em nível de alma. Assim é possível permitir que o amor volte a fluir nessa família.

A segunda lei se refere a **ordem/hierarquia**, nessa segunda lei, entendemos a necessidade de que cada um ocupe seu lugar em termos de precedência. Quem veio antes precisa ser reconhecido e respeitado como tal, para que não haja um desequilíbrio no sistema familiar.

Isso significa, portanto, que os pais veem antes dos filhos, assim como o amor entre os pais vem antes da relação pai-filho ou mãe-filho. O primeiro filho vem antes do segundo e assim por diante. Respeitando a hierarquia e adotando posturas e comportamentos condizentes que cada lugar hierárquico, é novamente possível que possamos vivenciar o amor fluindo em uma família. Essa Lei igualmente se aplica aos sistemas organizacionais e empresariais.

A terceira lei é o **equilíbrio entre o dar e o receber**. Essa lei deve existir em todas as relações e em todos os sistemas. Esse equilíbrio pauta-se quando um dá, e o outro recebe (toma), porque tomar é mais ativo do que receber. Então, quem recebe fica grato, e de certa forma, em dívida. Portanto, dá de volta para compensar.

Normalmente, dar-se um pouco mais e assim quem recebe dessa vez, fica com uma sensação de dívida um pouco maior, e para manter o equilíbrio, ela irá retribuir em devida proporção. Essa dinâmica, gera um vínculo crescente, no qual o amor pode crescer.

Há uma exceção nesse equilíbrio, no caso da relação entre pais e filhos. Os pais são doadores e os filhos receptores, assim os filhos irão retribuir crescendo na vida, e no futuro, doando a seus filhos.

E de tudo o que os pais dão, o mais importante, todos nós recebemos: a vida. Por isso já devemos ser gratos e respeitarmos nossos pais.

O dar e tomar deve ser a base da dinâmica relacional que busca o equilíbrio.

Quem recebe algo de ruim, só pode encontrar paz e equilíbrio quando devolve o que lhe foi feito. Normalmente se retribui um pouco menos do “mal”, para que esse ciclo vá se equilibrando.

Quando entendemos e tomamos em nosso coração essas três Leis que ordenam o amor, começamos a entender onde é nosso lugar. Essa consciência de força, expande-se não só em nossa família, onde é o primeiro sistema de base, mas também, para a nos colocarmos como médicos veterinários em nossas profissões tendo a consciência que não somos “salvadores” e que devemos atuar com essas Leis.

Quando a visão sistêmica entra em nossa alma e vivemos dessa forma no dia a dia, encontramos mais paz e equilíbrio em nossas vidas, e,

assim, ficamos em nosso lugar de força, maturidade e consciência em nossa família, em nossos relacionamentos e em nossa profissão.

REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA

Koziner, Mário. As ordens do amor- parte 1. Pertencimento, YouTube, 25 de janeiro de 2017

Koziner, Mário. As ordens do amor- parte 2. Hierarquia, YouTube, 9 de fevereiro 2017

Koziner, Mário. As ordens do amor- parte 3. Dar e Receber, YouTube, 15 de março 2017

COMO, É DIFÍCIL, FALARMOS SOBRE A MORTE: A EXPERIÊNCIA PESSOAL DE DUAS MÉDICAS VETERINÁRIAS

Letícia Mendes

Médica Veterinária Sistêmica – TURMA I / 2019 SP

Núbia Travagin

Médica Veterinária Sistêmica – TURMA I / 2019 SP

Quando esse tema (MORTE) nos foi apresentado, olhamos com total falta de entendimento, e, sem ideia clara de por onde começar a transcorrer sobre um assunto tão novo para nós e para os leitores.

Apesar de termos vivenciado a morte e o luto, e, termos nos permitido sentir a dor daquele momento com a partida de pessoas próximas, nos demos conta que ainda não sabíamos falar sobre a morte, nem como pessoas, e nem como Médicas Veterinárias.

Sentimos que, ainda não estávamos preparadas, e o mais dilacerante, era não saber, verdadeiramente, o porquê. As questões existenciais mais profundas nunca nos foi entregue nas academias de ensino. Aprendemos a tratar doenças. Aprendemos sobre doenças. Mas, pouco sobre filosofia do nascimento, vida e morte nos foi apresentado. Então, obviamente, em nossos transcurso profissionais, percebemos o quanto excluímos esse tema de vida: **a morte**

Não aprendermos a olhar, a falar e a abordar os processos de morte dentro de um contexto existencial dos animais e de suas famílias humanas, é uma forma de exclusão. Quanto mais excluímos, mais conectados estamos de forma até inconsciente.

Há tempos, sentíamos a necessidade em falar sobre a morte. Por ser quase um tabu, era um assunto que nos inquietava, não porque

causava temor, mas por um outro motivo que até um dado momento, era desconhecido.

Quanta frustração na busca pelo assunto na Medicina Veterinária, apenas tentativas infrutíferas e tentativas de textos inacabados engavetados.

Após estudar o assunto, tivemos que apresentá-lo no grupo de estudos do Programa de Formação em Medicina Veterinária Sistêmica. Era um domingo, e tínhamos um encontro *online* devido à Pandemia. As emoções de todos estavam a flor da pele, em *loops* de sentimentos e sensações.

Como falar com leveza sobre a morte? Será possível?

Os movimentos, por vezes inconscientes para não entrar em contato com o assunto são perceptíveis. Letícia, por sua vez, num ato falho inconsciente de se colocar em viagem (que somente dias após tomou consciência), de deslocamento do interior de São Paulo para a Capital, acompanhando a aula apenas como ouvinte, após uma semana de desafios ao lado de sua mãe, desafios intensos, profundos...

Inconscientemente, não realizou o movimento de sua apresentação pública sobre o tema, abdicou!

Núbia, apesar de presente na aula, e, ter tentado expressar em palavras e dentro de um contexto o TEMA MORTE, igualmente, não teve forças para falar sobre o assunto.

Ao final do encontro, a professora pediu para que todos os alunos presentes, deixassem uma contribuição ao grupo, e nesse momento, eu, Núbia, iniciou um desabafo confuso e cheio de medo e desespero.

O tema morte desperta nas pessoas diversas sensações, desde um pânico, até mesmo, relembrar os vivos.

Nesta perspectiva de relembrar os vivos, Letícia, com rememorou de forma consciente, do quão importante, e necessário, foi ter vivido dias tão desafiadores ao lado da mãe.

Quando a professora chamou a Letícia para entregar algo ao grupo, ela com lágrimas nos olhos, sentia tamanha gratidão por ter vivido dias tão desafiadores com sua mãe, lembrando que, muitas vezes “matamos” em nós pessoas de nosso sistema que ainda estão vivas.

A morte não é só a finitude da vida, ela pode estar ocultamente representada em nossos comportamentos e pensamentos como:

“eu penso no fim antes mesmo de qualquer coisa existir”

“tenho tanto medo de falhar que paraliso, planos e mais planos sem ação”...

Não encerrar ciclos é também um medo da finitude de momentos em nossas vidas. E, para não morrer e terminar, eu prefiro nem começar....

Não adianta excluirmos mais o tema MORTE de nosso sistema veterinário, quer seja ele abordado com a perda de nossos pacientes, com o luto das famílias, ou mesmo, com nosso olhar de Médicos para a vida. Porque, de um jeito ou de outro, a morte se infiltrará em nossas vidas da forma mais assustadora possível, inclusive, nos impedindo de tomar a vida com força dos nossos ancestrais.

Termos ficado com o tema MORTE, nos permitiu sentir no corpo a tristeza que vem junto à uma reflexão:

Há quanto tempo eu não sinto vida em mim?

Há quanto tempo não sinto real prazer com a Vida?

O tema MORTE é tão amplo e profundo, que nos fez sentir algo muito forte submergindo d'alma, quase sem vida, a **imagem materna**.

Claro que sorrisos e lágrimas surgiram, porque é através da Mãe que passamos para a vida. Lembramos que nossa primeira morte... é sair do seu útero acolhedor...

Me dei conta que, rejeitava a vida, porque ainda não tinha concordado com a minha mãe como ela foi e é. Pudemos coadunar das mesmas percepções e sensações.

Fato é que, nenhuma de nós tinha tomado em si o que é. Mais lágrimas escorreram sobre minha pele e um suspiro aliviador brotou de dentro do meu ser.

Senti toda a força da minha mãe emergindo em mim, pois senti no meu corpo nossas similitudes. Concordei com como ela é, e, com

como sou. Finalmente me senti viva, renasci. Falamos sobre nossas percepções, sentimentos e renascemos.

Concluimos que a morte era um assunto que nos inquietava porque não sentíamos a vida pulsando em nós. Tínhamos perdido o senso de vida. Diversas situações ao longo da vida nos provocam a sair do nosso lugar, nossa mente cheia de julgamentos nos coloca como arrogantes querendo ser maiores e melhores que nossa mãe. Voltar para o lugar que nos pertence em nosso sistema de origem, é um processo doloroso e que causa desconforto.

A partir do momento que passamos a vivenciar a Visão Sistêmica, nos colocamos dispostos a fazer o movimento de voltar ao nosso lugar, de colocar-nos como pequenos diante daqueles que nos deram a vida, e, então, enxergar as situações de uma outra perspectiva: **olhar com olhos de ver...**

Durante o nascimento e a morte, temos a vida, que a todo instante nos trará profundas oportunidade de ressignificar, e, transformar nosso “jeito” de perceber. Mas, só é possível novas percepções, quando nos colocamos no caminho.

Nos permita fazer um convite:

Que tal olhar tudo? O todo!

O caminho, a caminhada, prestar atenção em si como caminhante?

E, se você está em seu lugar?

O que a morte significa para você?

Quando passar a minimamente questionar a existência e olhar através da visão sistêmica, podemos afirmar que é literalmente, um caminho, e, sem volta!

Então, ao ter contato com a morte e a vida, serás capaz de aplicá-la a qualquer situação, inclusive, com nossos pacientes terminais e suas famílias enlutadas. Sem olhares amedrontados ou cartesianos, mas com a força da vida de nossas mães, e um cuidado ao próximo, repleto de respeito, amor e honra, sentindo no corpo e no coração.

Me chamo Letícia Domingues Mendes, filha de Vânia Cristina Calvi e Ricardo Domingues Mendes. Não possuo o sobrenome de mamãe em meus documentos, mas tomando-a em meu coração, vos digo que hoje, me chamo Letícia Calvi Domingues Mendes, e, a cada dia vivenciando e experienciando o Sistêmico, percebo o quão o caminho é lindo, quando mudamos a forma de caminhar.

Me chamo Núbia Travagin, filha de Maria Isabel Miranda Travagin e Claudinei Travagin. Pertencer e estudar a Visão Sistêmica, me mostrou a possibilidade de buscar o equilíbrio do caminho do meio.

O prazer é nosso em ter você compartilhando desta leitura, deste nosso desabafo.

Gratidão, honra e profundo amor por tudo como foi, até aqui!

BURNOUT NOSSO DE CADA DIA
RELATOS DE UM DIA A DIA DE ENTREGAS
E RESSIGNIFICAÇÕES

Fernanda Roberta Schotz

Médica Veterinária Sistêmica – TURMA I / 2019 – SÃO PAULO

De frente para o espelho, por mais um dia, ela veste a armadura da médica veterinária invencível e segue sua rotina. Deixou para trás, quem um dia foi, para ser somente a profissional, disponível 24 horas por dia.

Sentia prazer nisso. Sentia muito amor pelo que fazia. Cuidar de vidas era abandonar a sua. Era isso que ela pensava.

Prazeroso era ficar noites consecutivas cuidando de um paciente. E, ainda encher o peito para dizer isso. **A falsa heroína.** Que nunca se permitia errar ou perder. Semideusa, que se achava invencível, e, que quando vencida, cai ao chão em pedaços, como quando um espelho se quebra.

“Vai dar tudo certo”, era o mantra que mentalizava a cada passo dado em direção ao trabalho. Amava os animais, mas tinha medo do Ser Humano.

Como entender isso?

Era fã da frase: *“Fiz Medicina Veterinária para lidar com bicho, não com gente”.*

Mais uma ilusão que cultivava diariamente.

Telefone que toca sem parar. “Rápido, o paciente precisa de você”. São 4 horas da manhã.

Há três dias a guerreira não tira sua armadura. Veste-se de coragem, maltratando seu eu interior, pois, seu orgulho não permite que diga não.

E ela vai. Atende com sorriso no rosto, mas com ódio pelo o tutor humano enraizado no coração. Paciente grave, com sérios riscos. Em seu

pensamento, ele não pode morrer. Utiliza de todos os recursos para que ele sobreviva. Mas isso, não acontece. Todos tem sua hora, e, aquele era o momento daquele cãozinho. A guerreira incansável desaba. Culpa-se e é culpada. Seu corpo estremece, perde os sentidos. Uma dor no peito, um medo inexplicável.

Depois desse dia, começou, ouvir o telefone tocar sem estar tocando na verdade. Nunca mais conseguiu atender uma ligação. Não conseguia falar ao telefone. A cada toque, seu peito doía, seu estomago virava, sua cabeça explodia. Mas continuou sussurrando o mantra, “vai dar tudo certo”.

Certo dia acorda, e, sente algo não compatível. **Não queria ir trabalhar. Não queria ver gente. Não queria ver bichos.** Queria apenas estar só num quarto escuro. Algo dentro dela gritava. Mas tapava os ouvidos da alma, não se permitindo ser “fraca”. Levantou, vestiu mais uma armadura, esta muito melhor e resistente, e foi. Sorriso no rosto. Alma em prantos.

Decidiu como que num comando, que agora tinha que ficar mais alerta. Uma insônia aterradora, onde nem medicamentos reestabeleciam o sono, virou parte do seu ser. Afinal, tinha que estar a postos sempre, a qualquer hora.

Mais um dia violentando a sua alma.

Olha-se no espelho, e, não mais se reconhece. Senta em sua cadeira. A porta se abre. Naquele momento, ela senta no chão, abraça suas pernas, e com muito medo fecha seus olhos e as lágrimas caem. O corpo fica dormente, a visão turva. Os sons que ouve são ao longe. Ali eu vi uma criança temendo seus monstros imaginários.

Tutores e pacientes já estavam na recepção a sua espera. E, ao invés, dela dizer que não daria conta, vestiu mais uma armadura, e mesmo sangrando, foi atender.

Desse momento em diante, fugia ainda mais das pessoas. Refugiava-se junto aos animais na internação. Mentia, e fazia os outros mentirem, que estava numa emergência, para atender longe dos tutores, afinal, eles eram os monstros que a criança temia.

Usava de intermediários para comunicar seus pareceres médicos, evitando ao máximo o contato com o ser humano responsável por aquele animalzinho.

Anos se passam, e, a cada ano uma nova armadura escondendo o verdadeiro eu daquela Médica Veterinária. Cada dia ela se cobrava mais. Ser a melhor, fazer mais cursos, não poder errar, não poder dizer não.

A cada queda, a cada sangue de sua alma derramado, ela levantava, empunhava sua espada, e continuava se refugiando na rotina caótica e sobre-humana, que estabeleceu a si como “normal”.

Um dia, porém, as cicatrizes fizeram seu coração perder o brilho. O amor que tinha pela profissão e pelos animais, já não era o mesmo. Por várias vezes, se questionou se um dia amou. Não se reconhecia e em meio a tantas angústias, infelicidades, medos, pânico... desejou não querer mais viver.

O que acreditava, não deixava cometer o ato. Mas, talvez, ela tenha tido uma das piores mortes. **A morte em vida.** Tudo se tornou cinza. Não tinha prazeres, vontades, nada tinha cor. Seguiria o rumo de apenas ser a Médica Veterinária. Esqueceu quem foi. Nada mais fazia sentido.

Terapias, medicamentos, a ordem era se afastar. Mas como um viciado, ela nunca conseguiu. Não podia sair, nem para ir à esquina, quem dirá, férias. E, quando se afastava fisicamente, mentalmente estava na clínica.

Aqui jaz um ser humano, que deixou para trás seus sonhos, suas vontades, sua vida para se dedicar **única e exclusivamente** a profissão.

Pode parecer lindo, mas não é.

Como diz a velha frase: ***“todo excesso esconde uma falta”***.

Todos esses movimentos escondiam uma criança ferida, carente, necessitada de afeto. Tendo que mostrar que era boa. Que conseguia ser a melhor. Os animais nunca exigiram nada dela. Por isso, sempre foi mais fácil lidar com eles. Era incondicional. Sem pressão, sem condições.

Uma criança, apenas uma criança, por vezes birrenta, que batia o pé dizendo que não queria ter contato com os seres de sua espécie. Uma criança que não queria ser cobrada, que não admitia perder. Ela que vivia e vive dentro dessa médica veterinária.

Tudo isso é real. Essa história é baseada em minha vida. Vivo e sinto tudo isso. Quando voltei a ver nuances de cores na vida, nova crise se estabeleceu, e planejei em minha mente, tudo que faria para não mais viver.

Respirei, respirei, respirei, desisti. Mais uma vez abracei minhas pernas e chorei. Levantei e segui. Minha alma grita, pede para mudar os rumos. Meu vício pelo trabalho ainda persiste. Mas, aos poucos vou olhando no fundo dos meus olhos, e repetindo o meu novo mantra: EU VEJO VOCÊ.

Nesse momento, em que tento me redescobrir e me conectar com o ser humano por trás da Médica Veterinária, que o processo de ressignificar o caminho de vida começa.

Começou num dia em que, a ponto de desistir, entrei para o mundo da Medicina Veterinária Sistêmica. Foi o primeiro passo de libertação. O medo do desconhecido, mas, principalmente, de tirar todas as armaduras e seguir meu propósito. Passei a ter contato com meu corpo...a senti-lo, sem armaduras.

Passei a ter contato com a coragem e vontade de viver...

Entendi, primeiramente, que a escolha pela Medicina Veterinária, além do amor incondicional pelos animais, era pautada em outros motivos. Primeiramente, a dificuldade de se relacionar com seres humanos, que em muitos momentos espelham e me fazem olhar para minhas dores.

Outro motivo, que talvez a gente não perceba ou não queira ver: os movimentos de amor interrompidos na infância relacionados ao nosso pai e a nossa mãe. E, como esse segundo ponto é importante. Lembrei que, por várias vezes, na adolescência, eu negava meus pais.

Sentia-me superior, quebrando as ordens do amor, descritas por Bert Hellinger, e, bagunçando todo sistema. E, por mais que isso parecesse estar "resolvido" em mim, não estava. Precisei tomar a vida que meus pais me deram, e, honrar de coração tudo que fizeram por mim. Eles foram o melhor que podiam ser e ainda são. Internalizei todas essas informações, e, a cada passo, lembro e honro todos os meus passos...

Em um terceiro momento, percebi que diariamente quebrava outra lei do amor. A do equilíbrio entre o dar e o tomar. Por vezes, arcava com tratamentos, pois o tutor não queria mais tratar seu companheiro animal. Assumia para mim uma responsabilidade, que hoje sei, não era minha.

Não podia ver um cão ou gato na rua, que queria levar para a clínica, chegando ao ponto de não ter espaço para receber pacientes, pois os canis estavam ocupados com animais resgatados. Não conseguia dizer não, quando alguém chegava e dizia que não tinha condições de cuidar, e, numa postura heróica, mais uma vez eu assumia outro animalzinho.

Através da Visão Sistêmica, percebi como nosso sistema veterinário é adoecido. Uma dor sistêmica que se une com nossas dores pessoais, tornando o fardo mais pesado. Os procedimentos de eutanásia, abates, pesquisas com utilização de animais, tudo isso deixou manchas na vidraça da janela da Medicina Veterinária. Mas, acredito que aos poucos, os Médicos Veterinários do terceiro milênio, honrarão essas dores, mas limparão essas janelas, tornando essa profissão mais leve para todos os que estão e aos que virão.

Recebi uma frase, que a cada dia faz mais sentido em minha caminhada:

“Para que eu fique em vida, eu preciso respeitar o inacabado e o inesperado”.

O quanto foi difícil falar ela. Mas o quanto falar ela, me libertou. Tudo em nossa vida é inacabado. Querer ser perfeita, que tudo aconteça sem tropeços, é, inconscientemente uma busca pela morte. E, já que a decisão é ficar em vida, comecei a aceitar melhor quando algo foge do meu controle, ou quando, percebo que preciso encerrar algo, mesmo que sem terminar.

Mais um ponto que pesava, a busca pela perfeição, e a aceitação de que sou falível, como todo ser humano.

Apreendi que devo olhar nos olhos para encontrar a alma, sejam de animais humanos ou não humanos. Não julgar e acolher, quando necessário. Ser empática com minha espécie e não mais rejeita-la. Assim, tudo se torna bem mais leve.

Sair do vitimismo e do papel de coitadinha, foi outro grande passo. Em resumo, deixar de ser criança. Crescer, ser adulta e responsável. Olhando meu caminho, aprendendo com erros e acertos. Ser responsável por tudo que fiz e faço, sem culpar pai, mãe, colega, marido, filho, enfim,

sem culpar ninguém. Não ficar lamentando o que já foi ou o que ainda nem chegou. Estar presente para a vida.

No caminho sistêmico, me encontrei com dores, deitei ao chão, senti-o frio, fui ao céu, senti a força. Mas confesso que, nesse caminho, o momento de maior dor, não foi olhar para meus pais, ou, para profissão, colegas, algozes, vítimas. O ápice da dor em mim, foi ter que olhar para a Médica Veterinária e humana e acolhe-la.

Quando a abracei senti sua dor de alma profunda, e cai ao chão.

Tentava visualizar seus olhos, mas as armaduras ainda não permitiam. Então, diariamente eu busco olhar para o ser humano que existe dentro de mim. A cada armadura tirada, mais próxima dela eu estou. Até o momento em que nos reencontraremos, e seremos uma só. Respeitando limites, tendo principalmente o amor próprio.

A cada dia um passo ganha novo significado. O respeito e amor próprio são essenciais para que possamos amar e respeitar os outros. Que precisamos saber a hora de começar, mas, mais importante, a hora de sair. Tudo bem, se agora eu encerrar algo, colocar meus limites, errar e as coisas saírem do meu controle. Tenho que respeitar e honrar cada momento. Tudo é um aprendizado.

O barco da vida, muitas vezes, nos empurra para o meio da tempestade, para que possamos ter a visão do céu mais lindo após atravessar ela. Por isso, olhe para você, honre seus pais e a vida que eles lhe deram.

Busque caminhos, tudo é cíclico e cabe a nós saber o momento de encerrar e iniciar.

Viva em vida...

Tome sua vida, e, faça o melhor que puder para você, por você, para que ai sim, você possa ajudar, verdadeiramente, as outras pessoas e os animais.

EU ME VEJO...E, AGORA, CONSIGO VER
VERDADEIRAMENTE VOCÊ...

CARTA DO PLANO ESPIRITUAL PARA O MÉDICO VETERINÁRIO DA NOVA ERA

Joene Nogueira

Aluna da TURMA I / 2019 - SP

Programa de Formação em Medicina Veterinária Sistêmica no Brasil
e no Exterior

Caros Médicos Veterinários,

Esperamos por muitos milênios, até vocês estarem preparados para
essa missão, e, esse dia CHEGOU!

Vocês foram destinados a transformarem vidas e consciências, através
dos animais, mostrando o que eles realmente são e representam neste pla-
neta aos humanos, que ainda vivem cobertos pelo véu da ilusão.

A jornada de vocês no planeta Terra não será fácil, mas, vocês pos-
suem força e a determinação necessárias para passar e superar cada ciclo.

Jamais, esqueçam-se de quem são, e da missão tão especial e desafia-
dora que te foi confiada.

Quando se esquecerem do que foi fazer aí, olhem para dentro e verão
a sua verdade, pulsando incessantemente, em seu coração e ALMA!

Não desanimem quando as coisas não saírem como você imaginou.
Não desanimem quando alguém disser que isso não é para você, não fuja
quando você estiver com medo, e, não DESISTA quando se sentir diferen-
te da grande massa.

Vocês vieram para uma missão ESPECIAL, e, não teria como
realizá-la se vocês fossem, pensassem e sentissem, como os demais.

Vocês vieram, para serem um vários pontos de LUZ, enviados para
a Terra na guiança de uma grande transformação, para uma nova direção e
um novo estado de consciência.

Vocês representam um trabalho de veio UNIFICAÇÃO e EQUILÍBRIO, não apenas, para as relações entre animais humanos e não humanos, mas também, para as relações entre os seres humanos.

Vocês vieram a este planeta para ensinar o VERDADEIRO significado de que TODOS SOMOS UM. E, mostram através dos sistemas, como uma rede, que cada um reverberam no TODO!

Vocês vieram, para ver além do que os olhos conseguem ver, pois, vocês estão preparados para sentir com a suas almas.

Vocês vieram veio para ensinar que somos INTERDEPENDENTES e NECESSITAMOS uns dos outros, não existindo melhor, pior, mais evoluído e menos evoluído.

Vocês foram escolhidos a dedo Médicos Veterinários, para serem guerreiros pacificados, e terão todo o amparo necessário dos seres de luz, para que a missão de vocês, se cumpra, da melhor forma e na hora certa!

NÃO PERMITAM, QUE CORROMPAM A SUA PUREZA DE ESPÍRITO, SEU AMOR INCONDICIONAL E SUA FORÇA NA LUZ!

Estamos o tempo todo com você!

Assinado: Seu Anjo da Guarda.

COLABORAÇÃO DE MÉDICOS VETERINÁRIOS DO BRASIL

EXPERIÊNCIAS EM WORKSHOPS DE
CONSTELAÇÕES VETERINÁRIAS,
ESPIRITUALIDADE E VISÃO SISTÊMICA



AS CONSTELAÇÕES SISTÊMICAS VETERINÁRIAS EM BELO HORIZONTE - MINAS GERAIS

O que as Constelações deixaram para os Médicos Veterinários e Clientes da Clínica Veterinária Vethealingbh?

Dra. Gabriela Rodrigues

Médica Veterinária Integrativa e Proprietária da Clínica Vethealingbh

A Clínica Vethealing realizou dois anos consecutivos (2019/2020), Workshops de Constelações Sistêmicas Veterinárias, para que o Médicos Veterinários parceiros junto aos tutores, clientes e empresas pudessem encontrar um ponto de conexão, autoconhecimento e entendimento das dinâmicas ocultas das relações animal-humano e não-humano.

Abaixo, deixo minha contribuição e relato das experiências que tive nesses encontros e como nossos clientes obtiveram outros entendimentos que melhoraram as relações e os sintomas.

A Constelação Familiar Sistêmica foi desenvolvida pelo alemão Bert Hellinger. É uma abordagem que parte do pressuposto de que todo ser humano pertence a um sistema, a uma família. É aplicada considerando os padrões familiares que se repetem ao longo de gerações, e como o indivíduo pode estar atuando mais em função da consciência familiar do que da própria.

As Constelações Familiares, ajudam a ter um entendimento maior sobre as relações, sobre os sentimentos/emoções, sobre a vida e as nossas ações. É uma dinâmica focada no autoconhecimento também. Pois melhorando a nossa visão sobre as relações melhoramos tudo que envolve a nossa vida.

Bert Hellinger trás Leis muito profundas, que ajudam que o amor flua dentro dos sistemas. As principais são chamadas de Ordens do Amor:

Ordem/Hierarquia: é uma ordem cronológica, que coloca os pais antes que os filhos, o primeiro filho antes do segundo, e o amor entre pai e mãe antes do amor entre pais e filhos. Não se trata de definir um grau de importância, mas, sim, respeitar a ordem dos fatos.

Equilíbrio entre dar e receber: se pauta pela necessidade de haver equilíbrio em todas as relações, o que gera respeito e igualdade.

Pertencimento a um clã familiar: todos os membros têm o direito e o dever de serem reconhecidos como pertencentes à família, para que o sistema seja justo e equilibrado. Isso se aplica também a quem morreu, aos filhos abortados, adotados, etc.

A constelação familiar utiliza o fundamento de que determinadas ordens necessitam ser seguidas para que haja um equilíbrio familiar, e, desse modo, se construa a harmonia, para que assim, cada membro ocupe o lugar que lhe corresponde.

E os animais? Qual a relação deles nesse sistema?

Os animais são considerados bioindicadores do nosso sistema familiar. São como “esponjas” dentro de nossas casas absorvendo questões energéticas e emocionais dos membros familiares e doando também energia e amor para o equilíbrio do nosso sistema familiar.

Muitas vezes podem até adoecer por isso (quando questões emocionais não são olhadas pelos membros da família). Portanto, buscar a saúde emocional é parte imprescindível para desenvolvermos pessoas e animais mais felizes, e sem tantas manifestações de doenças físicas.

Geralmente direcionamos aos animais a função de preencher “lacunas” ou “faltas” que sentimos dentro de nós. Preencher a saudade de nós mesmos (quando nos esquecemos de quem somos e o que viemos fazer aqui), quando nos esquecemos da nossa criança (aquela cheia de sonhos, energia e criatividade), quando sentimos falta de alguém que morreu ou não faz parte mais do nosso convívio.

Quando sentimos falta de um abraço de mãe, esposo ou de um irmão. Quando não sabemos qual o papel que temos dentro da família ou qual o lugar que ocupamos dentro desse sistema. Quando não nos sentimos amados por nós e nem pelos outros.

Através do amor incondicional os animais nos ajudam. Assim como nós também podemos ajudá-los nesse caminho evolutivo. Mas os animais dentro da constelação veterinária (*não precisam estar presentes nas dinâmicas presenciais), nos mostram algo ainda melhor e maior:

- » **Podem indicar qual a origem oculta da dor e o que ela aponta que precisa ser olhada, e ser curada no momento. Somente olhando para as “lacunas”, para as “faltas” e entendendo o motivo pelo qual estão ali que podemos nos tornar pessoas melhores.**
- » **Nas constelações conseguimos ressignificar questões e desenvolver empatia. Quando esses dois pontos são trabalhados nas dinâmicas, então, é possível observar que o sistema multiespécie encontra um equilíbrio.**

Na ocasião dos dois Workshops realizados na Clínica Vethealing, conseguimos trabalhar sintomas e disfunções comportamentais dos animais, nossos pacientes, e conseguimos compreender melhor nossas relações humanas entre Médicos Veterinários e Tutores.

Conseguimos em ambos os encontros, trazer mais conexão, empatia, amor e maturidade das nossas relações, diminuindo nosso estresse, nosso distanciamento com o outro, e nossa racionalização nas relações humanas, permitindo-nos abrir para sentir e perceber a nós próprios e o outro com “olhos de VER”.

Essa contribuição à obra, é o resumo do que aprendi com a Constelação Veterinária Sistêmica e com a Carla Soares.

A RELAÇÃO HUMANO-ANIMAL SOB A LUZ DA VISÃO SISTÊMICA

INTERACTION OF THE MORPHIC FIELDS IN THE VETERINARY MEDICINE: THE HUMAN-ANIMAL RELATIONSHIP UNDER A SYSTEMIC VISION

Maria Clara Aguiar Oliveira

Graduanda em Medicina Veterinária do Centro Universitário do Planalto Central Aparecido dos Santos, Gama-DF.

Manuella Rodrigues de Souza Mello

Professora de Medicina Veterinária do Centro Universitário do Planalto Central Aparecido dos Santos, Gama-DF.

RESUMO

A presente revisão de literatura tem como objetivo abordar os princípios de um modelo científico não mecanicista e transmitir a importância e fidedignidade de uma prática médica baseada na visão sistêmica, usando como ponte a teoria dos campos mórficos. Para isso, inicialmente faz-se um estudo sobre a transição de paradigmas que ocorreu no século XX, a qual deu origem ao modelo científico sistêmico, que enxerga o mundo de forma integral e admite que as práticas científicas, bem como as ciências da saúde, onde a Medicina Veterinária se inclui, devem ser pensadas na totalidade do universo.

Posteriormente uma breve consideração sobre a relação homem-animal e possíveis emoções dos animais domésticos é feita, a fim de trazer a ideia de um estudo sistêmico do paciente animal, considerando como este é incluído e enxergado no mundo.

Por fim, uma das teorias mais importantes da visão sistêmica é colocada em pauta, a teoria dos campos mórficos, do biólogo Rupert Sheldrake,

que afirma a existência de campos que ligam os elementos do universo. Campos que podem interagir, moldar ou alterar eventos. O conhecimento dessa teoria pode ser referencia para que a Medicina Veterinária sistêmica seja mais reconhecida e colocada em prática.

Palavras-chave: Campos Mórficos. Medicina Veterinária holística. Relação homem-animal. Transição de paradigmas. Rupert Sheldrake. Visão sistêmica.

1. INTRODUÇÃO

É evidente o quanto a ciência tem se desenvolvido e revolucionado a terra desde os séculos passados. Grandes mudanças têm acontecido na tecnologia e na medicina moderna, considerando-se teorias, dados, leis e informações que fazem com que a ciência seja um retrato da verdade (ALVES, 2006; SCHEIFFER, 2014; SHELDRAKE, 2014).

Com o seu desenvolvimento a partir da filosofia grega, um paradigma ficou pré-estabelecido na ciência que foi empregada nos últimos tempos, dando total ênfase a um preceito mecanicista onde existem regras, métodos e determinações que normatizam de que forma o conhecimento é levantado e passado á sociedade (ALVES, 2006; SCHEIFFER, 2014; SHELDRAKE, 2014).

Apesar da significativa influência do paradigma mecanicista, no século XX alguns de seus dogmas e métodos foram questionados por meio de teorias que revolucionaram o meio científico (SANTOS, 1996; SARTORI, 2005; SCHEIFFER, 2014). Esses eventos culminaram no surgimento de um novo paradigma, um pensamento sistêmico, que hoje pode ser chamado de visão sistêmica ou visão holística (SARTORI, 2005; SCHEIFFER, 2014).

O propósito é de que o mundo seja visto como um todo agregado, o conhecimento deve ser integral, possuindo como perspectiva a totalidade do universo (CAPRA, 1996; SANTOS, 1996; SARTORI, 2005; SCHEIFFER, 2014). A medicina e a medicina veterinária como parte da ciência passaram por transição neste novo paradigma, tendo surgido métodos que se adequam e se integram na visão sistêmica (CAPRA, 1982).

Na medicina veterinária, o modelo que se apresentou foi de integração. Busca-se associar a medicina tradicional com o sistema veterinário moderno, construindo uma visão holística (KAPHLE *et al.*, 2002). O

desenrolar de novos pensamentos, novos métodos e termos também foram acompanhados de evoluções entre as relações inter-espécie.

Levando-se em conta o surgimento deste novo paradigma na medicina veterinária, é importante citar como as relações entre tutores e animais são fundamentais, se tratando de opções terapêuticas e diagnósticas, observou-se plena aceitação de tutores à alternativas recentes que visam tratar o animal de forma sistêmica (LOPES, 2010).

A aceitação dos tutores em relação às novas abordagens, com certeza está ligada ao fato de que durante a domesticação dos animais, grandes benefícios foram identificados se tratando da saúde do ser humano, além também do afeto que foi sendo adquirido (FLÔRES, 2009). Logo, os proprietários se mostram mais recíprocos e esclarecidos sobre as possibilidades de manterem qualidade de vida para seus animais (LOPES, 2010).

Todas essas repercussões históricas e científicas fizeram surgir também questionamentos sobre possíveis emoções nos animais domésticos. Ainda que essas manifestações emocionais permaneçam presas na crença mecanicista e os estudos da psicologia animal sejam voltados apenas para os aspectos comportamentais, é difícil pensar que os animais não sofrem de problemas semelhantes aos dos seres humanos (PRADA, 2010; PISA, 2018).

Existem diversas idéias que tentam explicar ou supor essas emoções e dentre elas a teoria dos campos mórficos, do biólogo Rupert Sheldrake pode ser citada (PRADA, 2010). Atualmente essa teoria também é um dos principais conceitos já apresentados na visão sistêmica e propõe que os campos são responsáveis pela organização de todos os sistemas em que estão associados e podem afetar ou alterar eventos, pensa-se então que não só as emoções animais, mas também a relação humano-animal podem ser sistemas de interação para esses campos (SHELDRAKE, 1981).

Portanto, o presente trabalho tem como objetivo abranger sobre os princípios de um modelo não mecanicista, transmitir a importância e fidedignidade de uma prática médica baseada na visão sistêmica. Para isso serão expostas informações a respeito do surgimento e evolução deste tipo de pensamento na medicina veterinária e como ele está completamente vinculado às relações interespecie e manifestações emocionais nos animais domésticos.

Além disso, por meio de um breve estudo sobre a teoria dos campos mórficos objetiva-se avaliar como esses se manifestam e como podem ser uma ponte de interligação entre animal, tutor e médico veterinário. Assim,

os campos poderão ser uma referência para o desenvolvimento de uma prática mais voltada para aspectos totalitários, voltada para uma avaliação completa do paciente, onde o médico veterinário deixa de ser apenas um observador e passa a fazer parte do sistema. Segundo John Barrow (1988):

“Não podemos mais manter a velha visão cartesiana de que podemos observar a natureza como observadores de pássaros de um esconderijo perfeito. Há uma ligação indissolúvel entre o observador e o que está sendo observado”.

2. REVISÃO BIBLIOGRÁFICA

2.1 Visão sistêmica na ciência e na Medicina Veterinária

Em comparação a qualquer outro sistema de pensamento, a ciência possui um maior prestígio intelectual, tendo maior influência em toda a história da humanidade e isso se deve ao fato de que na maioria das vezes as teorias são vistas pelos cientistas e pelas pessoas como um retrato da verdade. Assim, a ciência tem dominado e transformado a terra desde o início do século XIX, trazendo grandes mudanças para as sociedades contemporâneas. (ALVES, 2006; SCHEIFFER, 2014; SHELDRAKE, 2014).

Durante seu progresso, a ciência moderna se autenticou, tornou-se uma comunidade com suas próprias regras, métodos e determinações que rege de que forma o conhecimento se constrói e retorna à sociedade. A história da ciência moderna foi influenciada pelos acontecimentos e percepções humanas originados na filosofia grega, determinando o paradigma atual, o mecanicista (ALVES, 2006; SCHEIFFER, 2014; SHELDRAKE, 2014).

Neste paradigma, a ciência se baseia na ideia de que toda a realidade é física ou material, uma única realidade possível. Todos os fatos expostos pela ciência são suficientemente reais, assim como todas as técnicas ministradas pelos cientistas para afirmá-las, algo simplesmente moldado e adotado. Esse sistema de ideias consegue sancionar que a ciência e medicina mecanicista são as únicas que realmente funcionam (ALVES, 2006; SCHEIFFER, 2014; SHELDRAKE, 2014).

Em contrapartida, no século XX houve o início da transição do paradigma mecanicista para um novo paradigma, o sistêmico. Alguns

princípios e métodos da ciência foram questionados, devido à descobertas que limitaram o modelo mecanicista, como a teoria da relatividade, de Einstein, o teorema da incompletude de Gödel, entre outras (SANTOS, 1996; SARTORI, 2005; SCHEIFFER, 2014).

Para Santos (1996) essa transição se deve ao fato de que os estudiosos passaram a simplificar as leis da ciência e considerar a importância de conhecimentos da natureza mais ricos e com mais interesse no ser humano. Biologicamente, as interações entre os fenômenos não mecânicos ganharam mais destaque, as leis perderam ênfase e as noções de sistema, de estrutura e de processo receberam notoriedade. Essa visão reconhece a correlação de todos os fenômenos e o fato de que todos os indivíduos e sociedade estão encaixados aos processos naturais (CAPRA, 1996; SARTORI, 2005).

Os avanços recentemente adquiridos na ciência, principalmente na biologia, trouxeram em questão as distinções entre seres vivos e matéria inerte, entre seres-humanos e não humanos. Características que antes eram atribuídas somente ao homem, hoje são reconhecidas em propriedade e comportamento em outros seres (SANTOS, 1996).

Como já citado, houveram teorias que colocaram em questão a fidedignidade do modelo científico mecanicista. É possível verificar em teorias como a ordem implicada de David Bohm, a de encontro entre a física e o misticismo oriental de Fritjof Capra, de vocação sistêmica, que havia uma inquietude a respeito do que era empregado na época. Pode-se dizer que o homem passou a sentir curiosidade sobre questões e seres diferentes de si, onde identificou certas semelhanças entre ambos (SANTOS, 1996).

A partir desses questionamentos se deu o início para o pensamento sistêmico, tendo surgido em 1920, por biólogos que enfatizaram a visão do ser vivo como um todo integrado, como um sistema formado por diversos subsistemas interligados (SARTORI, 2005; SCHEIFFER, 2014).

Para Pereira (2017) toda matéria, incluindo seres vivos, natureza e objetos, estão interligados em um ponto de vista subatômico.

Este novo paradigma pode ser chamado de visão sistêmica, ou visão holística e reconhece uma correlação entre todos os fenômenos e o fato de que todos os indivíduos e sociedade estão encaixados aos processos naturais (CAPRA, 1996; SANTOS, 1996; SARTORI, 2005; SCHEIFFER, 2014).

O conhecimento a ser buscado na visão sistêmica tende a ser um pensamento não dualista, que supera distinções entre natureza, cultura, mente, observador e observado, animal e pessoa, sendo um conhecimento total, tendo como horizonte a totalidade do universo (SANTOS, 1996).

As ciências da saúde também passaram por essa transição, e em alguns aspectos, em determinadas áreas da medicina e em diferentes civilizações os cuidados na saúde emergente são pensados considerando a visão sistêmica (PEREIRA, 2017). O modelo da Ásia Oriental, por exemplo, percebe a saúde como um equilíbrio entre o indivíduo e o ambiente que reside, verifica que há uma ligação entre o médico e o paciente a ser tratado (CAPRA, 1982).

Na medicina veterinária, essa visão também recebe o nome de medicina sustentável (MS) para animais, Medicina Veterinária complementar, Medicina Veterinária Integrativa, Medicina Veterinária holística e Medicina veterinária sistêmica e todas buscam a integração da medicina tradicional com o sistema veterinário moderno, buscando eliminar das melhores formas possíveis terapias protocoladas que podem causar efeitos nocivos posteriormente, assim delineando uma visão holística. O objetivo de base é uma medicina mais humana e acessível para todos e que reconhece a ideia de que o paciente como um todo deve ser tratado, não só a doença que ele possui (KAPHLE *et al.*, 2002; LOPES, 2010).

Dados indicam que a cerca de 30 anos a medicina veterinária holística começou a surgir no mundo ocidental por veterinários que buscavam uma abordagem mais natural de seus pacientes, visando diminuir e até eliminar tratamentos que posteriormente viriam a ter efeitos colaterais prejudiciais a saúde destes animais (SCHWARTZ, 1996; LOPES, 2010). Sabe-se que a medicina é única, ainda assim é possível reconhecer que existem diferenças expressivas nas práticas usadas de forma geral na Medicina Veterinária que ainda são incorporadas na física Newtoniana.

O corpo ainda é visto como uma espécie de máquina e a terapêutica é baseada em consertar as peças com defeito. Apesar disso, a visão sistêmica na Medicina Veterinária busca uma abordagem e perspectiva diferente (LOPES, 2012).

2.2 Relação homem-animal

A promoção da domesticação se deu a partir da evolução do ser humano em dietas, culinária e na decisão do uso de roupas, preparando o cenário para a domesticação de plantas e animais (MACPHERSON *et al.*, 2000).

Acredita-se que o gato doméstico (*Felis catus*) seja uma das espécies mais numerosas do mundo, e apesar de sua origem ainda ser incerta, estudos arqueólogos indicam que sua domesticação se iniciou há cerca de 8 a 10 mil anos no nordeste da África (VIGNE *et al.*, 2004; DRISCOLL *et al.*, 2007; ALMEIDA, 2015). Quanto aos cães, os estudos indicam que sua domesticação se iniciou a aproximadamente 32 mil anos na Europa (THALMANN, 2013).

Hoje diversos cães e gatos são considerados animais de estimação e desempenham funções diversificadas na sociedade. Podem ser considerados membros da família do tutor ou podem contribuir para a terapêutica do mesmo (FARACO, 2009).

A parceria entre animais e seres humanos por milhares de anos proporcionou diversas vantagens. Além do afeto que o homem passou a sentir, percebeu que os animais poderiam lhe oferecer também algo mais valioso, a promoção da saúde (FLÔRES, 2009).

Após anos de domesticação, sempre em prol das realizações humanas, pesquisadores têm descoberto que a propriedade do animal de estimação tem muitos benefícios mensuráveis, incluindo o aprimoramento psicológico, bem-estar, redução de sentimentos de solidão naqueles que vivem sozinhos, e até mesmo ajudando na recuperação de doenças (BLAZINA *et al.*, 2011).

Um aspecto muito importante que não deve deixar de ser enfatizado sobre a relação tutor-animal, é sobre a sua grande participação no desenvolvimento da felicidade do tutor, segundo Niven (2001), em seu livro “os 100 segredos das pessoas felizes” um dos fatores que contribuem para a felicidade é que se conviva com um animal:

“A relação com os animais nos proporciona uma alegria imediata e provoca sentimentos positivos que contribuem fortemente para nossa felicidade. Ter um animal de estimação aumenta as probabilidades de felicidade em vinte e dois por cento” (NIVEN, 2001).

Sob esse aspecto, todas as formas de medição de apego dos tutores para com seus animais são antropocêntricas. Sempre explorando o papel do animal por parte do próprio homem e nunca considerando a personalidade ou comportamento que o animal possa ter nesse sentido. Deste modo, estamos diante do conceito de antropomorfismo, onde há a atribuição de sentimentos e pensamentos humanos a seres não-humanos (SERPELL, 1996; SERPELL, 2005).

Considerando a relação com o gato doméstico, um estudo realizado por Edwards (2007), demonstrou que os felinos possuem com seu tutor uma relação semelhante à de uma criança com sua mãe. A teoria do apego, desenvolvida nos anos 50 do século passado, se aplica perfeitamente a esse comportamento, essa teoria afirma que a relação entre pais e filhos influencia completamente no desenvolvimento destes (BRETHERTON, 1992).

As respostas positivas que o responsável proporciona ao animal irão ajudá-lo em seu desenvolvimento de apego, que irão lhe guiar às emoções em suas relações futuras. Assim após a perda de alguém a qual se está apegado, a ansiedade e o luto serão respostas normais. (HARRISON, 2014). A personalidade do tutor é outro fator que deve ser evidenciado, ela influencia completamente nas relações humano-animal de companhia (WEDL *et al.*, 2011).

Quanto ao cão, o animal mais escolhido em comparação ao gato, uma das principais razões para que sejam adotados é o vínculo que se cria entre cão e tutor. Em um grupo o que mantém a união entre os elementos é a relação de apego, e esse é um componente adquirido quase que imediatamente entre o cão e o tutor (VOITCH e BERCHELT, 1996).

Um estudo realizado em 1976 sugere que o grau de apreciação do tutor para com seu animal não repercute em seu grau de ligação. Os tutores tendem a ver seus animais como semelhantes a suas personalidades (O'FARREL, 1990) o que realmente pode ser justificado pela teoria dos campos mórficos. É importante citar que a rotina referente à criação de animais de estimação, em diferentes nações contribui de forma expressiva na formação de personalidades, porém, pesquisas sobre essa área são quase nulas, havendo apenas estatísticas (SHELDRAKE, 1999).

Contudo, são diversos os estudos que avaliam a ligação dos tutores ao seu animal de estimação (O'FARREL, 1990; SERPELL, 1996), mas os estudos que avaliam a ligação do animal com seu tutor são raros.

É possível perceber que há de fato um vínculo emocional entre animal e tutor, um pode dar suporte ao outro e da mesma forma sofrer como o outro, apesar disso, ainda não se tem provas de que maneira mais o tutor pode influenciar sobre a vida desses animais, mas a teoria dos campos mórficos, tenta justificar muitas semelhanças encontradas entre os componentes dessa relação.

Considera-se uma espécie de relação híbrida, os laços que os animais tem com as pessoas, assemelham-se aos laços afetivos que animais tem com outros animais e pessoas tem com outras pessoas (SHELDRAKE, 1999).

2.3 Saúde mental e emoções dos animais

Para que seja possível a criação de um conceito para saúde mental animal, é importante que seja levantado o conceito de saúde e bem-estar. Segundo a homeopatia, saúde é o equilíbrio da energia vital, concomitantemente a organização mundial da saúde (OMS), define saúde como a perfeição entre os aspectos físico, mental e social, além da ausência de doenças (PISA, 2018).

Apesar do estudo da psicologia animal ser voltado apenas para os aspectos comportamentais, o pensamento de que os animais vivem em uma bolha e não sofrem problemas semelhantes aos que os seres humanos sofrem, deve ser anulado, principalmente quando se pensa nos indivíduos que vivem em situação de vulnerabilidade. Atualmente existem conceitos que visam relacionar a saúde humano-animal-ambiental, como o “One Health” (saúde única) e “One Welfare” (bem-estar único), mas para que esses conceitos se tornem tangíveis, é necessária uma visão sistêmica e holística da realidade (FUCHS, 1995; PISA, 2018).

Historicamente e cientificamente, as manifestações emocionais nos animais se mantêm na crença cartesiana ou mecanicista, onde diversas afirmações são tidas como verdade. Dentre as ideias que explicam ou supõem as emoções nos animais podem ser citadas:

O cérebro como órgão de manifestação da mente; vias neurais como expressões de emoção; transição evolutiva a partir dos répteis; resíduos filogenéticos no comportamento humanos e adaptações evolutivas, de Charles Darwin, que ganha grande destaque e mais recentemente, saindo da visão mecanicista, a existência dos campos mórficos, do biólogo Rupert Sheldrake (PRADA, 2010), que será o foco de pesquisa do presente trabalho.

As evidências já indicam que as semelhanças entre humanos e animais são inúmeras. Existe um alto grau de proximidade entre as características biológicas, fisiológicas, psicológicas e sociais de humanos e animais.

Nas escrituras de Darwin existe clareza sobre o fato de não haverem características unicamente humanas. Uma análise da teoria da evolução das espécies pela seleção natural evidencia que as características mentais se diferem apenas em grau, não em gênero entre as espécies diferentes. Várias emoções e capacidades como amor, memória, atenção ditas serem exclusivamente do homem, são encontradas em animais considerados inferiores, e são apenas quantitativas, não qualitativas (DARWIN, 1897).

Darwin deixava claro que cães, gatos, vacas, exibem várias das respostas emocionais semelhantes às dos seres humanos. Hoje existem diversas publicações que revelam inteligência e capacidade para compreender informações complexas demonstradas por mamíferos, aves e peixes. Além disso, existem evidências de que os animais são capazes de se comunicar não só com sua própria espécie, mas também com seres humanos. A concepção de que os animais são meras coisas deixou de existir, sabe-se que são seres sencientes, são seres vivos capazes de sofrer. (TRINDADE, 2013).

2.4 A teoria dos campos mórficos

Segundo Sheldrake (1981, 1995, 1999), ainda não é possível definir exatamente o que são os campos mórficos e como estes funcionam, a natureza desses campos ainda continua tão misteriosa quanto à natureza da morfogênese. Existem diversas formas de interpretação para os campos mórficos e essas interpretações refletem sobre três filosofias de destaque.

Platonicamente, como formas e idéias imutáveis; Aristotelicamente, como herança dos traços das enteléquias, desempenhando papel causal na organização dos sistemas materiais e nominalista, fornecendo formas cômodas da descrição de fenômenos da morfogênese (SHELDRAKE, 1981; WHEATLEY, 1992; SHELDRAKE, 1995, 1999; FERNANDES, 2015).

Partindo para um conceito mais claro, os campos mórficos podem ser comparados a todos os outros campos da física, regiões não materiais que se estendem no espaço e no tempo. Considerando o tempo de existência dos sistemas materiais ou fenômenos naturais, um átomo, um floco de neve ou um ser vivo possuem campos que deixam de existir simultaneamente

quando estes se findam. Mas se tratando de campos mórficos, mesmo que esses sistemas deixassem de existir, o seu campo se conservaria, por meio de padrões de influências, manifestando-se fisicamente em outros lugares, outros tempos, por todos os lados, onde as condições se mostrem apropriadas (SHELDRAKE, 1981, 1995, 1999; FERNANDES, 2015).

Os campos são responsáveis pela coordenação das partes de um sistema no tempo e no espaço, compreendendo a memória de sistemas antes semelhantes. A memória coletiva de grupos sociais humanos, como tribos e famílias seria uma herança adquirida através dos campos mórficos. Hábitos, costumes e crenças são responsáveis pelo comportamento apresentado no presente (WHEATLEY, 1992; SHELDRAKE, 1999; FERNANDES, 2015).

Com base na influência desses campos sobre os grupos sociais, onde os animais são pertencentes dos mesmos, nas suas interligações entre espaço e tempo, e na sua ligação entre as partes de um sistema ainda que pareçam estar separadas, existe uma série de habilidades de animais que pode ser explicada por meio dos campos mórficos.

Os integrantes de um grupo social são ligados uns aos outros por meio do campo mórfico desse grupo e podem continuar ligados ainda que um se distancie do outro, como uma espécie de elástico. Esses laços agiriam como uma espécie de comunicação telepática entre animais e animais, pessoas e animais e pessoas e pessoas. Além disso, os campos ligam os animais aos objetos de sua atenção que podem ser influenciados pelos mesmos, apenas por estarem sendo olhados, logo, pode-se pensar o mesmo a respeito de um tutor com seu animal (WHEATLEY, 1992; SHELDRAKE, 1995, 1999; FERNANDES, 2015)

2.4.1 Causalidade formativa e Ressonância mórfica - Os campos mórficos e sua interação sobre as relações inter-espécie

Segundo Sheldrake (1999) em todos os níveis de complexidade os sistemas de auto-organização necessitam de um campo organizador que seja característico daquele sistema, ou seja, ou seu campo mórfico. Nas plantas e nos animais, o desenvolvimento e a manutenção de sua forma corporal são regidos pelo campo mórfico denominado campo morfogenético. Já na percepção, comportamento e atividade mental, o campo mórfico é denominado campo perceptivo, campo comportamental e campo

mental, respectivamente. Na organização das sociedades e culturas, é denominado de campo social e campo cultural.

Os campos têm como função conduzir os sistemas a um determinado ponto, esse ponto futuro pode ser denominado como atrator, pois é ele quem atrai as alterações em determinado sistema. Os campos se desenvolvem através de padrões de repetição, que podem ser denominados de caminho, ou credo, como uma ponte até o atrator (SHELDRAKE, 1995; ARANTES, 2002; BONILLA, 2012).

Para que as informações para organização de cada sistema, por meio dos campos, sejam passadas, existe a influencia da ressonância mórfica. Essa ressonância interage sobre os iguais, passando de um para outro as informações e atividades para que estes se tornem cada vez mais similares, quanto maior o grau de similaridade maior é a influência da ressonância mórfica (SHELDRAKE, 1999; ARANTES, 2002; BONILLA, 2012).

Considerando a ideia de ressonância mórfica, os hábitos repetitivos são responsáveis pelo desenvolvimento de novos padrões de comportamento. Existem muitos indícios de que o comportamento animal evolui rapidamente, como uma memória coletiva acumulada através da ressonância mórfica. Comportamentos de plantas e animais são observados sendo moldados como que por meio de campos organizacionais invisíveis, assim, acredita-se que a evolução das espécies não ocorre apenas por meios gênicos, mas também através de campos mórficos (SHELDRAKE, 1999; ARANTES, 2002; BONILLA, 2012).

A ressonância mórfica é a responsável pelo espalhamento dos padrões de comportamento recém-aprendidos de cada espécie. Quanto mais habitual, mas rápida e fácil será a aprendizagem de novas habilidades (WHEATLEY, 1992; SHELDRAKE, 1999; ARANTES, 2002; BONILLA, 2012) assim, considera-se imprescindível a observação dos padrões de comportamento de cada animal doméstico dentro do seu sistema familiar, onde por meio da ressonância mórfica podem estar adquirindo comportamentos semelhantes aos de seus tutores.

Os campos mórficos e conseqüentemente a ressonância mórfica possuem a capacidade de transmitir de animal para animal, ou de pessoa para pessoa, ou de pessoa para animal influências, que podem ser ditas como telepáticas, dentro de cada grupo social. Esses campos agem como canais

de informação ainda que os membros de cada grupo estejam a enormes distâncias (WHEATLEY, 1992; SHELDRAKE, 1995, 1999; ARANTES, 2002; BONILLA, 2012).

Vê-se ou constata-se a existência desses campos quando se avalia a capacidade dos animais de orientar-se até seu lar a longas distâncias. Considerando estudos realizados que anulam o uso do olfato, devido à distância expressiva, sugere-se que as ligações que ocorrem através dos campos permitem a orientação desses animais até o seu destino. Esse tipo de evento pode até mesmo ser comparada a uma espécie de atração magnética, uma conexão do animal a sua casa, e o mesmo pode ser dito a respeito da ligação do animal para com seu tutor (SHELDRAKE, 1995, 1999;).

Diante disto, é importante citar também que segundo Fernandes (2015) é muito comum na rotina clínica veterinária a ocorrência de casos em que o tutor relata que o seu animal apresenta comportamentos semelhantes aos seus, ou até mesmo doenças físicas ou psíquicas parecidas.

Em alguns desses casos o animal pode não apresentar a mesma doença, mas comportamentos como os incômodos, ou dores que se assemelham ao tutor. Do mesmo modo pode acontecer o oposto, quando o animal apresenta alterações que não são cessadas com a alternativa terapêutica de predileção e quando questionado aos tutores, estes apresentam alterações similares.

Acredita-se, que esses padrões são em decorrência do intenso convívio do animal com seu tutor e que através dos campos mórficos do sistema familiar, esses eventos de repetição e de semelhança possam acontecer (FERNANDES, 2015).

2.4.2 Uma metáfora de grande impacto, a teoria do centésimo macaco

Dentre uma das hipóteses usadas para representar a existência dos campos mórficos pode-se citar a teoria do centésimo macaco. Essa teoria se define pela descrição de duas ilhas tropicais, a ilha “A” e a ilha “B”, ambas habitadas pela mesma espécie de macaco, mas que nunca tiveram contato. Após infinitas tentativas, um dos macacos da ilha “A” desenvolve a capacidade de quebrar cocos, para aproveitar a água e a polpa da fruta.

Os demais macacos passam a observá-lo e imitá-lo e o aprendizado rapidamente se difunde para todos os demais macacos da ilha, até que 99 macacos aprendem o método. Quando o aprendizado chega ao centésimo macaco da ilha A, de forma imediata os macacos da ilha B também desenvolvem a mesma metodologia para quebrar cocos.

É importante citar que não houve nenhuma comunicação entre as populações da ilha “A” e “B”, todo o conhecimento adquirido se incorporou aos hábitos da espécie. Apesar de ser uma história fictícia, foi uma ótima alternativa para exemplificar a interação dos campos mórficos. (SHELDRAKE, 1999; ARANTES, 2002; FERNANDES, 2015).

2.4.3 Os campos mórficos e o inconsciente coletivo

A teoria dos campos mórficos de Rupert Sheldrake, quando considerada pelo seu funcionamento de memória coletiva de um grupo social, pode ser comparada ou relacionada em aspectos psíquicos à teoria do inconsciente coletivo, de Carl Jung, devido às semelhanças dos dois autores ao buscarem alternativas para explicarem comportamentos humanos e animais saindo da noção de que apenas teorias com bases experimentais devam ser conhecidas e aclamadas. Além disso, as duas teorias se encaixam, buscando justificar, ou entender o funcionamento dos sistemas, consagrando a hipótese de que os animais e os seres humanos de alguma forma estão conectados (SHELDRAKE, 1997; PRAISNER, 2014; FERNANDES, 2015; FREIRE *et al.*, 2016).

Para Jung (1961) o inconsciente coletivo apresenta um conceito do todo, de universalidade. Já quando se considera o inconsciente de um indivíduo, soma-se o inconsciente pessoal ao inconsciente coletivo, como um conjunto de fatores e eventos para a existência dos mesmos. Do mesmo modo, na teoria dos campos mórficos, como citado anteriormente, há a necessidade de um atrator e de um creodo, sendo uma ideia, um comportamento, uma atitude ou qualquer manifestação realizada por um indivíduo de determinada espécie (JUNG, 1961; SHELDRAKE, 1995; FERNANDES, 2015).

Todos os indivíduos têm acesso a informações universais, seja pelo inconsciente coletivo, seja através dos campos mórficos. Todos os seres vivos carregam registros de suas devidas espécies, que através da evolução são construídos em comportamentos padronizados de forma mórfica, que

se manifestam por meio do pensamento ou sentimento de cada indivíduo (PRAISNER, 2014; FERNANDES, 2015; FREIRE *et al.*, 2016).

3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante do que foi redigido no decorrer deste trabalho, foi possível perceber que o desenvolvimento científico bem como o das ciências da saúde são um reflexo de evolução humana. Inicialmente quando se descreve uma transição de um modelo científico mecanicista para um modelo sistêmico, subentende-se que esse evento ocorreu devido à inquietude de estudiosos por sempre investigarem aspectos que os afastavam de si mesmos, dos outros seres vivos da terra ou de como se comportam, isso é perceptível pelo modelo em que o pensamento sistêmico se apresenta.

Apesar de uma transição de paradigmas no século XX, o paradigma mecanicista ainda é continuamente utilizado. Sabemos que as evoluções são constantes, as transformações no modo de pensar são contínuas e ocorrem de forma gradativa, assim o surgimento da visão sistêmica nas áreas do conhecimento ainda está em construção, vê-se pela elaboração deste trabalho hoje, no século XXI.

A relação humano-animal é algo que está em constante desenvolvimento por muitos séculos. Foi visto que desde o início da domesticação dos animais a relação desses seres com o homem continua a se intensificar cada vez mais, tanto que existem estudos que comprovam diversos benefícios para a saúde mental e física do homem.

No entanto, como já citado, o paradigma mecanicista ainda é observado em diversos elementos das áreas de conhecimento e devido a isso os estudos que analisam de que forma essa interação age sobre esses animais ainda são insuficientes. No paradigma sistêmico, esses estudos já existem, mas por ser um modelo ainda em construção, são poucos os estudiosos que buscam respostas que fogem do convencional, visto que o foco de pesquisas na área da saúde é quase sempre em prol das necessidades humanas e as teorias sistêmicas acabam por ser marginalizadas.

Os animais domésticos são seres sencientes e embora não haja evidências concretas, o ser humano também pode influenciar para o bem-estar dos animais de companhia, positivamente por meio das relações afetuosas que se mostram recíprocas pelos animais ou negativamente por

meio de condutas inapropriadas, manejos inadequados, temperamentos controversos ou até mesmo problemas de saúde e familiares que podem de certa forma afetar mentalmente e fisicamente esses animais, podendo ocasionar em comportamentos que fogem da naturalidade da espécie ou no surgimento de doenças orgânicas.

As manifestações emocionais nos animais domésticos, bem como revelações sobre a relação tutor-animal foram estudadas por autores sistêmicos de grande renome como Rupert Sheldrake, com a teoria dos campos mórficos. Com os estudos sobre a visão sistêmica e sobre a teoria dos campos mórficos foi possível encontrar dados que enfatizam como o ser humano e o animal doméstico estão conectados.

Apesar de não termos dados suficientes para comprovar essa ligação, segundo Fernandes (2015) na rotina clínica, ainda que de forma incomum, muitas situações inquietantes de semelhanças surgem na Clínica Veterinária diariamente e em alguns casos singulares a compatibilidade entre animal e tutor é confirmada por meio de históricos sobre o sistema familiar.

Cientificamente, os métodos de pesquisa tradicionais ainda não respondem a essa questão, isso se deve ao fato do assunto não ser tão explorado no meio científico, ou de ser pautado como sem grande importância e de difícil solução. Entretanto, a teoria apresentada neste trabalho sugere de forma convincente a razão para tantas situações que são chamadas continuamente de “coincidências”.

O próprio Rupert Sheldrake (2014) afirma que a maioria das teorias respeitadas por toda a sociedade são na verdade dogmas, as pessoas são apenas doutrinadas a acreditar e respeitar, diante disto, a teoria dos campos mórficos assim como muitas outras é realmente de grande valia, considerando-se que se aplica perfeitamente aos acontecimentos que vemos quase todos os dias, o que faltam são mais estudos para que seja totalmente validada pela sociedade científica.

A descoberta de escrituras que apresentam a forma como o pensamento sistêmico surgiu e de teorias que justificam não só o grau de ligação entre tutor e animal, mas de todos os seres do universo é realmente algo confortador. Foi verificado que esse tipo de pensamento surgiu há muito tempo no meio científico, do mesmo modo conseguiu alcançar também as ciências da saúde, onde a Medicina Veterinária se inclui.

Assim, surge o questionamento do por que o pensamento sistêmico não é completamente empregado nas universidades de Medicina Veterinária. Um estudo realizado por Gomes (2004) relatou que o pensamento sistêmico na veterinária ainda está pouco disseminado no Brasil, mas já é bastante empregado em outros países. O mesmo estudo reconhece a importância desse tipo de pensamento e também relata que alguns dos entrevistados para realização da pesquisa admitiram terem sido prejudicados no início da carreira por terem afinidade pelo pensamento, mas não foram orientados academicamente sobre Medicina Veterinária sistêmica, holística ou complementar.

A partir dos estudos para realização do presente trabalho, foi possível constatar não só a importância e fidedignidade da Medicina Veterinária sistêmica, mas também o quanto a teoria dos campos mórficos deve ser reconhecida. Considerando-se que maior parte das famílias na sociedade são multiespécie e que família é um sistema, é de extrema importância que o conhecimento sistêmico seja empregado de maneira mais efetiva na graduação de Medicina Veterinária, juntamente com o funcionamento dos campos mórficos e como estes podem interagir nas relações inter-espécie.

Para que um Médico Veterinário tenha capacidade para se comportar diante de um atendimento clínico, para que saiba avaliar adequadamente o paciente e para que possa ter suporte para decidir quais serão suas abordagens, que terapias podem ser realizadas, é necessário que este saiba que precisa analisar todo o sistema do seu paciente animal e que a partir do início de atendimento, também faz parte desse sistema.

Para que o pensamento sistêmico seja abordado efetivamente nas universidades, precisa ser reconhecido no meio científico, logo um aperfeiçoamento em pesquisas nessa área deve ser iniciado. *“Ainda que esse campo de pesquisa ainda esteja engatinhando, é importante reconhecer que não são necessárias grandes tecnologias para identificar a fidedignidade do que está sendo estudado, caneta e papel são suficientes e para pesquisas mais sofisticadas, câmeras de vídeo e computadores são úteis e acessíveis”* (SHELDRAKE, 1999).

Um veterinário sistêmico quando diante de “coincidências” terá maior capacidade para lidar e elaborar terapias mais efetivas, pressupondo-se que o tratamento concomitante e complementar do animal será aceito

pelo tutor, além disso, as consultas realizadas pelo médico veterinário passarão a analisar todo o sistema familiar do animal para que os diagnósticos passem a ser mais conclusivos. Como disse Santos (1996):

*“Para isso é necessária outra forma de conhecimento,
um conhecimento compreensivo e íntimo que
não nos separe e antes nos una
pessoalmente ao que estudamos.”*

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALMEIDA, A. J. Comparação entre bem-estar psicológico do tutor e problemas comportamentais no seu animal de companhia. 2015. Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias Faculdade de Medicina Veterinária. Lisboa, PT, 2015.
- ALVES, R. Filosofia da ciência: Introdução ao jogo e às suas regras. 11a ed. São Paulo: Edições Loyola, 2006.
- ARANTES, J. T. Ressonância mórfica: A teoria do centésimo macaco Edição 91. Rio de Janeiro: Editora Globo S/A, 2002.
- BARROW, J. *The World Within the World*. Clarendon Press, Oxford. 1988
- BONILLA, E. La casualidad formativa. Investigación Clínica. Universidade de Zulia Maracaibo, Venezuela. 2012.
- BLAZINA, C. *et al.* The Psychology of the Human–Animal Bond A Resource for Clinicians and Researchers. Springer is part of Springer Science Business Media, 2011. (www.springer.com).
- BRETHERTON, I. The origins of attachment theory, *Developmental Psychology*, 1992.
- CAPRA, F. A teia da vida: uma nova compreensão científica dos sistemas vivos. São Paulo: Editora Cultrix, 1996.
- DARWIN, C. The expression of the emotions in man and animals. New York dappleton and company. 1897.
- DRISCOLL, C. *et al.* The Near Eastern Origin of Cat Domestication. *Revista Science*, 2007, n.317.
- EDWARDS, C. *et al.* Experimental Evaluation of attachment behaviors in owned cats. *Journal of Veterinary Behavior*. 2007.
- FERNANDES, M. cara de um, focinho de outro. São Paulo, butterfly. 2015.
- FUCHS, H. Psicologia animal no Brasil: O fundador e a fundação. 1995. Psicologia - USP. Universidade de São Paulo, 1995.

- FLORES, L. Os benefícios da interação Homem-Animal e o papel do médico veterinário. 2009. Monografia (especialização de clínica médica de pequenos animais)-Universidade Federal Rural do Semi-Árido. Porto Alegre, 2009.
- FREIRE, P. S. *et al.* Memória coletiva: Aproximação epistemológica das teorias de Sheldrake e Jung Área temática: Gestão do Conhecimento Organizacional. 2016.
- GOMES, K. P. L. Motivações dos médicos veterinários para adoção de terapias alternativas. Dissertação apresentada à escola de veterinária da Universidade Federal de Minas Gerais como requisito parcial para obtenção de grau de mestre em medicina veterinária. Belo horizonte, escola de veterinária, UFMG, 2004.
- HARRISON, K. Cat Behavior: Cats Demonstrate Attachment Behaviors Similar To Humans. 2014. FullyFeline, 2014.
- JUNG, C. G. 1875-1961. Os arquétipos e o inconsciente coletivo. [tradução Maria Luíza Appy, Dora Mariana R. Ferreira da Silva]. Perrópolis- RJ. Editora Vozes, 2000.
- KAPHLE, K. *et al.* Visão de uma medicina sustentável para animais. I Conferência Virtual Global sobre Produção Orgânica de Bovinos de Corte. 2002.
- LOPES, D.F. Terapias complementares usadas na Medicina Veterinária. PUBVET, Londrina, V. 4, N. 16, Ed. 121, Art. 818, 2010.
- LOPES, D. F. O salto quântico da medicina veterinária. Revista Saúde Quântica / vol.1 – nº 1 / Jan – Dez 2012.
- NÍVEN, D. Os 100 segredos das pessoas felizes: Descobertas simples e úteis dos estudos científicos sobre a felicidade. Rio de Janeiro, 2001.
- O’FARRELL, V. & PEACHEY, E.: Behavioural effects of ovariohysterectomy on bitches. Journal of Small Animal Practice. 1990
- PRAISNER, T. O que há de semelhante entre os conceitos de arquétipo e campos morfogênicos? uma aproximação conceitual entre Carl Gustav Jung e Rupert Sheldrake. Universidade Estadual do Centro-Oeste/Departamento de Psicologia, Irati PR. Anais da XIX Semana de Iniciação Científica. UNICENTRO. Guarapuava –PR. 2014.
- PRADA, I. Emoções nos Animais. II Congresso brasileiro de bioética e bem estar animal. Universidade federal de minas gerais- UFMG. Belo Horizonte- MG. 2010.
- PEREIRA, R. K. Interação mente-natureza, vivenciando a física quântica: explicações e experimentos no âmbito das práticas integrativas e complementares de saúde. Praticam integrativas e complementares em saúde. I congresso nacional de PICS. 2017.
- PISA, J. P. N. Saúde mental dos animais- uma reflexão sistêmica e holística. Programa de Pós-Graduação em Agroecossistemas. Mestrado em Agroecossistemas. Universidade Federal de Santa Catarina. 2018.
- SANTOS, B. S. Um discurso sobre as ciências. Porto: Afrontamento, 1996, Jg.
- SARTORI, R. C. O pensamento ambiental sistêmico: uma análise da comunicação científica da ESALQ/USP. Dissertação apresentada à escola de agricultura “Luiz de

- Queiroz”. Universidade de São Paulo, para obtenção do título de mestre em ecologia de agroecossistemas. Piracicaba, São Paulo, Brasil, 2005.
- SERPELL, J. Evidence for an association between pet behavior and owner attachment levels. 1996. Department of Clinical Studies, School of Veterinary Medicine, University of Pennsylvania, Philadelphia, 1996.
- SERPELL, J. People in disguise – anthropomorphism and the human-pet relationship. In Daston, L. & Mitman, G. (2005) *Thinking with animals – new perspectives on anthropomorphism*. 2005. Columbia University Press. New York, 2005.
- SCHEIFFER, R. G. Visão sistêmica e holística na ciência: a ressignificação do conceito de vida. Universidade federal do Paraná. Curso de ciências biológicas. Curitiba 2014.
- SCHWARTZ, C. Quatro Patas Cinco Direções. Um guia de medicina chinesa para cães e gatos. Publicado por acordo com a Writers House LLC e a Celestial Arts, Berkeley, Califórnia, EUA. 1996
- SHELDRAKE, R. Mind, Memory, and Archetype: Morphic Resonance and the Collective Unconscious. In: *Psychological Perspectives*. 1997.
- SHELDRAKE, R. A new science of life: the hypothesis of formative causation. London: BlondanBriggs, 1981.
- SHELDRAKE, R. Cães sabem quando seus donos estão chegando. Rio de Janeiro. Objetiva, 1999.
- SHELDRAKE, R. The presence of the past. Nova York, vintage books, 1995.
- SHELDRAKE, R. Ciência sem dogmas: a nova revolução científica e o fim do paradigma materialista. Tradução Mirtes Frange de oliveira pinheiro. Editora Cutrix. São Paulo. 2014.
- THALMANN, O. *et al.* Complete mitochondrial genomes of ancient canids suggest a European origin of domestic dogs. *Revista Science*. 2013.
- TRINDADE, G. G. Animais como pessoas: A abordagem abolicionista de Gary L. Francione. Universidade Federal de Santa Maria. Centro de ciências sociais e humanas programa de pós-graduação em filosofia. Santa Maria. RS. Brasil. 2013.
- VIGNE, J. *et al.* Early Taming of the Cat in Cyprus, *Science* n.304, 2004.
- WHEATLEY, M. J. Liderança e a nova ciência: Aprendendo organização com um universo ordenado. Tradução: Adail Ubirajara sobral, Maria Stela Gonçalves. Cutrix. São Paulo. 1992.
- VOITH, V. & BORCHELT, P. Separation anxiety in dogs, *Readings in Companion Animal Behavior, Veterinary Learning Systems*. 1996.
- WEDL, M. *et al.* Factors influencing the temporal patterns of dyadic behaviours and interactions between domestic cats and their owners. 2011. *Behavioural Processes*. Elsevier, 2011.

UMA CONTRIBUIÇÃO ESPIRITUALISTA À VISÃO SISTÊMICA

Gabriel Titan

Médico Veterinário Formado em 1991, pela Faculdade de Ciências Agrárias do Pará – FCAP. Foi Secretário Municipal de Agricultura e Pecuária, em Castanhal – PA. Coordenador do Controle de Qualidade de Alimentação Escolar da Secretaria de Educação, em Castanhal – PA, Coordenador de Vigilância Sanitária, em Castanhal – PA, Presidente do Conselho Municipal de Desenvolvimento Rural, em Castanhal – PA no ano de 1997. Pós-Graduação em Cirurgia e Anestesiologia Veterinária, na Faculdade de Medicina Veterinária de Valença – RJ (2006). Integrante do Corpo Clínico no Cetra Vet, do grupo American Pet (2018). Professor na 1ª Pós-Graduação da América Latina em Direito Animal, na cadeira de Espiritualidade dos Animais no Rio de Janeiro – RJ (2018).

Quando criança sempre ia passar minhas férias na fazenda da minha família na Ilha do Marajó. Lá tinha um contato direto com todos os animais. Adorava cavalgar e cercar o gado junto com os vaqueiros. Presenciava as matanças de alguns animais para o consumo da carne, por nossa parte e dos funcionários, mas hoje em dia quando me lembro destes momentos, fico assustado como isso não mexia com meu eu, como hoje mexe.

Na juventude optei por fazer o meu segundo grau na Escola Agrotécnica para continuar ao lado deles e foram muitas as experiências vividas, com: Bois, cavalos, abelhas, galinhas e tanto outros seres maravilhosos. Tudo isso já era uma preparação para meu sonho, a faculdade de medicina veterinária. Logo após o curso técnico consegui ingressar no curso superior e avançar na minha maior realização.

Durante o curso universitário, segui os estudos cartesianos, com seus métodos e técnicas, sempre com o pensamento direcionado na saúde animal e ao amor a eles. Aprendi a racionalizar o amor que já sentia por eles.

Vivenciei experiências que marcaram negativamente minha memória, ao estagiar em um matadouro.

Até hoje carrego em minhas lembranças o olhar de desespero e a luta de cada animal que adentrava aquele corredor da morte. Uma verdadeira barbárie. Mas após a minha formatura e a rotina vivida no mercado de trabalho, começaram os conflitos, entre o conhecimento universitário, o sentimento por eles e realidade presenciada nos consultórios e andanças na minha pesquisa.

A pressão do mercado em cima do profissional, muitas vezes causa conflitos internos, questionamentos e frustrações. E graças a essa realidade, e o meu não conformismo sou o que sou hoje. Grato por poder fazer parte de um movimento que poderá reestruturar todo o sistema, trazendo benefícios para os animais, seus tutores e nós veterinários.

No decorrer de todos esses anos, estudei e frequentei locais que me trouxeram várias experiências enigmáticas. Estudei a Bíblia, O Livro dos Espíritos, O Bhagavad Gita, Livros de Ramatis, Budismo e outros livros científicos e espiritualistas, por isso me considero um Universalista e curioso, aberto a tudo que me rodeia. Sem conceitos e razões, apenas livre para vivenciar experiências neste mundo.

A medicina veterinária sistêmica, se encontra em acordo com os princípios de Hipócrates (460 a 370 a.C) (Filósofo grego, considerado o pai da medicina), que já defendia o paradigma vitalista, ou seja, somos formados de corpo, mente e espírito. Como hoje em dia a própria Organização Mundial de Saúde, considera. Sendo o animal não humano um ser senciente, dotado de consciência, inteligência e sentimentos, também poderemos neles, aplicar esse paradigma.

Pessoalmente, presenciei e acompanhei muitos bons resultados decorrente de terapias integrativas, sendo importante salientar, que essas terapias devem ser sempre aplicadas concomitantes ao tratamento médico veterinário convencional, pois uma não anula a outra, e sim se complementam, já que a terapia convencional trata a matéria orgânica e a terapia sistêmica trata o espírito e seus centros de energia.

Como médico veterinário que acompanhou vários casos em diversos lugares, sempre busquei explicação para algumas experiências por mim vividas, apenas presenciá-las não eram suficientes para o meu entendimento. Queria saber como esses “milagres” aconteciam. Como um

humano que tinha uma doença autoimune, chamada Psoríase, chegou no centro espírita com seu animal diagnosticado com a mesma doença? E eu que nunca havia visto nenhum caso relatado em veterinária sobre essa doença em animais.

O mais incrível, era que o tutor nos relatava, que todas as vezes que o animal não humano entrava em crise, ele “tutor” melhorava, e quando o seu pet melhorava, ele entrava em crise. Uma verdadeira simbiose entre esses seres. Como explicar isso? Em nenhum livro acadêmico encontraria resposta para essa pergunta. Por isso acredito que exista muito mais coisas a serem descobertas, do que as que já foram descobertas pela ciência. Nossa ciência ainda engatinha em pequenos passos, mesmo estando no século XXI.

Todas essas experiências vividas depois de anos como “apenas” clínico, me fizeram parar e refletir muitos paradigmas. Afinal de contas nada do que estava presenciando em experiências fora dos consultórios, havia estudado na faculdade ou em cursos complementares durante a minha vida acadêmica. Depois dessas experiências, muitas teorias foram desconstruídas e reconstruídas. Independente da profissão, temos que entender que somos muito pequenos para querer ter razão em tudo.

No fundo ainda sabemos muito pouco, devido ao nosso atrasado nível de adiantamento perante tudo o que nos rodeia.

Somente através do conhecimento milenar de algumas culturas ao redor do mundo, com técnicas desenvolvidas e perdidas principalmente do mundo oriental e outras fontes, foi que consegui explicações para tais “fenômenos”. Por razões culturais e religiosas, nós no ocidente levamos muito tempo para podermos ter acesso a essas técnicas e conhecimentos. Hoje com um mundo globalizado, a informação chega a qualquer um que a busque. Antigamente os povos primitivos se tratavam diretamente pela natureza e suas crenças. Povos indígenas, andinos, pré-colombianos, africanos e orientais. Desenvolveram muitas técnicas, adquiridas através da observação e experimentações, adquiridas por milênios, foram sendo praticadas e melhoradas na mesma velocidade da evolução da civilização.

Penso como o Dr. Marcelo Gleiser, físico e astrônomo brasileiro, vencedor do prêmio Templeton, o Nobel da Espiritualidade em 2019, ele diz:

“Eu tenho a humildade de aceitar o fato de que a gente não sabe tudo. Então, eu mantenho a mente aberta para surpresas e, obviamente, depende do que você chama de Deus; porque tem gente que acha que Deus é a natureza, então, se Deus é a natureza, eu sou uma pessoa religiosa” e declarou também que “Às vezes não podemos explicar as coisas, apenas sentir. Precisamos estar abertos para aprender com quem pensa diferente de nós; e que temos que nos unir para deixarmos um mundo melhor para as futuras gerações”.

Revista VEJA - Físico Marcelo Gleiser é o primeiro brasileiro a vencer o prêmio, publicado em 19 mar 2019.

Somos tão pequenos diante de tudo que já foi descoberto. Somos uma poeira cósmica e olha que ainda estamos bem distantes de descobrir tudo, até acredito que não vamos tão cedo descobrir o TODO. Ele está além da nossa capacidade de compreensão e nem temos a necessidade no momento de conhecer.

Um dia quem sabe, à medida que formos crescendo enquanto seres, iremos paulatinamente estar preparados para algo maior. Do quê adianta saber como outros seres vivem suas existências fora deste planeta, ou descobrir os mistérios do fundo do mar e o pico das montanhas, se o quê nos transforma em pessoas melhores é simplesmente olhar para dentro de si. Os habitantes deste mundo necessitam mais de meditações e autorreflexão, buscando sempre corrigir defeitos morais ou psicológicos, que tenham. Buscando ser amanhã melhores do quê são hoje.

Uma busca incansável para que essa existência o ajude em sua evolução e não apenas vivenciar tudo isso e nada crescer. Quantos querem ter a oportunidade de vivenciar a experiência neste planeta para se melhorarem e não tem essa possibilidade.

A presunção, vaidade, ganância, prepotência, inveja, raiva, ódio, egoísmo e ego, são nossos maiores entraves para nosso crescimento enquanto seres humanos. Devemos nos despir desses sentimentos tão materialistas e pequenos para nos conectarmos com o TODO. Assim como os animais fazem. Enquanto acreditarmos que somos seres individuais,

estaremos ainda atrasando nossa evolução. Na minha visão e de muitos colegas de profissão, nos vemos como UNO.

Fazemos parte de um todo tão complexo, porém, tão maravilhoso. Existe em mim uma ínfima presença de um Deus todo poderoso, mas ao mesmo tempo, somos um Deus vivo que coordena todas as dez trilhões de células que compõe nosso corpo perfeito. Imagino sempre que meu corpo energético seja comandante de cada partícula que flui através de cada microestrutura que compõe minha vestimenta carnal, vestimenta essa que necessito usar em uma existência terrena da qual hábito nesse momento.

Depois de vários anos de estudo e vivência, eu e minha esposa Juliana Torres (Jornalista), resolvemos criar o **Projeto Alma Pet**, um projeto educativo, no qual nos dispomos a ir a locais para realizamos palestras instrutivas, mostrando a platéia, a real potencialidade do animal como ser vivente. As palestras são realizadas tanto no viés científico como também no viés espiritualista. Produzimos também vídeos com conteúdo informativo, com a participação de veterinários renomados. Somente através da educação, poderemos tocar os corações e transformar o maior predador do planeta em uma criatura mais consciente, e de quê não somos melhores do que nenhum animal, pelo contrário, em muitos aspectos estamos atrás deles.

Deus criou três reinos: mineral, vegetal e animal. Estamos classificados no reino animal, então não podemos nos sentir melhor do que outra espécie. Somos animais e fomos a última espécie a pisar e vivenciar a experiência nesse planeta. Aqui temos a oportunidade diária de evoluir e essa evolução acontecerá de forma mais rápida, a partir do momento que nós tivermos a consciência de que os animais são nossos melhores amigos para nos ajudar nessa tarefa, enquanto aqui estivermos vivendo. Eles são nossos verdadeiros professores na arte de amar, reciprocidade, ter paciência, compreensão, altruísmo, dedicação, fidelidade e muito mais.

Em 2018 os professores Marcelo Turra e Daniel Loureiro, criaram a primeira Pós-Graduação da América Latina em Direito Animal, no Rio de Janeiro; na qual foi criada a cadeira Espiritualidade dos Animais.

Uma inovação no Brasil, já que apenas as universidades de medicina humana haviam criado essa cadeira em seus cursos, na UFF no Rio e na USP em São Paulo. Sabemos que esses cursos têm crescido inclusive em países dos quais esse viés religioso nem é conhecido; como por exemplo os U.S.A., até porquê esse tema tem mais haver com ciência, do quê religião. A própria doutrina espírita que nos conduz atualmente com informações mais precisas e atualizadas sobre o assunto. Assunto esse que já vem sendo conhecido há mais de 5.000 anos pelos Hindus, há 2.500 anos pelos Budistas e mais contemporaneamente pela decodificação de Kardec.

O estudante quando decide seguir sua carreira profissional e passa noites estudando e se dedica tanto para entrar na faculdade e se formar como médico veterinário, é porque ama demais os animais. Mas nada sabemos sobre o psicológico do tutor e como ambos estão integrados, portanto, torna-se necessário sempre o tratamento de ambos concomitantemente.

O problema é que não aprendemos a amar os animais na faculdade, aprendemos depois no nosso dia a dia como profissional ou em ações de amparo. Nas faculdades apenas aprendemos a detectar doenças, tratá-las, fazer com que os bovinos, suínos, aves e caprinos, engordem e dêem mais lucro aos seus criadores. Que as aves produzam mais ovos, que as vacas produzam mais leite, tudo isso em benefício direto para o ser humano, e aonde fica o amor aos animais, que nos fez estudar veterinária?

Nos dedicamos a eles, por amá-los, mas muitas vezes saímos como comerciante, com o coração endurecidos, agindo como mercenário, se validando do sofrimento de um tutor em desespero, sofrendo as dores do seu amado “filho”, para tropeçarmos na nossa missão evolutiva. O conhecimento liberta, mas o entendimento universalista, nos mostra que o quê plantamos também colheremos.

Acredito que carmicamente, todos aqueles que amam, cuida e se dedicam aos animais, como veterinários ou não, são afortunados, até porque conheço muitas pessoas humildes que tiram comida de suas bocas para dar a eles, e que os amam, mais do que muitos colegas de profissão e pessoas com boa condição financeira. Estamos todos tendo uma oportunidade ímpar de resgatar débito pregressos, pois acredito que pouquíssimos de nós, fomos amantes deles em outras vidas, acredito sim que fomos seus algozes e agora estamos tendo a oportunidade divina de resgatar e evoluir.

Esse amor que sentimos por nossos “filhos”, deve se estender e se tornar um amor mais Cristico, mais transcendental, da qual podemos ampliar nosso amor a todos, literalmente todos os animais, pois hoje já temos tecnologia e conhecimento suficiente para não precisarmos mais de cadáveres apodrecendo dentro de nós, para que possamos nos nutrir desta forma diariamente.

Um amor assim, sucumbi qualquer necessidade orgânica, amplia sua psicofera e expande seu periespírito (Corpo energético). O amor ao próximo é uma das maiores forças já conhecida por nós. Devemos respeitar TODAS as criaturas do mundo, ninguém é melhor do que ninguém, não somos superiores e se somos devemos agir como tal.

Falamos todos os momentos de Jesus, mas será que realmente ele nos inspira? ou apenas nos finais de semana, quando ouvimos seus ensinamentos? E o resto da semana? Como podemos ter uma energia que contagie o ambiente que estás ou as pessoas que convives, se te alimentas de um sofrimento alheio? Como podes doar amor, se ingeres a dor? Não existe milagre. Somos o quê comemos. A energia de uma carne que é resultado de um sofrimento é densa, uma energia “contaminada”. Se alimentando dela, como podereis emanar uma boa energia?

Em compensação a energia das plantas, cereais, frutas e outros, nos revitaliza, nos purifica. Retira do solo a energia telúrica. A própria energia do planeta Terra, na sua essência, na sua pureza, em sintonia com todo o sistema ecológico.

Esses hormônios e substâncias absorvidas exogenamente, em decorrência de matança, prejudicam a nossa saúde, e nosso comportamento; nos tornamos mais enfurecidos, violentos, com doenças hormonais, tudo pela qualidade ruim do Prana (energia) ingerido. Hoje temos tantas doenças ligadas ao consumo de animais que são vítimas de administração de hormônios, antibióticos e métodos de tortura, tudo em detrimento da ganância humana. Triste daquela que enriquece vendendo doença para o outro.

Quando essa população que se acostumou com o Fast Food, adoece, ainda culpa Deus, por seu destino. É sempre mais fácil culpar alguém do que admitir sua culpa. Quando a doença se instala, a pessoa corre para todos os lados, buscando a cura em todos os lugares, principalmente nos lugares que sempre criticaram e agora no desespero buscam Deus em todos os lugares, acreditam até nos menos confiáveis e gastam o que não tem.

Sendo que bastava agir com bons pensamentos, conhecimento do seu EU interior, acreditar na ciência da alimentação e amar ao próximo, que muitas dessas doenças não estariam cruzando o seu destino.

Ainda que eu tenha essa perspectiva, entendo que cada um esteja em seu processo de desenvolvimento, e busco respeitar sem julgar, acreditando no trabalho de inclusão que a Medicina Veterinária Sistêmica tem trazido, e não de exclusão e segregação. Entendo ainda, que a visão sistêmica usa olhos de “VER” a realidade atual, e é a partir desse olhar que é possível alguma mudança.

Somos tão “inteligentes” e “donos do planeta”, que vibramos cada vez mais, nos piores padrões; sendo que os animais geralmente vibram na frequência do amor o tempo todo, por isso são esponjas e absorvem nossos miasmas (energia ruim). Seu poder de amor incondicional pode chegar ao padrão vibratório de anjos que por aqui circulam.

Por isso, a responsabilidade de cada tutor e seus familiares, em vigiarem seus pensamentos e ações em sua casa. Seu corpo é sua primeira igreja, depois vem a sua casa e depois os templos; devemos respeitar todos esses lugares de manifestação divina. Quando dentro de casa travamos uma briga familiar ou levamos nossos problemas do trabalho, levamos conosco uma energia densa e pesada, para os animais e plantas. As plantas são as primeiras à sofrerem, depois vem os animais.

Os cães possuem oito chakras principais, absorvendo a energia da casa e liberando essa energia densa, no solo durante seus passeios diários, através dos coxins plantares. O gato tem doze chakras principais e conseguem transmutar essa energia densa, geralmente dormindo bastante; por isso eram considerados no antigo Egito como semideuses. Na antiga Pérsia se você matasse um gato era condenado por ter matado um grande amigo e isso poderia custar a sua vida. E hoje em dia existem cidades em Marrocos que não existem cães apenas gatos, que são protegidos por leis governamentais.

Nos procedimentos energéticos e espirituais, os tutores têm um papel importantíssimo, pois dele pode ser a origem de todo o mau que afetou o seu animal. De nada adiante você querer tratar seu “filho” com

tratamentos alternativos e não procurar se tratar também. Saiba que a grande possibilidade da origem da doença dele, pode estar em você ou em outro membro da casa e que depois de todo o esforço da espiritualidade em busca da cura ou melhora, o tutor ao retornar para seu lar, se descuida dos pensamentos e atitudes, gerando com isso energia de baixo padrão vibratório, contaminando novamente seu pet, sua casa e a você mesmo, criando assim um círculo de Sansara, ou seja, uma energia recorrente fluídica envolvendo a todos; podendo essa energia ser positiva ou negativa, se negativa afetará o seu amado animal.

Nessas condições, nenhum tipo de tratamento sistêmico será eficiente, ou terá o seu melhor resultado. Somos muitas vezes cobrados pelos bons resultados, mas muitas vezes o próprio tutor, que é muito mais importante que nós na continuidade do tratamento, seja pela sua energia ou amor doado durante a intervenção energética, não fazerem a sua parte.

Muitos de nós, terapeutas, temos a técnica, o coração e a mente aberta aos acontecimentos, mais nenhuma força é maior e mais transformadora, do que o amor de um tutor. Aquele que dividiu toda uma existência com seu parceiro animal e que os laços espirituais os conectaram a muitos anos atrás. Quantas histórias? Quanta cumplicidade? Sorrisos e preocupações os ligam, por eles fortemente construídos. Eles esses muitas vezes construídos por várias existências juntas.

Quando cuidamos de um animal como “filho”, seja ele adotado ou comprado, adquirimos com eles o mesmo elo afetivo e energético que também nos une aos nossos familiares e amigos, como se fosse um cordão de prata, por isso sofremos tanto quando eles partem e quando eles estão sofrendo. Esse elo não se quebra totalmente no desencarne.

Tenho uma foto de uma cadelinha chamada Sassá que desencarnou em 2000 e quando a família fez a foto no Natal de 2015, como era tradição anual, seu ectoplasma aparece ao lado de sua amada família. Mesmo após todos esses anos e prováveis vindas dela para outras experiências aqui nesse orbe, com outras famílias das quais puderam ensinar a ela outras lições que a ajudaram em sua evolução. Acredito que em breve ela deverá estar de volta ao convívio deles para uma nova missão, para aprender e ensiná-los.

Sempre acreditei que a cura está dentro de nós, na natureza, em nossos corações e mentes; um dia deixaremos de buscar nossas curas nas farmácias e eu particularmente espero que o mais breve possível. A população

está doente, pois a mente delas está enferma. Posso atestar em minhas rotinas nos consultórios, que os animais têm adoecido cada vez mais em decorrência do desequilíbrio de seus tutores.

Hoje mesmo li que no estado da Virgínia nos U.S.A., uma “proprietária” de uma cadela shit-zu, pediu para que sua companheira fosse sacrificada, para ser enterrada com ela. Acho que a doença mental de muitos, é decorrente do excesso de informação nas mídias, más companhias espirituais, falta de autoconhecimento e/ou Deus no coração. Os animais não humanos não são nossa propriedade. Precisamos respeitá-los.

A Transição planetária está ocorrendo, queremos nós ou não. Essa evolução não irá parar e nem retroceder. Para isso, precisamos ficar atentos ao que as novas descobertas na ciência e os conhecimentos extra físicos, vem nos mostrando para que possamos estar contribuindo com nosso planeta Gaia.

Nossos espíritos puros estão em trabalho árduo para nos ajudar e ajudar nosso planeta nessa missão tão importante para todo o nosso sistema solar e a vontade divina do nosso grande Pai. Este planeta nos ajuda em nossa evolução, como: escola, prisão ou hospital. Precisamos estar conectados com o planeta e a espiritualidade para que possamos ser passíveis a ajuda deles. Sermos verdadeiramente merecedores do amor de Jesus e filhos obedientes comprometidos com o bem de todos os nossos irmãos.

Nossa casa (Terra) está também em processo de evolução. Cabe a nós nos melhoramos para estarmos em acordo com essa nova fase do planeta, ajudando-o a avançar em seu processo e com isso possamos também evoluir. Quem tem criança em casa sabe o quão inteligente eles estão nascendo. Já não são crianças bobas e inocentes como nós fomos. O planeta não precisa ser destruído, apenas necessita ser repovoado por uma nova geração, mais conectada com o futuro e comprometida com a evolução e a retirada daqueles que estão em desacordo com uma nova fase planetária.

Precisamos lutar por mais direito aos animais, eles não são objetos e nem nossa propriedade. A sensiência já foi provada por Phillip Low em 2012 com o tratado de Cambridge, assinado pelos maiores cientistas da atualizada, inclusive pelo físico Stephen Hawking.

Que todos nós, médicos veterinários sistêmicos ou não, sejamos encorajadores da mudança que somos, continuemos com nosso trabalho, conquistando nosso espaço e juntamente com a ciência, mostrando aos

“cétricos” que não estamos errados e que usamos um elemento que faz toda a diferença em qualquer tratamento, o amor puro. Usamos mais que a medicina cartesiana com nossos pacientes, usamos a nossa energia primária e envolta no sentimento de amor incondicional.

Tratando a doença, o doente e a causa. O amor sempre vence e sempre vencerá, independe de quantas pedras irão nos atirar.

A IMPORTÂNCIA DO CUIDADO ENERGÉTICO DOS LOCAIS TERAPÊUTICOS E DO PROFESSOR TUTOR

Ana Chamorro Castillo

Nasceu no Uruguai e reside atualmente em Santa Catarina

Conduz os trabalhos de Apometria no Hospital da UFSC

Terapeuta de Radiestesia e de Apometria Quântica

Fundadora da Rehab Energy Home em 2012

Realiza atendimentos, cursos e palestras no Brasil e no Exterior

TRABALHANDO ONDAS E FREQUÊNCIAS NA VIDA COTIDIANA

Sabemos que a Terra vibra numa frequência chamada Schumann, cuja intensidade encontra-se em torno dos 7,83 Hz e que, também estamos imersos nesse campo vibratório gerando a nossa própria frequência. Diante disso, dentro da medicina veterinária, grandes distúrbios podem ser entendidos a partir desse conjunto de picos ELF (*Extremely Low Frequency*), na qual, tudo entra nesse campo vibratório interligando assim, o pet, o tutor e o veterinário.

É necessário, assim, a existência de empatia, amor e respeito, pois quando o tutor entra em colapso com a doença do seu animal, observamos os processos de ressonância e magnetismo entre ambos.

Tais influências são muito debatidas na ciência, pois trata-se de assuntos que vão desde emaranhamentos de outros campos até projeção de formas de pensamento.

A radiestesia, entra nessa área como uma ciência que com o auxílio de materiais e técnicas, pode identificar ou fazer o estudo de radiações emitidas pelos meios e pelos corpos, que podem ser animados ou inanimados, como também podem ser na forma de níveis físicos e suprafísicos.

Assim, a radiestesia percebe e capta o campo, medindo e alinhando para poder resolver o que se deseja. Atuante em diversas áreas e usada de modo correto, a radiestesia pode agir de modo prático realizando o remanejamento dessas energias.

A exemplo disso, pode-se citar a nossa casa/consultório que possui um campo vibratório do dia-a-dia, e, dependendo do fluxo de pessoas que entram e saem do local, pode-se deixar um campo desequilibrado que afeta pessoas, animais e plantas.

Muitas pessoas já escutaram a expressão:

“O cachorro é a cara do dono”.

Isso revela o quanto animal absorve as energias desse campo vibratório. No ano de 2017, estive na Rússia (São Petersburgo), uma cidade impactante, pessoas atenciosas e educadas, vi muitos gatos nas ruas e nas sacadas. Sendo extremamente observadora, fui perguntar dentro de uma loja, se as pessoas gostavam tanto de gatos assim, e a moça atendente me respondeu: nem se trata de gostar ou não, acontece que os gatos limpam sua casa, porque eles enxergam o que você não vê.

Você sabia que aqui quem não tem gato até aluga por uns dias para poder eliminar energias sutis?

O que é Radiestesia e para que serve?

A palavra radiestesia é oriunda do latim *radius*, que significa raio e do grego *aesthesia*, que significa sensação/faculdade, ou seja, a arte de medir as energias. Tudo emana energia, todo corpo, toda substância tem vibrações que mudam de acordo com a matéria que é feita, e também quanto a sua forma.

Todos nós sentimos a energia emanada pelos corpos, a energia dos lugares que gostamos, e também dos que não gostamos, por isso, a radiestesia está presente em todos os momentos da nossa vida.

A radiestesia é a percepção extrassensível da energia que nos cerca, e pode transformar nossa vida de maneira inacreditável. Essa energia emanada por diferentes corpos já foi comprovada pela física, portanto, a radiestesia é uma ciência reconhecida por renomados físicos.

Em consultórios veterinários podemos alinhar os chacras dos pets, principalmente, nos procedimentos pós cirúrgicos, aliviar as dores e ajudá-los a sentir bem-estar. Podemos também, identificar o campo energético dos locais (consultórios, lojas, hospitais, empresas e até mesmo a casa dos tutores).

Os aparelhos na Radiestesia servem para fazer identificação ou a medição para comprovar se existem e como ocorre a atuação dessas radiações.

A radiestesia utiliza diversos instrumentos como pêndulos, varetas radiestésicas, gráficos, bússola e muitos outros que serão empregados de acordo com a necessidade. Os aparelhos mais conhecidos e utilizados são o pêndulo e o aurímetro.

Vale lembrar que esses aparelhos não têm poder para detectar nada, apenas são encarregados de traduzirem o que a cognição, ou seja, a nossa mente, o organismo, basicamente a glândula pineal e o campo energético da pessoa atuante naquele momento, consegue captar.

Essas ferramentas perceptivas da qualidade energética do campo, a medida que o profissional vai conquistando experiência, tornam-se indispensáveis, pois revelam algo que influencia nas pessoas, animais e nas plantas.

Assim, todo terapeuta radiestesista deve saber e conhecer que seu campo áurico. A radiestesia é recomendada também no autocuidado dos Médicos Veterinários, que passam a prestar mais atenção na qualidade energética dos seus campos e locais de trabalho.

Quando estamos desequilibrados energeticamente, observamos mal-estares, incômodos, pensamentos negativos intrusivos, falta de foco e concentração, ou até em forma de dores em determinadas regiões do corpo.

Terapeutas mais experientes conseguem detectar como, onde e o porquê da energia estar desequilibrada, e podem ajudar a identificar os locais que precisam de energia Reiki e/ou outros cuidados.

Como afirma o terceiro axioma hermético, tudo ao nosso redor vibra, podemos fazer uso de modo potencial em tudo nessa área.

Aplicações básicas da Radiestesia

- » Localizar objetos e minerais.
- » Construir um mapa de um terreno.

- » Saber pontos cardeais.
- » Localizar pessoas desaparecidas ou corpos enterrados que ninguém consegue encontrar.
- » Fazer com que alimentos fiquem conservados por mais tempo.
- » Ajuda a melhorar o sabor das frutas.
- » Fazer uso da água radionizada para atuar como agente adubador das plantas.
- » Escolher como interagir com as pessoas no dia-a-dia.
- » Escolher uma faixa vibratória para acessá-la e assim ter melhor interação com a mesma.
- » Pode detectar ataques astrais e entender que chakra está sendo utilizado para entrar uma energia disfuncional
- » Ajuda a alcançar a cura.
- » Em construções civis, auxilia no mapeamento e disposição do território para facilitar o encanamento, instalações, etc.

Tem influência direta com relação à energia do ambiente em que estamos.

A Radiestesia também pode ser empregada aliada à Kabbalah, do Hermetismo, da Geometria Sagrada, Terapias Holísticas, Florais.

A radiestesia vem nos ajudando durante séculos a resolver problemas e nos auxiliando com soluções adequadas para cada caso, sejam quais forem os dados oferecidos. Ela está presente em nosso dia-a-dia e possui aplicações em todos os setores profissionais.

Atualmente, a radiestesia vem sendo utilizada na terapia holística com muito sucesso, pois por meio dela podemos encontrar pontos de energia positiva ou negativa em objetos, residências, escritórios, pessoas, animais domésticos, e com a técnica apropriada, podemos harmonizar esses objetos e ambientes.

Médico Veterinário e radiestesia

Não é necessário ser um médico veterinário radiestesista para entender quando seu consultório está em desarmonia, quando os clientes

começam a diminuir, ou quando o campo está pesado de eneagramas emocionais disfuncionais.

Todos nós já nascemos radiestesistas, entre os vários talentos ocultos dos quais somos dotados, a radiestesia é sem dúvida um dos mais importantes.

A radiestesia é uma técnica com a qual podemos captar emanações de energias específicas, através de nossas faculdades intuitivas. Com um pouco de treino e dedicação todo ser humano tem a capacidade de se tornar um captador de campos vibratórios.

Nunca se falou tanto como nesse século, limpe sua casa, arrume suas gavetas, eleve sua música, reconecte-se com a Vida!

Na minha última palestra em Barcelona, em 2019, fui convidada para falar de radiestesia para a classe veterinária e agro pets. O local tinha sido um antigo hospital psiquiátrico do governo de Franco. Fui levada de carro pela montanha de Monserrat, um lugar de embriagante beleza, porém, estava apavorada só de pensar nas paredes impregnadas de gritos de dor.

Para minha surpresa as pessoas todas levaram os seus cachorros para assistir, algo que não estava nos planos. Fui alinhando a sala com transmutadores de orgonites sem auferir o tamanho da mesma. O campo estava pesado, mas após a limpeza energética do local, percebi que os próprios animais foram se acalmando, deitando junto aos tutores e alguns até dormiram profundamente.

Isso demonstra que a radiestesia está dentro de nós, e todos temos a capacidade de fazer bom uso dela, é lógico que uns podem ser melhores que outros, tudo é uma questão de técnica e muita prática.

Todo terapeuta deve fazer uso das ferramentas através do conhecimento, mas acima de tudo, direcionado para a virtude, do ideal de verdade e justiça, deixando totalmente de lado dogmas e julgamentos.

Na minha trajetória como terapeuta voluntária do Hospital Universitário de Santa Catarina, já atendi mais de 4.300 pessoas, e para meu espanto, 80% delas apresentavam quadros depressivos diagnosticados por médicos. Esse alto número de pacientes com traços depressivos, revela,

também, o quanto não estamos acertando o nível de frequência no transcorrer de nossas vidas.

Onde é que estamos errando?

*Qual a nossa parcela de responsabilidade no cuidado
com nossa frequência energética
e com o local que estamos?*

No Terceiro Milênio, devemos estar atentos ao cuidado desta parte de nossas vidas, seja ela, em nossos corpos, dos pacientes animais, das plantas, e também, do local aonde atendemos as famílias e seus animais.

Nesta perspectiva de correlação a tudo que é trazido pela Visão Sistêmica, a radiestesia é mais um instrumento que corrobora para a qualidade de vida do Médico Veterinário e de tudo que está conectado à ele.



POSFÁCIO

Aqui finalizamos o Tratado de Medicina Veterinária Sistêmica, como um alinhamento não dogmático do que temos estudado, aprofundado, pesquisado, revisado, e, sobretudo, observado através da vivência sistêmica e das constelações familiares segundo Bert Hellinger.

Essa obra, é portanto, algo inacabado, e os que usarem esses conhecimentos como “verdades absolutas”, fatalmente, incorrerão no não entendimento do que é a essência da Ciência Fenomenológica.

Decidi também não colocar as referências de Bert Hellinger consultadas e estudadas, pois, entendo que todas são recomendadas, e o Programa tem um acervo bem completo das mais de 90 obras do grande pesquisador da vida que foi o Bert. Portanto, todas as obras dele são recomendadas.

Todas, devem, inclusive, serem revisitadas de tempos em tempos.

Foram consultadas literaturas de outros pesquisadores da Visão Sistêmica na área do Direito, da Pedagogia e da Psicologia, que colaboram grandemente para a construção de uma identidade para a medicina veterinária sistêmica, e aqui, cito e reverencio as obras da Bianca Pizzatto, René Schubert e de texto e vídeos maravilhosos do contemporâneo Leo Costa da pedagogia. Incorreríamos em erros citar tudo que foi pesquisado e lido, porque, fatalmente, grandes nomes da Visão Sistêmica e das Constelações seriam erroneamente não citados.

Preferimos então deixar o campo aberto e livre.

Finalizo então, esse Tratado, agradecendo a todos, na certeza, de que colocamos os pés no abismo e que o chão não faltará...

Com profundo amor

A Autora

CURRÍCULO RESUMIDO

Dra. Carla Abreu Soares

Filha de Alda Maria Abreu Soares e Carlos Alberto Marques Soares, nasceu em Brasília – DF. Irmã de Mariana Abreu Soares. Tutora de Huana e Yasmin (*in memoriam*)

Médica Veterinária Sistêmica Diretora do Portal Soul Vet (www.soulvet.com.br)

Co-Founder do Programa de Formação em Medicina Veterinária no Brasil e no Exterior (www.veterinariasistemica.com.br)

Médica Veterinária formada em 1999, pela Universidade Federal Rural de Pernambuco – UFRPE, uma das mais antigas do país, aplicou seus trabalhos à ecologia, ao comportamento animal, à botânica, à anatomia, à zoologia, dedicando-se a uma pesquisa de campo profunda com animais selvagens, em especial ao comportamento natural das preguiças em florestas tropicais, o que culminou em mais de 50 publicações científicas em revistas nacionais e internacionais, ganhando de forma inédita no Brasil, 5 prêmios consecutivos concedidos pelo CNPq.

Em quase uma década de dedicação a região norte do país, pós graduou-se em conservação da Amazônia e animais silvestres pela Universidade Federal do Pará – UFPA, despendendo grandes esforços médicos e conservacionistas em toda fronteira do país, percorrendo diversos países com a sua medicina autêntica e com a sua consciência aberta para conhecer as inúmeras formas de cura através dos povos das florestas. Por esta enorme dedicação, recebeu das Forças Armadas do Brasil, diversas medalhas e homenagens pelos relevantes serviços de saúde e de educação ambiental prestados aos povos e fauna da Amazônia.

Ministrou inúmeras palestras sobre Medicina & Conservação e realizou visitas técnicas em todo território brasileiro, e em diversos países como: Colômbia, Peru, Bolívia, Guiana Inglesa, Guiana Francesa,

estando em visitas técnicas em centros de conservação de fauna no Argentina, Panamá e Costa Rica.

Sua formação como médica veterinária holística/integrativa perpassa pelos Florais de Bach (Instituto Hannemaneano do Brasil / RJ), Homeopatia, Alimentação Natural, Mestre Interno em Reiki Tradicional Tibetano – sistema Usui, Reiki japonês pela Escola Brasileira de Reiki. Atualmente, tem dedicado à sua formação nos cursos de Naturopatia Oriental, a medicina Ayurvédica, Dietoterapia e Fitoterapia Chinesas, Moxabustão, Psicologia Chinesa, Tui-Na, Do-In, Chi Kung, Shiatsu, Feng Shui todos certificados pela Sociedade Brasileira Holosistêmica (SBHOLOS).

Formada em Medicina Tradicional Tailandesa (Tok Sen) Nível básico e avançado pela Catija Internacional School - Chiang Mai - Thailand. Certificação Internacional.

Formada em Visão Sistêmica e Constelações Familiares Integrativas pelo **INSTITUTO BRASILEIRO DE COACH** com certificação nacional e internacional reconhecida pela Universidade de Ohio.

Alunas de Constelação de José Roberto Marques (Brasil), Cornélia Bonekamp (Alemanha) e Silca Malutta (Constelações na Água)

Formada em Apometria Básica e Radiestesia pela Terapeuta Ana Castilho com Certificação da Escola Brasileira de Reiki - Brasília – DF.

Toda sustentação filosófica do Portal Soul Vet está embasado nos ensinamentos orientais do Taoísmo Clássico Chinês, do Zen, das tradições filosóficas budistas, dos ensinamentos espirituais do mosteiro Shaolim e do treinamento interior dos antigos samurais – Bushido, que conduzem para um caminho de plenitude, consciência e liberdade.

Nesta jornada de autoconhecimento profundo, a **Dra. Carla Soares (DF)**, desenvolveu o Programa de Formação em Medicina Veterinária Sistêmica no Brasil e no Exterior. Um programa de autoconhecimento, autocuidado e formação em Visão Sistêmica e Constelações Familiares voltado para o Sistema Médico Veterinário.

Desenvolve importantes trabalhos de terapia breve de grupo através das Constelações Sistêmicas Veterinárias, criando grupos de estudos, laboratórios e apoio totalmente voltado ao médico veterinário e estudantes, ajudando-os através do autoconhecimento profundo e

meditação, um caminho para aumentar a capacidade consciencial e do *Mindset* para um entendimento mais ancorado sobre a vida.

Palestrante no Brasil e no Exterior sobre Visão Sistêmica aplicada na Medicina Veterinária.

Médium ostensiva, palestrante, escritora e com um estilo de vida livre e conectado ao meio ambiente. Apaixonada por surf, mar, pés no chão, estrelas e viagens para observar a natureza e levando conhecimentos sistêmicos para os locais mais remotos do Brasil.

Hoje, tem se dedicado a escrever livros e textos reflexivos, livres, conferindo palestras de autoconhecimento e espiritualidade clínica baseados nos ensinamentos orientais do Bushidô, do Tao Te Ching e do Zen, compartilhando com amor e plenitude, as experiências e as trocas de energias com os nossos colegas de profissão por uma medicina mais humanitária, multicultural e multidimensional.

Autora do Livro **O TAO TE CHING APLICADO À MEDICINA**, publicado em 2018 pela Editora do UniCEUB em Brasília - DF.

Autora do Livro **O SAMURAI E O MÉDICO VETERINÁRIO: Uma obra sobre o Inconsciente coletivo da classe veterinária**, publicado em 2019 pela Editora do UniCEUB em Brasília

Autora do livro **VISÃO SISTÊMICA COMO CAMINHO DE PACIFICAÇÃO NO SISTEMA MÉDICO VETERINÁRIO**. (no prelo para lançamento em 2020)

Mestranda em Psicanálise (2020) pelo Instituto Oráculo de Psicanálise.

TRATADO DE MEDICINA VETERINÁRIA SISTÊMICA

O TRATADO DE MEDICINA VETERINÁRIA SISTÊMICA, é uma obra desenvolvida para que os estudos filosóficos sobre a Visão Sistêmica sejam aplicados com profundidade na formação dos Médicos Veterinários, e, na vida diária dos mesmos.

Uma obra que trás profundas reflexões sobre a vida, a morte, nossas família, os animais, e, sobre a importância de nosso autocuidado no exercício legal da Medicina Veterinária. A Síndrome de Burnout e o Suicídio, já foram abordados em sua segunda obra O Samurai e o Médico Veterinário, que tem sido uma referência para estudantes em formação e profissionais.

No TRATADO DE MEDICINA VETERINÁRIA SISTÊMICA, a autora trás reflexões profundas de como os animais se relacionam com os seres humanos e dentro das famílias. Essas dinâmicas observadas através de estudos comportamentais e percepções das Constelações Familiares, ressignificam, toda uma trajetória de convivência com esses seres incríveis que são os animais.

Os estudos do Alemão e Psicoterapeuta Bert Hellinger sobre as Ordens do Amor e da Ajuda, são nessa obra, desmembrados e aplicados ao Sistema Médico Veterinário, que possui suas idiossincrasias, seu próprio inconsciente coletivo e seu próprio campo morfogenético.

Os Médicos Veterinários podem se relacionar e trabalhar com as mais de 1,5 milhões de espécies animais, mas, seu grande desafio laboral e de grande sofrimento, são as relações humanas. É, neste ponto nevrálgico da Medicina Veterinária, que a autora trás conhecimentos que podem inspirar um novo olhar e uma nova perspectiva aos estudantes e colegas, de forma que, possamos nos desenvolver numa medicina mais humanitária e pacificada no Terceiro Milênio.

Aliás, a Visão Sistêmica, por ser uma filosofia aplicada, e para a vida, ela é considerada um caminho de pacificação no mundo. Com isso, não seria diferente quando aplicada ao Sistema Médico Veterinário, que possui, inclusive, um surgimento em meio aos estados de guerra e de conflitos.

A Obra trás ainda, a participação de Médicos Veterinários da TURMA I /2019/SP formados pelo Programa em Visão Sistêmica e Constelações Familiares. A obra tem também, a participação de colegas Médicos Veterinários que trazem relatos sobre vivências em Workshops de Constelação e sobre a consciência dos animais.

A autora, já escreveu duas obras: O Tao Te Ching Aplicado à Medicina (2018) e o Samurai e o Médico Veterinário (2019). Ministra palestras no Brasil e no Exterior sobre Visão Sistêmica, sendo seus trabalhos e o Programa de Formação em Medicina Veterinária Sistêmica no Brasil e no Exterior, uma referência para países como: Colômbia, Costa Rica, Panamá, Portugal, Espanha e Japão. O Japão, inclusive, através do Instituto Flow In, é um país que inicia uma parceria vinda com o Programa, para o desenvolvimento de estudos e intercâmbios em Gestão Sistêmica e Atendimento de Qualidade na Medicina Veterinária.

ISBN 978-65-87823-09-6



9 786587 823096